

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

**EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA**

**A “NOVA BIBLIOTECONOMIA” DE LANKES NO CONTEXTO  
BRASILEIRO**

BELO HORIZONTE

2024

EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA

**A “NOVA BIBLIOTECONOMIA” DE LANKES NO CONTEXTO  
BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação, da Escola de Ciência da  
Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais.

Linha de Pesquisa: Usuários, Gestão do Conhecimento  
e Práticas Informacionais.

Orientador: Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo  
Coorientadora: Dra. Gabrielle Francinne S. C. Tanus

BELO HORIZONTE

2024

F383n

Ferreira, Emanuelle Geórgia Amaral.

A "Nova Biblioteconomia" de Lankes no contexto brasileiro [recurso eletrônico] /  
Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira. - 2024.  
1 recurso eletrônico (199 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Carlos Alberto Ávila Araújo.

Coorientadora: Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da  
Informação.

Referências: f. 165-176.

Apêndices: f. 177-193.

Anexo: f. 194-199.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação – Teses. 2. Biblioteconomia – Teses. 3. Bibliotecários –  
Teses. 4. Bibliotecas e sociedade – Teses. 5. Lankes, R. David – Teses. I. Araújo,  
Carlos Alberto Ávila. II. Tanus, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. III. Universidade  
Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. IV. Título.

CDU: 02

Ficha catalográfica: Elaine Diamantino Oliveira - CRB: 6/2742

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE TESE

Às 14:00 horas do dia 08 de março de 2024, na Escola de Ciência da Informação - sala 1000 e plataforma Webconf, da Universidade Federal de Minas Gerais, realizou-se a sessão pública para a defesa da tese de EMANUELLE GEÓRGIA AMARAL FERREIRA, número de registro 2017673522. A presidência da sessão coube ao professor Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador (ECI/UFMG). Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Profa. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, co-orientadora (UFRN), Prof. Jorge Moisés Kroll do Prado (UDESC), Profa. Valéria Martin Valls (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo), Prof. Cláudio Paixão Anastácio de Paula (ECI/UFMG), Dra. Jéssica Patrícia Silva de Sá (UFMG). Dra. Andreza Gonçalves Barbosa (Secretaria de Educação de Contagem) e Prof. Carlos Alberto Ávila Araújo - Orientador (ECI/UFMG). Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua tese de doutorado, intitulada: "A Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e logo após, a Comissão reuniu-se, sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a Tese de Doutorado. O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, e aprovada, foi assinada pela Comissão Examinadora.

**Belo Horizonte, 08 de março de 2024.**

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Alberto Avila Araujo, Professor do Magistério Superior**, em 11/03/2024, às 18:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, Usuário Externo**, em 12/03/2024, às 09:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valéria Martin Valls, Usuária Externa**, em 12/03/2024, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andreza Gonçalves Barbosa, Usuária Externa**, em 12/03/2024, às 16:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Paixão Anastacio de Paula, Professor do Magistério Superior**, em 13/03/2024, às 08:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Jéssica Patrícia Silva de Sá, Bibliotecária-Documentalista**, em 14/03/2024, às 09:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Jorge Moisés Kroll do Prado, Usuário Externo**, em 15/03/2024, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3062545** e o código CRC **A18D40A6**.

---

Aos bibliotecários brasileiros que, junto com as comunidades,  
constroem uma “Nova Biblioteconomia”.

## AGRADECIMENTOS

Ao finalizar esta tese, concluo meu percurso formativo de pouco mais de dez anos na Universidade Federal de Minas Gerais. A gratidão que sinto a Universidade e aos contribuintes brasileiros que – em sua maioria não tem acesso a ela – é indescritível. Gratidão à Escola de Ciência da Informação que me proporcionou todo insumo formativo que reflete na profissional e na pessoa que me tornei. Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação por acolher essa pesquisa e por todo suporte. A Carolina Palhares Pena Castanheira que tanto me auxiliou na Seção de Ensino pela gentileza e paciência.

“Se vi mais longe foi por estar sobre os ombros de gigantes” (Isaac Newton). Parafraseando, estive sobre os ombros de gigantes para construir essa tese. Gratidão...

Ao meu orientador, Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, sou muitíssimo grata pela compreensão, pela parceria, pela amizade que construímos e, sobretudo, pela confiança. Sua confiança me deu asas para trilhar os caminhos da Nova Biblioteconomia com amor e liberdade, e, também, para me formar pesquisadora.

A minha coorientadora, Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, serei sempre muito grata por acreditar em mim e no potencial da pesquisa, pelo apoio, por sua leitura sempre tão atenta, dedicada, crítica e objetiva. Você é inspiradora!

Aos membros da banca de qualificação, Dra. Ana Paula Meneses Alves, Dr. Jorge Moisés Kroll do Prado e a Dra. Valéria Martin Valls, pela oportunidade de estar entre gigantes discutindo Biblioteconomia com tanta leveza e comprometimento. Gratidão pela leitura cuidadosa e pela generosidade.

Aos membros da banca de defesa, Dr. Jorge Moisés Kroll do Prado, Dra. Valéria Martin Valls, Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula, Dra. Jéssica Patricia Silva de Sá e Dra. Andreza Gonçalves Barbosa por aceitar fazer parte desse momento de conclusão dessa etapa da pesquisa.

Ao professor Dr. Claudio Paixão Anastácio de Paula por me confiar a disciplina “Gestão de Unidades de Informação” por três semestres, pela parceria e pela generosidade. Ser sua “filhinha acadêmica” por esse período foi uma alegria e uma honra.

Alguns professores tiveram um papel especial na minha trajetória, sinto muita gratidão por todos, mas aqui em especial, deixo registrado o quanto sou grata à professora Dra. Adriana Bogliolo Sirihal Duarte (*in memoriam*). Ela foi o meu começo. Adriana foi minha primeira orientadora, logo no primeiro período do curso de Biblioteconomia; e, foi sob o seu olhar atento e maternal que apresentei meu primeiro trabalho acadêmico no meu primeiro CBBB. Jamais esquecerei! Coração de ouro, inteligentíssima, didática impecável. Saudades e boas lembranças. Gratidão.

Aos bibliotecários que tive a oportunidade de conversar e construir conhecimento... Gratidão por acolherem a minha pesquisa e compartilharem comigo suas vivências. Foi inspirador conhecer os bibliotecários que se engajam com a comunidade e fazem uma “Nova Biblioteconomia” no Brasil.

O doutoramento é um período solitário na formação acadêmica que somado a uma pandemia e às intempéries da vida cotidiana, se intensifica. No entanto, fui ombro e tive colo muitas vezes. Agradeço às amigas que o PPGCI me trouxe e que levarei para a vida, pelas parcerias acadêmicas que construímos, pelo acolhimento, pela compreensão, pelas risadas e palavras de apoio quando tudo parecia caos: Andreza Gonçalves Barbosa, Jéssica Patrícia Silva de Sá e Thaís Nodare de Oliveira.

Ao Hérlis Soares, amigo irmão de caminhada que participou do EDICIC em Barcelona junto comigo para apoiar de perto minha participação no Consórcio Doutoral. Gratidão por tudo. Amo você.

Ao irmão que a Biblioteconomia me deu, André Fagundes Faria, pelo carinho, por ser um bom ouvinte e por todas as renovações de empréstimo do exemplar do livro “The New Librarianship: Field Guide”, de R. David Lankes, ao longo de todo o período de construção da tese.

A todos os alunos que tive a oportunidade de lecionar e construir junto a disciplina optativa “Introdução a Nova Biblioteconomia” por me possibilitar ver a teoria de Lankes e a teoria da conversação na prática. Aprendi muito sobre o exercício da docência e da atuação bibliotecária com cada um.

Ao vovô Joaquim; ao Martim, ao amigo Augusto Cezar Netto e a toda sua equipe; por me trazer a leveza, o acolhimento e o discernimento que em muitos momentos precisei. Ao Titi, meu amigo leal por me ajudar a concluir essa jornada.

As terapeutas amáveis que me deram o acolhimento necessário: Chrissie Prado e Laila Nemer.... Vocês são luz! Gratidão por tanto.

Aos amores que acompanharam de perto os desafios e as alegrias que o doutorado me proporcionou: minha amada mãe, Vania Amaral e minha irmã, Isabelle Patricia. Gratidão por estarem junto me dando força, amor e suporte. Amo vocês. De sempre para sempre.

Ao meu pai, Dilso Ferreira, que mesmo sem compreender o universo da pesquisa, se alegrou e incentivou meu crescimento acadêmico. Amo você.

Ao meu marido Rubens José, pela compreensão, pelo amor e por me estimular a não desistir do que faz meu coração vibrar. Amo você.

Ao meu “filhinho” George, um pequeno *shitzu* que me acompanhou com amor durante toda a minha formação, gratidão pelos nossos quinze anos juntos, pelas madrugadas me fazendo companhia enquanto escrevia a dissertação e esta tese. Jamais será esquecido.

A pequena Mimi, minha adorável filhinha felina, que desde a pandemia adoça meus dias, gratidão pela companhia amorosa.

Por fim, a Aquele que é a razão de todas as coisas... Criador de tudo que é... A força, a energia divina, o amor incondicional a quem chamo de Deus Pai. Gratidão por sustentar meus propósitos e por tudo!

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota” (Madre Teresa de Calcutá). Desconhecia tal frase, mas sempre dizia aos alunos da graduação que somos como gotinhas no mar da Biblioteconomia. Aqui está a minha gota.

*“Todos nós queremos viver num mundo melhor, mas para isso, todos devemos nos dedicar para criar um mundo melhor. O papel dos bibliotecários é especial aqui. Eles se dedicam ao conhecimento. Estão dedicados e inseridos dentro de comunidades. São profissionais que podem promover um debate civilizado sobre como podemos nos reunir para pensarmos melhor. Fazemos isso via engajamento e não guardando livros. Fazemos isso criando conexões e não coleções. Fazemos isso por dedicação aos valores que nos sustentam há centenas de anos e à constante reinvenção do nosso propósito” (Lankes, 2021).*

## RESUMO

Este estudo investiga a aplicabilidade da perspectiva da Nova Biblioteconomia de David Lankes no contexto brasileiro, analisando as práticas bibliotecárias contemporâneas. A pesquisa buscou compreender como os princípios de Lankes, que enfatizam a participação ativa do bibliotecário na comunidade e a criação de conhecimento, se manifestam no Brasil. A metodologia adotada incluiu a análise de textos teóricos sobre a Nova Biblioteconomia e a sociedade contemporânea, bem como a investigação empírica das práticas bibliotecárias. Foram analisados os anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD) de 2013 a 2019, identificando setenta e seis relatos de experiências que se alinham com a perspectiva de Lankes. Além disso, foram realizadas entrevistas com doze bibliotecários de diferentes regiões do país, selecionados com base em sua aderência aos princípios da Nova Biblioteconomia, independentemente de conhecerem ou não a teoria de Lankes. A análise temática do CBBBD revelou a presença de discussões e práticas que refletem a busca por uma Biblioteconomia mais engajada e conectada com as necessidades da sociedade. As entrevistas com os bibliotecários confirmaram a existência de iniciativas que se aproximam da Nova Biblioteconomia, destacando a importância do acolhimento, da concepção de território e do senso de pertencimento das comunidades com as bibliotecas. A pesquisa demonstrou que a Nova Biblioteconomia brasileira possui características próprias, que transcendem os conceitos propostos por Lankes. A atuação dos bibliotecários no Brasil é marcada por um forte senso de responsabilidade social e um compromisso com a transformação das comunidades em que atuam. Este estudo contribui para a compreensão da Nova Biblioteconomia e suas manifestações no contexto brasileiro, oferecendo um panorama sobre o papel do bibliotecário na sociedade contemporânea. A pesquisa também destaca a importância do movimento associativo, como a FEBAB, na promoção da reflexão e da prática da Nova Biblioteconomia no Brasil.

Palavras-chave: Biblioteconomia contemporânea. Nova Biblioteconomia. David Lankes. Biblioteconomia brasileira. Nova Biblioteconomia brasileira.

## ABSTRACT

This study investigates the applicability of David Lankes' New Librarianship perspective within the Brazilian context, analyzing contemporary library practices. The research sought to understand how Lankes' principles, which emphasize the librarian's active participation in the community and knowledge creation, are manifested in Brazil. The methodology adopted included the analysis of theoretical texts on New Librarianship and contemporary society, as well as empirical investigation of library practices. The proceedings of the Brazilian Congress of Librarianship and Documentation (CBBB) from 2013 to 2019 were analyzed, identifying 76 experience reports aligned with Lankes' perspective. Additionally, interviews were conducted with 12 librarians from different regions of the country, selected based on their adherence to the principles of New Librarianship, regardless of whether they were familiar with Lankes' theory. The thematic analysis of the CBBB revealed the presence of discussions and practices that reflect the search for a more engaged Librarianship connected with the needs of society. Interviews with librarians confirmed the existence of initiatives that approximate New Librarianship, highlighting the importance of welcoming, the concept of territory, and the sense of community belonging with libraries. The research demonstrated that Brazilian New Librarianship has its own characteristics, which transcend the concepts proposed by Lankes. The performance of librarians in Brazil is marked by a strong sense of social responsibility and a commitment to transforming the communities in which they operate. This study contributes to the understanding of New Librarianship and its manifestations in the Brazilian context, offering landscape into the role of the librarian in contemporary society. The research also highlights the importance of the associative movement, such as FEBAB, in promoting reflection and practice of New Librarianship in Brazil.

Keywords: Contemporary librarianship. New Librarianship. David Lankes. Brazilian librarianship. Brazilian New Librarianship

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC-Clio	<i>American Bibliographic Center</i>
ABEBD	Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
ALA	<i>American Library Association</i>
ARPAnet	<i>Advanced Research Projects Agency</i>
BN	Biblioteca Nacional
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
Cetic.br	Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação
CLACSO	Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais
CFE	Conselho Federal de Educação
ChatGPT	<i>Chat Generative Pretrained Transformer</i>
CI	Ciência da Informação
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID	<i>Corona Vírus Disease</i>
CRAI	Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
EAD	Educação a Distância
EDICIC	Encontro Ibérico da Associação de Educação e Pesquisa em Ciência da Informação da Ibero-América e Caribe
EEPC	Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação
ELSP	Escola Livre de Sociologia e Política
e-MEC	Portal eletrônico do Ministério da Educação
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ERE	Ensino Remoto Emergencial
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
FESPSP	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FID	Federação Internacional de Informação e Documentação
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
LA	<i>Library Association</i>
LATINDEX	Sistema Regional de Informação em Linha para Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
LLM	<i>Large Language Model</i>
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MIP	<i>Modern Information Professional</i>
MIT	<i>Massachusetts Institute of Technology</i>
Munic	Pesquisa de Informações Básicas Municipais
Nic.br	Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR
OAI	<i>Open Archives Initiative</i>
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
OJS	<i>Open Journal Systems</i>
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAC's	<i>On-line Catalog of Public Access</i>
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
ORCID	<i>Open Researcher and Contributor</i>
RBBD	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação
RDM	<i>Research Data Management</i>
REDALYC	Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICAMP	Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1 OBJETIVOS .....	23
1.2 JUSTIFICATIVA .....	24
1.3 ESTRUTURA DA TESE .....	28
<b>2 DAS BIBLIOTECAS À BIBLIOTECONOMIA</b> .....	31
2.1 A BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA .....	37
3.1.1 Bibliotecários contemporâneos.....	45
3.1.2 Perspectivas contemporâneas da atuação bibliotecária .....	49
2.2 CONSTITUIÇÃO DO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA.....	58
2.2.1 O movimento associativo bibliotecário brasileiro .....	67
<b>3 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA</b> .....	71
<b>4 UMA NOVA BIBLIOTECONOMIA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A TEORIA DE LANKES EM FOCO</b> .....	82
4.1 CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO .....	88
4.2 FACILITAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	92
4.3 COMUNIDADES.....	95
4.4 MELHORAR A SOCIEDADE .....	98
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	105
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	107
5.1.1 Sistematização dos dados.....	112
<b>6 ANÁLISE TEMÁTICA DO CBBD E AS PAUTAS DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA</b> .....	119
<b>7 ANÁLISE DAS INICIATIVAS PRÁTICAS DOS BIBLIOTECÁRIOS BRASILEIROS À LUZ DA NOVA BIBLIOTECONOMIA DE LANKES</b> .....	129
7.1 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO .....	133
7.2 CONCEPÇÕES DE BIBLIOTECONOMIA .....	135
7.3 A NOVA BIBLIOTECONOMIA DE LANKES.....	142
7.3.1 Comunidades .....	146
7.3.2 Melhorar a comunidade .....	148
7.3.3 Esperar mais das bibliotecas e dos bibliotecários .....	149
7.4 A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA BIBLIOTECONOMIA .....	151
<b>8 A NOVA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA</b> .....	155
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	161
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	165

<b>APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Online .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE C – Roteiro de perguntas para a entrevista .....</b>	<b>183</b>
<b>APÊNDICE D – Relatos de Experiência em consonância com a Nova Biblioteconomia de Lankes identificados nas edições de 2013-2019 do CBBB .....</b>	<b>184</b>
<b>ANEXO I – Parecer consubstanciado do CEP .....</b>	<b>194</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, podemos observar muitas mudanças na sociedade, seja na maneira de registrar o conhecimento, de comunicar, de expressar e de compartilhar, inclusive. Por meio das tecnologias, sobretudo, tecnologias digitais de informação e comunicação, nossas fronteiras territoriais foram desmistificadas. No entanto, conforme pontua Lankes (2011, p. 13), o progresso tecnológico como fator único de mudanças é um argumento limitado.

Alguns atribuíram a natureza dinâmica do mundo do bibliotecário à tecnologia. A web, as redes sociais, os blogs, e assim por diante, dirão, mudaram totalmente o mundo, e os bibliotecários devem abandonar os velhos modos de pensar e abraçar o novo mundo de abertura, participação e assim por diante. Eu diria que a tecnologia realmente trouxe mudanças revolucionárias e de fato requer que os bibliotecários adotem (e, eu diria, crie) novas ferramentas. No entanto, ver a tecnologia como o único fator de mudança é míope ao extremo (Lankes, 2011, p. 3, tradução nossa).

O mundo contemporâneo passa a ser marcado pelo fim dos padrões, da estabilidade, da segurança e das certezas (Bauman, 2001). A sociedade atual apresenta características líquidas, individualistas e desterritorializadas, voltadas para o consumo e a satisfação de prazeres imediatos para ser aceito socialmente, suprir a insegurança e os medos com o contexto vivenciado. Bauman (2001) utiliza a metáfora da liquidez para exemplificar a sociedade pós-moderna em contraste com a solidez da dinâmica social que a sociedade vivenciava até os anos 1960 e 1970. Com a modernidade sólida, as relações sociais eram estáveis tendendo a serem mais fortes e duradouras, assim como as instituições. Havia a concepção de que o consumo era para a sobrevivência, estabilidade e imobilidade tanto geográfica quanto trabalhista. Tudo era sólido e, portanto, durável.

No contexto informacional, a fonte do trabalho já não se encontra no "capital fixo, máquinas, fábricas e uma quantidade de trabalho", mas nos "fluxos de trabalho que se organiza, que se mostra criativo, comunicativo, global" (Santaella, 2016, p. 53). A ascensão do *big data* mudou fundamentalmente a maneira como vemos e interagimos uns com os outros e isso nos levou a ver as comunidades como gráficos e esperarmos que os algoritmos possam otimizar os serviços. Vivemos o momento da naturalização das informações presentes nas redes. Hoje, a produção de notícias e informações é criada não só por profissionais da área, mas por pessoas e empresas, com o requisito de que possuam conta de usuário nas redes sociais.

Neste sentido, há ainda a incorporação e uso da Inteligência Artificial no cotidiano das pessoas, com o uso dos *chatbots*. O *chatbot* é um *software* de inteligência artificial que imita um conversador humano e, portanto, é capaz de interagir com a linguagem natural e desenvolver respostas a cada comando, como por exemplo, pode coletar informações do

usuário; se solicitado pode escrever textos, poesias e letras de músicas; pode gerar imagens e criar programas de computador; simular uma sala de bate-papo inteira; jogar jogos etc. Essas transformações modificaram os conceitos de tempo, espaço, indivíduo e sociedade. Existe uma ampla variedade destes *chatbots*, mas citamos como exemplo, o ChatGPT (*Generative Pretrained Transformer*), o Bing Chat, o Google Bard etc.

No entanto, esse contexto não possibilitou, até então, uma sociedade mais coerente e consciente de seus deveres e direitos, “não nos tornamos sociedades melhores, no sentido de serem mais humanas, justas e solidárias” (Araújo, 2017, p. 68), principalmente se levarmos em consideração que o enfoque deve ser sobre a relação do indivíduo com a tecnologia, pois é essa relação e intimidade com o aparato informacional que permite a conexão e a apropriação deste com o mundo globalizado (Almeida; Ganzert, 2008, p. 47).

Podemos afirmar que temos muitas problemáticas sociais no Brasil, em especial, apontaremos aqui duas. A primeira é relacionada a um Brasil que tem acesso à informação, mas que nem por isso é informado. Utiliza tecnologias digitais da informação e comunicação em aplicativos de *smartphones* como o *Whatsapp*, o *Facebook* e o *Twitter*. Segundo os dados da pesquisa realizada pela empresa britânica *GlobalWebIndex*, o Brasil ficou em segundo lugar no ranking dos países onde as pessoas passam mais tempo nas redes sociais, “com 225 minutos, um aumento em relação a 2018, quando o tempo médio gasto com isso foi de 219 minutos” (Duarte, 2019). De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa DataSenado em parceria com as Ouvidorias da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, 79% das pessoas utilizam o *Whatsapp* como fonte principal de informação (Instituto de Pesquisa DataSenado, 2019, p. 3).

A segunda problemática se refere ao fato de que, por outro lado, temos um Brasil marcado pela pobreza extrema e pela desigualdade social, sem acesso a qualquer fonte de informação ou mídia. De acordo com o levantamento TIC Domicílios (CGI.BR/NIC.BR, 2018) realizado pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) vinculado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), o Brasil vive um cenário extremamente desigual no tocante ao acesso à internet e, por conseguinte, a informação. De acordo com os dados levantados, por mais que a cada ano haja um aumento significativo da quantidade de pessoas que possuem acesso à internet, aqueles que não têm ou nunca tiveram acesso são as camadas sociais que possuem menor renda familiar e menor grau de instrução. Cerca de 20% do total de brasileiros nunca ficou online. Tal dado é correspondente a aproximadamente 48 milhões de pessoas, mais do que o número de habitantes do estado de São Paulo (Rocha, 2019).

Neste sentido, a versão mais atualizada da pesquisa TIC Domicílios, com dados referentes a 2022 (CGI.BR/NIC.BR, 2022), nos mostra que o acesso à internet continua desigual ao apontar que o uso da Internet realizado apenas pelo telefone celular predomina

entre as mulheres (64%), entre os pretos (63%) e os pardos (67%), e entre aqueles pertencentes às classes D e E (84%). Pela primeira vez, o levantamento pesquisou acerca das habilidades digitais dos usuários da internet, independentemente do dispositivo utilizado para acesso à rede. Mais da metade dos respondentes (51%) assinalaram ter utilizado a internet para verificar se uma informação era verdadeira. No entanto, a porcentagem caiu quando a pergunta foi direcionada aos respondentes que acessaram a internet somente pelo celular (37%), tendo maior representatividade dos usuários que se conectam tanto pelo computador quanto por celular (74%).

Em linhas gerais, a informação é poder e seu poder se efetiva com o uso, e, tal poder tem se concentrado em apenas uma parcela da população brasileira, bem como a própria distribuição de renda, tendo em vista que 1% dos mais ricos concentram 28,3% da renda total do país, segundo dados da Pesquisa Desigualdade Mundial 2018 (Borges, 2017). A sociedade contemporânea vive fenômenos emergentes intensificados como a pós-verdade e as *fakes news* manipulando a realidade por meio da desinformação. Embora haja mais informações disponíveis, sobretudo, em rede, pensar que todos têm acesso à informação conforme prediz o mundo globalizado é reforçar ainda mais o cenário de desigualdades e desinformação da contemporaneidade. “A Internet é de fato uma tecnologia da liberdade - mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar a exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor” (Castells, 2003, p. 225).

Lima, Terlizzi, Ferreira e Valls (2021, p. 15), apontam que as tecnologias de informação e comunicação ao mesmo tempo em que possibilitam acesso revelam essas desigualdades sociais, evidenciando a relação de poder entre os que acessam e sabem utilizar as informações e os que não tem acesso e/ou não sabem fazer uso da informação. Neste sentido, as autoras constataam que as bibliotecas contemporâneas têm se comprometido com a retomada da dignidade das pessoas por meio de condições e oportunidades de desenvolvimento, contribuindo para que possam se sentir pertencentes à sociedade.

As desigualdades sociais, a falta de acesso às tecnologias, às informações, a infodemia e a conseqüente desinformação ficou ainda mais evidente com a recente pandemia do novo coronavírus, a COVID-19 (*Corona Vírus Disease*), que enfrentamos desde o dia 11 de março de 2020, ocasião em que a Organização Mundial de Saúde (OMS) caracteriza a COVID-19 como uma pandemia. Em 5 de maio de 2023, a OMS decretou o término da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19, que deixou pelo menos sete milhões de pessoas como vítimas fatais do vírus em todo o mundo. No entanto, não significa que a COVID-19 tenha deixado de ser uma ameaça à saúde pública, a decisão da OMS significa que os países podem fazer a transição do modo de emergência para o de manejo da COVID-19 juntamente com outras doenças infecciosas (OPAS, 2023).

No tocante às bibliotecas, de acordo com a Pesquisa de Informações Básicas Municipais (Munic) realizada em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o total de municípios brasileiros com bibliotecas públicas sofreu queda de quase 10% em quatro anos. O número caiu de 97,1%, em 2014, para 87,7%, em 2018 (IBGE, 2019, p. 41). Assim como diminuiu o número de bibliotecas, nos 12 meses anteriores à data de aplicação da pesquisa, não houve nenhum programa ou ação para a implantação, reforma ou modernização de equipamentos, com maior retração para bibliotecas públicas: 36,9% dos municípios em 2018, contra 44,2% em 2014 (IBGE, 2019, p. 43). No entanto, houve aumento do percentual de municípios que desenvolveram tais programas ou ações para outros equipamentos. Os dados da pesquisa pressupõem o desafio de manter e lutar pela democratização das bibliotecas para todos no Brasil.

As tecnologias digitais da informação e comunicação, como os *smartphones*, *softwares*, *tablets*, aplicativos e redes sociais nos trazem uma série de facilidades no cotidiano, mas também trouxeram malefícios, como o aprisionamento ao trabalho, já que é possível ficar conectados às obrigações profissionais vinte e quatro (24) horas por dia, como podemos ver de maneira mais explícita, sobretudo, no período da pandemia da Covid-19 e no período pós pandemia. Bauman (2001) ao discutir as mudanças vivenciadas pela sociedade, já havia sinalizado a perspectiva temporal que se opõe ao espaço físico com o uso das tecnologias, a intensidade do uso e fatores como a dificuldade de foco com a quantidade excessiva de informações instantâneas e suporte, assim como a crescente precarização do trabalho e incertezas.

Diante do exposto, a sociedade contemporânea apresenta como desafios para as bibliotecas as mudanças sociais, econômicas e políticas que evidenciaram alguns impasses para as teorias e as práticas realizadas até então. Dentre os desafios contemporâneos para a área, podemos mencionar o desenvolvimento das tecnologias digitais, da internet e das redes sociais; o surgimento de dispositivos e interfaces em que os sujeitos possuem mais possibilidades de atuação – protagonismo social; e o amplo acesso à informação (Araújo, 2017).

Historicamente, a Biblioteconomia teve como função essencial a preservação da memória, priorizando, para tal finalidade, o desenvolvimento das técnicas de organização da informação. Nas últimas décadas, começaram movimentos de ampliar essa visão para fora da biblioteca. “Atualmente, o seu eixo central deixa de ser o documento em si e passa a ser a informação, ou melhor, a socialização do saber (...)” (Targino, 2006, p. 155).

Independente desta evolução, acreditamos que a biblioteconomia continua marcada por um tecnicismo exacerbado. A técnica é mitificada e mistificada em prol de um pseudoprogresso da área. (...) Privilegia o processamento técnico ao lado do gerenciamento dos serviços informacionais e do uso de novas tecnologias em detrimento do seu relacionamento com a realidade social, política e econômica, pautado pela consciência de que a informação,

como bem social, pode concorrer para a melhoria de povos e nações (Targino, 2006, p. 156).

Neste sentido, há a necessidade da Biblioteconomia se sintonizar com as novas demandas e questões informacionais emergentes, se voltando para as pessoas, não apenas para as técnicas seculares do campo teórico e prático. Dentre as perspectivas contemporâneas que podem contribuir de alguma maneira para a compreensão dos desafios contemporâneos da Biblioteconomia, está a Nova Biblioteconomia de Lankes, que propõe contribuir com o desenvolvimento das sociedades por meio da atuação do bibliotecário como facilitador no processo de construção do conhecimento por comunidades. “[...] ao entendermos essa nova Biblioteconomia poderemos compreender algo tão grande quanto o papel de um cidadão na sociedade” (Lankes, 2016, p. 23).

O termo “Nova Biblioteconomia”, do inglês *New Librarianship*, foi cunhado por Richard David Lankes<sup>1</sup>, que após o desenvolvimento de pesquisas na Universidade de Syracuse, tornou o termo conhecido por meio da publicação do “*Atlas of the New Librarianship*” em 2011. Na publicação da referida obra, Lankes chama a atenção do bibliotecário no tocante a sua responsabilidade social e engajamento em prol da comunidade. Assim, estabelece uma missão norteadora para atuação do bibliotecário, onde quer que seja o seu local de trabalho. Com a publicação do Atlas, David Lankes conquista em 2012, o prêmio da ABC-CLIO/Greenwood<sup>2</sup> como o Melhor Livro da Área de Bibliotecas.

Em 2012, Lankes publica a obra “*Expect More: Demanding Better Libraries for Today’s Complex World*”. Com uma linguagem simples e em tom de conversa, o autor explicita a necessidade de melhores bibliotecas para contribuir com o aprendizado e defesa das comunidades atuais. Em 2016, Lankes publica o livro intitulado “*The New Librarianship: field guide*”, onde fornece ferramentas, argumentos, recursos e ideias para cumprir a missão do bibliotecário. Lankes conta com uma página na internet<sup>3</sup> onde disponibiliza em acesso livre o “*Atlas of the New Librarianship*” e o “*Expect More: Demanding Better Libraries for Today’s Complex World*”, compartilha suas publicações, projetos e pesquisa, textos autorais no blog, divulga áudios e resumos das palestras que realiza sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Richard David Lankes é um renomado professor e pesquisador na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. É Doutor em *Information Transfer* pela Universidade de Syracuse e atualmente leciona Biblioteconomia na Escola de Informação da Universidade do Texas, em Austin. Lankes é conhecido por seu trabalho que combina teoria e prática para criar projetos de pesquisa ativos que fazem a diferença. Criador do termo “*New Librarianship*”, vem buscando consolidar sua perspectiva retratada em obras que têm transformado a forma como entendemos e praticamos a Biblioteconomia, como: “*The Atlas of New Librarianship*” (2011); “*Expect More: demanding better libraries for today’s complex world*” (2012) e “*The New Librarianship: field guide*”. Lankes recebeu diversos prêmios, como o *Isadore Gilbert Mudge Award* da *American Library Association* por sua contribuição distinta à Biblioteconomia de referência, em 2021.

<sup>2</sup> A premiação é ofertada pela editora American Bibliographic Center (ABC-Clio) / Greenwood Publishing Group para o melhor livro de literatura sobre bibliotecas.

<sup>3</sup> R. David Lankes. Disponível em: <https://davidlankes.org/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

No Brasil, o termo Nova Biblioteconomia tornou-se amplamente conhecido a partir de 2015, durante o XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), quando R. David Lankes apresentou em sua videoconferência algumas ideias de sua obra publicada em 2012 *“Expect More: Demanding Better Libraries for Today’s Complex World”*. A escolha pelo autor refletia o sentimento e a convicção da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB) de que “a mudança de cenário tão almejada por nós, de valorização das bibliotecas, sempre estará nas nossas mãos” (Ferrari, 2016, p. 11). Na ocasião, Lankes afirmou que a ênfase em torno da Biblioteconomia é sobre o “como”. “Como organizamos materiais? Como construímos os prédios das bibliotecas? Como oferecemos certos programas?” Contudo, há demasiados “comos” e se não compreendermos os “por quês”, os “comos” podem se tornar obsoletos.

Conforme pontua Bufrem (1985, p. 113), as bibliotecas se modificam em função das necessidades, descobertas e mudanças sociais. Assim, o ponto principal para o desenvolvimento de uma Nova Biblioteconomia é a relação da biblioteca diretamente com a sua comunidade. Neste sentido, Lankes (2011, 2016) esclarece que devemos encarar a comunidade como membro, e não como usuário, cliente ou outros termos que usamos recorrentemente. Desse modo, os serviços das bibliotecas são para atender as necessidades **da comunidade** e não **para a comunidade**.

Macedo (1986, p. 219) pontuou que “apesar de todo o progresso científico, a Biblioteconomia e seus profissionais ainda teimam por manter a velha atitude de encarar o conhecimento como algo pronto a ser adquirido e reproduzido”. Eis o grande diferencial da Nova Biblioteconomia. O conhecimento não é algo pronto para adquirir e reproduzir, o conhecimento é uma construção social e a missão do bibliotecário é facilitar a criação do conhecimento **com** os membros da comunidade e não para a comunidade. Neste sentido, Bufrem (1985, p. 121) afirma que possibilitar o saber é “ter o poder de analisar, de agir e de transformar, e esta verdade é fundamental”.

Contudo, há a necessidade de explicitar que não há um consenso acerca do uso do termo “Nova Biblioteconomia”. Como apresentado por Tanus e Silva (2019) há outra diversidade de designações de uma “outra Biblioteconomia”, como, por exemplo, Biblioteconomia crítica, social e progressista, as quais questionam o conservadorismo da Biblioteconomia. Algumas das ideias apresentadas por Lankes (2011) já haviam sido discutidas em diferentes momentos e produções da Biblioteconomia. Assim como há pessoas que consideram a teoria como autoajuda para bibliotecários ou repercutem o fato do discurso de Lankes já fazer parte da Biblioteconomia que já praticamos.

Conforme menciona Tanus (2019), a Biblioteconomia brasileira já se movimenta e prol de uma mudança na área, ao menos discursivamente, há algum tempo. A autora menciona que após o período da ditadura civil-militar, já se pontuava a fragilidade da Biblioteconomia

no país, no tocante a importação de serviços, ideias e teorias de outros países sem a devida criticidade e a contextualização, o que denotava ausência de responsabilidade social. Neste sentido, Tanus (2019) menciona que Vieira (1983) cita vários eventos ocorridos na década de 1980, como: "transferência da informação em um mundo desigual; papel político do profissional da informação; biblioteca como suporte à educação permanente, os quais apontam para uma **"nova biblioteconomia"**, isto é, um caminho de mudança" (Tanus, 2019, p. 241, grifo nosso).

No entanto, a Nova Biblioteconomia proposta pelo autor, emerge de uma ruptura com as tradições da Biblioteconomia. Trata-se de uma Biblioteconomia reformulada através do foco nas comunidades e no aprendizado. O trabalho de Lankes foi propor essa reformulação com uma perspectiva global, estimulando bibliotecários a atuar com uma missão norteadora para o desenvolvimento da Biblioteconomia. Lankes (2011) pontua que a missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade por meio da facilitação da aprendizagem, contribuir com a construção do conhecimento coletivo nas comunidades. Com a definição da missão para o bibliotecário, ele convida os bibliotecários a ressignificar o impacto de sua atuação nas sociedades, voltando o olhar para o conhecimento humano em vez de focar somente no que ele nomeia como artefatos, que são os suportes informacionais.

Em linhas gerais, o que as bibliotecas e os bibliotecários fazem é facilitar a criação do conhecimento, e isso é apenas um aspecto da missão, trabalhando para tornar a comunidade mais inteligente por meio do fornecimento do acesso e da criação do conhecimento; ao fornecer treinamentos, contribuindo com a aprendizagem; proporcionando segurança física e intelectual e motivando a comunidade (Lankes, 2011).

Desse modo, ressaltamos que não compreendemos a Nova Biblioteconomia como uma forma especial ou realmente nova de Biblioteconomia, mas, conforme pontua o autor, a Nova Biblioteconomia é uma proposta de construção basilar para uma mudança na área como um todo (Lankes, 2011, 2016). A teoria de Lankes nos propõe uma nova perspectiva em torno do entendimento do papel das bibliotecas ao trazer a visão de que bibliotecas deveriam ser como comunidades, pensando nas pessoas e não nos dispositivos que armazenam a informação. Para não acharmos que é tudo irreal, fundamenta a teoria com vários exemplos de bibliotecas (ações e experiências concretas) que já seguem esta linha de pensamento. Pensar nestes vários exemplos que Lankes nos apresenta ao longo de suas obras nos faz indagar sobre a Biblioteconomia brasileira e a maneira como enxergamos os nossos usuários, ou melhor, nossos membros da comunidade.

Em linhas gerais, a Nova Biblioteconomia de Lankes nos dá uma nova perspectiva, um novo olhar para a Biblioteconomia que conhecemos e que vínhamos praticando ao longo do tempo. Entendemos que a Nova Biblioteconomia é o resultado da busca por contemplar os desafios contemporâneos da área e uma articulação mais condizente com a realidade

contemporânea, que requer instituições e profissionais mais dinâmicos. Nesse sentido, uma problemática que se coloca para esta tese é como a teoria de uma "Nova Biblioteconomia" é apropriada para repensar o campo da Biblioteconomia e as práticas dos bibliotecários na sociedade brasileira contemporânea?

Partimos do princípio de que a ênfase da Biblioteconomia contemporânea é dentro da perspectiva do indivíduo, sendo assim, já há uma manifestação prática de contornos do que se delineou como Nova Biblioteconomia antes da ampla divulgação das ideias de Lankes (2011) no território brasileiro, como o CBBB ocorrido em 2015. Consideramos que algumas práticas de bibliotecários estão alinhadas com os princípios expostos por David Lankes, o que justifica o caminhar retroativo para os anais do CBBB, pelo menos do que diz respeito a década de 2010, como percurso metodológico.

No Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em 2019, em Vitória, por exemplo, podemos observar que há uma grande preocupação da comunidade brasileira de bibliotecários com as pessoas. Foi discutida a importância das bibliotecas para promoção da democracia, no combate às desigualdades sociais e a desinformação; o compromisso com a verdade factual; o acesso aberto e a inclusão. A maioria das pautas ainda não estão sendo discutidas amplamente no contexto formativo dos bibliotecários. Nesse sentido, a Nova Biblioteconomia tem insumos que podem contribuir para uma reorientação da atuação dos bibliotecários e assim propiciar a reflexão para solução dos desafios contemporâneos que se apresentam para a área.

## 1.1 OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como **objetivo geral** analisar elementos da prática da Biblioteconomia brasileira à luz da Nova Biblioteconomia proposta por Lankes. Alcançar tal objetivo implicou decompô-lo nos seguintes **objetivos específicos**:

- Discutir a sociedade contemporânea onde emerge a constituição da Nova Biblioteconomia de Lankes;
- Discutir aspectos formativos da Biblioteconomia brasileira a partir da atuação profissional, do ensino e do movimento associativo;
- Apresentar a Nova Biblioteconomia de Lankes com vistas a elucidar sua teoria e a manifestação no contexto brasileiro;
- Averiguar as iniciativas práticas dos bibliotecários brasileiros com vistas a uma aproximação da Nova Biblioteconomia.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

“Por que você escolheu David Lankes?” Essa foi uma das perguntas que fizeram na ocasião da participação da pesquisadora no Consórcio Doutoral do IX Encontro Ibérico da Associação de Educação e Pesquisa em Ciência da Informação da Ibero-América e Caribe (EDICIC), no dia 9 de julho de 2019, na *Facultat de Biblioteconomia i Documentació da Universitat de Barcelona*. Abaixo, a transcrição da resposta na ocasião.

*“Faz parte da minha trajetória acadêmica. No mestrado, trabalhei com a concepção de Biblioteconomia contemporânea. Trabalhei com teorias que falam da concepção que nós construímos na Biblioteconomia brasileira do que é biblioteca, do que é a Biblioteconomia e o bibliotecário. Quando eu estava quase finalizando o mestrado, participei do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e o conferencista foi David Lankes. Na ocasião desse Congresso, eu apresentei um trabalho onde eu conversava com os meus colegas bibliotecários brasileiros com o tema de “Repensando o bibliotecário”. Então, foi bem oportuna, - eu não acredito em acasos -, eu estar comentando o repensar o bibliotecário, o nosso fazer profissional e vir um pesquisador, um profissional que é engajado no advocacy as bibliotecas e ao bibliotecário naquela ocasião. Então, a partir daquele evento, eu comecei a pesquisar um pouco mais sobre David Lankes, sobre o que era essa Nova Biblioteconomia. Deu tempo de incluir algumas análises dessa teoria na minha pesquisa de mestrado. Além de investigar qual era a concepção dos bibliotecários contemporâneos sobre o que era biblioteca, Biblioteconomia e bibliotecário, eu também investiguei quais eram os desafios contemporâneos da nossa área, num nível micro, já que trabalhei localmente com os bibliotecários de Belo Horizonte, Minas Gerais, onde eu resido. Então, o meu doutorado foi uma maneira de continuar trabalhando com a perspectiva de David Lankes, que é uma perspectiva que eu acredito pessoalmente. Não acho que seja uma autoajuda. Ministrei uma disciplina, nesse semestre, intitulada ‘Introdução à Nova Biblioteconomia’, onde pude discutir com alunos de graduação em Biblioteconomia da UFMG essa temática. O David Lankes é bastante profundo em suas argumentações. O que pode chamar um pouco atenção ou pode fazer as pessoas não darem tanta credibilidade ao que ele diz é por causa da linguagem que ele utiliza. Ele utiliza uma linguagem bastante informal, mas a teoria dele é bastante embasada. Ele utiliza a teoria da conversa de Gordon Pask, o construtivismo, elementos da mediação que nós conhecemos... Ele trabalha com diferentes teorias que nós já trabalhamos. E essa teoria da Nova Biblioteconomia não é propriamente nova. Se a gente for recuperar, como eu trabalhei no mestrado e continuo trabalhando no doutorado, a gente tem bibliografias que falam do nosso fazer profissional, do que nós devemos fazer como bibliotecários pelas comunidades. Mas nós não fizemos o nosso dever de casa. Precisou vir um pesquisador norte americano e estabelecer uma missão, e a partir dessa missão estabelecer diretrizes de como*

*podemos contribuir com as nossas comunidades; de como essas comunidades podem construir conhecimento; e se apropriar melhor da informação que está disponível em rede e nas bibliotecas”.*

Diante do exposto, acrescento que a escolha pela teoria de Lankes é, sobretudo, porque precisamos reorientar o foco da Biblioteconomia. Precisamos estar cada vez mais próximos das comunidades, não no sentido de mostrar para a sociedade a relevância social da atuação de bibliotecas e bibliotecários. Mas no sentido de juntos, trabalharmos para evidenciar o real impacto dessa atuação na vida das pessoas. O contexto social, político e econômico que vivenciamos nos pede que atuemos de maneira mais consciente, como classe e como componentes da sociedade contemporânea.

Em linhas gerais, a motivação pessoal para a realização desta pesquisa se deu, inicialmente, em dois momentos: 1) a partir da disciplina ministrada no âmbito do Estágio Docente no mestrado, no primeiro semestre de 2015, intitulada “Práticas Informacionais em Bibliotecas” onde abordamos a importância do usuário enquanto sujeito ativo e único, que possui uma bagagem sócio histórica que influencia a maneira como busca, dá significados e cria novos conhecimentos; e 2) após a conclusão da dissertação de mestrado<sup>4</sup>, em que abordamos alguns conceitos propostos por David Lankes no âmbito da “Nova Biblioteconomia”, que enfatiza ao longo de sua obra a importância do usuário, que ele denomina como membro, na construção social do conhecimento. Em pesquisa anterior, pontuamos que a Nova Biblioteconomia é uma teoria que nos motiva a refletir nossa “Biblioteconomia contemporânea” para vislumbrar possíveis soluções para os desafios que emergem do contexto atual (Ferreira, 2016, p. 170).

Tomando a Nova Biblioteconomia de Lankes como aporte teórico, há poucos trabalhos em língua portuguesa que utilizam a sua teoria. Até o presente momento foram realizados sete trabalhos acadêmicos (seis trabalhos concluídos e um em desenvolvimento), sendo duas teses de doutorado no Brasil, ambas desenvolvidas na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); uma dissertação de mestrado em desenvolvimento na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); três pesquisas realizadas como trabalho de conclusão de curso no Brasil, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e na Universidade Federal de Sergipe (UFS); e, em Portugal, uma dissertação defendida na Universidade de Lisboa. Interessante ainda percebermos a apropriação da teoria de Lankes na área da Educação, pois a dissertação de Salort (2017) utilizou a Nova Biblioteconomia como aporte teórico da pesquisa. A seguir comentamos brevemente cada um destes trabalhos.

---

<sup>4</sup> Dissertação intitulada “Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades”, em que abordamos a concepção de biblioteca, bibliotecário e Biblioteconomia na contemporaneidade. Defendida em 05 ago. 2016.

Renault (2015) em sua pesquisa de doutorado intitulada “O ato colecionador” discute a temática do colecionismo e sua pertinência no âmbito da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia. O autor trabalhou o conceito de coleção em três períodos históricos: o Renascimento, o Iluminismo e o Contemporâneo. Para cada período histórico, o autor analisou um manual de cada uma das três áreas. No período contemporâneo da Biblioteconomia, o autor utilizou Lankes (2011) para analisar marcas da expressão colecionadora e destacou a ênfase no papel do sujeito (bibliotecário) como fomentador (coleccionador) do conhecimento por meio da missão do bibliotecário (Renault, 2015, p. 138). O bibliotecário é instigado a perceber a sua comunidade como o acervo das bibliotecas.

Tanus (2016) em sua pesquisa de doutorado intitulada “Saberes científicos da Biblioteconomia em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas” discutiu as relações das práticas discursivas da Biblioteconomia com as Ciências Sociais e Humanas com base em três correntes de pensamento: Ordenamento do social; Contradição do social e Construção do social, que marcam um modo distinto de olhar a realidade, os fenômenos sociais e os biblioteconômicos. A autora analisou nove livros sobre a Biblioteconomia, sendo três de autores norte-americanos, três autores brasileiros e três autores mexicanos a partir do discurso de Michel Foucault, no tocante a Arqueologia, e de Pierre Bourdieu para examinar tanto os saberes e os discursos quanto o conceito de campo científico (Tanus, 2016). “*Expect more: demanding better libraries for today’s complex world*” (2012), de David Lankes, foi um dos títulos analisados pela autora que relacionou a obra de Lankes com a corrente de pensamento Construção do Social. A autora afirma que “Lankes (2015) convoca o modelo cognitivo e o construtivismo ao atribuir centralidade ao usuário, tendo em vista que é ele o sujeito criador do conhecimento e participante ativo do processo de aprendizagem” (Tanus, 2016, p. 217).

Ferreira (2017) realizou uma pesquisa teórica intitulada “Consonâncias entre John Dewey e David Lankes: um estudo da noção de democracia e sua relação com a ‘Nova Biblioteconomia’” com o objetivo de investigar a atuação do bibliotecário associando as concepções de Nova Biblioteconomia apresentada por David Lankes em diálogo com a concepção de democracia de John Dewey. A autora concluiu que a consonância teórica entre os autores se relaciona ao mostrar a necessidade de o bibliotecário atuar pensando na comunidade e facilitando a sua criação de conhecimento. A autora ressalta o caráter interdisciplinar da Biblioteconomia e da própria teoria de Lankes, a Nova Biblioteconomia.

Corredor (2018) realizou sua pesquisa intitulada “Diretrizes para o funcionamento de makerspaces de bibliotecas” com o objetivo de identificar parâmetros básicos na literatura

para o funcionamento de *makerspaces*<sup>5</sup> em bibliotecas. Utilizou a teoria da Nova Biblioteconomia para analisar a gestão de espaços de criação. De acordo com o autor, a correlação do Movimento Make com a Nova Biblioteconomia trouxe os aspectos básicos para as diretrizes que norteiam as atividades em *makerspaces* de bibliotecas (Corredor, 2018, p. 97).

Santos (2023) em sua pesquisa intitulada "As bibliotecas públicas sergipanas e sua contribuição para o empoderamento da comunidade" investigou as ações que as bibliotecas públicas de Sergipe desenvolvem para empoderar suas comunidades locais descrevendo as ações que essas bibliotecas desenvolvem; analisando essas ações à luz das ideias de Lankes (2016) e realizando uma comparação das ações desenvolvidas com os objetivos da Agenda 2030 da ONU. Para isso, a autora analisou os seguintes aspectos da perspectiva de Lankes (2016) em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU: 1) Criação e facilitação do conhecimento: biblioteca como espaço para criar e compartilhar ideias fornecendo acesso, capacitação, ambiente seguro e motivação para aprender; 2) melhoria da sociedade: comunidade como "co-proprietária" da biblioteca, infraestrutura mais participativa, espaço para o empreendedorismo e inovação; 3) bibliotecas como plataformas que vão ao encontro da comunidade e incorporam seus projetos, sonhos e aspirações; 4) sistemas participatórios: bibliotecários como facilitadores de uma grande rede de relacionamentos e incentivo ao trabalho colaborativo. A autora conclui que as bibliotecas públicas sergipanas em análise estão aos poucos cumprindo o seu papel de contribuir com o desenvolvimento de suas comunidades facilitando o conhecimento e apoiando os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Pontuou que essas bibliotecas precisam de uma ação mais efetiva do Sistema Estadual, pois estão aquém do que é esperado.

Cerqueira (2017), em seu trabalho intitulado "A «Nova Biblioteconomia» na cidade de Lisboa: estudo de caso sobre a biblioteca pública Orlando Ribeiro", realizou um estudo de caso na Biblioteca Pública Orlando Ribeiro em Lisboa, Portugal. Dentre os objetivos para a realização da pesquisa, a autora pontua "saber, por último, se a «nova biblioteconomia» é ou poderá ser ajustada à realidade portuguesa" (Cerqueira, 2017, p. 3). Com a realização do trabalho, a autora conclui que a missão estabelecida por Lankes para os bibliotecários pode ser implementada em qualquer tipologia de bibliotecas, haja vista que "qualquer biblioteca deve ter em conta a sua comunidade e as necessidades desta" (Cerqueira; Silva; Revez; 2019, p. 57).

---

<sup>5</sup> De acordo com Jesus e Cunha (2022), os *makerspaces* fazem parte do movimento *maker*, derivado da cultura *Do It Yourself* (DIY) ou faça você mesmo, em tradução livre. Trata-se de um espaço de criação que pode auxiliar no processo de aprendizagem por meio da reunião de pessoas (comunidades) para compartilhar ideias e construir conhecimento.

Salort (2017) realizou sua pesquisa de mestrado intitulada “A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura: espaços e práticas” com o objetivo de contribuir com a reflexão sobre tendências para o futuro das bibliotecas universitárias e para as práticas dos bibliotecários. A autora partiu do princípio de que ainda há discussões sobre a permanência das bibliotecas físicas concomitantes ao cenário de aumento das publicações digitais e online e do tipo de leitor que surgiu com o uso das tecnologias digitais da informação e comunicação. A teoria de Lankes foi utilizada como embasamento teórico para reflexão da importância de repensar a profissão e a atuação do bibliotecário frente as transformações sociais propostas pela cibercultura (Salort, 2017, p. 34-39).

Com previsão de conclusão no segundo semestre de 2024, Ferreira (2023) está desenvolvendo uma pesquisa de mestrado intitulada “Nova Biblioteconomia no pensar e no agir de bibliotecários escolares em Florianópolis (SC): uma escuta” com a finalidade de investigar se as ações realizadas por bibliotecários escolares de Florianópolis se alinham com os princípios da Nova Biblioteconomia, refletindo num novo pensar e agir com a comunidade da Biblioteconomia escolar.

A contribuição do presente estudo está na elucidação da concepção de Nova Biblioteconomia e de sua atuação e contribuição à Biblioteconomia contemporânea brasileira. Esperamos com a realização da pesquisa, colaborar para a sedimentação da Nova Biblioteconomia, proposta por R. David Lankes, com vistas à própria melhoria da sociedade e da própria área do conhecimento. Conforme afirmou Lankes (2016, p. 167), “[...] a missão da biblioteca é melhorar a sociedade [...]”. Neste sentido, o presente trabalho contribui com a teoria da Biblioteconomia brasileira que não é muito explorada nas pesquisas da área, ainda mais quando se busca discutir essa Nova Biblioteconomia.

### 1.3 ESTRUTURA DA TESE

A presente pesquisa é composta por esta introdução; onde apresenta-se o contexto e a temática da pesquisa, os objetivos e a justificativa; e pelas seções indicadas a seguir.

A seção intitulada “Das bibliotecas à Biblioteconomia” tem como finalidade apresentar sob a perspectiva histórica a conformação das bibliotecas e da Biblioteconomia; a constituição da Biblioteconomia brasileira por meio do ensino para a compreensão da emergência de uma nova maneira de fazer Biblioteconomia. Na subseção intitulada “Biblioteconomia contemporânea”, apresenta-se algumas tendências da perspectiva da Biblioteconomia contemporânea encontrada na literatura científica da área, no período que compreende a partir dos anos 2000, a respeito das mudanças e inovações ocorridas nas bibliotecas, sobretudo, as inovações tecnológicas e sociais que alteraram também o *modus operandi* do bibliotecário na contemporaneidade.

Na seção intitulada “A sociedade contemporânea”, apresentamos a conformação da sociedade atual e a reflexão acerca da conceituação de comunidades que emergem uma Nova Biblioteconomia, a partir da teoria do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman.

Em seguida, na seção intitulada como “Uma Nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea: a teoria de Lankes em foco”, apresenta-se a perspectiva da Nova Biblioteconomia cunhada por R. David Lankes e nas subseções, os pilares que fundamentam sua missão estipulada para o bibliotecário e sua teoria: criação de conhecimento, facilitação do conhecimento, comunidades, e, melhorar a sociedade.

A seção “Metodologia” descreve o percurso metodológico e os procedimentos utilizados para atingir os objetivos da pesquisa. Na subseção “Sistematização dos dados”, apresenta-se os dados identificados nos anais do CBBB e a maneira como os sujeitos da pesquisa foram selecionados.

A seção intitulada “Análise temática do CBBB e as pautas da Biblioteconomia brasileira” apresenta a análise realizada a partir dos temas e eixos temáticos do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, no período de 2013 a 2019, que é o marco temporal da pesquisa.

A seção “Análise das iniciativas práticas de bibliotecários brasileiros à luz da Nova Biblioteconomia de Lankes”, apresenta a análise discursiva das entrevistas realizadas com os bibliotecários brasileiros acerca do fazer biblioteconômico que se alinha com a Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto do Brasil.

A seguir, a subseção intitulada “A importância do movimento associativo para a construção de uma Nova Biblioteconomia” traz a análise e a reflexão acerca da contribuição de instituições do movimento associativo, como a FEBAB, para propiciar o pensamento em torno da ressignificação teórica e prática da atuação da Biblioteconomia brasileira.

As “Considerações finais” apresentam os comentários finais acerca do desenvolvimento, análise acerca dos objetivos iniciais e o que foi encontrado na pesquisa de campo, a contribuição da pesquisa e sugestões de continuidade de estudos. Em seguida, se apresenta as referências utilizadas para compor este estudo.

Nas seções destinadas aos apêndices A, B, e C, apresenta-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em sua versão de concepção e na versão online disponibilizada aos bibliotecários, por meio do formulário do Google; o Roteiro de perguntas para a entrevista; e, a lista de relatos de experiências identificados nas edições 2013-2019 do CBBB. O roteiro de perguntas para a entrevista é o instrumento metodológico utilizado para atingir o objetivo de averiguar as iniciativas dos bibliotecários brasileiros que se aproximam com a perspectiva da Nova Biblioteconomia.

No apêndice D, apresenta-se todos os trabalhos identificados nas edições 2013-2019 do CBBB e quais foram os aspectos observados que se aderem a Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro.

Como anexo, apresenta-se o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais que aprovou a realização deste trabalho.

## 2 DAS BIBLIOTECAS À BIBLIOTECONOMIA

*“Para entender o que é Biblioteconomia nós devemos começar por uma avaliação dos papéis que a biblioteca desempenhou no processo de comunicação através de sua história” (Shera, 1973, p. 135)<sup>6</sup>.*

A linguagem oral junto com a linguagem escrita (desenhos) predominantes na pré-civilização se constituem como um dos processos mais remotos de comunicação e informação, se constituindo como o início dos registros do conhecimento. “A história da biblioteca é, pois, a história do registro da informação de tal modo, que é impossível destacá-la da história do próprio homem” (Targino, 2006, p. 90). Assim sendo, o progresso das bibliotecas nas instituições é um capítulo essencial na história do desenvolvimento intelectual da civilização e na ciência da Biblioteconomia (Tompson, 1954<sup>7</sup> *apud* Mukherjee, 1966, p. 73; Butler, 1971).

Consequentemente, acreditamos que, desde os primórdios da civilização, a biblioteca está presente na vida do homem como parte integrante da organização social, ainda que, durante certo tempo, tenha vigorado o significado etimológico de guarda ou custódia dos livros, resultante do princípio de que a biblioteca foi instituída, a princípio para armazenar e preservar os documentos, a fim de garantir a continuidade da evolução cultural (Targino, 2006, p. 90).

Lima, Ferreira, Terlizzi e Valls (2021, p. 3) pontuam que de acordo com teóricos da área, podemos observar que a história das bibliotecas é marcada por três momentos principais: 1) preservação e conservação do acervo; 2) acesso à informação; e a perspectiva vigente na contemporaneidade, 3) construção do conhecimento. No quadro abaixo, podemos ver o quadro elaborado pelas autoras, onde elas apresentam as três perspectivas mencionadas relacionando com as nomenclaturas adotadas para se referir aos períodos e os autores.

Quadro 1 – As três principais perspectivas da história das bibliotecas

PERSPECTIVA DA PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO ACERVO	
NOMENCLATURA	AUTOR (ES)
Laicização (o foco na informação)	Martins (2002)
Paradigma do acervo	Teixeira Coelho (1996)
Conservação cultural	Perrotti e Pieruccini (2007) / Gomes (2014)
Custodial, patrimonialista, historicista e tecnicista	Malheiro e Ribeiro (2011)

<sup>6</sup> SHERA, Jesse. **The foundations of education for librarianships**. New York, Becker an Hayes, 1973. p. 135 *apud* BUFREM, 1985.

<sup>7</sup> THOMPSON, James Westfall. **The medieval library**. New York: Hafner, 1957.

Velho paradigma (acervo)	Valentim (1995) / Targino (2010) / Melo; Marques; Pinho (2014) / Lankes (2016)
<b>PERSPECTIVA DO ACESSO, FUNCIONALISTA OU DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO</b>	
Democratização e Especialização	Martins (2002)
Difusão cultural	Perrotti e Pieruccini (2007) / Gomes (2014)
Paradigma funcionalista do acesso	Araújo (2014)
<b>PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE CONTEÚDO</b>	
Apropriação cultural	Perrotti e Pieruccini (2007) / Gomes (2014)
Pós-custodial e informacional e científico	Malheiro e Ribeiro (2011)
Nova Biblioteconomia	Lankes (2016)
Paradigma da informação	Valentim (1995) / Targino (2010) / Melo; Marques; Pinho (2014)
Socialização	Martins (2002)

Fonte: Adaptado de Lima; Ferreira; Terlizzi; Valls (2021, p. 3-4).

As bibliotecas são produtos da maturação social (Shera, 1990, p. 100). De acordo com Shera (1990), podemos afirmar que as primeiras bibliotecas foram como arquivos, locais de armazenamento para a preservação dos registros gráficos, em linhas gerais, “as bibliotecas nada mais eram do que um meio de prolongar a vida efetiva da palavra escrita” (Shera, 1990, p. 100).

Assim, a Biblioteconomia nasceu na Antiguidade, em decorrência dos registros do conhecimento. Conforme pontua Tanus (2016), as práticas eram rudimentares, o que conformava em uma Biblioteconomia denominada pré-científica, caracterizada pelo empirismo, por uma biblioteca fechada e por uma pessoa erudita à frente da biblioteca. Posteriormente, já na Idade Moderna, com a imprensa e o aumento da produção dos registros, a autora passou a designar uma Biblioteconomia proto-científica onde o foco nos processos de catalogação e bibliografia torna-se centrais; e, no século XIX, a Biblioteconomia passa a ser considerada científica, em decorrência do próprio desenvolvimento das Ciências Sociais, do positivismo, e conseqüentemente, da sua constante luta pela consolidação como um campo científico que se manifesta nas diversas produções da área, de manuais à produções epistemológicas.

Adentrando um pouco mais na história das bibliotecas e da própria Biblioteconomia, destacamos que com o aperfeiçoamento e popularização da impressão pelos tipos móveis de metais reutilizáveis de Johannes Gutenberg no século XV, anteriormente os registros eram salvos por via oral e rememoração (Orera Orera, 1995; Silveira, 2007, p. 47), as bibliotecas viveram uma verdadeira reviravolta. Enquanto na alta Idade Média o problema foi a escassez de livros, no século XVI o problema era o da superfluidade (Burke, 2002, p. 175). De acordo com Burke (2002), a multiplicação dos livros “criou um problema” para os bibliotecários, embora tenha evidenciado o quanto os bibliotecários são indispensáveis. “A existência de

livros impressos facilitou mais do que nunca a tarefa de encontrar informações – desde que antes se encontrasse o livro certo” (Burke, 2002, p. 176).

Conforme menciona Araújo (2013, p. 42), nesse mesmo período, a partir do século XV, após o Renascimento é que começaram a surgir os primeiros traços efetivos do que hoje podemos denominar como “conhecimento teórico específico da Biblioteconomia”. Evidencia-se o interesse pelo culto às obras, por sua guarda e preservação, porque na mesma época despertou-se o interesse pelas obras artísticas, filosóficas e científicas, tanto da Antiguidade Greco-Romana quanto das que se desenvolveram no período (Araújo, 2013, p. 42). De acordo com Burke (2002, p. 176) a multiplicidade de livros evocou a necessidade de acesso e localização, surgindo inicialmente os catálogos para grandes bibliotecas e as bibliografias.

Às bibliografias logo se juntaram estantes de outros livros de referência. Tinham títulos tais como “castelo”, “compêndio”, “corpus”, “catálogo”, “floresta”, “inventário”, biblioteca”, “espelho”, “repertório”, “teatro” ou “tesouro”, e ofereciam informações sobre palavras (dicionários), pessoas (dicionários biográficos), lugares (dicionários geográficos e atlas), datas (cronologias) e coisas (enciclopédias) (Burke, 2002, p. 178-179).

Nesse sentido, Tanus (2016a, p. 219) afirma que apesar da existência das bibliografias remontasse desde o século anterior, o termo apareceu pela primeira vez na obra de Gabriel Naudé, escrita em 1633, intitulada *Bibliographia política*. Enquanto o termo traduzido como Biblioteconomia teria nascido com um manual para bibliotecários escrito pelo beneditino alemão Martin Schrettinger publicado em fascículos de 1808 a 1829 sob o título *Versuch eines vollständigen Lehrbuch der Bibliothek- Wissenschaft*. O autor nomeou a Biblioteconomia como a ciência das bibliotecas e “[...] defendeu [que] a Bibliotecologia ou *Bibliothekswissenschaft* (significava *Bibliothek*= biblioteca e *wissenschaft*= ciência), como um conjunto de conhecimentos e habilidades necessárias para a gestão de bibliotecas [...]” (TANUS, 2016a, p. 221). Contudo, o termo “Biblioteconomia” foi consolidado em 1839, na França, com a publicação da obra de Leopold Auguste Constantin Hesse, intitulada "*Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation e l'administration des bibliothèques*" (Orera Orera, 1995; Ortega, 2004; Tanus, 2016).

O século XIX é marcado pela consolidação de teorias e regras de catalogação, como a de Panizzi, em 1841 e de Jewett, em 1852; e dos sistemas de classificação bibliográfica, sendo o mais importante deles a Classificação Decimal de Dewey (CDD), de 1876, utilizada até hoje (Araújo, 2013). No mesmo século, emergiram as bibliotecas públicas, resultantes do desenvolvimento industrial e do crescimento urbano ocorrido nos séculos XVIII e XIX. De acordo com Mueller (1984, p. 9), esperava-se que as bibliotecas contribuíssem para a ordem social e o progresso nacional, ou seja, as bibliotecas ao proporcionar o hábito e o gosto pela leitura “daria continuidade ao trabalho civilizatório iniciado pela escola primária” ao mesmo tempo em que possibilitasse o crescimento da nação. Ainda de acordo com Mueller (1984, p.

9), nos Estados Unidos, esperava-se que as bibliotecas contribuíssem também “para a manutenção da democracia”. Nesse sentido, surgiram manifestos e iniciativas que evocavam mudanças na concepção das bibliotecas que deveriam ser “vivas, dinâmicas e ativas” (Araújo, 2013).

Em seu “Manual de Biblioteconomia” publicado em 1952, Javier Lasso de La Vega afirma que na história do conceito de biblioteca podemos apontar duas idades com extraordinário impacto sobre o avanço dos povos e a eficácia desta instituição. O primeiro é representado pelo momento em que as bibliotecas apenas colocam suas coleções bibliográficas disponíveis aos leitores nas salas de leitura. Já o segundo, o autor aponta que é a nossa era, que tem o caráter de sala de leitura de modo mais ampliado, ou seja, centros de estudos, lazer e educação, cidades, vilas, aldeias etc., graças à criação do serviço de empréstimo domiciliar (Lasso de La Vega, 1952, p. 112). Diante disso, no contexto do século XXI, podemos acrescentar um terceiro momento, caracterizado pela democratização do acesso à informações possibilitadas pelas bibliotecas e pelo avanço das tecnologias digitais da informação e comunicação. Podemos ainda pontuar um quarto momento, que diz respeito a construção de conhecimentos pelas pessoas tendo as bibliotecas como o espaço seguro para acessar informações disponíveis em distintos suportes, para se posicionar e conviver com a comunidade.

Nessa direção de pensar a Biblioteconomia a partir de momentos, destacamos Perrotti e Pieruccini (2007) que apontam que as bibliotecas passaram por três “paradigmas”: 1) Paradigma da Conservação cultural: centrado na organização, no tratamento técnico dos acervos; 2) Paradigma da Difusão cultural: com ações voltadas para o acesso e o uso da informação; e, 3) Paradigma da Apropriação cultural: em que os usuários ganham uma relevância maior, e a biblioteca se converte em dispositivo de mediação cultural.

A trajetória de vários séculos da história das bibliotecas nos permite afirmar que tais instituições acompanharam as mudanças de seu tempo. Neste aspecto, “cada época formou suas coleções de registros gráficos para atender aos seus hábitos intelectuais. [...] Cada modificação de maior magnitude sofrida pelo ideal social produziu uma alteração na constituição da biblioteca” (Butler, 1971, p. 10). No entanto, de acordo com Lasso de La Vega (1952, p. 10), não é porque a função da biblioteca mudou fundamentalmente com a passagem do tempo que ela perdeu o seu caráter original, tampouco tenha abandonado alguma função entre aquelas que no passado a deram origem.

Pelo contrário, “as suas necessidades e capacidades são tantas que hoje a biblioteca é dividida por especialidades, cuja dedicação total a um de seus ramos ou, atividades tornam-se ponto essencial para o bom funcionamento e manutenção desta instituição” (Lasso de La Vega, 1952, p. 10).

Podemos afirmar que as características de cada período histórico ditam também as características das bibliotecas e de seus profissionais, bem como de suas práticas. Quando pontuamos as tipologias e características das bibliotecas ao longo do tempo, é inevitável não pensarmos a respeito de sua função. Mueller (1984) afirma que o termo biblioteca foi utilizado por um tempo de maneira genérica, embora a maioria dos autores se refira à biblioteca pública, sobretudo, pela natureza de sua função social. A expressão “função social” denota a ideia de um papel em relação à sociedade ou grupo social em que se tem uma influência. Assim, a biblioteca tenta promover uma compreensão inteligente de todos os problemas econômicos, sociais, políticos e outros por seu público, para trazer o cidadão comum até as expectativas da sociedade.

No entanto, as funções ativas da biblioteca para a sociedade para entreter e educar a comunidade também impõe determinadas responsabilidades sociais (Mukherjee, 1966, p. 57-58). Desse modo, ao observarmos as bibliotecas, independentemente de seus tipos e características – pública, universitária, especializada, governamental, nacional etc. –, sua função no contexto social é entreter, educar e informar as pessoas (Mukherjee, 1966, p. 60). Assim sendo, as bibliotecas contribuem para o esclarecimento dos cidadãos, servindo a indivíduos, profissionais e grupos sociais enriquecendo a vida comunitária. Este é o retrato das responsabilidades sociais da biblioteca, mencionadas pela autora, funcionando como parte integrante da própria sociedade.

De acordo com Orera Orera (1995), a Biblioteconomia científica é caracterizada como a ciência da seleção organizada e da difusão de materiais bibliográficos e audiovisuais, e os bibliotecários atuavam como agentes difusores da informação, ao contrário do período pré-científico. Nesse sentido, Tanus (2016a, p. 225) afirma que a mudança da biblioteca como um espaço aberto a todos é que caracteriza o momento do aparecimento da Biblioteconomia científica.

Orera Orera (1995) aponta que além da profunda evolução das bibliotecas, outros fatores contribuíram com a evolução da Biblioteconomia, como a criação da *American Library Association* (ALA) em 1876 na Filadélfia e em 1877 o nascimento da *Library Association* (LA) na Inglaterra; a institucionalização do ensino de Biblioteconomia, com o surgimento das escolas de Biblioteconomia que aos poucos foram lançando as bases para uma evolução na formação de bibliotecários; a publicação de obras especializadas em Biblioteconomia, como a publicação da Classificação Decimal de Dewey, (Orera Orera, 1995, p. 78-79; Fonseca, 2007).

No final do século XIX, Stanley Jevons defendeu a manutenção das bibliotecas públicas por meio dos impostos. A justificativa baseava-se no baixo custo para fornecer ao povo o acesso à boa literatura e a ordem pública, “[...] fazendo das bibliotecas públicas o meio

mais econômico de se tentar manter 'homens exaustos e sem dinheiro entretidos em prazeres inocentes', e portanto fora das prisões, tribunais e asilos" (Mueller, 1984, p. 9).

Já nos Estados Unidos o argumento para a manutenção de bibliotecas públicas baseava-se na fé na educação como a base fundamental para a democracia, concebendo a autoeducação como “cura para todos os problemas sociais” (Mueller, 1984). Com a fundação da Escola de Chicago iniciou uma nova fase na Biblioteconomia: a experiência deixou de ser a principal fonte de ideias profissionais; a pesquisa se institucionalizou voltada para o aspecto social; e, os problemas da área começaram a ser enfocados de maneira mais científica (Mueller, 1984).

Ranganathan (2009) concebe as bibliotecas a partir de cinco postulados, elencados como as cinco leis da Biblioteconomia: 1) os livros são para usar; 2) a cada leitor o seu livro; 3) a cada livro o seu leitor; 4) poupe o tempo do leitor; 5) a biblioteca é um organismo em crescimento. A concepção de biblioteca moderna inclui além da especialização ou diversificação da instituição biblioteca, “há a nítida preocupação com novas técnicas. Paradoxalmente, começa-se a sentir, cada vez mais forte, consciência social, no sentido de ampliar o total de leitores efetivos, atingindo-se, [...], o não alfabetizado” (Targino, 2006, p. 92).

Vivemos realidades muito distintas em nosso país, em todos os aspectos. No tocante às bibliotecas, há instituições que têm acesso a diferentes aparatos tecnológicos e podem atender com todo o seu potencial; há instituições totalmente desprovidas de recursos, que ainda operam com as antigas fichas de empréstimo; e, há instituições que desconhecem a importância da biblioteca, independentemente de seus recursos e a subutiliza.

[...] ainda agora, quando falamos em biblioteca virtual e vivenciamos as suas vantagens de abrigar acervo imensurável, sobrevivem, numa mesma realidade social, bibliotecas escolares como lugar de castigo ou de refugio. Local para onde os estudantes endiabrados vão ou onde se despejam materiais sem utilidade. O não ainda impera em muitas instituições – não fale alto; não sorria alto; não use celular; não desarrume as estantes; não existe este livro; não se empresta este fascículo de periódico e assim sucessivamente (Targino, 2006, p. 93).

É imprescindível que o bibliotecário brasileiro perceba, de modo rápido e elucidativo, a verdadeira natureza das distintas situações que enfrenta diariamente. Algumas vezes, necessita agir como incentivador do uso de livros, como fontes de informação, diante da falta de hábito de leitura. Pode ser, ainda, o organizador de bibliotecas, empenhado na preparação técnica das coleções para melhor utilização. Outras vezes, deve atuar como documentalista ou profissional da informação, a quem compete fornecer a informação precisa ao pesquisador no momento adequado, com agilidade e precisão (Targino, 2006, p. 125). Nesse sentido, se faz necessário refletir acerca da conformação da Biblioteconomia contemporânea, as perspectivas contemporâneas e atuação do bibliotecário na contemporaneidade; da

constituição da formação do bibliotecário brasileiro e do movimento associativo, de modo a compreender sua atuação na emergência de uma nova Biblioteconomia, que requer uma postura profissional em consonância com a perspectiva de construção do conhecimento.

## 2.1 A BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA

*“Nossa história e o modo como nos víamos no passado são peças fundamentais para avançarmos. Portanto, devemos agora esperar que nossas bibliotecas não somente atuem como um depósito das obras de grandes homens do passado, mas também capturem nossa história tal como se revela hoje” (Lankes, 2016, p. 42-43).*

Da Antiguidade à contemporaneidade, a biblioteca, e, por conseguinte, a Biblioteconomia e seu processo de formação de bibliotecários, ao atravessar as grandes evoluções históricas e tecnológicas, assimilou o contexto de diferentes realidades e assumiu perspectivas diferenciadas, conforme podemos ver no quadro 1 na sessão anterior. De início, a biblioteca, que podemos denominar como tradicional, que privilegiava a perspectiva tecnicista, as grandes coleções e os edifícios; à perspectiva centrada no acesso e disponibilização da informação; a perspectiva que hoje se desenha na contemporaneidade, que privilegia o pertencimento e o empoderamento<sup>8</sup> das comunidades por meio da construção do conhecimento e da utilização do espaço das bibliotecas para além do uso do livro como objeto fundamental para a existência das bibliotecas.

De acordo com Targino (2010, p. 42) ocorreu uma “mudança de paradigma do acervo para a informação, do suporte físico para a informação, em que a biblioteca tradicional dá lugar à biblioteca ação cultural”. Com isso, a autora afirma que o discurso preponderante era no sentido de suprir as demandas informacionais do usuário, independentemente do suporte informacional e de sua localização física ou virtual, tal perspectiva se aproxima muito do conceito de paradigma cognitivo adotado por Rafael Capurro (2003)<sup>9</sup> ao defender a ideia de

---

<sup>8</sup> Traduzido do termo inglês *empowerment*, o conceito de empoderamento surgiu nos Estados Unidos, no século XX, representando os movimentos de busca pela emancipação social, e ganhou significado e representatividade com as lutas que buscavam dar voz a negros, mulheres, deficientes e outros, muitas vezes considerados minorias políticas e sociais (Almeida; Farias; Farias, 2020).

<sup>9</sup> Rafael Capurro em seu artigo intitulado “Epistemologia da Ciência da Informação” (2003) apresentado durante o V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), pontua que há três paradigmas epistemológicos na Ciência da Informação, a saber: 1) paradigma físico: concebido a partir da teoria de Shannon e Weaver; 2) paradigma cognitivo: representado dentre outros por B.C. Brookes, Nicholas Belkin, Pertti Vakkari e Peter Ingwersen; e, 3) paradigma social concebido a partir da obra de Jesse Shera, e pelas teorias de Bernd Frohmann, Birger Hjørland, Rafael Capurro e Søren Brier.

paradigmas na Ciência da Informação<sup>10</sup>. Assim, o paradigma cognitivo no contexto da Biblioteconomia e das bibliotecas encontra equivalência associado ao social, quando possibilita a atribuição de “significados [à informação disponibilizada] em consonância com as demandas dos indivíduos, leva em conta tanto o repertório cognitivo de cada um como o contexto no qual está imerso” (Targino, 2010, p. 42).

Trabalhando com a perspectiva de paradigmas, Targino (2010) pontua que com o processo de comunicação, disponibilização da informação e apreensão de novos conhecimentos, estamos vivenciando o que ela nomeia como “novo paradigma informacional” ou “paradigma digital”. De fato, vivenciamos um período voltado às tecnologias e inovações digitais que ampliaram o escopo das bibliotecas e a atuação do bibliotecário. O conceito de biblioteca, no contexto das redes, se ampliou podendo ser designada por uma diversidade de terminologias, como bibliotecas eletrônicas, digitais, automatizada, biônica, *without walls library* (sem paredes), não física, polimídia, ciberteca, *desktop library illimited*, que indicam a dinamicidade do contexto informacional.

De acordo com Targino (2010, p. 42), a biblioteca virtual, independente do termo adotado, “permite ao leitor posicionar-se como ator e autor do processo de comunicação, graças à facilidade de obtenção de informações. A informação está, agora, em toda parte” (Targino, 2010, p. 42). Nessa direção expusemos o quadro que mostra as características das bibliotecas em dois momentos distintos:

Quadro 2 – Mudança de paradigmas na Biblioteconomia

<b>Biblioteca – antigo modelo</b>	<b>Biblioteca – novo modelo</b>
Estrutura hierárquica	Estrutura horizontal
Enfoque no acervo	Enfoque na informação
Organização estática	Organização dinâmica
Trabalho desenvolvido em serviços	Trabalho desenvolvido em projetos
Gerenciamento centralizado	Autogerenciamento
Conhecimentos específicos	Conhecimentos amplos
Relacionamento competitivo	Relacionamento cooperativo
Motivação individual	Motivação de equipes
Ações controladas	Ações inovadoras
Atendimento pessoal	Atendimento remoto
Pesquisa <i>in loco</i>	Pesquisa remota
Acervo linear	Acervo óptico

<sup>10</sup> A Ciência da Informação é uma disciplina científica surgida na década de 1960, no contexto da denominada "explosão informacional" com o aumento das atividades científicas e tecnológicas. Trata-se de uma área que se dedica ao estudo das relações sociais com a informação e os fluxos informacionais: produção, disseminação, organização, preservação, uso, apropriação, práticas informacionais, instituições, produtos e serviços de informação.

Linguagem controlada	Linguagem livre
Entrada de dados referenciais	Entrada do texto completo
Serviços <i>in loco</i>	Serviços <i>on-line</i>
Produtos impressos	Produtos automatizados
Utilização de sistemas ilhados	Utilização de sistemas integrados
Utilização de mídia única	Utilização de multimídia

Fonte: Valentim (1995) *apud* Targino (2010, p. 43).

Assim, a Biblioteconomia contemporânea se configura hoje com ações voltadas para as comunidades utilizando as diferentes potencialidades das tecnologias digitais da informação e comunicação, sobretudo, aquelas voltadas para a interação e para o protagonismo social em rede, com interação e construção do conhecimento (Ferreira, 2016). Assim sendo, ela deve ser entendida como um “conhecimento que contribui para o desenvolvimento da sociedade ao disponibilizar o acesso democrático à informação” (Ferreira, 2016, p. 169).

Em qualquer instância, a biblioteca é, por sua natureza, instituição cultural e social, como antes enunciado. As razões são distintas. A princípio, os recursos documentais são um dos mecanismos sociais de maior relevância para a preservação da memória racial e a biblioteca é um aparelho social para transferir isso ao consciente dos indivíduos. Assim, a biblioteconomia toma o lugar que lhe cabe entre os fenômenos a serem discutidos em qualquer sistema de ciência social, não apenas como ramo do conhecimento que se dedica a reunir, organizar, disseminar e / ou até produzir o conhecimento registrado, mas, essencialmente, como serviço social de vital importância para a evolução da sociedade (Targino, 2010, p. 44).

Tanus e Silva (2019) assinalaram que diversos autores brasileiros publicaram nas últimas décadas, sobretudo no fim da ditadura civil-militar (1964-1985), textos com discussões acerca do caráter social e da importância do afastamento da base tradicional da Biblioteconomia, o tecnicismo. Nesse sentido, a pesquisa realizada por Ferreira (2016, p. 169), evidenciou a presença da dicotomia entre a técnica e o humanismo da profissão, que no Brasil remonta a criação dos primeiros cursos de Biblioteconomia do país. A autora afirma que a dicotomia vem sendo reinventada com a inclusão das tecnologias digitais da informação e comunicação.

Contudo, essas discussões retomaram chamando atenção para a necessidade de voltar o olhar para a condição social da Biblioteconomia brasileira. De acordo com Tanus e Silva (2019), os autores das publicações identificadas durante o estudo incitaram uma maneira de pensar a Biblioteconomia mais crítica, o que conduziu a diversas designações: "Biblioteconomia Guerrilheira; Biblioteconomia Subversiva; Biblioteconomia Crítica; Biblioteconomia Social; Biblioteconomia Progressista; Biblioteconomia Alternativa e Biblioteconomia Política" (Tanus; Silva, 2019, p. 6).

Tais designações remetem às contradições do social, grupos e classes marginalizados dando a Biblioteconomia um caráter de mudança social. Nesse sentido, as autoras afirmam que o enlace desses termos que buscam uma Biblioteconomia mais preocupada com a construção de uma sociedade mais democrática, justa e igualitária, contribui para a construção de uma "Outra Biblioteconomia". "Essa "Outra Biblioteconomia" vai ao encontro com a definição de "Nova Biblioteconomia" (Lankes, 2011)" (Tanus; Silva, 2019, p. 25). Essas designações representam a Biblioteconomia contemporânea, uma Biblioteconomia que anda de mãos dadas com a realidade social e que reconhece que a sua grande contribuição é oportunizar que a sociedade melhore a partir dos seus serviços informacionais e construção do conhecimento.

Em suma, a Biblioteconomia, sendo uma ciência social, precisa se voltar verdadeiramente aos indivíduos e ao social, questionando os problemas e temas que lhes são próprios, que ficaram em segundo plano ao longo de sua história. Assim, torna-se importante a manifestação das suas vertentes críticas tais como a Biblioteconomia crítica, progressista, social, nova, que são faces desejadas de uma outra Biblioteconomia. Essas diferentes abordagens podem ser vistas como resultado de um pensamento contemporâneo, como se propõe pensar aqui, e mesmo que elas tenham sido tratadas em outros momentos da Biblioteconomia, elas não se constituíam, naqueles momentos, em um caminho sólido, mas sim tratavam de **ações tímidas, esparsas, relacionadas às ações individuais de alguns bibliotecários e não como um campo que assume a responsabilidade social, integrando-se aos sujeitos informacionais** (Tanus, 2019, p. 243-244, grifo nosso).

Conforme assinalou Targino (2006, p. 92), "[...] a concepção da biblioteca se estende, incorporando elementos distintos, como a democratização, socialização e especialização".

O que se nota em relação ao futuro próximo das bibliotecas, é que diferente do imaginado por autores do século XX, onde a era digital já estaria totalmente implementada após os anos 2000, essa realidade ainda não aconteceu, mas o movimento se mostra ainda mais inovador do que a completa digitalização do conhecimento. Novas premissas foram incorporadas a essa primeira e completam uma visão diferente de biblioteca, **mais participativa, mais colaborativa, ativa e não passiva em relação à informação**. É um futuro que busca se adaptar aos millenials e se fazer presente na vida de seus usuários de maneira mais eficiente, possibilitando novos acessos e diversificando seus meios de atuação (Jesus; Cunha, 2019, p. 330, grifo nosso).

Nesse sentido, baseando-se na literatura da área, Jesus e Cunha (2019) detectaram perspectivas contemporâneas concernentes às bibliotecas do futuro a concepção de biblioteca participativa, a confiança radical, a evolução da web, *makerspaces*, livros digitais interativos, redes sociais e mudança no perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas. A concepção de Biblioteca participativa, do inglês *participatory library*, está no escopo da denominada "confiança radical". De acordo com Jesus e Cunha (2019), o conceito de confiança radical é oriundo da concepção dos *softwares* abertos e tem como princípio fundamental as diretrizes das Bibliotecas 2.0. "Refere-se ao crescimento do entusiasmo do

bibliotecário com o uso de redes de comunidades online e colaborativas que permitem o empoderamento dos usuários” (Jesus; Cunha, 2019, p. 318). Assim sendo, dentre as características de uma biblioteca participativa estão a ideia de que os registros informacionais estariam disponíveis on-line e seriam localizados por meio de uma única pesquisa; o desenvolvimento de espaços de criação e colaboração, como os *makerspaces*. Ressalta-se que inicialmente, a teoria de R. David Lanke, seguia a ideia de uma Biblioteconomia participativa ampliando a concepção apresentada de biblioteca participativa.

Corroborando com a Nova Biblioteconomia, Eric Klinenberg (2018) utiliza o termo "infraestrutura social" para designar os espaços físicos que moldam a maneira como as pessoas interagem, como as bibliotecas. O autor afirma que as bibliotecas propiciam o encontro de pessoas com diferentes interesses para participar de uma cultura democrática viva, sendo o local propício os setores público, privado e filantrópico podem trabalhar juntos.

Parada (2015, p. 77) realizou um estudo que denominou como "inventário facetado" acerca dos temas que estão a reconfigurar a Biblioteconomia na pós-modernidade. O autor pontuou que as bibliotecas têm se caracterizado por serem lugares onde não só leem os livros disponíveis como áreas onde o “espaço da biblioteca” evoluiu para se configurar como um “terceiro lugar<sup>11</sup> de encontro”, onde é possível realizar uma diversidade de atividades, tais como a leitura tradicional, acesso à informação, lazer, inserção laboral diante do desemprego, devendo responder a essas novas formas de sociabilidade laboral que sobrepõem às formas de interagir nas redes sociais.

A ideia de terceiro espaço é do sociólogo Ray Oldenburg. O primeiro espaço é onde você vive, sua casa. O segundo é onde você trabalha, seu escritório e o terceiro é onde você se sente parte da comunidade. Este terceiro espaço pode ser uma barbearia ou um bar. Na Europa, ele pode ser uma das tantas famosas praças que há por lá. O problema é que este terceiro espaço está desaparecendo. Mesmo as praças europeias estão sendo reconstruídas ou inviabilizando seu acesso por diferentes motivos. Nos Estados Unidos, muitos desses terceiros espaços são comerciais, como um shopping ou uma Starbucks. Só que sendo comerciais, estes espaços podem ser distorcidos por conta da regulamentação do local, não é um espaço plenamente livre. **Este conceito se aplica a todas as bibliotecas.** As universidades estão percebendo que precisam oferecer mais que salas de aulas e dormitórios. Os Centros estudantis são bons, mas muitas vezes os alunos têm ido à biblioteca para usá-la como um local produtivo e social, mesmo porque **a aprendizagem é uma atividade social.** Bibliotecas empresariais são lugares interessantes que muitas vezes misturam colaboradores da empresa de diversos setores. Biblioteca nacional, como a do Congresso, tem ofertado bolsas de estudo para trazer pesquisadores do mundo todo para interagir com os funcionários do governo (Lanke, 2016, grifo nosso).

---

<sup>11</sup> O sociólogo inglês Ray Oldenburg, publicou em 1989 o livro intitulado “*The Great Good Place*”, que nos trouxe um olhar sobre os locais de encontro ocasionais e sua importância para as cidades. A concepção de “terceiro lugar” é caracterizada como o local onde as pessoas socializam, se divertem, conversam e trocam ideias com outras pessoas (amigos ou “estranhos” que conhecem nesse ambiente) e no qual passam o tempo quando não no “primeiro lugar” que é caracterizado como a casa e o “segundo lugar” que é entendido como o local de trabalho.

Diante disso, Lima, Terlizzi, Ferreira e Valls (2021) realizaram um estudo que consistiu em encontrar ações desenvolvidas por bibliotecas contemporâneas que demonstrassem a ressignificação do seu relacionamento com as comunidades, estando, assim, alinhadas com as discussões da área. As autoras assinalam que tem sido latente na área a discussão em torno da “aproximação da biblioteca com a comunidade” e contaram com a realização da pesquisa que as bibliotecas contemporâneas têm desenvolvido ações comprometidas com as pessoas, proporcionando condições e oportunidades para o seu desenvolvimento no espaço das bibliotecas, ressignificando, assim, seu espaço e sua função perante a comunidade.

Ressignificação e impacto são palavras que dizem muito sobre a Biblioteconomia contemporânea, o impacto que a biblioteca e o bibliotecário exercem sobre e/ou com a comunidade e a ressignificação ao “auxiliar as pessoas a encontrarem nas bibliotecas, não somente livros, mas infinitas possibilidades para os seus percursos de construção do conhecimento e, conseqüente, desenvolvimento pessoal e comunitário” (Lima; Terlizzi; Ferreira; Valls, 2021, p. 28). Nesse sentido, Lankes (2016) defende o argumento de que precisamos de bibliotecas melhores e destaca que, tanto no passado quanto no presente, as bibliotecas impactam socialmente nos seguintes aspectos:

- Agente de compra coletiva;
- Estímulo econômico
- Centro de ensino;
- Rede de segurança;
- Gerenciador de patrimônio cultural;
- Berço da democracia;
- Símbolo das aspirações da comunidade.

Conforme demonstrado inicialmente, essa seção tem por finalidade apresentar algumas perspectivas contemporâneas que tem transformado a maneira como teorizamos e praticamos a Biblioteconomia contemporânea. Nesse sentido, faz-se necessário pontuar que a biblioteca enquanto instituição milenar é fundamentalmente social e combinado ao movimento do progresso das sociedades se transmuta. Nesse sentido, conforme pontua Targino (2010, p. 40), “a biblioteca não está a margem da sociedade”. É importante ressaltar, que as bibliotecas são instituições que contribuem com a preservação e disseminação da memória e da herança cultural nacional contribuindo para que o desenvolvimento tecnológico não estimule a valorização de ideias importadas em detrimento do que é construído no Brasil. “A revolução tecnológica ou as revoluções tecnológicas caminham, simultaneamente, com a história da humanidade. O avanço científico e tecnológico tem sempre a sociedade como referência” (Targino, 2010, p. 40).

A evolução frenética das tecnologias da informação e comunicação tem feito com que as pessoas mudem seus hábitos. Hoje, não é preciso sair de casa

para ter acesso a uma diversidade imensurável de informações disponível por meio das redes de computadores. No entanto, isto não torna a biblioteca uma instituição sujeita a extinção, principalmente pelo fato da Globalização da informação não ser um processo democrático, havendo grandes disparidades sociais e econômicas, bem como os estilos de uso e aprendizagem dos leitores, que ainda preferem o livro impresso seja por fetiche ou por afetividade incondicional ao manuseio deste secular objeto cultural, pois como aduz Araújo (2010): “O livro não vai acabar porque ele é tão definitivo quanto a roda”. (Assunção; Reis, 2012).

Parafraseando Umberto Eco, com o título de sua obra “Não contem com o fim do livro”, pode-se afirmar: não contem com o fim das bibliotecas. Conforme menciona Edson Nery da Fonseca (1962, p. 105), “na era da automação haverá lugar para todos os meios de informação e de comunicação, mesmo os mais antigos como o livro. Pois, afinal de contas, como afirmou Mallarmé, “tudo existe para acabar em livro””, mesmo que o suporte do informacional do livro não seja o tradicional impresso.

A evolução tecnológica, na verdade, contribuiu com o processo evolutivo das bibliotecas, não em caráter de substituição, mas no sentido de proporcionar uma otimização dos produtos e serviços oferecidos secularmente por essa instituição. Assunção e Reis (2012) assinalam que os livros sempre assumem posição de destaque nessa polêmica como se as bibliotecas existissem em função de um suporte físico informacional, quando podemos observar que a Biblioteconomia contemporânea tem discutido o fato de as bibliotecas existirem em função do conhecimento que possibilitam construir e da informação que deve ser preservada e compartilhada, independente do suporte, físico ou digital.

Os usos e costumes coexistem e nada nos apetece mais do que alargar o leque dos possíveis. O filme matou o quadro? A televisão, o cinema? Boas-vindas então às pranchetas e periféricos de leitura que nos dão acesso, através de uma única tela, à biblioteca universal doravante digitalizada (Eco; Carrière, 2010, p. 8).

Nesse sentido, Assunção e Reis (2012) pontuam que a evolução tecnológica tem levado as bibliotecas a um processo de desmaterialização da informação e do conhecimento, o que não significa que ocasione o desaparecimento das bibliotecas, apenas uma metamorfose que tais instituições vêm sofrendo ao longo do seu desenvolvimento. Lankes (2011) pontua que as bibliotecas não precisam ter livros para se constituírem como bibliotecas, o que as torna biblioteca não é um acervo repleto de livros. Uma sala vazia seria uma biblioteca se nela houvesse a presença de um bibliotecário engajado com a comunidade e voltado ao conhecimento, para além do suporte informacional, afinal, há dados e informações disponíveis na palma das mãos com os dispositivos móveis. Desse modo, o que se configura como biblioteca é o espaço favorável para o diálogo e construção de conhecimento.

No entanto, se as concepções da instituição biblioteca se alteram ao sabor das mutações da sociedade da informação ou sociedade do conhecimento ou sociedade da aprendizagem, como querem alguns, decerto, muito mais

do que a tipologia em si ou a denominação dada à biblioteca, o que determina a adoção de paradigma x ou y por determinada instituição é a forma de atuação. Isto significa que, em pleno século XXI, em meio ao domínio irreversível do fluxo informacional contínuo e inesgotável, é possível encontrar, em diferentes países e em diferentes localidades, a nomeada biblioteca tradicional. (Targino, 2010, p. 43)

Alejandro Parada (2015, p. 77) acredita que a palavra “biblioteca” já não reproduz a miríade de atividades que hoje se desenvolvem e que talvez o futuro nos reserve uma extensão ou um novo adjetivo para descrever a biblioteca emergente que já é uma realidade. O autor pontua que, na modernidade tardia, que no âmbito desta tese nominamos a partir de Bauman (2001, 2003) como modernidade líquida, e no centro da explosão capitalista da globalidade, as bibliotecas ganharam um impulso e características muito diferentes das que bibliotecas dos séculos XIX e XX. Parada (2015) sugere a reflexão quanto as fragilidades da área para que possamos identificar quais são as nossas forças e, assim, denominar o que de fato estamos fazendo. O autor menciona que há uma crise nominativa, que pode ser vista no cenário internacional, a partir do momento em que grupos comunitários emergem nos processos de gestão de bibliotecas.

As bibliotecas do futuro devem trabalhar para expandir os direitos civis. Uma forma de incentivar o aumento da construção da cidadania manifesta-se, portanto, no processo de sensibilização dos espaços bibliotecários centrados na cogestão entre profissionais e cidadãos (Parada, 2015, p. 78, tradução nossa).

Diante do exposto, a biblioteca é uma instituição social que propicia à comunidade atendida espaço para desenvolvimento social e, sobretudo, para aprendizado, que independe das coleções mantidas. No entanto, há uma questão social no contexto brasileiro que requer a reflexão sobre o fato das bibliotecas serem instituições reconhecidas discursivamente por sua contribuição, sobretudo, na aprendizagem e na cultura, mas serem um espaço ignorado pelo poder público e pela sociedade. A imagem das bibliotecas traz ao imaginário social a ideia de conhecimento e status social, conforme podemos ver em campanhas publicitárias, de setores privados e públicos, mas isso não se reflete no engajamento social a favor das bibliotecas. Targino (2010) reforça essa análise ao mencionar que

Questionados sobre a importância da biblioteca nas escolas, nos institutos de pesquisa, nas universidades etc., não há administrador que refute seu valor. No momento das decisões, os cortes orçamentários, a designação de servidores imprestáveis ou a indicação de nomes políticos para as chefias dessas instituições desmentem as palavras vãs de muitos administradores e governantes. Contra essa postura, não há paradigma que resista à inoperância e ao desvirtuamento das bibliotecas como centros de ação cultural (Targino, 2010, p. 41).

Tal fato, que não é recente na história das bibliotecas brasileiras, reforça a necessidade de atuação da Biblioteconomia, independente da nomenclatura que a acompanhe – Nova Biblioteconomia, Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Crítica etc., seja

próxima e parceira da comunidade, em conformidade com as necessidades e demandas sociais e, para isso, requer uma postura nova do bibliotecário (Targino, 2010; Lankes, 2011). De acordo com Carneiro e Saro (2009, p. 429), numa sociedade baseada na informação e no conhecimento, a ausência de serviços e infraestrutura pública é um obstáculo para a aprendizagem quando não satisfaz as necessidades presentes e futuras de informação. Nesse sentido, Targino (2010, p. 41) pontua que deve haver predisposição dos profissionais da área em consolidar a biblioteca como tal e “vontade política para acioná-las como verdadeiros centros de aprendizagem”.

### 3.1.1 Bibliotecários contemporâneos

*“Atualmente, além de preservar artefatos culturais do passado, os bibliotecários estão trabalhando com a comunidade para resgatar a cultura do presente” (Lankes, 2016, p. 42).*

Começar essa seção refletindo porque manter o uso do termo “bibliotecário” aliado ao seu compromisso social, pensando em uma Nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea é dar valor a nossa trajetória pregressa e ao futuro que estamos construindo no presente. Lankes (2011) afirma que as palavras “biblioteca” e “bibliotecário” são poderosas não só porque evocam uma tradição, mas porque estão entrelaçadas com o conceito de conhecimento e aprendizado. Nesse sentido, David Nemer, durante a conferência de abertura do XXVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, afirma que os bibliotecários oferecem “a todos nós, as matérias-primas da educação cívica. Historicamente, essa tem sido sua contribuição para o projeto democrático, e continua sendo” (Nemer, 2019, p. 10).

Compete, assim, ao bibliotecário, além de realizar um trabalho técnico altamente qualificado através de planejamento administrativo e de programas culturais; fomentar a cooperação e o intercâmbio entre bibliotecas, entre os próprios profissionais da área, bem como com outras instituições interessadas; exercer o trabalho de equipe, compartilhando com os bibliotecários e outros profissionais o caráter interdisciplinar e sistêmico da profissão; contribuir para o treino da compreensão da leitura e para o gosto da leitura; colaborar no planejamento e na avaliação do processo ensino-aprendizagem; enfim, ser um agente da educação **para a comunidade e um agente político atuante que contribua para o rompimento dos mecanismos da ideologia dominante para com a informação** (Macedo, 1986, p. 216, grifo nosso).

No presente momento, a compreensão do compromisso do bibliotecário se intensifica ao mesmo tempo em que deve ser ressignificada. De acordo com Macedo (1986), o papel da Biblioteconomia e dos bibliotecários está voltado para a mudança. Caldin (2005) afirma que o bibliotecário tem de deixar de lado seu papel passivo, de mero processador técnico de livros

e desempenhar um papel mais ativo: agente de mudanças sociais. Corroborando a Macedo (1986) e Caldin (2005), Targino (2006, p. 72) aponta o bibliotecário como “autor de mudanças sociais”, mas partindo do princípio de que o objeto da profissão é a informação e os bibliotecários devem agir como catalisadores e difusores do conhecimento dentro da comunidade. De acordo com a autora, advém de tais papéis o potencial do bibliotecário como agente político e propulsor de mudanças sociais. Nesse sentido, Lankes (2011) afirma que o objeto da profissão não é a informação, tampouco dar acesso à informação. O autor pontua que o bibliotecário está no “negócio do conhecimento”.

De tempos em tempos, tenho ouvido perguntas e debates sobre o valor do termo “bibliotecário”. Devemos mudá-lo (para cibernético, profissional da informação, consultor de informação, informacionista etc.)? Minha resposta é sempre não. “Mas”, dizem eles, “somos uma das únicas profissões com o nome dos prédios em que trabalhamos [...] raiz latina da biblioteca, “liber”, era originalmente a palavra para a casca interna de uma árvore (que era usada como papel), e os bibliotecários não estão no ramo da casca” (Lankes, 2011, tradução nossa).

Na literatura da área, podemos encontrar vários autores discutindo acerca da atuação do bibliotecário e sobre as inovações da área. Pode-se afirmar que há um consenso de que, independentemente do local de atuação, os bibliotecários contemporâneos precisam acompanhar as inovações sociais e os movimentos em prol da democratização da informação e construção do conhecimento. Todas as mudanças sociais e tecnológicas que ocorreram nos últimos anos, impulsionaram mudanças no modo de fazer e exercer a Biblioteconomia. Muitos aspectos do trabalho do bibliotecário, sobretudo, a parte técnica da profissão foi aprimorada de modo a facilitar ainda mais o trabalho colaborativo com outros profissionais da área.

No entanto, mesmo diante de tanto acesso a recursos e inovações tecnológicas, não se pode perder de vista o elemento primordial do trabalho dos bibliotecários: as pessoas, a comunidade a ser atendida. A virtualização que temos acompanhado, não tem acontecido de forma igual, no contexto brasileiro. Uma camada da população tem acesso a tecnologias de ponta, enquanto a outra camada que ainda necessita de recursos básicos para sua existência. Esse contexto se configura como um desafio social para a Biblioteconomia brasileira que não se pode ficar imersa no seu ambiente de trabalho ignorando a realidade social de seu público. “Os bibliotecários de hoje estão utilizando as lições que aprenderam ao longo de aproximadamente três mil anos de história para construir uma nova biblioteconomia que não seja baseada em livros e outros artefatos, mas no conhecimento e na comunidade” (Lankes, 2016, p. 22).

Assim sendo, os valores perduram, enquanto as habilidades vêm e vão. Nossas habilidades são um meio e não um fim. Contudo, não devem ser ignoradas. Lankes (2011) trabalha com categorias amplas de habilidades:

- Competências: abordagens amplas e duradouras para cumprir nossa missão, como acesso, conhecimento e motivação;
- Habilidades: meios menos amplos e menos duráveis de cumprir as competências, como a organização da informação;
- Tecnologias e técnicas: meios e processos específicos empregados nas habilidades, os quais mudam frequentemente.

Neste ponto ressaltamos que por mais que as ferramentas sejam vistas como categorias secundárias, Lankes (2011) não descarta sua importância na atuação do bibliotecário. O autor lembra-nos de que estamos no negócio do conhecimento, mas ainda vivemos na era da informação, o que implica a percepção de que o conhecimento das tecnologias digitais nos permite alcançar as comunidades e interagir com elas, além do que os meios de facilitar conversas estão cada vez mais “se digitalizando”. Conforme pontuou Macedo (1986), o bibliotecário deve ter suas habilidades técnicas afinadas com as demandas tecnológicas do presente momento, mas sem ignorar sua posição de agente político e condutor de transformações sociais das comunidades.

Cumpre-nos, então, neste momento, exercer a nossa função de educador, **dentro de determinados objetivos definidos democraticamente pela comunidade**, assumindo não apenas o encargo puro e simples da disseminação de informações, mas, sobretudo, acentuando o escopo cultural das mesmas: as significações e o universo relacional no qual os dados, enquanto elementos primários das informações, efetuam as transações e as suas transições (Targino, 2006, p. 73, grifo nosso).

Muitos bibliotecários revivem a história e estão presos num conservadorismo profissional que privilegia o que eles fazem em detrimento das razões por que o fazem. Muitos bibliotecários veem o acervo, e não a comunidade, como sua ocupação. Muitas bibliotecas buscam sobreviver em vez de inovar, e promover a paixão pela leitura em vez de empoderar populações a que servem (Lankes, 2016). É necessário que atuemos como bibliotecários em toda a sua completude, não somente nos apegando a um aspecto da profissão, seja técnico ou social/humanista.

Um desafio profissional é imposto ao bibliotecário: ele deve assumir um papel de liderança nas redes sociais da Web 2.0 que estão ligadas ao ambiente da sua unidade de informação; isto determina que a biblioteca deve ser o nó central e ativo onde, através destas redes sociais, se geram as necessidades de encontros presenciais ou biológicos nestas novas geografias do dispositivo livro inserido no “terceiro lugar de encontro” (Parada, 2015, p. 77, tradução nossa).

No dia 31 de janeiro de 2017, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou o Workshop Bibliotecário do Futuro, em que promoveu debates sobre cinco temas: a atitude do bibliotecário, o bibliotecário e o seu relacionamento com a tecnologia, bibliotecários e seus concorrentes, o papel cultural e social e mercado de trabalho do bibliotecário. Após a discussão dos cinco temas mencionados, a conclusão das discussões foi compilada e

tabulada em uma matriz *Swot* a fim de apresentar à assembleia os resultados das discussões. Abaixo o quadro com a análise *Swot* acerca das forças, fraquezas, oportunidades e ameaças detectadas pelos participantes do Workshop.

Quadro 3 – Matriz *Swot* apresentada pelo grupo de discussão à assembleia do workshop “O Bibliotecário do Século XXI”

<b>Análise Swot</b>	
<p><b>Forças</b>  Ressignificação do papel do bibliotecário na sociedade atual.  Proatividade dos profissionais.  Identidade do bibliotecário como profissional da informação.  Atuação desvinculada aos ambientes tradicionais de trabalho.  Regulamentação da profissão e competência profissional estabelecida por lei.</p>	<p><b>Oportunidades</b>  Crescimento do mercado de informação.  Avanço das TIC's.  Necessidade crescente de informação na sociedade atual.</p>
<p><b>Fraquezas</b>  Estagnação justificada pela regulamentação da profissão.  Identidade e atuação relacionadas exclusivamente a bibliotecas físicas.  Falta de proatividade da classe profissional.  Defasagem do currículo acadêmico.  Cultura do papel do bibliotecário.</p>	<p><b>Ameaças</b>  Instabilidades do mercado de informação.  Versatilidade no perfil dos concorrentes.  Diminuição dos cargos públicos.  Mudanças no perfil do usuário.</p>

Fonte: Côrte *et. al.* (2017) *apud.* Gottschalg-Duque e Santos (2018, p. 51).

No quadro acima, podemos observar que alguns dos tópicos se repetem, ora como aspecto positivo, ora como um aspecto vulnerável do profissional. Isso porque apresentam características diferentes e ao mesmo tempo aspectos que podem ser compreendidos sob diferentes pontos de vista, conforme pontua Gottschalg-Duque e Santos (2018). Contudo, há uma característica que se revela como um diferencial e uma força para o bibliotecário contemporâneo e sua ausência é concebida como uma fraqueza: se trata da proatividade, que é a iniciativa de explorar e desenvolver habilidades.

A conclusão de que a proatividade é o principal fator que define o sucesso dos bibliotecários no cenário atual é o principal argumento para justificar que o principal concorrente do bibliotecário não é o profissional de outras áreas, mas o próprio bibliotecário. De fato, existem profissionais de diversas áreas que se aventuram nas atividades de gestão da informação, e, de fato, os bibliotecários perderam o reconhecimento social e muitos postos de trabalho dessa área para outros profissionais. Porém, ainda não existe nenhum perfil profissional com formação ideal para atender adequadamente às necessidades atuais dos usuários de informação, por consequência, não existe reconhecimento social para que nenhuma outra profissão ocupe postos de trabalho relacionados à gestão de dados, informação e conhecimento no

mercado. Esses postos de trabalho são ocupados principalmente por profissionais que estão envolvidos em algum ponto do ciclo informacional, não necessariamente por suas formações de origem, mas sobretudo por suas habilidades e competências pessoais para aplicação de seus conhecimentos e relacionamento com as TICs (Gottschalg-Duque; Santos, 2018, p. 63).

Antes de se preocupar em conhecer todas as inovações tecnológicas, é necessário que o bibliotecário reconheça o seu papel social de impulsionar a melhoria das comunidades por meio do seu trabalho. Lankes (2011, 2016, 2016a) pontua que os bibliotecários são ótimos em solucionar problemas, podemos ver, sobretudo, em sua atuação no serviço de referência: muitas pesquisas o desafiam e eles pesquisam até encontrar a informação certa. De acordo com o autor, a profissão nasceu para servir justamente as necessidades de uma comunidade. Tais necessidades são grandes e por isso que o trabalho do bibliotecário de ir além das conversas para compreender o que a comunidade está precisando é tão importante.

### 3.1.2 Perspectivas contemporâneas da atuação bibliotecária

*“Excelentes bibliotecários não têm medo de demonstrar que estão aprendendo também, não têm medo de aprender com os outros, mesmo que seja com uma criança de nove anos de idade. Eis um ponto essencial: excelentes bibliotecas vêm de excelentes bibliotecários”* (Lankes, 2016, p. 160).

Tendo em mente o papel essencial do bibliotecário na sociedade contemporânea, seguimos na discussão acerca das perspectivas contemporâneas da Biblioteconomia e da atuação bibliotecária. Conforme mencionado anteriormente, as bibliotecas no cenário atual mais do que nunca devem ocupar o seu lugar secular de lugar de aprendizagem. De acordo com Carneiro e Saro (2009, p. 422), as bibliotecas são componentes essenciais do processo de ensino aprendizagem devido a sua posição estratégica de organizar e dar acesso à informação; de dispor de recursos humanos qualificados para informar, orientar e gerir a informação; além de, por meio da automatização da informação, possibilitar o acesso aos produtos e serviços informacionais em qualquer lugar. No contexto da educação, os autores pontuam que:

[...] o novo modelo de biblioteca que emerge, pressupõe que os serviços estejam centrados não no documento, mas essencialmente no estudante. Se o aluno tem de pesquisar, analisar e construir o conhecimento, é indubitável que, além de contar com as tradicionais ajudas e orientação do seu professor, deve dispor dos materiais didáticos que permitam realizá-lo, de espaços físicos para trabalhar individual e coletivamente, e de recursos técnicos que melhor permitam acessar à informação necessária (Carneiro; Saro, 2009, p. 424).

A partir de Carneiro e Saro (2009), podemos destacar como elementos essenciais das bibliotecas na contemporaneidade a aprendizagem e a construção do conhecimento por meio do acesso à informação sistematizada e a seus produtos e serviços disponíveis em qualquer lugar e, em especial, a centralidade que é dada ao sujeito informacional, tal como também podemos verificar por meio de Lankes (2011) na perspectiva da Nova Biblioteconomia, e em outros autores contemporâneos da área. Nesse sentido, Mund (2015) pontua que uma biblioteca na cidade de Aarhus, na Dinamarca, a biblioteca DOKK 1 adotou um novo conceito de biblioteca: “um local para todos aqueles com fome de conhecimento”.

[...] Tudo é gratuito e equipado com novas e modernas tecnologias, que incluem uma impressora 3D. Ali, ler romances, escutar música e jogar xadrez no computador é tão importante quanto estudar livros especializados [...] "As bibliotecas do futuro devem realmente inspirar as pessoas, mesmo sem livros", constata Knud Schulz, diretor-geral da DOKK 1. Foram mais de dez anos de planejamento e implementação. Por todos os lados, há espaço para encontros e trocas. Uma área para pais e filhos, sala de brincadeiras, sala de leitura com vista para o porto e zonas de silêncio para estudo dão ao local um caráter cosmopolita (Mund, 2015).

De acordo com Saro e Carneiro (2009, p. 424), podemos assinalar alguns objetivos e características estratégicas das bibliotecas no tocante a aprendizagem, conforme podemos ver a seguir:

- Facilitar a experiência de aprendizagem mediante a interação com os suportes informacionais, com as pessoas e com a tecnologia. Tal objetivo é essencial na contemporaneidade porque nos dá o entendimento de que bibliotecas e bibliotecários contribuem com a criação do conhecimento dando acesso não somente aos livros e demais suportes informacionais, mas também dando acesso a pessoas e a recursos tecnológicos.
- Possibilitar que as comunidades possam colaborar num mesmo espaço comum em projetos conjuntos através da utilização dos recursos digitais e impressos num ambiente aberto;
- Potencializar o acesso à informação, independentemente do suporte de forma fácil, rápida e organizada, promovendo o fluxo da informação, ao aproximar das fontes quem necessita;
- Programar o crescimento das distintas coleções bibliográficas, assim como oferecer uma solução integrada de múltiplas funcionalidades, permitindo ao utilizador o acesso direto a todo o tipo de informação local ou remota, num claro contexto de convergência entre os conteúdos tradicionais e os conteúdos digitais;

- Ser um espaço destinado às atividades culturais, atividades que devem ser programadas em parceria com a comunidade atendida, de modo a garantir o protagonismo social no processo de construção do conhecimento.

Nesse aspecto, o diretor da Biblioteca DOKK1, Knud Schulz, afirma que o futuro está na aprendizagem ao longo de toda a vida e no intercâmbio entre gerações (Mund, 2015). Saro e Carneiro (2009) defendem a ideia de que as bibliotecas devem atuar como Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI) para apoiar as tarefas de ensino e aprendizagem e para isso, pontuam que ela deve ser “mais que um edifício, centro físico ou espaço concreto, há que considerá-lo um conceito, ideia ou filosofia”. Para tanto, o espaço da biblioteca pode se adaptar de forma distinta para atender a demanda por aprendizagem e construção do conhecimento:

- A concepção da Biblioteca como espaço de estudo face a um espaço de aprendizagem que proporciona ao utilizador os meios necessários para facilitar o novo conceito de ensino.
- A especial preocupação na atenção directa e personalizada aos utilizadores quanto ao uso dos recursos face à formação dos mesmos.
- Especial atenção a duas áreas completamente distintas: uma zona de estudo individual ou investigação, com menor ruído face a uma zona de trabalho de grupo, por natureza mais ruidosa.
- A biblioteca de papel face aos recursos de informação electrónica com postos de equipamento informático, OPAC's [Catálogo online de acesso público] repartidos pela sala de leitura, rede sem fios, etc. (Carneiro; Saro, 2009, p. 426)

Os autores defendem que adaptar a biblioteca aos diferentes espaços em conformidade com as necessidades de aprendizagem da comunidade atendida, proporciona melhores condições de aprendizagem e investigação, dando espaço à formação contínua. Nesse sentido, essa perspectiva propõe uma nova configuração aos papéis e responsabilidade do bibliotecário. No tocante ao ensino superior, que Carneiro e Saro (2009) propõem a instituição do CRAI, há a necessidade de expansão do conceito de biblioteca de modo a ampliar sua função social no processo de aprendizagem.

Devemos, pois, valorizar cada vez mais as bibliotecas como locais de aprendizagem e estímulo intelectual. Só uma estrutura organizacional eficiente, flexível e inovadora com equipamentos confortáveis e infra-estruturas modernas, poderá criar as condições para aumentar a produtividade e a qualidade da investigação. As bibliotecas devem ter como princípio pedagógico e como objectivo, a promoção do desenvolvimento do indivíduo em busca da sua competência informacional, enquanto princípio educativo construído a partir das práticas de investigação, do pensamento independente, da aprendizagem ao longo da vida, buscando sua actuação para o bem comum, valorizando o significado e os fins moralmente importantes (Carneiro; Saro, 2009, p. 428).

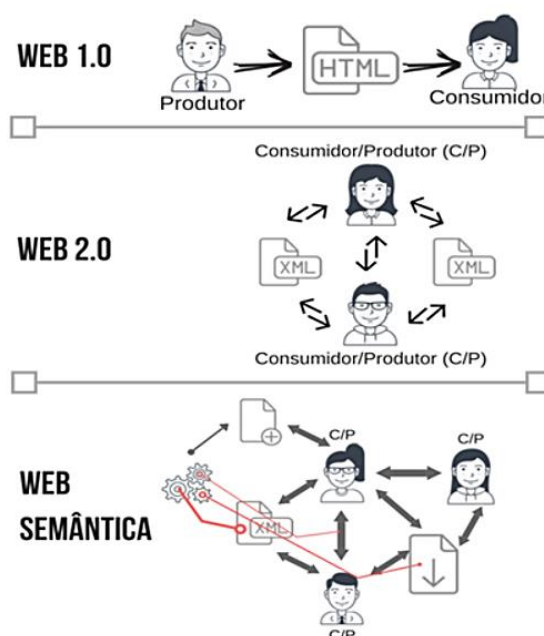
O diretor da referida biblioteca dinamarquesa, Schulz afirma que “O conhecimento se forma em espaços que propiciam trocas entre as pessoas” (Mund, 2015), tal como pontua Lankes (2011), ao dizer que o bibliotecário atua no negócio do conhecimento e a biblioteca

contemporânea deve ser o espaço seguro para a criação do conhecimento coletivo e/ou colaborativo.

O ambiente colaborativo está em crescente movimento na contemporaneidade, sendo realizado com muitas interações sociais, sendo atrelado a web 2.0 ou web 3.0. A web 2.0 se consolidou nos anos 2000 e foi se desenvolvendo em conformidade com a evolução tecnológica e das demandas dos usuários que se tornaram protagonistas no processo de uso, consolidação e construção das tecnologias digitais da informação e comunicação. Nesse sentido, a web 3.0 se refere a uma versão da web 2.0 que proporciona interação ainda mais inteligente entre o mundo virtual e o mundo virtual, que coexistem.

Assim, conforme podemos ver na figura abaixo, a web 1.0 atua na perspectiva de transferência passiva de informação, onde há um produtor e um consumidor. A web 2.0 deu espaço a interatividade e a ideia de que produtores e consumidores de informação podem alterar os papéis. A web 3.0, também chamada de web semântica, faz parte da realidade dos nativos digitais, que utilizam os recursos do mundo virtual em todos os contextos: educação, lazer, saúde, trabalho e segurança. A web semântica trouxe como elemento inovador o uso da inteligência artificial, que não só gera e armazena informações, mas também as interpreta. De acordo com Jesus e Cunha (2019, p. 320), a era da web 4.0 será caracterizada pela permanente conexão entre a tecnologia e o ser humano, os sujeitos estarão “sempre ligados”, como se a tecnologia fosse uma extensão do ser humano. “Isso já é visível nas gerações mais novas que possuem uma percepção diferente entre mundo real e virtual em relação às gerações mais antigas” (Jesus; Cunha, 2019, p. 320).

Figura 1 – Evolução da web: de 1.0 a 3.0



Fonte: Jesus; Cunha (2019, p. 322).

Jesus e Cunha (2019, p. 327) pontuam que as ferramentas da web podem contribuir com as bibliotecas, disponibilizando produtos e serviços para os seus usuários, inserindo-se no ambiente digital. Muitas bibliotecas oportunizam a educação de usuários oferecendo treinamentos utilizando recursos da web, assim como já realizam atendimento, por meio do serviço de referência, de forma síncrona ou assíncrona. No tocante às bibliotecas, Ahmed (2015) exemplifica que a interação tem ocorrido a exemplo da web 2.0, 3.0 e 4.0, sobretudo, com o uso dos livros digitais interativos.

Jesus e Cunha (2019) afirmam que o conceito de “confiança radical” é um instrumento para a construção da nova biblioteca e é um princípio fundamental da Biblioteca 2.0. Collin Douma cunhou o termo em 2006 como uma nova estratégia de marketing que abraçou a ideia de envolver os consumidores e a comunidade de forma aberta para melhorar a confiança do consumidor e construir uma marca mais forte. No contexto das bibliotecas, a confiança radical é uma consequência do entusiasmo do bibliotecário pela colaboração, empoderamento e capacitação dos usuários, facilitada pelo uso das comunidades virtuais, como os blogs e as redes sociais (Harmeyer, 2014, p. 16). David Harmeyer (2014) pontua que Ranganathan abordou elementos do que podemos considerar como “confiança radical”. O autor menciona a terceira lei da Biblioteconomia “todo livro tem seu leitor”, que pela perspectiva da “confiança radical” pode ser interpretada como sendo o leitor a parte mais significativa do processo de seleção e aquisição do acervo. Com a nova configuração da web, essa interpretação pode ser ampliada, dando ênfase aos *ebooks*, bases de dados e nas demais demandas apresentadas pelos usuários.

Jesus e Cunha (2019) mencionam que o conceito de “confiança radical” foi estabelecido mirando nos softwares abertos, o que nos permite conceber que os usuários são todos iguais no tocante a poder e acesso. Lankes (2011) defende a ideia de biblioteca participativa no sentido de possibilitar que todos os membros da comunidade possam participar ativamente das tomadas de decisões das bibliotecas, como membros, de fato.

Desta forma, a essência se aplica equitativamente às bibliotecas, onde os bibliotecários devem confiar que seus usuários sejam capazes de produzir e compartilhar conteúdos igualmente ricos, proporcionando uma troca de experiências muito maior do que a relação anterior de hierarquia com decisões unilaterais tomadas pelos bibliotecários para a gestão da biblioteca. Ainda no escopo da confiança radical está também a ideia de uma biblioteca participatória (do original em inglês: *participatory library*) (Jesus; Cunha, 2019, p. 314).

A ideia de participação no âmbito da Biblioteconomia parte do princípio de que deve haver uma conversa contínua entre os usuários e o bibliotecário como um facilitador. "A biblioteca participativa faz reivindicação em pelo menos quatro áreas da biblioteca: referência, desenvolvimento de coleção, planejamento estratégico e publicidade" (Harmeyer, 2014). De acordo com Jesus e Cunha (2014), outra característica da biblioteca participatória ou

biblioteca participativa é o desenvolvimento de espaços de criação e colaboração, como os *makerspaces*, que propiciam o engajamento, a experimentação e a aprendizagem. “Os *makerspaces* “remete à ênfase na imersão em experiências virtuais”, possibilitando acesso democrático irrestrito à informação e as inovações tecnológicas por todas as classes sociais” (Jesus; Cunha, 2019, p. 318). Nesse sentido, pensando nas bibliotecas, pode-se afirmar que elas já atuam como *makerspaces* há um tempo, porque proporcionam equipamentos para criar e acessar a informação. No entanto, é recente a concepção da biblioteca como espaço, conforme mencionado anteriormente. Trata-se de uma perspectiva contemporânea, a ênfase no espaço físico da biblioteca para além de seu acervo físico.

Na Alemanha, a intitulada “sala de conversação” é um exemplo de *makerspace* e é palco de leituras em diversos idiomas e foi criada na Biblioteca de Colônia para servir de ponto de encontro de refugiados e de todos que necessitam aprender o idioma alemão (Mund, 2015). O nome dado ao espaço disponibilizado para estabelecer o diálogo e aprendizado, “sala de conversação”, vai de encontro a perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes (2011) que assinala que o conhecimento é construído por meio das conversas, tal como a teoria utilizada para embasar essa concepção, a Teoria da Conversação.

Nesse sentido, Jesus e Cunha (2019, p. 317) afirmam que as bibliotecas podem explorar o potencial de seus espaços oferecendo “treinamento em letramento em informação, pesquisa guiada, ser uma ponte entre o abismo digital, pesquisa em biblioteconomia incorporada (do original em inglês, *embedded librarianship*) e suporte à comunidade”.

Ribeiro (2021) pontua que o termo inglês *embedded librarian* não possui uma tradução consolidada na literatura da área e tem relação direta com os seguintes termos: bibliotecário de enlace, *liaison librarian*, *personal librarians*, bibliotecário integrado, bibliotecário embutido, bibliotecário conectado, bibliotecário incorporado, bibliotecário embarcado, procurador informacional, bibliotecário de dados entre outros. Nesse sentido, o termo se refere ao movimento de atuação dos bibliotecários fora das bibliotecas, com uma proximidade maior com o usuário criando um modelo de trabalho com informação e bibliotecas. Em linhas gerais, como a tendência geral da Biblioteconomia contemporânea, se trata de focar no usuário e não somente na biblioteca, como outrora; fazendo parte do contexto em que se está inserido.

Consonante com o momento contemporâneo de evolução tecnológica, web semântica e reorientação da atuação dos usuários nas redes, vivemos o movimento mundial de acesso livre à informação. Contudo, faz-se necessário ressaltar que o movimento por acesso aberto da informação tem como antecessor o Projeto Gutenberg (*Gutenberg Project*), lançado em 4 de julho de 1971, por Michael Hart, que viabilizou a distribuição digital gratuita de livros. No Brasil, esse movimento é liderado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão nacional de informação, unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

O marco inicial do movimento *Open Archives Initiative* ou Iniciativa dos Arquivos Abertos (OAI) em prol da ciência, surgiu na década de 1990 e pretendia provocar mudanças nos modelos vigentes de armazenamento, disseminação, visibilidade e acesso às pesquisas científicas, por meio do: autoarquivamento pelos autores; metadados padronizados para descrição; acesso livre à produção científica e o Protocolo OAI (Targino, 2010; Galvino; Rosa; Oliveira, 2020).

Dentre as iniciativas de apoio ao movimento acesso aberto podemos mencionar: a Convenção de Santa Fé (1999) que nos apresentou padrões para documentos eletrônicos, *softwares* e bases dados de acordo com o *Open Archives Initiative* (OAI) e *e-Prints*; a Declaração de Budapeste (*Budapest Open Access Initiative*<sup>12</sup> - BOAI/2002) que definiu pela primeira vez o termo *Open Access* (Acesso Aberto) e estratégias para alcançá-lo, como o auto-arquivamento e o Acesso Aberto a periódicos científicos; a Declaração de Bethesda (2003) expandiu o conceito apresentado na Declaração de Budapeste, acrescentou orientações e recomendações direcionadas às instituições, organizações, pesquisadores, bibliotecários e editores; a Declaração de Berlim<sup>13</sup> (2003) reforçou as estratégias já estabelecidas e apresentadas nas declarações anteriores, enfatizando o uso da internet como principal ferramenta para utilização das ferramentas; a Declaração de Haia<sup>14</sup> (2014) abordou temas como o *Big Data* e mineração de dados, o uso de licenças livres como *Creative Commons*, uso do ORCID (*Open Researcher and Contributor ID*<sup>15</sup>) e do padrão XML para padronizar documentos que serão lidos por máquinas e pessoas; e, a Declaração do México<sup>16</sup> (2018) realizada em conjunto pelo Sistema Regional de Informação em Linha para Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal (LATINDEX), pela Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal (REDALYC), pelo Conselho Latinoamericano de Ciencias Sociais (CLACSO) e pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) declaram escolha pela licença *Creative Commons* – CC BY-NC -SA para garantir a proteção da produção acadêmica e científica regional em Acesso Aberto.

---

<sup>12</sup> Budapest Open Access Initiative. 2002. Disponível em:

<https://www.budapestopenaccessinitiative.org/read/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>13</sup> Berlin Declaration on Open Access to Knowledge in the Sciences and Humanities. Open Access MaxPlanck-Gesellschaft, 2003. Disponível em: <https://openaccess.mpg.de/Berlin-Declaration>. Acesso em 29 jun. 2022.

<sup>14</sup> The Hague Declaration on Knowledge Discovery in the Digital Age. LIBER, 2015. Disponível em: <https://libereurope.eu/the-hague-declaration/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

<sup>15</sup> Em português, “ID Aberto de Pesquisador e Contribuidor”, se trata de um identificador digital único, gratuito que distingue um acadêmico/pesquisador de forma inequívoca evitando a ambiguidade de nomes de autores, ao substituir as variações de nome por um único código numérico que conecta corretamente os autores a sua produção científica.

<sup>16</sup> Declaração do México. Disponível em: <https://redalyc.org/declaracion-mexico/declaracion-mexico-pt.html>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Dentre as iniciativas que culminaram na utilização de ferramentas de tratamento e autoarquivamento, podemos citar as seguintes: o precursor *Greenstone*, em 1995, em cooperação com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e a Universidade de Waikato, na Nova Zelândia; *E-Prints*, em 2000, da Universidade de Southampton, no Reino Unido; *Open Journal Systems* (OJS), em 2002, da Universidade de British Columbia, no Canadá; *Dspace*, em 2002, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), dos Estados Unidos; e, *Fedora (Flexible Extensible Digital Object and Repository Architecture)*, em 2003, das Universidades Cornell e Virgínia, nos Estados Unidos.

De acordo com Galvino, Rosa e Oliveira (2010, p. 43), dentro da perspectiva do movimento de acesso aberto, surgiu a via verde, que privilegia publicação em repositórios institucionais, temáticos e de dados; e, a via dourada, que privilegia e promove a publicação em periódicos de acesso aberto, contra o alto custo das assinaturas de revistas científicas publicadas por editoras privadas. No tocante ao acesso aberto, retomando a perspectiva do sonho de uma biblioteca universal que acompanha a humanidade por séculos, capaz de armazenar e permitir acesso a todo registro de conhecimento produzido mundialmente, surge uma iniciativa polêmica em torno do acesso à informação, inicialmente denominado *Google Books Search*. O projeto de digitalização se inicia nos anos 1990, quando os fundadores do Google, Larry Page e Sergey Brin, na ocasião, alunos do curso de Ciência da Computação, desenvolviam um projeto de pesquisa apoiado pelo *Stanford Digital Library Technologies Project* (Google Livros, s.d. ; Assunção; Reis, 2012).

[Em 2002] Um pequeno grupo de Googlers lança oficialmente o projeto secreto "livros". Eles começam a conversar com especialistas sobre os desafios à frente, começando por uma pergunta simples, mas crucial: quanto tempo levaria para digitalizar todos os livros do mundo? A conclusão, por mais estranho que pareça, é que ninguém sabe. Bem ao estilo Google, Larry Page decide experimentar sozinho. Um dia, no escritório, ele e Marissa Mayer, uma de nossas primeiras gerentes de produto, usam um metrônomo para manter o ritmo enquanto viram metodicamente as páginas de um livro de 300 páginas. Demora 40 minutos para eles chegarem ao final (Google Livros, s.d.).

A iniciativa do Google se iniciou em 2004 com o anúncio da digitalização de cerca de 15 milhões de livros de bibliotecas norte-americanas e britânicas, com o objetivo de criar a maior biblioteca digital do mundo. Em meio a parcerias, críticas e controvérsias ao *Google Books*, o mercado editorial e gestores de bibliotecas ao redor do mundo reagiram com preocupação: “o sonho da biblioteca universal estaria sendo reavivado ou se tratava da constituição do maior monopólio de conhecimento e a possível extinção das bibliotecas?” (Assunção; Reis, 2012, p. XX).

Desde seu grandioso anúncio em 2004 até os dias atuais, a empresa vem publicando acordos de colaborações e parcerias que na sua maioria tem sempre duas fontes: bibliotecas e editoras. Larry e Sergey perceberam o quão lucrativo seria transformar as bibliotecas em empreendimentos comerciais. [...] Na sua essência o Google Books não ameaça diretamente a

existência das bibliotecas, principalmente públicas, tanto quanto a questões econômicas que assolam o mundo globalizado. No geral, o projeto tem afetado diretamente o mercado editorial, diminuindo de forma agressiva a lucratividade das editoras e dos autores (Assunção; Reis, 2012, p. XX).

Corroborando a isto, temos outro movimento internacional de crescente interesse, o *e-Science*, que se trata do uso de tecnologias digitais da informação e comunicação avançadas que possibilitam uma transformação no método científico. Nesse sentido, para gerenciamento da produção do conhecimento científico, o *Research Data Management* (RDM) pode ser um instrumento de auxílio, que no contexto das bibliotecas, sugere que a instituição tenha um papel ativo no processo de produção do conhecimento científico, sobretudo, no tocante ao armazenamento, gerenciamento, preservação, uso e reuso dos dados gerados durante a pesquisa científica. Jesus e Cunha (2019, p. 329) mencionam que, no caso das bibliotecas universitárias, se acentua, tornando-a protagonista na gestão de dados de pesquisa, acompanhando desde o armazenamento dos dados ao seu compartilhamento para a comunidade.

A gestão de dados de pesquisa exige que a biblioteca acompanhe de perto o desenvolvimento da pesquisa científica na sua instituição. Esse papel vai de encontro ao que foi discutido na seção do makerspace quando o *embedded librarian* recebe especial atenção no desenvolvimento de novos serviços (Jesus; Cunha, 2019, p. 329).

Arroyo Vázquez (2016) sinaliza que uma das principais fontes de inovação nas bibliotecas nos últimos anos é associada à aplicação das tecnologias digitais da informação e comunicação nos serviços fornecidos, no entanto, não é a única. Desde o surgimento dos *smartphones*, como o iPhone em 2007, o uso dos dispositivos móveis vem crescendo e impactando a comunicação e o acesso à informação. Os dispositivos móveis têm facilitado está a realidade aumentada, que precisa de todos os elementos que os dispositivos móveis oferecem aos seus usuários: uma câmera que captura a realidade; um ou vários pontos de referência que identifiquem os conteúdos que serão exibidos, uma tela que mostre o resultado é, um aplicativo que gerencie todo o processo. De acordo com o autor, o termo “realidade aumentada” não é novo, remonta aos anos 1990 quando foi criado por Tom Claudell e David Mizell e se tornou tema de interesse para a comunidade científica.

O uso da realidade aumentada em bibliotecas remonta a 1995, com o *Ubiquitous Talker* que consistia em um sistema portátil provido de uma tela, uma câmera, um microfone e um alto-falante e que fornecia informações sobre a biblioteca e relacionadas com os objetos disponibilizados. O uso do *Ubiquitous Talker* na biblioteca consistia em guiar o usuário na busca de um livro interagindo por meio da linguagem natural (Nagao; Rekimoto, 1995). Arroyo Vázquez (2016) afirma que houve o desenvolvimento de outra iniciativa semelhante, intitulada ARLib, que consistiu na criação de um dispositivo de realidade aumentada que auxiliava o usuário na localização de livros nas estantes baseada em marcadores. De acordo com o autor,

a diferença dessas propostas iniciais é que elas foram originárias na área de engenharia informática e iniciativas posteriores são oriundas de iniciativas de bibliotecários (Arroyo Vázquez, 2016).

Muitas são as inovações tecnológicas, que dia após dia, redirecionam a maneira como nos relacionamos, como registramos, buscamos e acessamos a informação. A Biblioteconomia contemporânea se configura neste momento com a perspectiva de fazer sobressair a sua função social, de oportunizar o espaço da biblioteca, de fomentar a construção do conhecimento, dar acesso à informação e colocar as pessoas no centro das ações e reflexões. Para continuarmos construindo essa Biblioteconomia voltada às demandas sociais, se faz necessária a compreensão da sociedade contemporânea e das comunidades. O trabalho biblioteconômico deve ser desenvolvido em parceria com as pessoas, não mais numa posição hierárquica do bibliotecário como detentor do conhecimento, das fontes e recursos informacionais. Desse modo, na seção a seguir, propomos uma reflexão em torno do momento da sociedade contemporânea que emerge dessa resignificação da Biblioteconomia que já conhecemos e da Biblioteconomia contemporânea que estamos construindo, a “Nova Biblioteconomia”.

## 2.2 CONSTITUIÇÃO DO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

*"Será que a formação universitária importa?  
[...] Os estudos demonstraram que a  
presença de um bibliotecário formado dentro  
das escolas tem um impacto direto e positivo  
nos resultados avaliativos e na diminuição da  
evasão escolar. Ou seja, depois de controlar  
fatores como a sala, o acervo, os segmentos  
populacionais e assim por diante. Foi o  
bibliotecário formado e diplomado, e não a  
biblioteca, que tornou as escolas melhores"  
(Lankes, 2016, p. 136).*

A constituição do ensino da Biblioteconomia brasileira, que se inicia formalmente com a necessidade de formação profissional para atuação nas bibliotecas, é um caminho para compreendermos a constituição da Biblioteconomia no Brasil. O Brasil foi precursor dos cursos de formação em Biblioteconomia na América Latina (Sá, 2013, p. 41). A partir do posicionamento de Mueller (1985), Castro (2000) e Russo (2010), pontuamos as cinco fases do ensino de Biblioteconomia da seguinte maneira: 1) do período de 1879 a 1928, seguindo a influência da formação em Biblioteconomia francesa, a partir do curso da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro; 2) de 1929 a 1961, seguindo os modelos americanos, a partir da atuação do Colégio Mackenzie, em São Paulo; 3) de 1962 a 1969, com a implantação do

primeiro currículo mínimo oficial aprovado pelo Conselho Federal de Educação (CFE); 4) 1970 a 1995, em função do crescimento dos cursos de Biblioteconomia, que se seguiu a implementação do segundo currículo mínimo; 5) 1996 em diante, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que trouxe flexibilização do currículo dos cursos brasileiros (Mueller, 1985; Castro, 2000, p. 26-29; Russo, 2010, p. 89-90). Acrescentamos recentemente a criação de cursos e expansão das Universidades por meio da Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que alterou a infraestrutura dos cursos e dos currículos, nomeada de fase acadêmico-institucional (Tanus, 2018).

De acordo com Lemos (2015), Pedro Gomes Ferrão Castello Branco publicou em 1811 um folheto de quatro páginas intituladas *Plano para o estabelecimento de huma biblioteca publica na cidade de S. Salvador Bahia de Todos os Santos* que estipulava que “o bibliotecário deverá ser um sujeito de muito boa conduta, que saiba bem ler, escrever e contar, e sendo muito para desejar-se que tenha conhecimento das línguas, principalmente a latina, francesa e inglesa” (Lemos, 2015, p. 14). As atribuições para a atuação como bibliotecário evoluíram, conforme podemos ver a partir da criação do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, um século após a publicação do referido folheto. Além do primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, a nível mundial foi o terceiro depois da *École des Chartes* e do *Columbia University*, de Nova Iorque, criado em 1887 por Melvil Dewey (Sá, 2013, p. 41). Assim sendo, Manuel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional de 1900 a 1924 – com intervalos, instituiu em 1911 o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil com a formação baseada no estudo da Bibliografia, paleografia e diplomática, iconografia e numismática, para atender as necessidades da Biblioteca Nacional, que de acordo com Castro (2000, p. 53) tinha dificuldades há gerações no tocante a qualificação de pessoal.

Assim, o curso foi criado pelo Decreto 8835 de 11 de julho de 1911, que aprovou o Regulamento da Biblioteca Nacional, mas só começou a funcionar em abril de 1915, porque em 1912, houve desistências dos inscritos que em sua maioria era funcionários da instituição; e, porque o diretor da Primeira Seção (Impressos), foi transferido para a Segunda Seção (Manuscritos) e não se julgou devidamente preparado para iniciar as aulas (Russo, 1966; Castro, 2000; Tanus, 2018). O curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional funcionou regularmente até 1922, quando foi extinto e retomou em 1931. Com o estabelecimento do Museu Histórico Nacional, em 2 de agosto de 1921, é criado o Curso *Technico*, que tinha a finalidade de formar profissionais para atuar no Museu, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional (Castro, 2000; Sá, 2013, p. 41).

A constituição formativa da Biblioteconomia no Brasil em seus primeiros anos, teve como finalidade suprir necessidades específicas de qualificação de pessoal, conforme podemos ver com a criação do curso da Biblioteca Nacional e em São Paulo não foi diferente estando atrelada inicialmente à biblioteca escolar George Alexandre do Mackenzie, e só

depois à biblioteca pública (Castro, 2000, p. 62). Apesar das similaridades para a criação, o curso da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, é marcado pela influência humanística da francesa *École de Chartes*, conservadora e enciclopedista, enquanto a formação paulista da Escola Livre de Sociologia e Política é marcada pela influência essencialmente técnica da instituição norte-americana *Columbia University* (Castro, 2000, p. 101; Sá, 2013; Tanus, 2018).

Contudo, Lemos (2015) assinala que a influência francesa no curso da BN não foi como corriqueiramente aponta teóricos da área. Para o autor, trata-se de uma cópia “pálida, muito esmaecida do curso de uma escola por onde passaram alguns dos nomes mais importantes da história cultural francesa [...]” (Lemos, 2015, p. 363). Não podemos negar o caráter distinto da formação de São Paulo, que evidentemente tem seu teor técnico refletido até os dias atuais, entretanto, o caráter erudito da formação humanista da BN não é tão explícito no currículo adotado inicialmente. O autor reforça seu posicionamento a partir de sua vivência pessoal, conforme podemos ver: “Minha lembrança do curso de biblioteconomia da Biblioteca Nacional não corresponde à de um curso muito exigente, do ponto de vista educacional, ou comprometido com amplas preocupações sociais” (Lemos, 2015, p. 20).

Laura Russo (1966, p. 15) chama a atenção para o fato de que vários decretos reestruturaram o curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, o que garantiu “acompanhar os progressos da ciência biblioteconômica”. Destacamos as seguintes reformas ocorridas:

- Em 1944, durante a gestão de Rodolfo Augusto de Amorim Garcia, por meio do Decreto-Lei nº. 6.440 de 27 de abril de 1944, houve a incorporação do modelo pragmático americano aos conteúdos pedagógicos que foi bastante significativo para o ensino de Biblioteconomia. Ultrapassando, assim, o objetivo de formar trabalhadores para qualquer tipo de biblioteca, oferecendo também cursos de capacitação, atualização e promoção e troca de experiências entre o Brasil e outras nações. Para dar conta dessas novas atribuições, o curso da BN passou a ser designado como Cursos da Biblioteca Nacional, compreendendo três níveis: Curso Fundamental de Biblioteconomia, Curso Superior de Biblioteconomia e Cursos Avulsos (Brasil, 1944);
- Em 1962, a partir do Decreto do Conselho de Ministros nº. 550 de 1 de fevereiro de 1962, houve a inclusão de novas disciplinas e ampliação para três anos do então Curso Superior de Biblioteconomia, sendo denominado o primeiro ano como Curso Fundamental de Biblioteconomia e os outros dois anos Curso Superior de Biblioteconomia (Brasil, 1962; Castro, 2000, p. 78-97).

De acordo com Russo (1966, p. 16), na década de 1930 fundaram em São Paulo o curso regular de Biblioteconomia que viria a ser instalado no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Essa iniciativa, que deu cunho oficial ao ensino da biblioteconomia em nosso Estado, é devida ao então Prefeito Dr. Fábio da Silva Prado. Complementado tão acertada medida, êle convidou os bibliotecários Rubens Borba de Moraes e Adelpha Silva R. de Figueiredo para dirigir o curso. A esses profissionais se deve, não só a formação dos primeiros técnicos em São Paulo, mas a implantação de uma biblioteconomia nova, sendo a Biblioteca Municipal de São Paulo o laboratório onde puderam treinar muitas gerações de bibliotecários e provar o quanto é benéfico um acervo organizado a serviço da coletividade (Russo, 1966, p. 16).

O curso do Mackenzie encerrou suas atividades quando se criou o curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, em 1936, criado por Rubens Borba de Moraes. O Departamento era constituído de cinco seções, dentre elas a Divisão de Bibliotecas, que foi organizada em duas seções, de maneira a propiciar seu funcionamento: Classificação, Catalogação, Arquivo e Fichamento. Competia à Divisão oferecer anualmente o Curso de Biblioteconomia e organizar no município e na capital, serviços de bibliotecas públicas, populares, circulantes e infantis. O curso criado por Rubens Borba de Moraes consolidou, sistematizou e normalizou as atividades de ensino, informais e assistemáticas, desenvolvidas desde 1929 na Biblioteca Municipal. No ano seguinte, foi oferecido o Curso de *Bibliothecologia*.

De acordo com Castro (2000, p. 73), o grande apoio dado à divisão e aos bibliotecários foi a aprovação da Lei 2.839, a Lei das Bibliotecas, promulgada em 5 de janeiro de 1937. O artigo 13 da referida lei afirma que só seriam admitidos como bibliotecários aqueles que apresentassem diploma de Curso Superior em Biblioteconomia, exceção para cargos em pequenas bibliotecas; neste caso seria exigido diploma de curso secundário. Embora, na prática, seus artigos e parágrafos tenham sido ignorados pelos representantes do Estado Novo. Com isso, podemos constatar o quanto foi conturbada a instalação do curso de Biblioteconomia em São Paulo. Evidencia-se que este curso, como o da Biblioteca Nacional e o do Mackenzie, objetivava dar conta das mudanças internas operadas nessas bibliotecas. Daí a primeira turma de alunos, na sua maioria, ser funcionários dela.

Em 1939, ao assumir a Prefeitura de São Paulo, Prestes Maia encerra o Curso de Biblioteconomia por não conceber sua utilidade e viabilidade, apesar das alegações contrárias de Rubens Borba de Moraes. Contudo, Francisco Prestes Maia, ao se defender das acusações de perseguição feitas por Borba de Moraes, o exonera e fecha o Curso de Biblioteconomia. O então prefeito, ainda publicou um artigo na imprensa paulista relatando os motivos de sua decisão. Dentre os motivos ele afirma que Rubens Borba de Moraes obrigou o arquiteto a reservar no projeto da Biblioteca Municipal, atualmente Biblioteca Mário de Andrade, um andar inteiro para sua residência. Ao referir-se ao Curso de Biblioteconomia, ele

afirma que seu objetivo era servir de proveito e gratificações pessoais a Rubens (Castro, 2000).

Conforme pontua Castro (2000, p. 151), o que faltava para consolidar os avanços ocorridos na Biblioteconomia brasileira em 1930 - “ampliação do número de escolas e associações de classe, organização de eventos científicos e reconhecimento pelo DASP da Biblioteconomia como profissão de nível superior, dentre outras” –, era o reconhecimento da profissão por meio de uma lei que regulamenta a profissão do bibliotecário.

Os bibliotecários que representavam a Biblioteconomia por meio dos movimentos associativos e atuação em órgãos como o IBBB, nomeados por Castro (2000) como “bibliotecários-líderes” utilizava-se de favores políticos com o objetivo de ter a profissão regulamentada. Neste sentido, dois grupos apoiados por lideranças políticas são constituídos: 1) grupo Baiano, centrado no Deputado Raimundo Brito, com a movimentação das bibliotecárias Felisbela Carvalho e Esmeralda Aragão; e, 2) grupo Paulista, centrado no Deputado Ulisses Guimarães, com a movimentação da bibliotecária Lauro Russo (Castro, 2000, p. 152).

Os discursos reivindicadores em torno da aprovação de uma lei que regulamentasse a profissão do bibliotecário tinham como objetivo explícito obter respaldo legal para exercê-la. [...] Havia também a preocupação dos profissionais de resguardarem seus espaços de trabalho, atingirem status e valorização profissional (Castro, 2000, p. 154).

A década de 1940 é significativa para o campo de ensino da Biblioteconomia porque ocorreram modificações na área, em termos de conteúdo pedagógico com a adoção do modelo americano em detrimento da natureza humanística do modelo francês, conforme mencionamos acima. De acordo com Castro (2000, p. 79), outra modificação nesta década foi a ampliação das oportunidades de acesso ao ensino, que ocorreu a partir da criação do Curso da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), hoje Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), e com a reforma do curso da Biblioteca Nacional.

Em 1944, o curso da ELSP ampliou suas atividades com subsídio da *Rockefeller Foundation* e concedeu bolsas de estudos a candidatos de outros Estados que ao regressarem organizavam velhas bibliotecas e criavam novas. O que contribuiu para a fundação de Escolas de Biblioteconomia por diversas partes do país, como foi o caso da Escola de Ciência da Informação, anteriormente denominada Escola de Biblioteconomia, criada por Etelvina Lima, em 1950, e incorporada posteriormente à Universidade de Minas Gerais.

O curso de Biblioteconomia de Minas Gerais incluía em seu currículo as disciplinas: Classificação, Catalogação, Bibliografia, Organização e Administração de Bibliotecas e, ainda, disciplinas de cultura geral, que eram representadas pelas disciplinas Evolução do Pensamento Filosófico e Científico e História do Livro. Posteriormente, foram oferecidas as

de História da Arte e Introdução aos Estudos Históricos e Sociais. Esse currículo serviu de base para o currículo mínimo, que passou a ser exigido para todos os cursos brasileiros da área.

Anteriormente a 1962, cada escola/curso determinava o seu programa curricular, julgado sempre o ideal, para formar, obviamente, um bibliotecário ideal, perfeito, moderno que, de posse de um saber técnico e cultural, atendessem à sociedade brasileira, no momento em que esta ampliava o processo de industrialização e o campo universitário e, principalmente, regulamentava e institucionalizava a pesquisa científica (Castro, 2000, p. 204).

De acordo com Russo (1966, p. 18), os currículos sofreram alterações ao longo dos anos tanto na duração do curso de Biblioteconomia quanto na quantidade de matérias ministradas. Através da Portaria nº 20, de 15 de janeiro de 1959, o Ministro da Cultura e Educação nomeou uma comissão para estruturar o currículo.

Até 1962, não havia um currículo mínimo obrigatório para as escolas de Biblioteconomia. Isso se deu somente após a modificação por Resolução do Conselho Federal de Educação, em 16 de novembro de 1962, homologada em 4 de dezembro. Com o currículo mínimo, o curso passou a ter a duração de três anos: a) 1º ano: Técnica do Serviço de Referência, Bibliografia em geral, Introdução à Catalogação e Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas, História do Livro e das Bibliotecas; b) 2º ano: Organização e Técnica de Documentação, Bibliografia Especializada, Catalogação e Classificação, Literatura e Bibliografia literária, Introdução à cultura histórica e sociológica; c) 3º ano: Catalogação Especializada, Classificação Especializada, Reprodução de Documentos, Paleografia, Introdução à cultura filosófica e artística (Mueller, 1985, p. 6).

Concomitante a aprovação do Currículo Mínimo, em 1962 foi publicada a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 que dispõe sobre a profissão do bibliotecário e a regulamenta, cria o Conselho Federal de Biblioteconomia e os Conselhos regionais de Biblioteconomia para fiscalização do exercício legal da profissão (Brasil, 1962). A Lei estabelece em seu artigo 2 que o exercício profissional fica a cargo dos profissionais que tenham Bacharelado em Biblioteconomia como formação. Foi um importante passo de reconhecimento profissional.

Em 1965, foi publicado o Decreto que regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. O artigo 8 do Decreto nº. 56725, de 16 agosto de 1965, da Lei que regulamenta a profissão de bibliotecário declara que são atribuições do profissional

Art. 8º São atribuições do Bibliotecário a organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas, bem como de empresas particulares, concernentes às matérias e atividades seguintes:

- I. o ensino das disciplinas específicas de Biblioteconomia;
- II. a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;
- III. administração e direção de bibliotecas;

- IV. organização e direção dos serviços de documentação;
- V. execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros ou preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (Brasil, 1965).

Em 1967, diante da insatisfação com o currículo, os professores dos Cursos de Biblioteconomia criaram a Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD), atualmente Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), que em 1982, conseguiu a publicação da Resolução nº. 08/82 do Conselho Federal de Educação que: “Fixa os Mínimos de Conteúdo e Duração do Curso de Biblioteconomia”.

“[...] Em 1982 foi aprovado o novo Currículo Mínimo de Biblioteconomia, sendo suas matérias divididas em três grupos: matérias de fundamentação geral, matérias instrumentais e matérias de formação profissional” (Almeida, 2012, p. 68). Contudo, Mueller (1985) afirma que o currículo mínimo aprovado em agosto de 1982 ainda difere em alguns pontos da proposta apresentada pelo Grupo de Trabalho em 1980. Na ocasião, tal currículo foi considerado demasiadamente extenso. “Essa resolução modificou, em 1984 – ano de efetiva implantação, a duração do curso para quatro anos e trouxe também alterações na própria estrutura curricular encaminhada pela ABEBD [ao CFE]” (Oliveira; Carvalho; Souza, 2009, p. 19).

Em 1986, foi publicada a Lei nº. 7.504, de 2 de julho de 1986, que definiu que para exercer a profissão de bibliotecário é necessário realizar registro e pagamento de anuidade no Conselho Regional de Biblioteconomia, em conformidade com a jurisdição a qual estiver o profissional atuando (Brasil, 1986).

Na década de 1990, a discussão em torno do tema *Modern Information Professional* (MIP) da Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), foi objeto de atenção por segmentos científicos e profissionais da área da informação, notadamente no âmbito internacional, e em uma abordagem interdisciplinar, no que tange às chamadas “Três Marias” (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) (Guimarães, 1997, p. 125). O termo “Três Marias” foi utilizado por Smith (1993) para designar a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, devido a suas trajetórias de origem serem similares. Essa nova tendência norteou as discussões acerca da reformulação curricular exigida à área de Biblioteconomia. Souza (2004) afirma que o termo Profissional da Informação pode ter dois significados:

- a) é composto por vários papéis profissionais já estabelecidos social e economicamente, incluído o bibliotecário ou b) é um novo papel profissional que está se estabelecendo social e politicamente a partir dos anos noventa ou no contexto em que se constrói a tal Sociedade da Informação ou do Conhecimento ou da Informação e do Conhecimento (Souza, 2004, p. 91-92).

Neste sentido, ocorreu uma movimentação geral coordenada pela ABEBD para promover os estudos de harmonização curricular entre o Brasil e os países do MERCOSUL,

o que conduziu a realização do I Encontro dos Dirigentes dos Cursos Superiores em Biblioteconomia do MERCOSUL, em 1996, "marco referencial para a história do ensino de Biblioteconomia latino-americano, visto permitir, pela primeira vez, uma discussão sistematizada sobre questões de ensino afetas ao segmento Mercosul" (Guimarães, 2000). No referido evento, a estrutura curricular foi organizada dentro do que foi designado "Área de Formação Profissional dos Cursos de Biblioteconomia", a saber: Área 1 – Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Área 2 – Processamento da Informação; Área 3 – Recursos e Serviços de Informação; Área 4 – Gestão de Unidades de Informação; Área 5 – Tecnologia da Informação; Área 6 - Pesquisa (Santos; Neves, 2014, p. 25-26).

Em 2000, ocorreu o IV Encontro de Diretores e o III Encontro de Docentes das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul. Naquele momento vivenciamos grandes mudanças sociais e na formação em Biblioteconomia, especialmente com o uso da denominação do Moderno Profissional da Informação (MIP). Nos referidos eventos, as competências do profissional bibliotecário foram uma das pautas principais de discussão, tendo sido aprovado um documento com a categorização das competências desejáveis e exigidas aos egressos do curso (Barité-Roqueta, 2014, p. 63-68). Na ocasião, elencaram quatro categorias de competências, a saber: 1) Competência em Comunicação e Expressão; 2) Competências Técnico-Científicas; 3) Competências gerenciais; 4) Competências Sociais e Políticas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Biblioteconomia foram estabelecidas em 2001, por meio de Parecer do Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação nº 492. Com isso, as escolas de Biblioteconomia brasileira adquiriram mais flexibilidade e autonomia para estabelecer seus projetos pedagógicos. "As IES [instituições de ensino superior] poderão acentuar, nos projetos acadêmicos e na organização curricular, características do egresso que, sem prejuízo do patamar mínimo aqui considerado, componham perfis específicos" (Brasil, 2001, p. 32-34).

Influenciadas pelas demandas da denominada sociedade da informação, algumas escolas de Biblioteconomia modificaram seus currículos, mudando também a denominação de seus cursos de graduação em Biblioteconomia, acrescentando Ciência da Informação (CI), ou até mesmo trocando para Ciência da Informação. Em 2009, apesar do movimento do MEC para a padronização das nomenclaturas, a classe acadêmica discordou desse posicionamento, apresentando argumentos que visavam garantir a flexibilidade conquistada anteriormente (Russo, 2010).

Nesse sentido, Pizarro (2017) chama atenção quanto ao discurso cada vez mais comum e centralizador na Ciência da Informação que é replicado pelos bibliotecários. "Tal discurso tem como principal reproduzidor a escola (o estatuto da ABECIN por si só já justifica

essa afirmação)” (Pizarro, 2017, p. 82). Ferreira (2016, p. 143) pontuou em seu estudo que há bibliotecários que consideram que a Ciência da Informação se sobressai ou “incorpora” a Biblioteconomia, ou ainda, faz parte do guarda-chuva da Ciência da Informação, o que é muito preocupante. Pizarro (2017, p. 82) alerta que tal situação causa a impressão de que as fronteiras entre a CI e a Biblioteconomia são invisíveis, levando a homogeneização dos modos de pensar, ser e agir das diversas corporações profissionais ligadas à informação.

Diante do exposto, ao refletir sobre os bibliotecários brasileiros, Pizarro (2017, p. 73) assinala dois aspectos que se destacam no caminho percorrido desde as primeiras bibliotecas no Brasil até o momento presente, a saber: 1) um tímido exercício ético-político dos bibliotecários que não conseguem transpor sua visão profissional além da atuação técnica; e, 2) um déficit de consciência dos bibliotecários sobre as potencialidades políticas e éticas de se voltar para valores sociais e menos utilitários. Assim sendo, a formação de bibliotecários ancorada nas dimensões social, ética e política é fundamental para a construção do pensamento crítico e para uma atuação mais efetiva diante das comunidades, conforme preconiza Lankes (2011). Por isso, questionar o ensino da Biblioteconomia, seus currículos, é essencial para uma formação que possa responder de fato aos anseios da sociedade.

De 1911 até os anos 1940 foram criados quarenta e dois cursos presenciais, dos quais alguns desapareceram, outros surgiram nos anos posteriores, abrangendo vinte (20) Estados e o Distrito Federal. Atualmente, de acordo com informações disponíveis no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior, o Cadastro e-MEC<sup>17</sup>, existem no Brasil quarenta e um (41) cursos presenciais e vinte e cinco (25) cursos na modalidade EAD de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação entre universidades federais, estaduais e particulares. A formação do bibliotecário brasileiro ocorre em nível superior (a grande maioria bacharelado em Biblioteconomia e apenas uma licenciatura em Biblioteconomia) e o exercício profissional é regulamentado por lei pelo Decreto 56.725 de 16 de agosto de 1965 e fiscalizado pelos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB)<sup>18</sup>.

A trajetória da Biblioteconomia no Brasil revela um panorama de crescimento e adaptação, com a expansão do número de cursos e a regulamentação da profissão. No entanto, persistem desafios relacionados à formação de profissionais com uma visão mais ampla, que transcenda a técnica e abarque as dimensões social, ética e política. A superação

---

<sup>17</sup> E-MEC. Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. Disponível em: <https://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

<sup>18</sup> CRB-1: Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; CRB-2: Pará, Amapá e Tocantins; CRB-3: Ceará e Piauí; CRB-4: Pernambuco e Alagoas; CRB-5: Bahia e Sergipe; CRB-6: Minas Gerais e Espírito Santo; CRB-7: Rio de Janeiro; CRB-8: São Paulo; CRB-9: Paraná; CRB-10: Rio Grande do Sul; CRB-11: Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima; CRB-13: Maranhão; CRB-14: Santa Catarina; CRB-15: Paraíba e Rio Grande do Norte.

desses desafios é crucial para que os bibliotecários possam exercer um papel transformador na sociedade, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e democrático.

### 2.2.1 O movimento associativo bibliotecário brasileiro

*"Por um longuíssimo período, bibliotecários  
viam o serviço como estar sempre à  
disposição para servir. Você deve esperar  
que eles compreendam que ninguém mudou  
o mundo estando sempre à disposição"*  
(Lankes, 2016, p. 146).

É importante e necessário evocarmos a reflexão acerca da constituição do movimento associativo bibliotecário brasileiro, uma vez que, por meio dele que a classe bibliotecária se reúne para se capacitar e discutir sobre questões emergentes da área, tal como a perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes, que se tornou conhecida no Brasil em decorrência do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD) organizado pela FEBAB, conforme mencionamos anteriormente.

No âmbito deste trabalho, o movimento associativo tem uma importância que requer destaque: 1) conforme mencionado acima, R. David Lankes apresentou aos bibliotecários brasileiros sua Nova Biblioteconomia em um evento promovido por uma instituição associativa; 2) dentre os procedimentos metodológicos, está a identificação de elementos da Nova Biblioteconomia em exemplos de bibliotecários brasileiros apresentados no CBBBD.

De acordo com Luchmann (2014, p. 165), o associativismo é importante porque desloca "as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o coletivo – ou sistêmico –, requisito essencial para o desencadeamento de um movimento social", contribuindo para o desenvolvimento de percepções e sentidos além da dimensão pessoal e individual. Neste sentido,

[...] as principais funções democráticas dos movimentos sociais estão na sua capacidade de alterar a realidade social, seja no plano cultural, seja no institucional, no sentido de expor e lutar contra as relações de poder e de dominação que caracterizam as diferentes esferas e espaços da vida social (Luchmann, 2014, p. 165-166).

De acordo com Almeida Júnior (1997) uma associação deve surgir da necessidade de uma classe profissional, sendo construída a partir e com as necessidades dos profissionais da área. Para situar a constituição do movimento associativo bibliotecário brasileiro, Ribeiro, Miranda e Reis (2015) remontam a história da formação do bibliotecário brasileiro, com a criação do primeiro curso de Biblioteconomia do país, no Rio de Janeiro em 1911, o surgimento dos cursos em São Paulo em 1929 e 1936 para pontuar que tais iniciativas

educativas culminaram na primeira entidade de classe da área em 1932, a Associação Paulista de Bibliotecários.

No Brasil, a primeira Associação de Bibliotecários surge em 1938, no estado de São Paulo, impulsionando o avanço da formação desse profissional no país. Já a entidade representativa do movimento associativo brasileiro foi fundada em 26 de julho de 1959 como Federação das Associações de Bibliotecários (FEBAB), hoje chamada Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. A decisão de criar a FEBAB se consolidou no II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, ocorrido em julho, em Salvador. Baseados nos estudos de Bernadette Sinay Neves (até onde se sabe, a primeira bibliotecária brasileira a realizar estudos sistematizados sobre a criação de uma federação do gênero), Laura Russo e Rodolfo Rocha Júnior apresentaram a proposta durante o evento (Castro, 2000).

A FEBAB possui sede e foro na cidade de São Paulo, com prazo de duração indeterminado e é classificada como uma sociedade civil, sem fins lucrativos e sua função primordial é defender e auxiliar o desenvolvimento da profissão no Brasil, exercendo seu papel político para a abertura de discussões sobre a profissão. Para cumprir sua missão, a FEBAB possui Diretoria Executiva, Conselho Fiscal, Comissões Brasileiras, Grupos de Trabalho e Assessorias. É o braço brasileiro da *International Association of Library Association and Institutions* (IFLA).

Moro, Mota, Lima e Abati (2015, p. 17) pontuam que a propulsora do surgimento de entidades de natureza e responsabilidades técnicas, políticas e sociais distintas e interdependentes na Biblioteconomia, foi a regulamentação da profissão com a Lei 4.084 de junho de 1962 que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício, que foi uma grande vitória dos bibliotecários. O Decreto 56.725 de 16 de agosto de 1965 que regulamenta a Lei no 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Decreto que, entre outras determinações, possibilitou a instalação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, alguns anos depois. Dentre as entidades mencionadas pelas autoras, se encontram:

Grupo do qual fazem parte os cursos de Biblioteconomia (instituições de ensino superior, responsáveis pela formação dos bibliotecários); o Conselho Federal e Conselhos Regionais de Biblioteconomia (autarquias de direito público, responsáveis pela orientação e a fiscalização do exercício profissional); as bibliotecas de todas as tipologias (serviços de informação, cultura e educação, tradicionais ou não, responsáveis pela mediação da informação à sociedade em geral); as associações e a federação de Bibliotecários (entidades civis de direito privado, responsáveis pela socialização dos conteúdos profissionais, por meio de eventos); e os sindicatos de Bibliotecários (entidades civis de direito privado, responsáveis pela mediação das relações de trabalho) (Moro; Mota, Lima; Abati, 2015, p. 17).

Em 1954, profissionais de diversas regiões do Brasil se reúnem para apresentar seus trabalhos no primeiro evento nacional da Biblioteconomia brasileira: o I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB). Durante a realização do II CBBB, ocorrido em 1959, a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários foi criada (Ribeiro; Miranda; Reis, 2015; Castro, 2000).

A idéia da sua criação foi apresentada por Laura Russo e Rodolfo Rocha Júnior, cuja proposta inicial do nome para o órgão que congregaria todas as associações de classe seria *Federação das Associações Brasileira de Bibliotecários - F.A.B.B.*, mas os participantes do referido evento optaram por *Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários* (FEBAB, 1961, p. 38), pois entendiam que esta denominação seria mais fácil de entendimento e pronúncia (Castro, 2000, p. 178, grifo do autor).

Após um longo trabalho de *bibliotecários-líderes*, conforme mencionado anteriormente, a regulamentação da profissão de bibliotecário aconteceu em 1962. No mesmo ano, o Conselho Federal de Biblioteconomia foi criado, no entanto, após quatro anos de sua criação é que iniciou suas atividades. No contexto brasileiro, os órgãos de classe profissional da Biblioteconomia estão divididos nas seguintes categorias: associações, sindicatos e conselhos profissionais, tendo cada uma das categorias suas características e finalidades específicas.

Os **Conselhos de Classe** existem, essencialmente, para fiscalizar o exercício da profissão, ou seja, para proteger a sociedade dos profissionais leigos no exercício da profissão, fazendo com que desta forma, a sociedade tenha profissionais qualificados nas suas atividades. E, em consequência ao processo fiscalizatório, o conselho divulga a profissão. As **associações** destinam-se a trabalhar na promoção de eventos de qualificação profissional, divulgando também as vagas para os profissionais. Tal atividade resultará no marketing da profissão. As associações estão amparadas por leis que lhes possibilitam tal atuação. Já aos **sindicatos** cabe às relações de trabalho, tais como salário, horas extras, insalubridade, acordos e dissídios coletivos, etc. (Ribeiro; Miranda; Reis, 2015, p. 5-6, grifo nosso).

No Brasil temos quinze associações de bibliotecários, conforme podemos ver abaixo:

- Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia (AAPB)
- Associação dos Bibliotecários do Ceará (ABCCE)
- Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF)
- Associação dos Bibliotecários de Goiás (ABG)
- Associação Profissional de Bibliotecários do Maranhão
- Associação Profissional de Bibliotecários de Mato Grosso do Sul (APBMS)
- Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais (ABMG)
- Associação Profissional de Bibliotecários do Paraíba (APBPB)
- Associação Bibliotecária do Paraná (ABPR)
- Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco (APBPE)
- Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí (ABEPI)

- Associação Profissional de Bibliotecários do Rio Grande do Norte (APBERN)
- Associação Rio-Grandense de Bibliotecários (ARB)
- Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB)
- Associação Profissional dos Bibliotecários e Documentalistas de Sergipe (APBDSE)

Ribeiro, Miranda e Reis (2015), os movimentos associativos é que permitem que os profissionais se engajem em temas da área, assim como colaboram para uma formação crítica e atuação do profissional. No entanto, os autores ressaltam que o tema é pouco explorado por estudantes e pela classe profissional. Afinal, "o envolvimento em entidades de classe contribui não só para a entidade em si, mas também para os colegas de profissão e para o fortalecimento e reconhecimento da classe" (Ribeiro; Miranda; Reis, 2015, p. 16).

Participar nos destinos, no desenvolvimento e evolução da Biblioteconomia e da classe bibliotecária, através, obviamente, das Associações, buscando estar presente também como "produtor" e "administrador" da História e não apenas como mero e calado "receptor" e "espectador" dela. A influência física e intelectual nas alterações existentes no mundo, se faz através de atividades sócio-político-econômico-culturais encontradas também em nossa postura e participação como profissionais (Almeida Júnior, 1997, p. 107).

Nesse sentido, é importante ressaltar que não basta a criação de uma entidade de classe, que se configura como o primeiro passo do movimento associativo, mas é preciso que as associações existam de fato, funcionando e fazendo a diferença. Assim sendo, é necessário para a Biblioteconomia brasileira que os seus profissionais se engajem ativamente no movimento associativo, pois, tais órgãos são o espaço para a troca e compartilhamento de experiências e problemas em comuns, para proporcionar aprendizado e, sobretudo, o fortalecimento e o crescimento profissional nos âmbitos educativo, social e político.

Para além da mera formalização de entidades, o movimento associativo bibliotecário brasileiro necessita de dinamismo e engajamento constante. A participação ativa dos profissionais em associações, como a FEBAB, transcende a simples filiação, exigindo um compromisso com a construção coletiva de soluções para os desafios da área. É nesse espaço de diálogo e colaboração que se fortalecem as bases para a inovação, a defesa dos interesses da classe e a promoção de uma Biblioteconomia alinhada com as demandas da sociedade contemporânea.

Em última análise, o futuro da Biblioteconomia brasileira depende da capacidade de seus profissionais de se unirem em torno de objetivos comuns. O movimento associativo, ao promover a troca de experiências, a atualização profissional e a defesa dos direitos da categoria, desempenha um papel crucial na construção de uma Biblioteconomia mais forte, relevante e comprometida com a transformação social. Ao participarem ativamente desse movimento, os bibliotecários brasileiros não apenas fortalecem sua profissão, mas também contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e informada.

### 3 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*“Aqueles que têm a chance de dedicar suas vidas ao estudo do mundo social não podem recolher-se, neutros e indiferentes, diante da luta da qual a aposta é o futuro do mundo”  
(Pierre Bourdieu)<sup>19</sup>.*

Para compreendermos a sociedade contemporânea que emerge uma Nova Biblioteconomia, inicialmente, se faz necessário refletir acerca da palavra-chave da missão norteadora de Lankes (2011) para o bibliotecário: comunidade. De acordo com Lankes (2011) a perspectiva da Nova Biblioteconomia é voltada a melhoria da comunidade por meio da construção do conhecimento.

Silva e Hespanol (2016, p. XX) mencionam que há duas perspectivas acerca dos estudos sobre comunidade: 1) perspectiva voltada a “coesão social e relações recíprocas, partilhando condições básicas de uma vida em comum, fundadas nas relações de parentesco, amizade e vizinhança”, em conformidade com os autores clássicos, como “Tönnies (1947 e 1973), Maclver e Page (1973), Fichter (1973), Wirth (1973), Park e Burges (1973), Buber (1987), Aldous (1995), entre outros”; e, 2) perspectiva que concebe as novas tecnologias digitais da informação e comunicação como colaboradoras na constituição de “uma comunidade estética, em que vigoram determinados padrões e comportamentos individualistas, destacando-se entre os autores Bauman (2003), Durham (2004) e Peruzzo (2002 e 2009)”.

No âmbito deste trabalho, partindo do princípio de que a teoria objeto de análise se configura como uma perspectiva contemporânea da Biblioteconomia adotou-se a reflexão apresentada pelos autores do século XXI, que concebem as comunidades a partir das mudanças ocorridas na sociedade a partir do uso cotidiano das novas tecnologias digitais de comunicação e informação, para além de um espaço físico geograficamente constituído em comum entre os membros da comunidade, mas sem ignorar as relações recíprocas que se estabelecem.

A comunidade não requer mais a existência de um local comum. A noção de território se ampliou. Comum não é a geografia física, mas a das ideias, de valores partilhados. O que é comum tende a emergir cada vez menos a partir de tradições e mais espontaneamente, de opções de prazer, de lazer, de convívio, de pensar, de manifestar-se (Lazzari; Mazzarino; Turatti, 2017, p. xx).

---

<sup>19</sup> LANZMANN, Claude; REDEKER, Robert. Les méfaits d'un rationalisme simplificateur. **Le Monde**, 18 set. 1998. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/archives/article/1998/09/18/les-mefaits-d-un-rationalisme-simplificateur\\_3668400\\_1819218.html](https://www.lemonde.fr/archives/article/1998/09/18/les-mefaits-d-un-rationalisme-simplificateur_3668400_1819218.html)>. Acesso em: 16 nov. 2018.

“Cada território é, portanto, moldado a partir da combinação de condições e forças internas e externas, devendo ser compreendido como parte de uma totalidade espacial” (Albagli, 2004, p. 27).

Ao introduzir o conceito de "comunidade", Zygmunt Bauman utiliza definições originárias do senso comum ao exemplificar o conforto de fazer parte de uma comunidade. Pontua a constatação de Raymond Williams sobre a comunidade como notável condição: "ela sempre foi", para dizer que se trata do tipo de mundo que – lamentavelmente – não está ao nosso alcance (Bauman, 2003, p. 9). “Comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá” (Bauman, 2003, p. 9).

De acordo com Bauman (2003), “[...] a comunidade é um lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante” (Bauman, 2003, p. 7). Neste sentido, Castells (2003) adota a definição de Barry Wellman que ele considera como a mais apropriada para definir comunidades e vai de encontro com o "lugar confortável e aconchegante" mencionado por Bauman (2003) ao conceber a comunidade

[...] como redes de laços interpessoais que fornecem sociabilidade, apoio, informação, um sentimento de pertença e identidade social. Não limito meu pensamento sobre a comunidade a bairros e aldeias. Este é um bom conselho para qualquer época e especialmente pertinente para o século XXI (Wellman, 2001, p. 228, tradução nossa).

Contudo, embora Bauman pontue que a comunidade seja um local acolhedor e cômodo, deixa claro que não podemos ter a segurança que a comunidade nos confere concomitante com a liberdade. “A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito” (Bauman, 2003, p. 10). Assim, o autor apresenta a tensão que se dá entre a falta de liberdade e o sentimento de segurança como características da vida em comunidade. Bauman (2003) retoma a concepção clássica de comunidade e os sentimentos vinculados a ela, como a afetividade, o pertencimento e a segurança. Em contrapartida, o contraste da vida em comunidade se dá com sentimentos de pouca autonomia e liberdade, o que vai à contramão da concepção de modernidade líquida apresentada pelo autor. O paradoxo está em ao mesmo tempo em que queremos ter o conforto e a segurança proporcionada pela comunidade e existir com o outro, queremos ter a liberdade conquistada na vida em sociedade líquida, conforme pontua Bauman (2003), Lazzari; Mazzarino e Turatti (2017).

A comunidade em sua expressão contemporânea é mais contraditória e paradoxal que nunca. O estar junto, compartilhar a experiência em uma relação de reconhecimento recíproco requer ocupar um lugar ao mesmo tempo de ausência e presença de si. Para ser é preciso existir com o outro. Esta exigência humana é o que ajuda a constituir a subjetividade de cada um ao mesmo tempo que a limita (Lazzari; Mazzarino; Turatti, 2017).

No contexto da Nova Biblioteconomia, Lankes (2011, 2016) utiliza o termo comunidades para designar as pessoas que compõem um grupo e compartilham de algo em comum. Assim sendo, para Lankes (2016), o uso da palavra comunidade é empregado de maneira ampla, a saber:

Comunidades são grupos de pessoas que se reúnem em torno de uma variável comum. Essa variável pode ser o local onde vivem, a escola onde estudam, a organização onde trabalham, e por aí vai. Em todos esses casos, supõe-se que os membros de uma comunidade tenham consciência dessa variável e que deliberadamente façam parte dessa comunidade (Lankes, 2016, p. 115).

Contudo, o fato de Lankes (2016) abordar a concepção de comunidades de maneira ampla, não exclui a necessidade de compreender a comunidade e os indivíduos sob a perspectiva das sociedades contemporâneas (Bauman, 2003; Canevacci, 2009), assim como os fatos que modificam o comportamento dessas comunidades (Castells, 2002 ; Leandro, 2008 ; Santaella, 2016), conforme podemos ver a seguir.

Bauman (2003) aborda a relação entre Modernidade e Comunidade, tomando como plano de fundo a aceitação de comunidade mais difundida, como um agrupamento integrado e baseado em relações sociais duradouras e multi integradas. No entanto, o próprio Bauman evidencia o contraste entre as concepções de Modernidade e Comunidade, à medida que a modernidade impacta profundamente as relações sociais, "pois a Modernidade se põe no espaço social a partir da complexificação e segmentação o que estimula o individualismo" (Leandro, 2008, p. 158). Neste sentido, o autor nos mostra que a Modernidade dissolveu todas as referências que balizavam a identidade das pessoas e transformou completamente as noções de relacionamento, sociedade, espaço, tempo, comprometimento e lealdade, tornando o indivíduo mais inseguro, egoísta e narcisista.

Com isso, formou-se uma sociedade baseada na transformação, em que nada é perene, nada dura; tudo é líquido, as pessoas se renovam, se reciclam, mas nunca estão satisfeitas. Vivencia-se constante sensação de falta de tempo e da necessidade de produtividade, de ter que fazer sempre mais para alcançar algum lugar, mas o próprio indivíduo não sabe onde quer chegar.

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma "comunidade" de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo — que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem (Bauman, 2003, p. 61).

As comunidades hoje são somente no nome, não quer dizer que as pessoas vivam tal como o significado da palavra. Vivemos em "comunidades cercadas" pesadamente guardadas e eletronicamente controladas para manter distância da vida comum da cidade. Diante disso, Bauman (2003, p. 49) detectou e pontuou que na sociedade contemporânea há uma

extraterritorialidade mental e moral, onde os indivíduos não se importam em ficar sós, em que há um distanciamento e desengajamento com o que pensa diferente.

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação em que as regras do jogo mudam no meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa. As dores que causam aos indivíduos não se somam, não se acumulam nem condensam numa espécie de “causa comum” que possa ser adotada de maneira mais eficaz unindo as forças e agindo em uníssono [...] (Bauman, 2003, p. 48).

Por outro lado, há certa facilidade em adquirir e desfazer-se de uma identidade comum quando é satisfatória ou quando deixa de ser comparada a outra identidade mais sedutora. O autor esclarece que isso “é muito mais importante do que o “realismo” da identidade buscada ou momentaneamente apropriada” (Bauman, 2003, p. 61-62). Assim sendo, a Modernidade impacta profundamente as relações sociais, pois ela estimula o individualismo o que acaba transformando a orientação para os interesses coletivos como algo desafiador (Bauman, 2003; Leandro, 2008).

Neste sentido, Massimo Canevacci (2009, p. 8), cunhou o conceito de multívíduo para definir o homem [ser humano] contemporâneo, que em crise com a perspectiva coletiva, é “multi”, complexo, fugidio e fugaz. Para Canevacci (2009, p. 17), as pessoas podem desenvolver uma multiplicidade de identidades, fazer uma coabitação flutuante de diferentes *selves* (plural de *self*) que coabitam, às vezes conflita ou constroem uma nova identidade, flexível e pluralizada. Em linhas gerais, não há mais uma única identidade, mas identidades no plural, fluida, em trânsito e passageira.

A Modernidade confere às relações sociais características que provêm da maior segmentação da sociedade e do individualismo (Leandro, 2008). Desse modo, podemos afirmar que as novas tecnologias digitais da informação e comunicação, dificultam a unidade e a homogeneidade da comunidade, pois afeta seus mecanismos de proteção ao facilitar a comunicação sem fronteiras rígidas.

A cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha ares mercantis, em que os frágeis laços têm a possibilidade de serem desfeitos frente a qualquer desagradado de ambas as partes. Privatizam-se não somente os “serviços” de cunho social (que na modernidade sólida eram direitos do cidadão), como as próprias parcerias humanas (Leandro, 2008, p. 160).

Ao falar sobre a modernidade líquida, característica contemporânea da sociedade, Bauman (2001, p. 136-137) faz uma analogia com o *hardware* e o *software*. Para o autor, a modernidade sólida era como o *hardware*: pesado, fixo e limitado. Já a modernidade líquida seria representada pelo *software*: em constante mudança e evolução.

O trabalho sem corpo da era do software não mais amarra o capital [...]. O Capital pode viajar rápido e leve, e sua leveza e mobilidade se tornam as fontes mais importantes de incerteza para todo o resto. Essa é hoje a principal

base da dominação e principal fator das divisões sociais (Bauman, 2001, p. 141).

A passagem da modernidade sólida para a modernidade líquida acarretou profundas mudanças em todos os aspectos da vida humana. A modernidade líquida é representada, sobretudo, pela incerteza. Mais do que nunca, trata-se de uma sociedade em que os indivíduos estão imersos num espaço social onde há infinitas possibilidades de escolha e liberdade, sendo cada um responsável pela sua felicidade e seu fracasso. É marcada pela fluidez da identidade, das certezas e dos laços afetivos. Como afirma Silva (2012, p. 28):

A grande mudança observada na sociedade líquido-moderna é a configuração de um tempo aonde o que está em primeiro plano não é a segurança de um mundo ordenado, mas sim, ambivalência derivada tanto da multiplicidade de cálculos quanto da escolha de quais variáveis devem ser consideradas para a execução de tal operação.

A criação de um espaço virtual seria a possibilidade de ir a qualquer lugar sem a limitação do espaço convencional, rígido. O poder, assim, se liquefaz, ocupa mais espaço e é livre para movimentar-se em qualquer espaço e tempo.

Enquanto as sociedades pré-modernas possuíam, em sua maioria, uma dimensão localizada, havendo uma plena coincidência entre o espaço (e o lugar) e o tempo, a modernidade engendrou uma mudança radical nessa relação, processando um verdadeiro “desencaixe” tempo-espaço (Albagli, 2004, p. 54).

Nesse aspecto, Castells (2002, p. 488) defende o uso do termo “cidade informacional” ao considerar que a natureza da sociedade contemporânea é baseada no conhecimento, organizada em torno de redes e formada de fluxos. Assim, a cidade informacional é a cidade de fluxo, onde as transformações sociais são potencializadas pelas tecnologias digitais da informação e comunicação e conduziu a novas formas de interação dos sujeitos com o espaço urbano. O autor assinala que o conhecimento, base da sociedade contemporânea, reflete a relação complexa entre espaço e sociedade, entendendo que o espaço não se trata do reflexo da sociedade, mas trata-se da expressão da sociedade (Castells, 2002, p. 500).

O número de usuários da internet cresce gradualmente e o acesso à informação é cada vez mais amplo e dinâmico. "O desenvolvimento da telefonia celular e dos computadores portáteis, que desamarra de forma ainda mais radical os pontos de comunicação da rede, intensificou os processos de desterritorialização" (Santaella, 2016). Todo este contexto modifica a maneira como significamos as relações sociais e quanto ao uso da informação.

Hoje temos um cenário em que lidamos com sujeitos que podem ser, ao mesmo tempo, leitor/consumidor, autor e classificador da informação. Santaella (2016, p. 45) afirma que "vivemos hoje uma revolução não apenas informacional, mas, sobretudo, semiótica". Houve uma mudança, também, na maneira como as pessoas se comunicam e se expressam. A comunicação na era digital reveste-se de total importância, seja pelo aspecto produtivo, de valores, de comportamento, seja pela maneira de falar, de estabelecer a relação com o corpo,

e com a identidade (Canevacci, 2009, p. 10). Em “A Sociedade em Rede”, Castells (2002) ressalta a mudança na comunicação que deixou de ser no sentido de Um para Todos, em que há um emissor e um receptor, conforme a Teoria Matemática da Comunicação (Shannon; Weaver, 1975) para um sentido Todos para Todos, partindo do princípio de que no contexto da Internet, todos têm a possibilidade de produzir conteúdo e comunicá-los igualmente como qualquer sujeito da sociedade em rede, embora saibamos das assimetrias também geradas pela rede que acentuam as inúmeras desigualdades sociais e tecnológicas.

Sobre o conceito de “Sociedade em Rede”, foi criado pelo espanhol Manuel Castells na década de 1970, e relaciona o conceito de capitalismo informacional, e constrói seu raciocínio partindo da história do forte desenvolvimento das tecnologias e seus impactos nos diversos campos das relações humanas. A proposta nasce ainda com a *Advanced Research Projects Agency (ARPAnet)*, de forma bastante visionária como “o embrião de uma rede mundial, uma “rede de redes”, a Internet que hoje conhecemos” (Lins, 2013, p. 13). Desse modo, as “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (Castells, 2002, p. 565). Os mecanismos de vigilância presentes nas redes rastreiam nossos passos e captam nossos dados ao interagirmos, sobretudo, por meio dos aplicativos que acessamos e damos permissão de acesso aos nossos dados.

As tecnologias digitais possibilitam aos usuários grande mobilidade na busca de informação em fontes distintas, oportunizando a criação dos próprios espaços de produção e comunicação da informação (Freire, 2008, p. 65). Assim sendo, a sociedade hoje quer fazer parte, quer construir, escrever e expor suas ideias. Neste aspecto, as redes sociais têm um papel muito importante para garantir ao seu usuário o protagonismo. Por isso, o *Facebook* é uma das redes sociais mais usadas atualmente, sobretudo, no Brasil. Em um evento promovido em Chicago, no dia 22 de junho de 2017, Mark Zuckerberg (Diretor Executivo do *Facebook*) afirmou que a nova missão do *Facebook* é “dar às pessoas o poder de criar comunidades e aproximar o mundo” (Payão, 2017).

Em contrapartida, Zygmunt Bauman durante a entrevista concedida a Ricardo de Querol, em Burgos, na Espanha, afirmou que as comunidades em rede são diferentes pelo controle exercido pelos usuários ao relacionar-se, sobretudo, com aqueles que compactuam com os mesmos ideais, conforme podemos ver:

A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas **a rede pertence a você**. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades,

se envolver em um diálogo. O Papa Francisco, que é um grande homem, ao ser eleito, deu sua primeira entrevista a Eugenio Scalfari, um jornalista italiano que é um ateu autoproclamado. Foi um sinal: o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você. As redes sociais não ensinam a dialogar porque **é muito fácil evitar a controvérsia**.... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras. As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha (Querol, 2016, p. xx, grifo nosso).

Nesse sentido, as redes sociais nos dão uma falsa sensação de pertencimento e interatividade. Temos mais informação e recursos para lazer, no entanto, nunca há tempo disponível para desfrutar. Concebemos uma capacidade de conexão e aproximação em tempo real com o mundo inteiro, mas, ao invés de proporcionar aproximação, criou-se bolhas de pensamento que propagam informações falsas (*fake news*), teorias conspiratórias e dando voz e vez a radicalismos variados. Bauman (2003, p. 60) pontua que “saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança”. Nessa sociedade líquida e individualista, vislumbrar o próprio reflexo é mais confortável. Todavia, vislumbrando o conceito de multivídeo para ser um indivíduo contemporâneo, o diferente pode coexistir sem causar maiores desconfortos, ainda que insista em ser evitado. No entanto, ainda há motivos para crer que a comunidade ainda pode ser despertada nessa sociedade líquida da contemporaneidade. Zygmunt Bauman (2003) alerta que não há como caminhar sozinho, somos todos convergentes.

Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e **devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo**. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida — mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente (Bauman, 2003, p. 133-134, grifo nosso).

A configuração atual de redes ocasionada pelo desenvolvimento das tecnologias de informação torna nossa sociedade contemporânea cada vez mais desterritorializada e interligada. Desse modo, podemos afirmar que a comunicação se tornou um fenômeno que parece irreversível, e talvez o importante seja que os usuários reorientam suas atuações nas redes virtuais a fim de impactar construtivamente o “real”.

No mundo contemporâneo, a manipulação via propaganda política é capaz não apenas de criar necessidades e critérios de felicidade para o povo, mas também de fabricar os heróis de nossa época e controlar a imaginação das massas por meio de biografias laudatórias e histórias de sucesso. Essas habilidades nos levam a fazer uma pausa para pensarmos sobre um totalitarismo “aveludado” – uma forma controlada de manipular a consciência e a imaginação disfarçada de democracia liberal, que permite a escravização e controle até mesmo dos críticos (Bauman; Donskis, 2019, p. 21-22).

De acordo com Avritzer (2005, p. 570), ao longo do século XX o principal projeto político das elites brasileiras foi a modernização do país, que era predominantemente rural, transformando-o na décima economia industrial do mundo. No entanto, todo o desenvolvimento do período nos trouxe como herança o título de um dos países mais desiguais, que utilizou da mão-de-obra africana, afro-brasileira e indígena para tal modernização, inclusive do racismo brasileiro que nos funda, promovendo o status quo da elite brasileira.

Com a modernização do país, as cidades aumentaram seu nível populacional, mas não houve um aumento proporcional dos serviços públicos. “O processo de modernização econômica do Brasil gerou enormes desigualdades sociais em nível local” (Avritzer, 2005, p. 570). Assim, cidades em que havia uma parcela da população pobre ou muito pobre, tinham a média superior à taxa de pobreza nacional, como é o caso da região Nordeste, que no período de 1984 tinha cerca de 50% da população pobre ou muito pobre enquanto a taxa do Brasil era pouco mais de 35% da população pobre ou muito pobre (Avritzer, 2005).

Em termos de Brasil, até o final da década de 80, a internet destinou-se, prioritariamente, à comunidade científica e acadêmica, sem fins comerciais. Mas, a partir dos anos 90, o acesso à Rede, sob a responsabilidade direta da Rede Nacional de Pesquisa (RNP), criada em 1990, sob a gestão do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) e coordenação direta do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), teve crescimento vertiginoso (Targino, 2006, p. 46-47).

A informação é um direito fundamental presente na Constituição Brasileira, de 1988, e na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. No entanto, “No Brasil, pode-se afirmar que parte da população não participa das políticas públicas de maneira geral, por desconhecimento de seus direitos e deveres na sociedade, uma vez que para participar é necessário estar informado” (Ferreira, 2015, p. 147).

Ademais, não basta ter acesso ao circuito informativo para participar das decisões públicas. Muitos brasileiros recebem informações via rádio e TV. Mas a maioria continua à margem do debate público, por não apreender a essência dos fatos. Indiferente ao avanço tecnológico, o estágio socioeconômico predominante da população corresponde a saída da oralidade para a audiovisualidade, sem sequer o domínio da leitura, na aceção de atribuição de sentido a um texto, em relação dialógica autor X leitor (Targino, 2006, p. 52).

Tefko Saracevic (1974) afirma que o critério de uso da informação e a tomada de decisões a respeito de problemas específicos de uma sociedade implica na capacidade de gerar conhecimento e/ou aproveitar conhecimentos já existentes, a fim de promover o desenvolvimento científico e social, implicando, também, na capacidade da sociedade, como um todo, de se beneficiar de produtos e serviços oriundos deste desenvolvimento. Assim sendo, a sociedade da desinformação é facilmente manipulada, coagida e incentivada a

permanecer no seu *status quo* para a manutenção do poder, que na maioria das vezes não visa o interesse das camadas sociais que mais necessitam (Duarte, 2018, p. 69).

Em outras palavras, a recuperação da qualidade de vida do cidadão brasileiro passa pela difusão da informação, passa por uma postura fundamentalmente social da Biblioteconomia e do bibliotecário, passa pela democracia, que tem, assim, na informação, o pressuposto maior e que significa força conjunta, engajamento social e político, ou seja, cidadania (Targino, 2006, p. 74). Nesse sentido, David Nemer, (2019) assinalou em sua palestra proferida na ocasião do XVIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação que as bibliotecas servem como alicerces da sociedade e representam e exemplificam a necessidade de defender as instituições públicas, sobretudo no momento social vivenciado pelo Brasil, momento que ele denomina como “uma era de atomização, polarização e desigualdade” (Nemer, 2019, p. 12).

Um dos pilares da Biblioteconomia e Ciência da Informação é o estudo de como as pessoas procuram, compartilham, e consomem informações. Esse entendimento do comportamento humano em relação à informação oferece insights poderosos sobre como podemos projetar melhores plataformas de informações para diferentes setores da sociedade. Uma compreensão mais profunda do comportamento das informações pode ajudar as plataformas a projetar sistemas mais resistentes à propagação de fake news - como já descrito (Nemer, 2019, p. 12-13).

Nesse sentido, Targino (2006) pontua que as informações veiculadas pelos meios de comunicação de massa não atendem à demanda e “com frequência, sofre formas de falseamento e encobrimento das notícias como pensamento censurado. Nem sempre consegue ser apreendida e assimilada adequadamente pelo público a que se destina” (Targino, 2006, p. 73). Sobretudo hoje, com o contexto político e social que vivemos e com o uso de *Fake News*, torna-se ainda mais urgente e necessária não só a mediação como o letramento informacional.

Ora, se a informação sempre fez parte da vida da humanidade, na função de instrumento propulsor do avanço do conhecimento humano, das nações e dos povos, hoje, assume natureza revolucionária. Suas dimensões quase infinitas, seu caráter instantâneo, seu alcance global e seu volume imensurável transcendem o alcance e o controle dos cidadãos, haja vista que não obedece a delimitações espaciais, lingüísticas, culturais e políticas, atingindo as mais distintas facetas da vida do ser humano (Targino, 2010, p. 42).

Há muita informação disponível em rede, muitas ferramentas que facilitam o armazenamento e o compartilhamento da informação, mas a maioria desses aparatos estão distantes de serem considerados socialmente inclusivos e democráticos. Diante do exposto, mesmo com o potencial que a informação tem para impulsionar a construção do conhecimento, fica claro a existência de uma lacuna “[...] entre os indivíduos que não tem oportunidade de acesso e, muitas vezes, nem mesmo o conhecimento do potencial que este

propicia, faltando espaços apropriados para o contato inicial, do qual a biblioteca deveria ser provedora” (Duarte, 2018, p. 69).

Esse abismo social foi crescente com a pandemia da COVID-19. A crise afetou a saúde e trouxe à tona problemas sociais e desigualdades; sujeitos invisibilizados; modificou ainda mais as relações sociais, num contexto mundial. Com a declaração da pandemia e do distanciamento social como forma de controle e saúde social, podemos observar, também, o surgimento e a adaptação (ou ainda radicalização da precarização) de vários postos de trabalho que passaram a ser realizados remotamente, utilizando os computadores e à internet; as escolas e Universidades passaram a oferecer os cursos na modalidade online com o Ensino Remoto Emergencial (ERE)<sup>20</sup>; a educação a distância (EAD) cresceu muito no período; os aplicativos de compras de comida, mercado, farmácia, lojas de departamento e outras necessidades foram abundantemente utilizados.

As bibliotecas também precisaram se reinventar para se aproximar do público em isolamento social por medidas de segurança. Com isso, as tecnologias digitais de informação e comunicação foram aliadas. Muitas iniciativas voltadas a comunicação, formação, divulgação e disseminação de informações foram criadas. Intensificou-se o uso do serviço de referência virtual; serviço de agendamento de empréstimos; uso de redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram* com postagens voltadas a esclarecimentos sobre normalização de trabalhos acadêmicos e preenchimento do Currículo Lattes; disponibilização de produtos digitais como assinaturas de bibliotecas virtuais e acesso a bases de dados; tutoriais com orientações para acesso e uso de base de dados e Repositório Institucional, informações sobre a Covid-19; promoção de oficinas e encontros online.

Oliveira (2021) menciona que na Universidade de Campinas (UNICAMP) as bibliotecas instauraram o empréstimo domiciliar de publicações por meio de plantões de atendimento e a entrega por agendamento (sistema *take away*); regime de quarentena para publicações devolvidas; ênfase no atendimento online; liberação temporária de acesso gratuito às plataformas digitais de informação e aquisição de bibliotecas digitais de *e-books* nacionais. O Programa de Competência em Informação do Sistema de Bibliotecas da UNICAMP, realizou a divulgação de programas de capacitação online para o uso de fontes digitais de informação e realizou eventos científicos e culturais.

Lins, Ribeiro e Novo (2022) relatam que no contexto do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) houve a realização do Projeto Registros de Informação que consistiu no fomento de debates em temas da Biblioteconomia, Arquivologia, Ciência da Informação e áreas afins por meio de lives, em 2021 semanais e, posteriormente, em 2022

---

<sup>20</sup> O ensino remoto emergencial (ERE) foi uma estratégia didática e pedagógica criada de forma excepcional para minimizar os impactos sobre a aprendizagem das medidas de isolamento social no período da pandemia.

mensais. Em 2020, houve a realização do fórum virtual "SIBI Mostra a Tua Cara" entre os profissionais das vinte e duas bibliotecas do Sistema de Biblioteca da UFBA o que proporcionou visibilidade e reflexão aos profissionais quanto ao trabalho realizado neste contexto atípico. Dessa iniciativa, surgiu o I Encontro Baiano de Bibliotecas Universitárias (I EBBUP), que ocorreu em outubro de 2021, com a finalidade de apresentar práticas e trocas de experiências entre bibliotecas universitárias. O evento contou com palestras, workshops e exposições com a presença de bibliotecários da Bahia, Rio de Janeiro e Portugal, culminando na publicação dos trabalhos em um número especial da Revista Fontes Documentais, do Grupo de Estudos e Pesquisas em História das Bibliotecas de Ensino Superior (GEPHIBES) do Instituto Federal do Sergipe.

Em março de 2020, houve a criação do WebConCIB (Web Conferências em Ciência da Informação e Biblioteconomia) com a finalidade de realizar lives diárias no *Instagram* inicialmente e posteriormente no *Youtube*, com pesquisadores e profissionais da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. A partir do WebConCIB, surgiu a iniciativa do Projeto de Extensão "Observatório de Boas Práticas em torno do Livro, da Leitura e das Bibliotecas", oriundo do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em colaboração com estudantes de graduação e da pós-graduação vinculados à Universidade Federal de Minas Gerais (Tanus; Reis; Ferreira, 2022). O projeto divulga ações práticas vinculadas ao livro, leitura e biblioteca para a sociedade por meio da curadoria de conteúdo e divulgação em seu site e redes sociais como o *Instagram* e o X (antigo *Twitter*).

O contexto de desigualdades sociais, desinformação, a crise pós pandemia, a pós verdade e *fake news* vivenciados pela sociedade contemporânea, suprimidas e alheias as modificações proporcionadas informação, pelo seu acesso e oportunidades de construção do conhecimento, "reforçam a importância de uma biblioteconomia voltada para práticas que possam garantir a aprendizagem, o gozo de direitos, a plena participação política e a mobilização em prol de melhorias" (Duarte, 2018, p. 68).

Diante deste panorama complexo e desafiador, a Nova Biblioteconomia, com sua ênfase na comunidade e na construção do conhecimento, emerge como uma resposta crucial. A atuação do bibliotecário, nesse contexto, transcende a mera gestão de informações, exigindo um engajamento ativo na promoção da inclusão digital, no combate à desinformação e na construção de espaços de diálogo e aprendizado. É imprescindível que os profissionais da informação se posicionem como agentes de transformação social, utilizando as ferramentas e conhecimentos disponíveis para empoderar as comunidades e fortalecer a democracia.

## 4 UMA NOVA BIBLIOTECONOMIA PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: A TEORIA DE LANKES EM FOCO

*“A Biblioteconomia ainda não foi concluída. Não estava terminada quando eles construíram a Biblioteca de Alexandria. Não foi feita quando acorrentaram livros às prateleiras ou os muçulmanos construíram bibliotecas em Toledo. Não foi feita quando Dewey teve suas revelações ou Ranganathan nos implorou para ver que os livros eram para uso. Não será feita com a publicação deste Atlas. Se um campo estiver pronto, ele estará morto” (Lankes, 2011, p. 128, tradução nossa).*

A “Nova Biblioteconomia”, termo cunhado por R. David Lankes em 2011, com a publicação do *Atlas of New Librarianship*, postula que o papel do bibliotecário nas sociedades contemporâneas é o de estimular a criação de conhecimento colaborativo entre diferentes membros das comunidades, a promoção de ampla circulação dessa produção e, sobretudo, a atuação por uma apropriação crítica e plural desse conhecimento. A Nova Biblioteconomia nos propõe uma nova perspectiva para as bibliotecas ao trazer a visão de que bibliotecas deveriam ser como comunidades, pensando nas pessoas e não nos dispositivos que armazenam a informação.

Em trabalhos anteriores a publicação do *Atlas of New Librarianship*, Lankes trabalhava com a concepção de *“Participatory Librarianship”* – “Biblioteconomia Participativa”, que podemos apontar como a precursora do que é a Nova Biblioteconomia. Da mesma forma que a Nova Biblioteconomia, a concepção de Biblioteconomia Participativa está fundamentada na teoria de que o conhecimento é criado por meio de conversas e de que à medida que um indivíduo ou a comunidade aprende ou procura se envolver em um processo de comunicação se estabelecem acordos (Lankes, 2008, p. 241, tradução nossa).

O “Atlas da Nova Biblioteconomia” está organizado em torno de seis grandes conceitos da missão das bibliotecas (Missão, Criação de Conhecimento, Facilitação, Comunidades, Melhorar a Sociedade, e Bibliotecários), visto que o destaque que norteia cada tópico é a missão do bibliotecário: “A **missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade por meio de **facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades****”<sup>21</sup> (Lankes, 2011, p. 13, tradução nossa).

A mudança fundamental é de coisas para o conhecimento humano. Ele muda o foco do trabalho dos bibliotecários de artefatos e os produtos de

---

<sup>21</sup> O autor utiliza a palavra ‘comunidade’ no sentido mais amplo, não restringindo a determinado grupo ou espaço geográfico. No âmbito da nova Biblioteconomia, a comunidade é entendida como um grupo de pessoas que possuem uma variável em comum e tem conhecimento disso.

aprendizagem (como livros, páginas da web e DVDs) para o processo de aprendizagem. Ao invés de se preocupar com algum conceito exteriorizado como informações (ou, pior, "conhecimento registrado" [sic]), ele (Teoria da Conversação) coloca o foco da Biblioteconomia diretamente sobre o comportamento e os efeitos dos serviços sobre o indivíduo. Em essência, o valor de um livro, ou bibliotecário para essa matéria, é avaliada outra vez a necessidade de a capacidade dos membros da biblioteca para aprender (Lankes, 2011, p. 23, tradução nossa).

Lankes (2016a, p. 21, tradução nossa) afirma que, embora a formulação da missão seja recente, ela se aproxima daqueles que construíram e mantiveram as bibliotecas ao longo do tempo e, portanto, continua hoje, dentro e fora dos limites de uma biblioteca. De acordo com Lankes (2016a), um bibliotecário é definido por uma missão, um conjunto de ferramentas facilitadoras e um conjunto de valores que fundamentam toda a profissão. Os valores são os seguintes: serviço; aprendizado; abertura, liberdade intelectual e segurança; e, honestidade intelectual (Lankes, 2016a, p. 66, tradução nossa).

Forjados ao longo de milênios, estes valores ainda estão a ser debatidos e reformulados. No entanto, embora possam variar na sua formulação e ênfase, os valores serviram bem a nossa profissão e permitiram-lhe servir as comunidades, seja nas faculdades ou nas esquinas, **no mundo do privilégio dos homens brancos ou no mundo dos protestos dos cidadãos negros** em Baltimore. Eles estão no centro da forma como os bibliotecários responderam à agitação civil em Alexandria, no Egito, e em Ferguson, no Missouri. Os valores dos bibliotecários não são os dos liberais ou conservadores, democratas ou republicanos; são os valores dos profissionais do conhecimento que buscam melhorar nossas comunidades. E **representam os preconceitos coletivos e acordados da nossa profissão** (Lankes, 2016a, p. 66, tradução nossa, grifo nosso).

Sendo uma missão norteadora para o desenvolvimento de uma Nova Biblioteconomia pelos bibliotecários, Lankes, em 2011, se reúne na cidade de Salzburgo, na Áustria, com uma equipe de profissionais de trinta e um (31) países diferentes para discutir a respeito do tema "Bibliotecas e museus numa era de cultura da participação" (Prado, 2016). Vários grupos de discussão se compuseram no âmbito do encontro e um deles discutiu a respeito das competências e habilidades necessárias para os profissionais desta era - de cultura da participação, constituindo, sob a liderança de Lankes, o Currículo de Salzburg. O Currículo de Salzburg se divide em seis competências: 1) engajamento social transformador; 2) tecnologia; 3) gestão para a participação; 4) gestão de ativos; 5) habilidades culturais e conhecimento, 6) aprendizagem e inovação. Neste sentido, Lankes assinala que:

Os bibliotecários precisam trabalhar com grandes missões, diferentes daquelas com as quais estão acostumados. Esta é uma das grandes mudanças que a Nova Biblioteconomia traz. Os bibliotecários não devem traçar objetivos e se limitar a eles, não ir além deles. É necessário pensar com um olhar prospectivo, engajar a comunidade com uma boa gestão, com tecnologia, com advocacy e com a colaboração (Prado, 2016, p. 139).

Para Lankes (2011), as bibliotecas como conhecemos estão condenadas. Aqueles que promulgam o seu fim, que as chamam de obsoletas ou antiquadas estão certos. Isso porque

para o autor não há como manter uma instituição dedicada somente às coleções físicas e aos processos técnicos para a sua organização. Não se trata de uma profissão meramente de manutenção. O poder da biblioteca não está na arquitetura ou nas suas coleções. O poder da biblioteca é o bibliotecário.

Esse é o poder de ser um bibliotecário. Olhar para as pessoas e não como problemas, mas como membros em necessidade - na necessidade de serviços, suporte e, sim, a alfabetização. Mas em última análise, na necessidade de poder. O poder se sustentar e viver uma vida digna. O poder de criar e aprender, e não simplesmente para sobreviver (Lankes, 2011, p. 80, tradução nossa).

Ressaltamos que, para o autor, não importa o local onde o bibliotecário atue, seja em uma biblioteca ou um hospital, em um escritório de advocacia ou em uma empresa de motor de busca; a missão permanece a mesma. Em linhas gerais, a Nova Biblioteconomia é a Biblioteconomia que nós já conhecemos reformulada por meio do foco nas comunidades.

[...] nunca pretendi que a Nova Biblioteconomia se tornasse um tipo especial de biblioteconomia. O objetivo do Atlas da Nova Biblioteconomia (quase denominado O Novo Atlas da Biblioteconomia) não era criar alguma forma especial de biblioteconomia, mas sim construir uma base para a mudança em toda a profissão (Lankes, 2016a, p. 7, tradução nossa).

O autor nos convida a repensar de forma prática a importância que a Biblioteconomia e os bibliotecários têm dado àqueles que frequentam as bibliotecas. Ao ter como foco a perspectiva das comunidades, Lankes (2016, p. 32) afirma que a biblioteca é a comunidade, ou seja, onde estiver escrito “biblioteca”: leia-se “a comunidade”.

O conceito amplo utilizado por Lankes (2011, 2016) para situar a atuação da Nova Biblioteconomia, no tocante a apropriação da informação e construção do conhecimento coletivo, corrobora com o conceito de comunidade que Bauman (2003) apresenta no último capítulo do livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”. O autor, desacreditado da existência de uma comunidade em virtude da configuração atual da sociedade, pontua que se ela existir deve ser construída em prol da defesa dos direitos sociais e do compartilhamento de interesses comuns.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (Bauman, 2003, p. 134).

Neste sentido, Lankes (2016) afirma que a biblioteca não deve só ajudar a comunidade a solucionar os problemas e desafios, como, também, documentar a maneira como ajuda. “As comunidades devem esperar que as bibliotecas ofereçam serviços para nossa população cada vez mais em constante transformação (Lankes, 2016, p. 116). Ou seja, as bibliotecas devem ressignificar sua atuação e sua “imagem estereotipada”: não se trata de acumular

somente registros gráficos, trata-se de apresentar-se como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento do conhecimento.

Nesse sentido, o conceito de “facilitar a criação de conhecimento” prevista na missão que norteia o Atlas, está intimamente ligada aos princípios associados com o desenvolvimento de uma aprendizagem independente. Assim, o ponto principal para o desenvolvimento de uma nova Biblioteconomia é a relação da biblioteca diretamente com a sua comunidade. Para Lankes (2011, 2016, 2017), trata-se de ver o núcleo da Biblioteconomia focado no conhecimento, não somente na informação ou nos livros. Com isso, o autor esclarece que o ato de dar o acesso ao conhecimento registrado ou a um sistema em rede não é mesmo que informar. Quando estamos voltados meramente para a informação, há uma tendência de se concentrar em coisas quantificáveis e visualizar as pessoas em relação ao uso de sistemas, deixando em segundo plano, conceitos ricos de impacto e significado, evidenciando conceitos simples de acesso. “Bibliotecas são sobre conhecimento, não informação. Elas são sobre criação e engajamento, não consumo e distribuição” (Lankes, 2017).

Lankes (2011) esclarece que devemos encarar a comunidade como membro, e não como usuário, cliente ou outros termos que usamos recorrentemente. O termo membro utilizado por Lankes ao formular a Nova Biblioteconomia é oriunda de uma pesquisa realizada pela bibliotecária e consultora de tecnologia da informação para bibliotecas, Joan Frye Williams.

Ao trabalhar com várias bibliotecas públicas com o intuito de desenvolver planos estratégicos, veio à questão de qual termo usar para se referir às pessoas que utilizam as bibliotecas, e ela teve uma ideia maluca... “Vamos perguntar a elas”. Em uma pesquisa informal com os usuários da biblioteca, a resposta que mais se repetiu foi “membro” [...]. Gosto desse termo, pois traz uma conotação de copropriedade. Membros de uma organização fazem mais do que utilizar o que a instituição oferece e ir embora. Eles votam, estabelecem diretrizes e ajudam. Em essência, são parte da organização (Lankes, 2016, p. 96-97).

Desse modo, os serviços das bibliotecas são para atender as necessidades da comunidade e não para a comunidade. Todas as atividades desenvolvidas pela biblioteca devem estar alinhadas com os objetivos da comunidade. Assim sendo, devemos reconhecer que os membros de uma comunidade não são consumidores passivos de informação e que eles são a razão das bibliotecas existirem. Nesse sentido, Alejandro Parada (2015) pontua que as bibliotecas do futuro devem trabalhar numa cogestão entre os bibliotecários e os cidadãos, tal como a perspectiva de Lankes (2011), voltada para o empoderamento da comunidade como membro das bibliotecas.

As bibliotecas do futuro devem trabalhar para a expansão dos direitos civis. Uma das formas de incentivar a construção de uma maior cidadania manifesta-se, assim, no processo de consciencialização dos espaços bibliotecários centrados na cogestão entre profissionais e cidadãos (Parada, 2015, p. 78, tradução nossa).

Lankes (2011, p. 16) propõe que os bibliotecários tenham uma visão de mundo da Biblioteconomia que transcenda as ferramentas para a organização da informação e manter o conhecimento registrado. O autor defende e alerta que manter o conhecimento registrado é vital, mas não o suficiente para sobreviver aos tempos atuais, mas sim para abrir um mundo de possibilidades. Assim sendo, Lankes (2011) pontua que se os bibliotecários realmente desejam melhorar a sociedade por meio da facilitação do conhecimento, eles devem não só devem ter suas vozes ouvidas, como também trabalhar constantemente para melhorar a sociedade através da ação, assim os bibliotecários serão ativistas. Ser da comunidade no conceito e na ação é o aspecto que merece destaque. Neste sentido, o autor alerta que a facilitação pode ajudar um membro a desenvolver o conhecimento, mas não garante o conhecimento que podemos chamar de “certo”. Aí entra a ação do bibliotecário. O ativismo efetivo se dá por meio da ação do bibliotecário com os serviços que são oferecidos (Lankes, 2011, p. 118, tradução nossa).

No entanto, Lankes (2008, p. 237, tradução nossa) chama a atenção para o fato de que a atuação do bibliotecário não deve ser encarada como paternalismo. O objetivo final é o serviço, mesmo que para executá-lo conforme prediz a missão seja necessário um desejo de “de servir e fazer parte de uma comunidade” (Lankes, 2008, p. 237, tradução nossa). Nesse sentido, o processo de construção do conhecimento tem como premissa o importante papel da ética, seja nas interações dos bibliotecários ao fornecer o acesso às melhores informações disponíveis de maneira que represente a comunidade, sejam no próprio ato da comunicação do bibliotecário no tocante a clareza de sua postura (Lankes, 2008, p. 241, tradução nossa).

Antes de prosseguirmos falando acerca da Nova Biblioteconomia de Lankes, faz-se necessário mencionarmos um pouco mais detalhadamente a importância da ética no exercício da Nova Biblioteconomia, assim como o lugar que não devemos dar a neutralidade. Lankes (2008, p. 238, tradução nossa) alerta que a neutralidade ética é um mito. Indivíduos, comunidades e organizações têm uma visão de mundo, atribui significados diferentes às situações do cotidiano, têm posturas e um conjunto de visões pré-concebidas dos fatos, conforme podemos ler abaixo no tocante a decisão do que pode ser agregado ao acervo da biblioteca e quais atividades podem ser desenvolvidas.

Ainda se vê esse paternalismo nas reações ao aumento dos programas de jogos na biblioteca. Armazenar as bibliotecas públicas com prateleiras de romances de ficção científica e romances é aceitável, mas a promoção de videogames de alguma forma não chega ao limite da propriedade. Pior ainda, as bibliotecas públicas que podem ter histórias e grupos de tricô evitam as noites de jogos porque os adolescentes devem, de alguma forma, se envolver em mais programas educacionais... (Lankes, 2008, p. 238, tradução nossa).

Lankes (2008) aponta que faz parte da ética bibliotecária deixar claro para a comunidade esse viés adotado pela biblioteca, por exemplo. “[...] somente fundamentando a ética e os princípios de um campo no objetivo final do serviço que os bibliotecários evitam a

separação da comunidade e a promoção de sua ética sobre a das comunidades” (Lankes, 2008, p. 238, tradução nossa).

Como a biblioteca pode ter as duas coisas, refletindo a ética da comunidade, mas também a sua? A resposta na biblioteconomia participativa vem novamente através da teoria da conversa. Como foi dito anteriormente, em uma conversa entre indivíduos ou membros da comunidade, como a biblioteca e seus clientes, existem dois lados e uma negociação está ocorrendo. Cada ator na conversa está trabalhando para chegar a um acordo que inclua quais informações, ações e similares estão "dentro dos limites". Bibliotecas e bibliotecários devem refletir a ética de sua comunidade, mas também devem moldá-las (Lankes, 2008, p. 238, tradução nossa).

No entanto, os currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação são muito mais do que gerenciar arquivos de artefatos físicos e eletrônicos – esses currículos sempre levam em consideração as comunidades afetadas por tais tecnologias. Em um mundo digital em que “valor” é tipicamente definido por “interesse do anunciante”, as principais plataformas da Internet podem aprender muito com um pensamento mais amplo sobre como suas ferramentas capacitam ou reprimem a comunidade e as mudanças significativas que eles podem fazer para apoiar os marginalizados e comunidades vulneráveis. De fato, grande parte do dano causado pelas redes sociais em comunidades vulneráveis no mundo, como contribuições à violência étnica, genocídio, crimes de ódio e entre outros poderiam ter sido consideravelmente mitigados se as empresas desde o início tivessem abordado seus projetos de forma centrada na comunidade (Nemer, 2019, p. 13).

Para Lankes, ser um bibliotecário vai muito além de uma coleção de habilidades e tarefas. Nossa identidade não se baseia no ato de catalogar, mas de como vemos o mundo e determinamos se devemos ou não catalogar (uma função) (Lankes, 2011, 2016). No contexto da Nova Biblioteconomia, os bibliotecários estão em uma missão para melhorar a sociedade por meio da facilitação da criação de conhecimento em suas comunidades. Com o estabelecimento da missão, Lankes (2011) chama a responsabilidade pessoal para o indivíduo.

Basear a atuação do bibliotecário restritamente no ato de informar e organizar informação tende a levar à estagnação e à incapacidade de se adaptar. Desse modo, a visão da Nova Biblioteconomia está alicerçada em resultados e aprendizado e em uma teoria de como as pessoas aprendem denominada Teoria da Conversação, de Gordon Pask.

Nesse contexto, a Teoria da Conversação destaca a importância do diálogo e da interação como elementos centrais para o aprendizado e a construção de conhecimento. Ao invés de simplesmente transmitir informações, o bibliotecário atua como um facilitador, promovendo conversas e trocas de ideias que estimulam a reflexão e o desenvolvimento de novas perspectivas. Essa abordagem coloca o indivíduo no centro do processo, reconhecendo sua capacidade de construir seu próprio conhecimento a partir das interações e dos recursos disponíveis.

Quadro 3 – Tópicos da Missão do Bibliotecário

Missão do Bibliotecário	Tópicos da Missão	Síntese do Tópico	Principais teorias norteadoras
“A missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em suas comunidades” (LANKES, 2011).	Conhecimento	Como os membros (e nós) criamos conhecimento - por meio de conversas que consistem em conversantes, linguagem, acordos e memória.	Teoria da Conversação, de Gordon Pask; Sense-making, da Brenda Dervin; Teorias da Motivação; Teorias da Aprendizagem: Construtivismo; Pós-modernismo.
	Facilitação	Como podemos contribuir com os membros = por meio de acesso, conhecimento, ambiente e motivação.	
	Comunidade	Exploração da pressão pela participação em diferentes contextos: digital, físico, híbrido, público, acadêmico etc.	
	Melhorar a Sociedade	Exige que não façamos simplesmente o que a comunidade deseja, mas garantimos que nossas ações sejam para a melhoria do todo.	

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro acima, podemos visualizar os tópicos da missão designada por Lankes (2011) para o bibliotecário e sua respectiva síntese. Nas linhas que seguem, discutiremos cada um dos tópicos dessa missão.

#### 4.1 CRIAÇÃO DE CONHECIMENTO

*“Vemos também que o local onde ocorre uma conversa também é importante. Não se trata apenas de construir espaços e de saber se esses espaços devem ser silenciosos ou não. Os bibliotecários devem ir até onde as conversas estão ocorrendo. Com o advento de tecnologias cada vez mais conectadas e móveis, isso é cada vez mais fácil. Os bibliotecários podem fazer seu trabalho no metrô e nas residências, em reuniões de negócios, grupos do Facebook e até mesmo nas profundezas das florestas da Colômbia. Ao ver a aprendizagem como conversas não confinadas a um espaço ou a um tempo, e a biblioteconomia como independente dos edifícios e instituições chamadas “bibliotecas”, podemos expandir a nossa missão de melhorar a sociedade mais do que nunca” (Lankes, 2016a, p. 42, tradução nossa).*

Para Lankes (2011), o conhecimento não é simplesmente um conjunto de fatos acumulados, mas sim uma rede de verdades pessoais e a sua relação com o outro (dentro de um contexto). Conforme pontua Duque-Codorna e Restrepo-Fernandez (2021, p. 2), o fato de o ser humano se comunicar por natureza é definitivo para entender “a razão humana não se baseia na experiência ou busca a transcendência como fim último e superior, mas que a razão comunicativa é o cerne do ser humano em sua sociedade”. Sendo a relação com o outro e a comunicação processos indissociáveis para a construção do conhecimento, conforme poderemos ver com a perspectiva de R. David. Lankes.

Conhecimento não pode ser registrado, catalogado e arquivado como recipientes estéreis. Conhecimento é paixão e o impulso perpétuo que existe em nós seres humanos para compreender melhor e tentar controlar nosso destino, e, derradeiramente, para acharmos significado (Lankes, 2021, p. 2).

Para o autor da Nova Biblioteconomia, ao fundamentar as bibliotecas no conhecimento, ganhamos uma herança não de quietude, mas um poder explosivo para moldar como as pessoas veem o mundo. No entanto, a fundamentação das bibliotecas vinculadas ao conhecimento e as conversas não é nova. Lankes (2011, p. 220-223) ao descrever a teoria da conversa em seu Atlas, utiliza como aporte teórico alguns autores, dentre eles Joan M. Bechtel.

Em 1986, ao vislumbrar uma atuação diferente para as bibliotecas universitárias, Joan Bechtel já apontava como alternativa para a imagem da Biblioteconomia, pensarmos as bibliotecas como centros de conversação e os bibliotecários como mediadores e participantes das conversas do mundo (Bechtel, 1986, p. 219). Para Bechtel (1986) as bibliotecas seriam fiéis a sua finalidade se buscassem coletar pessoas e ideias, facilitando a conversa entre as pessoas, em vez de coletar, organizar, armazenar livros e informações.

Certamente, as bibliotecas tradicionalmente coletam os documentos da imaginação e ação humanas. Ao fazer isso, preservaram as ideias e os eventos da história e tornaram-se os centros de conversas contínuas nas quais as pessoas expressam suas opiniões, criticam as outras e ampliam ou restringem o escopo da discussão (Bechtel, 1986, p. 221, tradução nossa).

Bechtel (1986, p. 222) pontua que a conversa é paradigmática do propósito original e inerente das bibliotecas, podendo informar significativamente a articulação de missão e objetivos, políticas de desenvolvimento de coleções, serviços e o papel e caráter dos bibliotecários, bem como as estruturas e procedimentos organizacionais das bibliotecas, fornecendo um mecanismo interno e contínuo de evolução e mudança.

No entanto, Lankes (2011) vinculou às conversas no âmbito da Biblioteconomia incorporando de uma maneira mais ampla a construção de conhecimento. Para tanto, utilizou a teoria de Gordon Pask, denominada Teoria da Conversação ou Conversa para embasar seu fundamento. Pask inicialmente procurava por algo para modelar suas máquinas. Iniciou sua

pesquisa pelo modo como as pessoas aprendem e realizou um longo e complexo exame do comportamento de aprendizagem. Ao final, chegou a simples conclusão de que o conhecimento é criado por meio de conversas.

A Teoria da Conversa ou Conversação de Pask detalha o processo pelo qual sabemos as coisas. No âmbito da teoria, Pask utiliza o verbo conhecer. Já Lankes utiliza o termo conhecimento ao utilizá-la para fundamentar a Nova Biblioteconomia. Ao usar o termo conhecimento, Lankes (2011) pontua que o conhecimento se refere ao que fazemos e porque fazemos. Não é algo que pode ser empacotado, transferido ou arquivado. Está em constante fluxo à medida que nos deparamos com novas situações e novas interações.

Lankes (2008) afirma que com base na teoria da conversa, as pessoas adquirem conhecimento por meio de conversas que resultam em um conjunto de acordos que constituem o conhecimento do domínio de um indivíduo. A atuação dos indivíduos em redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram* e o *Twitter*, por exemplo, “é resultado de pessoas que procuram ser construtoras ativas desse conhecimento. Isso resulta em uma pressão por participação” (Lankes, 2008, p. 234, tradução nossa).

A teoria da conversa e as teorias posteriores sobre discurso e comunicação falam sobre um processo de negociação às vezes sutil que ocorre entre as partes em uma conversa. Questões de status, idioma, experimentam todos os fatores em uma interação. Essas interações e negociações acabam em uma série de acordos que formam a base da criação do conhecimento. A profissão da biblioteca é rápida em apontar esses vieses nas populações de serviço - o público pensa que os livros são tudo o que a biblioteca oferece, os usuários acham que a biblioteca é abafada etc. Às vezes, esses vieses são provocados por pesquisas e encontrados em dados, mas frequentemente são, na verdade, percepções / preconceitos que o profissional possui sobre o público. (Lankes, 2008, p. 237, tradução nossa).

Lankes (2011) adota quatro elementos da Teoria da Conversa de Pask: conversantes, linguagem, acordos e memória. Os conversantes são agentes cognitivos que buscam concordância numa conversa. São interativos, pois inserem informações nas conversas e criam respostas fundamentadas. Os agentes cognitivos podem ser organizações, como a biblioteca e o editor, por exemplo. Para haver uma conversa são necessários pelo menos dois conversantes, cada um desempenhando o seu papel ativo nas conversas. Ao mencionar a linguagem, Lankes (2011) afirma que vai além da sintaxe, sobretudo, porque nossa linguagem corporal também é um instrumento da linguagem. Na Nova Biblioteconomia, a linguagem ganha uma visão operacional, sendo voltada para a aprendizagem. Nesse sentido, é importante destacarmos que, ao atuar sob a perspectiva da Nova Biblioteconomia, é necessário se ater ao contexto, que no aspecto do uso da linguagem também é um tipo de acordo a ser feito com a comunidade, ao privilegiar e valorizar o uso da linguagem regional.

Fundamentado no campo profissional global da informação, centros de documentação, bibliotecas e arquivos, a construção do discurso, a partir da realidade latino-americana e caribenha, implica o uso das línguas nacionais como meio de comunicação. Além disso, a consciência das línguas indígenas

como realidade social e política em numerosos países da América Latina e do Caribe requerem seu reconhecimento como geradoras de discursos orais e escritos importantes para a preservação dessas línguas (Declaration..., 2004, p. 51, tradução nossa).

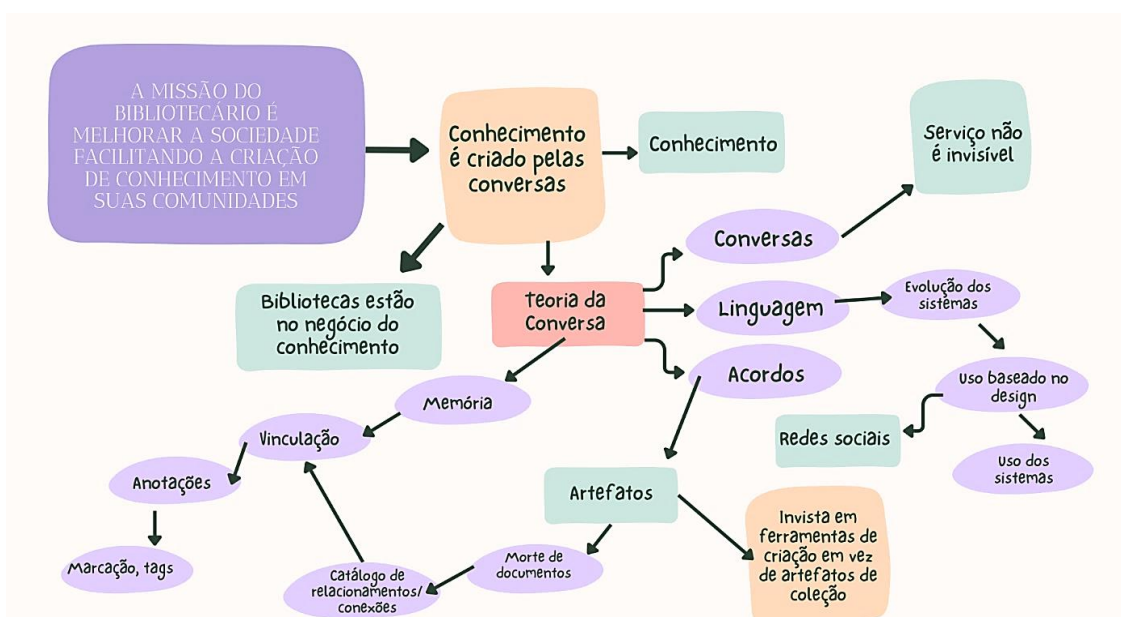
No tocante aos acordos e seus relacionamentos, Lankes (2011) afirma que são a base do que sabemos. “Os acordos podem ser codificados em artefatos, mas esses artefatos não contêm o acordo – ou mais amplamente, o conhecimento” (Lankes, 2011, tradução nossa). Já a memória, tem como finalidade acompanhar os acordos anteriores e disponibilizá-los em novas situações.

Ao mencionar a memória, Lankes (2011) ressalta a importância da preservação e dos arquivos. Os bibliotecários têm papel essencial na preservação da memória coletiva, sendo os profissionais que “preservam os artefatos para melhorar as conversas por meio de uma memória confiável e precisa” (Lankes, 2011, tradução nossa). No entanto, Lankes (2011) pondera: os artefatos são importantes como instrumentos de preservação da memória, mas são secundários. Os artefatos sem o devido contexto, não são memória.

Quando você muda seu pensamento de artefatos e itens para conversas e conhecimento, novas possibilidades se abrem – novos sistemas para desenvolvermos (não simplesmente adotar ou copiar), novos serviços a oferecer e um novo relacionamento com nossos membros (Lankes, 2011, tradução nossa).

Assim, no âmbito da Nova Biblioteconomia, o conhecimento é um conjunto de acordo em relação uns com os outros através de uma memória que é derivada da troca de linguagem entre conversantes. As bibliotecas e os bibliotecários estão no negócio do conhecimento, portanto, no negócio da conversação.

Figura 2 – A criação de conhecimento a partir da Nova Biblioteconomia de Lankes



Fonte: Elaborado pela autora.

A figura se refere a um mapa mental para exemplificar o processo de criação do conhecimento conforme Lankes (2011), e por meio dele, podemos observar esquematicamente como os pilares da teoria da conversa: conversas, linguagem e acordos, e de que maneira contribuem com o processo de aprendizado e criação do conhecimento.

## 4.2 FACILITAÇÃO DO CONHECIMENTO

*“Todos os dias, os bibliotecários devem escolher entre fazer o que é fácil, fazer o que é certo e, em primeiro lugar, determinar o que é certo. Nenhum livro didático, declaração de missão ou documento político pode nos livrar da necessidade de tomar essas decisões, nem remover a complexidade dessas decisões. [...] É por isso que somos administradores das comunidades que servimos e não somos servos delas. É por isso que devemos moldar as missões e o trabalho das nossas organizações e comunidades, e não simplesmente aceitá-los” (Lankes, 2016a, p. 21, tradução nossa).*

O princípio orientador da facilitação é a concepção de propriedade compartilhada. Isso significa que os membros e os bibliotecários são verdadeiros parceiros, ambos com uma participação no resultado de um esforço de conhecimento (Lankes, 2011). “À medida que o conhecimento é desenvolvido por meio da conversa, e as bibliotecas facilitam esse processo, as bibliotecas têm um poderoso impacto no conhecimento gerado” (Lankes, 2008, p. 235, tradução nossa).

A biblioteca, para colocar isso em contexto político, é uma instituição do povo ou para o povo? Sua resposta a essa pergunta em última análise define como vê a facilitação. Se você é para o povo, você é uma ferramenta e é separada. Facilitar é atuar em uma população. Você tem usuários e clientes, não membros. Se ao contrário, você sente que a biblioteca é do povo, então **facilitar é envolver e ajudar a comunidade porque você está se ajudando**, você tem membros na sua comunidade. Se você se vê como uma ferramenta para as pessoas, você tem um emprego. **Se você se vê como membro da comunidade, você tem uma vocação, um chamado, uma missão** (Lankes, 2011, tradução nossa, grifo nosso).

Lankes (2011, p. 80-81) nos conta que todo bibliotecário que conheceu tinha uma história, grande ou pequena, sobre pessoas e em todas as histórias tinha sempre uma conversa. O autor pontua que mesmo que tenha sido por um momento ou de uma forma pequena, aquela conversa, aquela solução informacional tornou o mundo – de cada membro – um lugar melhor. “(...) as bibliotecas podem mudar de conversas facilitadoras para conversas ativas, mas estão sempre fazendo as duas coisas. Portanto, a questão não é se a

biblioteca molda conversas, mas quais e com que intensidade?” (Lankes, 2008, p. 235, tradução nossa).

Ao convidar a comunidade para a biblioteca como parceiros, também temos a chance de convidar a comunidade a aprender e compartilhar (e moldar continuamente) nossa ética. Os bibliotecários são livres para fazê-lo porque entendem que é impossível entrar em qualquer relacionamento (incluindo um relacionamento de serviço) sem preconceitos (Lankes, 2008, p. 240, tradução nossa).

“Esforçar” e “promover” implicam ir além de uma abordagem simples e imparcial ou neutra ao trabalho. Em vez disso, implicam conversas ativamente tendenciosas (Lankes, 2008, p. 240, tradução nossa). O conceito de “facilitar a criação de conhecimento” está intimamente ligado aos princípios associados com o desenvolvimento de uma aprendizagem independente. De acordo com Lankes (2011, p. 65, tradução nossa), de uma maneira inicialmente aplicada, há quatro meios de o bibliotecário contribuir com a facilitação da criação de conhecimento:

- **Acesso:** construindo uma ponte entre os “conversantes”;
- **Conhecimento:** tendo o domínio necessário para conversar e fornecendo capacitações;
- **Ambiente:** fornecendo uma plataforma onde um membro pode se sentir seguro para participar; e,
- **Motivação:** compreensão, apoio e, em alguns casos, transmitindo o desejo de participar.

Em linhas gerais, os meios de facilitação mencionados são, em última análise, uma forma de capacitar bibliotecários e membros (Lankes, 2011). E ao menos a nível teórico, é o que a maioria das bibliotecas fazem. No entanto, conforme pontua Lankes na citação, a biblioteca deve possibilitar que a comunidade construa o conhecimento independente dos livros e da leitura.

Estamos muito confortáveis com a ideia de que as pessoas vão à biblioteca e aprendem a partir da leitura. Quando se fala que você pode ir à biblioteca aprender construindo, isso é uma abordagem realmente nova. Dar a oportunidade e as ferramentas para que as pessoas publiquem seus livros, imprimam algo em 3D, façam um *podcast*, pintem um quadro; todas estas atividades ainda não são plenamente associadas quando se ouve a palavra “biblioteca”. Quando percebe que isso tudo é aprendizagem, e uma vez que a biblioteca é um espaço para aprender, logo, todos estes exemplos poderão ser comuns com o decorrer do tempo. O conhecimento em si é dinâmico e muda diariamente. Se o conhecimento está em fluxo contínuo, portanto a biblioteca também precisa estar (Prado, 2016, p. 144<sup>22</sup>).

---

<sup>22</sup> A citação de Lankes encontrada em Prado (2016) se dá devido a uma tradução autorizada realizada por Jorge Moisés Kroll do Prado com a finalidade de colaborar com a difusão da perspectiva de Lankes e com as mudanças curriculares nas instituições de ensino brasileiras.

Neste sentido, Lankes (2016) chama atenção ao fato de que os bibliotecários estão focados em dar acesso à informação sem se preocupar com o que vem a seguir.

É preciso muito mais do que ler um livro (ou qualquer quantidade de livros) para superar quase um século de preocupação dos bibliotecários com a eficiência (muitas vezes às custas da eficácia), coleções (definidas como materiais e não pessoas), instituições (bibliotecas em vez de bibliotecários) e neutralidade (ou pelo menos a ilusão disso). Como bibliotecário, você deve assumir um papel ativo na formação de sua própria comunidade e na preparação desta geração de bibliotecários e da próxima para envolver suas comunidades – e o mundo (Lankes, 2016a, p. 163, tradução nossa).

O autor pontua que cada um dos quatro modos de facilitar a criação do conhecimento são pontes para a sua construção. Depois de possibilitar o acesso à comunidade, faz-se necessário compreender como usá-lo e assim, num espaço seguro, querer usá-lo. Assim sendo, conforme pontua Lankes (2016), se nossas bibliotecas quiserem continuar a existir no futuro, dando suporte a suas comunidades, elas precisam trabalhar muito melhor sob este aspecto.

Lankes (2016a, p. 163-164, tradução nossa) assinala nove meios de sucesso que têm sido eficazes no trabalho de facilitação dos bibliotecários:

- 1) Enfatizar habilidades ensináveis;
- 2) Ligar os conceitos antigos;
- 3) Criar grupos de trabalho;
- 4) Utilizar projetos e investigação sempre que possível;
- 5) Ultrapassar fronteiras;
- 6) Demonstrar conforto com a ambiguidade;
- 7) Construir comunidades, não páginas na internet;
- 8) Abordar as barreiras sentidas;
- 9) Proporcionar oportunidades de introspeção e inspiração.

Estes nove meios de facilitação, baseiam-se no que os bibliotecários sabem sobre uma boa instrução e capacitação em geral e sobre a forma como as pessoas aprendem através da conversação. Tendo isto em mente, o desenvolvimento do pessoal deve ser direcionado, interativo e baseado nos conhecimentos atuais da comunidade. Os bibliotecários devem levar em conta os membros da comunidade em todas as tarefas cotidianas: desde a escolha dos itens do acervo, à organização do material, mobiliário, softwares, todas as tarefas devem ser orientadas com a contribuição e sensibilização dos membros da comunidade.

Para a facilitação, é necessário que todos os bibliotecários desenvolvam competências no envolvimento comunitário, na comunicação e na identificação das necessidades e aspirações da comunidade. Lankes (2016a, p. 165, tradução nossa, grifo nosso) pontua que as competências interpessoais de facilitar e interagir com indivíduos e grupos são difíceis de definir e muitas vezes necessárias em muitos domínios, mas que elas podem ser “ensinadas

e **aprendê-las é mais uma questão de prática** do que cultivar alguma predisposição inata”. Neste sentido, a virada de chave é sempre ter como prerrogativa o porquê estamos trabalhando com os membros da comunidade e encontrar meios para obter contribuições dos membros que ultrapassem a capacidade de conversar sobre amenidades.

### 4.3 COMUNIDADES

*"[...] podemos esperar que bibliotecários vão até a comunidade. A comunidade vive dentro e fora da biblioteca. Do bibliotecário isolado que trabalha em uma pequena cidade ao bibliotecário que trabalha em um hospital, você deve esperar que eles passem parte de seu tempo fora da biblioteca e dentro da comunidade. Bibliotecários devem conversar com professores, ir à Câmara de Comércio, visitar locais de trabalho; não devem esperar somente que a comunidade vá à biblioteca. É claro que há momentos em que faz sentido esperar que a comunidade vá à biblioteca. Falamos sobre integrar os bibliotecários à comunidade; que tal integramos a comunidade à biblioteca?" (Lankes, 2016, p. 125).*

Ao abordar a palavra Comunidade na missão do bibliotecário, Lankes (2011, 2012, 2016) trabalha com um sentido amplo, sem restringir a palavra a um determinado público ou espaço geográfico, como já apontado anteriormente. Essa ideia de inclusão da comunidade diretamente nos processos da biblioteca também incluiu ideias de oferecer às organizações comunitárias um espaço para que elas alojem (e mantenham) seus próprios documentos. Outras ideias discutidas como parte das conversas em andamento com a Biblioteca Livre da Filadélfia incluem os trabalhos de publicação de autores e músicos da comunidade, ou o vídeo de eventos locais e reuniões da cidade (Lankes, 2008, p. 240, tradução nossa).

Paulo Freire (2017), ao explicar sobre as bibliotecas populares, afirma que a constituição do acervo, as atividades desenvolvidas, a escolha dos métodos, as técnicas, os processos, a previsão orçamentária e a equipe de trabalho, se referem a decisões definidas por uma “certa política cultural”, ou seja, não há espaço para neutralidade.

Para oferecer serviços a grupos minoritários e socialmente vulneráveis, é necessário eliminar todas as formas de discriminação nos sistemas de informação, documentos e bibliotecas: por sexo, raça, etnia, ideologia, condição econômica, classe social, deficiência, migração, orientação sexual, religião e idioma (Declaration..., 2004, p. 52, tradução nossa).

Dar o protagonismo à comunidade, aos saberes das comunidades e possibilitar que em conjunto construam novos conhecimentos é uma nova maneira de enxergar a exercer a

Biblioteconomia. Além de ampliar o discurso de autores renomados por muito tempo, as bibliotecas sempre associaram o conhecimento como um produto registrado nos livros do acervo ou numa figura de renome ou com titulação acadêmica. No entanto, o conhecimento precisa ser decolonializado<sup>23</sup> nas bibliotecas. Assim sendo, entendemos a decolonialidade como uma perspectiva que faz uma crítica a colonialidade, que privilegiou o discurso e a história sob a ótica das classes dominantes e colonizadoras. Compreendemos como um pensamento de resistência e desconstrução dos padrões e conceitos impostos a uma parcela da sociedade, escravizada, subalternizada e tida como inferior por um longo período da história.

A partir disso, Freire (2017) pontua que:

Um excelente trabalho, numa área popular, sobretudo camponesa, que poderia ser desenvolvido por bibliotecárias, documentalistas, educadoras, historiadoras seria, por exemplo, o do levantamento da história da área através de entrevistas gravadas, em que as mais velhas e os mais velhos habitantes da área, como testemunhos presentes, fossem fixando os momentos fundamentais da sua história comum. Dentro de algum tempo se teria um acervo de histórias que, no fundo, fariam parte da vida da História da área (Freire, 2017, p. XX).

Nesse sentido, Freire (2017) nos lembra de que “o Brasil [e sua construção histórica e informacional] foi “inventado” de cima para baixo, autoritariamente. Precisamos reinventá-lo em outros termos”. De acordo com Amaral (2021, p. 473), “a decolonialidade se articula na intenção de oferecer outra ordem política acerca da construção do conhecimento para além das propostas reconhecidas no meio acadêmico-científico e das formas de representação”.

Neste sentido, a missão do bibliotecário estabelece que a melhoria da sociedade ocorra por meio da facilitação da criação de conhecimento nas comunidades. Ao pensar nas comunidades, não podemos ignorar que por muito tempo, determinadas comunidades tiveram seu conhecimento invisibilizado. Ao propor tal missão, Lankes (2011) direciona o olhar do bibliotecário para o protagonismo das comunidades e para o conhecimento que cada indivíduo possui e pode construir coletivamente. Neste sentido, conforme pontua Silva (2020),

A pessoa bibliotecária que entende esses contextos e dimensões de opressão pode se tornar mediadora da informação para a transformação social de povos marginalizados, assim como agente político fundamental na construção de um projeto de sociedade enfocado na equidade e nas perspectivas antirracista, decolonial, antissexista e antiLGBTQIAfóbica de mundo (Silva, 2020, p. 456).

Lankes (2016a, p. 19, tradução nossa) afirma que os bibliotecários ajudam as pessoas a aprenderem, mas moldam essa aprendizagem em conformidade com os objetivos das

---

<sup>23</sup> Ressalta-se que Lankes (2011, 2016) não menciona os termos “decolonialidade” ou “decolonial” em suas obras no tocante a Nova Biblioteconomia. No entanto, parte-se do princípio de que o autor trabalha com elementos que fomentam a decolonialidade do conhecimento nas comunidades. Por esta razão, a autora desta tese adotou o uso dos termos, para evidenciar a importância de a Biblioteconomia trabalhar sob esta perspectiva.

comunidades e sociedades. Assim sendo, "Bibliotecários devem ajudar a comunidade a acessar o trabalho e as ideias de outros, e promover uma plataforma para usuários mostrarem seu trabalho" (Lankes, 2021, p. 4). Cada membro da comunidade tem conhecimento e pode compartilhar com os seus.

Por séculos, bibliotecas amplificam as histórias de autores renomados. É hora de a biblioteca virar uma plataforma para as histórias e experiências da comunidade, do aluno com dificuldade ao advogado mais culto. Nosso papel não é mais reunir as histórias de elite de vozes fora da comunidade. Esse papel é importante, mas atualmente devemos amplificar as vozes da comunidade. Devemos amplificar através de aprendizado, de criar ligações, e também, de ativismo (Lankes, 2021, p. 3).

Embora essas ideias levantem questões de qualidade, experiência e afins (a serem respondidas em uma conversa contínua e ativa com a comunidade), também existem questões éticas. Como discutido anteriormente, as bibliotecas não precisam representar toda a gama de normas éticas em suas instituições, assim como as igrejas, salas de tribunais ou salas de aula de uma comunidade são locais com fortes limites éticos. O interessante de todas essas configurações é que, na melhor das hipóteses, eles convidam a discussões e instruções abertas sobre conduta ética. Essa ideia de que uma biblioteca pode ser um caldeirão proativo para instruir o comportamento ético está longe de ser um conceito único. Discussões sobre liberdade intelectual, direitos autorais e o papel das bibliotecas em questões de divisão digital estão no coração tanto de ética quanto de política, tecnologia ou prática (Lankes, 2008, p. 240, tradução nossa).

Conforme mencionado no início da seção sobre a Nova Biblioteconomia, o Currículo de Salzburg delinea algumas competências e habilidades para o bibliotecário atuar em conformidade com a missão. A habilidade de gerir ativos, na perspectiva de decolonializar o conhecimento da comunidade propõe um rompimento hierárquico na área ao possibilitar que a comunidade possa contribuir com a composição do acervo de forma ativa, tal como é mencionado:

Uma habilidade exigida dentro deste trabalho de gestão de ativos é saber selecionar. Mesmo que a biblioteca trabalhe tradicionalmente só com livros, quais deles irão compor o acervo? Se forem outras fontes de informação ou equipamentos, quais irão melhor atender à minha comunidade? Este trabalho é bem comum dentro do fazer de um bibliotecário, mas, ainda assim, é fácil encontrar em discursos na prática de investimentos altos em bases de dados, por exemplo, que possuem baixo uso por não serem adquiridas conforme um alinhamento estratégico. A formação de um acervo não pode ser uma atividade exclusiva do bibliotecário, mas sim resultado de um **diálogo constante com a sua comunidade** (Prado, 2016, p. 141, grifo nosso).

Neste sentido, Duarte (2018) menciona que é papel das bibliotecas a emancipação dos indivíduos por meio da atuação com diferentes grupos. Para tanto, faz-se necessário que bibliotecários e bibliotecas assumam o compromisso com a comunidade de atuar em pautas importantes coletivamente e na preservação da herança cultural, o que envolve a tomada de

decisões e o compromisso ativo com as comunidades em prol de uma postura antirracista e que não privilegie o apagamento do conhecimento de grupos sociais excluídos socialmente. Neste sentido, Lankes exemplifica ao pontuar que:

Na África, existe uma biblioteca com máscaras e fantasias do folclore local. Ao invés dos bibliotecários colocarem estes objetos em redomas de vidro ou em manequins, eles são disponíveis para empréstimo para a realização de festivais e até mesmo para peças teatrais escolares. No ato da devolução os objetos são analisados se estão voltando nas mesmas condições em que saíram. A preservação está presente, mas não no objeto, e sim na herança cultural daquela comunidade (Prado, 2016, p. 141).

A responsabilidade do bibliotecário no tocante a quais discursos que serão ouvidos é inerente a sua atuação, conforme menciona Lankes (2016a) “Você escolhe quais vozes da comunidade ouvir, quais aspirações merecem sua atenção. Desde a criação do conhecimento, você também tem voz nessa conversa” (Lankes, 2016a, p. 65).

Assim sendo, de acordo com Lankes (2016) a comunidade deve ser um lugar melhor por ter uma biblioteca. A biblioteca e os bibliotecários devem adicionar novos valores à comunidade e a perspectiva decolonial assume, neste sentido, um papel primordial, ao possibilitar que a comunidade se enxergue como potente diante de seus pares por meio de seus conhecimentos, valores e cultura. O bibliotecário deve adotar, conforme destaca Lankes (2016) menos o termo “mediador” e mais o termo “participante”, trabalhando junto à comunidade, de modo a facilitar a construção do conhecimento e promover o empoderamento, sendo um sujeito ativo no desenvolvimento da comunidade.

#### 4.4 MELHORAR A SOCIEDADE

*“A questão é que, por mais estreitamente que as bibliotecas tenham sido associadas às coleções, os itens recolhidos eram quase sempre ferramentas para servir um propósito mais elevado. As ferramentas mudaram e evoluíram, desde tábuas de argila a esculturas em madeira, rolos de papiro, manuscritos em pergaminho, livros em papel e recursos digitais, mas a missão dos bibliotecários de melhorar a sociedade através do conhecimento permaneceu a mesma. Certamente, a ideia de quem poderia melhorar a sociedade (a realeza, os homens brancos, os privilegiados, as massas) também mudou, mas sempre foi a missão das bibliotecas e daqueles que as construíram e as mantiveram educar”* (Lankes, 2016a, p. 17-18, tradução nossa).

A concepção de “Melhorar a sociedade” presente na missão do bibliotecário não é tão simples quanto acreditar que sabemos como pode ser melhor, mas realmente trabalhar para torná-la melhor. Assim, nessa seção, retomaremos os valores fundamentais da missão do bibliotecário: serviço; aprendizado; abertura, liberdade intelectual e segurança; e, honestidade intelectual; aliados com a concepção de inovação e liderança para tornar as comunidades melhores fazendo nossas vozes serem ouvidas.

É necessária a ação e o ativismo do bibliotecário porque valores e princípios sem prática pouco efeito trazem para as comunidades. Desse modo, além de terem suas vozes ouvidas, os bibliotecários precisam trabalhar para melhorar a sociedade por meio da ação. Assim sendo, os bibliotecários são ativistas – não liberais ou conservadores, mas simplesmente dedicados a mudanças reais através de ações.

Os bibliotecários buscam servir suas comunidades em conformidade com as demandas sociais, ou seja, se o objetivo dessa comunidade é dinheiro, felicidade, bem-estar, aprendizado ou governança, o bibliotecário trabalhará a serviço para tal porque assumem muitos dos valores de suas comunidades. Isso deriva do conceito de que os bibliotecários são da comunidade e não para a comunidade (Lankes, 2011). O ser da comunidade significa que o bibliotecário compartilha algo em comum com os membros da comunidade. O fato de pertencer à comunidade também demonstra que nem todo serviço é puramente altruísta, partindo do princípio de que o trabalho desenvolvido para melhoria da sociedade proporciona o seu próprio bem-estar, ou seja, “quanto melhor a comunidade, melhor você, como membro dessa comunidade” (Lankes, 2011).

No entanto, não podemos afirmar que o valor principal dos bibliotecários se baseia no serviço porque é insuficiente para orientação das tomadas de decisão do dia a dia. Lankes (2011) afirma que existe um valor central na Biblioteconomia que determina que as melhores decisões e os melhores conhecimentos advêm do trabalho no ambiente de informação mais rico possível. Assim, muitos bibliotecários acreditam que o acesso a mais informações de mais variadas fontes levará a melhores decisões. Contudo, não podemos ignorar que o trabalho dos bibliotecários não é uma força neutra na vida de um membro da comunidade, cada decisão tem um impacto. De acordo com Lankes (2011), serviço não é invisibilidade, pois estamos envolvidos em conversas e influenciamos essa conversa.

Lankes (2011) usa a expressão “pressão” para dizer que os bibliotecários exercem uma pressão dentro da comunidade para orientar os membros a tomarem a melhor decisão para suas demandas. O que ele designa como pressão é uma atividade conjunta com o membro que acelera o processo de criação de conhecimento ou o reorienta para determinadas direções (cite mais, leia mais, analise várias perspectivas etc.). De acordo com Lankes (2011), essa pressão por melhorias vem de nossos valores fundamentais como profissionais.

Lankes (2011) afirma que dentre os valores que ele aponta como fundamentais, ficou falando um: a eficiência. E para exemplificar, cita Melvil Dewey ao dizer sobre seu impacto duradouro na Biblioteconomia por seu zelo e direção a eficiência com a crença na padronização não apenas das coleções, mas dos bibliotecários também. Lankes (2011) pondera que essa padronização, inclusive profissional, pode ter funcionado bem no ambiente relativamente estável e escasso de informações do início século XX, mas hoje está mostrando não apenas rachaduras, mas também enormes abismos. Ainda vivemos em uma condição de escassez, mas não é mais a informação que é escassa, é a nossa capacidade de absorver e entender as informações, e construir conhecimento que é escassa. É nossa atenção e tempo que são escassos. “Nesse ambiente, um conceito universal de eficiência não é apenas problemático, é impossível. Não aceite minha palavra, aceite a de Herb Simon - ele ganhou um Prêmio Nobel por descobrir isso” (Lankes, 2011, p. 119, tradução nossa).

Pode ser mais eficiente catalogar todos os materiais num único sistema de classificação, mas será mais eficaz? Além disso, a menos que compreendamos profundamente a nossa missão, qualquer medida de eficiência é arbitrária. Portanto, se não é "eficiência" ou "imparcial" e "serviço" não é suficientemente preciso, quais são os valores fundamentais que os bibliotecários trazem para qualquer comunidade? São a dedicação à aprendizagem, o compromisso com abertura, a garantia da liberdade e segurança intelectuais e a dedicação à honestidade intelectual (Lankes, 2011, p. 120, tradução nossa).

O aprendizado ainda está muito nas mãos do indivíduo, não podemos forçar alguém a aprender. Devemos modelar esse valor em nosso desenvolvimento profissional: tornar-se bibliotecário é ser um aprendiz ao longo da vida. A única coisa que supera a necessidade de aprender é a necessidade de melhorar a sociedade. Ser um verdadeiro facilitador requer aprendizado constante sobre a comunidade, sobre os tópicos que a comunidade considera importantes e sobre o processo de facilitação. Se o serviço é a raiz dos nossos valores, o aprendizado é o tronco que mantém tudo unido (Lankes, 2011).

Estar aberto é ser transparente e disponível. Isso pode ser visto na prática atual dos bibliotecários com a entrevista de referência, na qual os bibliotecários compartilham processo e resultados; na catalogação onde os registros são disponibilizados entre as bibliotecas etc. Onde abertura é sobre transparência, liberdade intelectual é sobre um tipo diferente de abertura: abertura para outros pontos de vista. Conforme pontua Lankes (2011, p. 122, tradução nossa): “Para apreciar verdadeiramente a liberdade, é preciso primeiro ter estabilidade e segurança. Para isso, é necessário garantir que os membros se sintam seguros nas suas explorações de pontos de vista dominantes e das opiniões minoritárias”.

Não há contradição inerente a essa realidade e ao ato de orientar os membros a incorporarem ideias ou marcar determinados artefatos e conversas como inapropriados com o aceitável como conhecimento ou fora dos marcadores de qualidade padrão. O verdadeiro problema é encerrar completamente as conversas. Tais perspectivas acerca da qualidade e

aceitabilidade dos membros levam diretamente ao conceito de segurança intelectual. Os membros devem se sentir seguros na biblioteca para conversar, aprender e participar.

Para realmente apreciar a liberdade, é preciso primeiro ter estabilidade e segurança. No entanto, existem limites: 1) os bibliotecários limitam os tipos de recursos que fornecem acesso; 2) existem limites para as conversas que as bibliotecas procuram apoiar, e não se trata apenas de espaço, tempo e / ou orçamentos limitados. Para esse fim, os bibliotecários devem garantir que os membros se sintam seguros em suas explorações e pesquisas que podem ser consideradas como “minoritárias”.

Assim sendo, os meios de proporcionar segurança e liberdade não podem ser imparciais, assim como o próprio bibliotecário não pode ser. Deixar claro o seu posicionamento é ser intelectualmente honesto. A honestidade intelectual possibilita o trabalho em conjunto com a comunidade com liberdade intelectual, aprendizado e abertura para dizer que, como bibliotecário, haverá o fornecimento das melhores informações disponíveis, deixando claro que tem um viés e que estará aberto a novas evidências ou abordagens (Lankes, 2011).

Fornecer acesso significa que devemos honrar as normas das conversas em termos de propriedade intelectual e, na verdade, de propriedade. Por exemplo, existem muitas culturas que têm direitos, canções e documentos sagrados que não devem ser partilhados para além de um conjunto específico de fronteiras culturais. A definição do conhecimento necessário para iniciar uma conversa é muitas vezes definida pelo conversante; da mesma forma motivação. Deixe-me dar um exemplo em termos de criação de um ambiente seguro (Lankes, 2011, p. 124-125, tradução nossa).

Dessa maneira, o foco do bibliotecário deve estar no contexto e nas necessidades do membro da comunidade, não no artefato ou objeto, que assume apenas valor e tem significado em seu uso.

Assim como abordamos os membros como indivíduos, com suas próprias ideias, artefatos e acordos de acordos, o mesmo ocorre com os bibliotecários. “A maneira como os bibliotecários equilibram seus valores profissionais com os da comunidade e com seu sistema de valores pessoal é única” (Lankes, 2011, p. 124, tradução nossa).

“O papel dos valores na Nova Biblioteconomia não é um conjunto absoluto em que a profissão procura impor a adesão a valores, mas sim como objetivos onde a comunidade fornece um ambiente seguro para discutir e examinar os valores em ação” (Lankes, 2011, p. 124, tradução nossa). Assim sendo, aos bibliotecários cabe conhecer os seus valores e agir sobre eles para além dos limites organizacionais porque parte da melhoria da sociedade é perceber que todas as partes de uma comunidade estão “enredadas”. Assim como o conhecimento não se encaixa perfeitamente nos recipientes, o trabalho dos bibliotecários não pode ser limitado a uma única instituição.

É aqui que posso me afastar de alguns dos meus colegas. Não estou pedindo a você pessoalmente que se torne um ativista político e faça piquetes contra

o poder – isso está muito além do escopo de uma responsabilidade profissional. [...] como profissional, você tem a obrigação de apresentar seus valores em suas conversas profissionais, inclusive com associados e outras organizações fora do âmbito de uma biblioteca. As pessoas devem saber em que acreditamos e por quê. Por esse tipo de visão, tenho sido chamado de “utópico pragmático” – trabalhe para o céu sujando as mãos. Acredito que os valores não são simplesmente abstratos, mas devem fornecer utilidade. Tomemos, por exemplo, questões de diversidade. É um tema que se tornou carregado na política e nos conflitos culturais. Vejo **a diversidade como uma condição ambiental essencial para a biblioteconomia**. Se valorizamos a abertura e o individualismo, e se valorizamos os ambientes de informação mais ricos para a criação de conhecimento, devemos valorizar a diversidade. A diversidade de cultura, raça, gênero, religião, afiliação sexual e visão de mundo nos ajuda a facilitar as conversas. Pode muito bem fazer parte do sistema de valores de uma comunidade, mas também é eminentemente prático (Lankes, 2011, p. 124, tradução nossa, grifo nosso).

Lankes (2011) relata que certa vez estava falando em um evento numa grande biblioteca pública e foi indagado sobre a possibilidade de a comunidade não querer estabelecer conversas. Ele respondeu pontuando que é necessário irmos ao encontro da comunidade onde elas estão e não onde nós estamos, mas para além do sentido "local", de ir de encontro com os valores e normas para engajar os membros da comunidade e iniciar a conversa. A obrigação de justiça social de um novo bibliotecário é implementar valores dentro de suas comunidades, particularmente em torno de visões minoritárias. Por minoritárias compreendemos os discursos subalternizados. Assim, devemos dar protagonismo a tais visões os sistemas de valores da comunidade e fazendo o possível para falar dentro desse sistema de valores.

A história das bibliotecas é marcada pelo seu viés elitista, promovendo a “literatura correta” para determinado tipo de público, geralmente homens brancos e abastados. Ainda hoje há tal percepção. Embora Lankes (2011, 2016) não aborde tal crítica, nos traz a perspectiva da contribuição das bibliotecas e dos bibliotecários para mudar a configuração atual da sociedade e das comunidades a partir de uma reorientação da visão de mundo. “Grandes bibliotecas ajudam a moldar uma visão de mundo” (Lankes, 2016).

“[...] com o advento da internet e de uma nova era digital, bibliotecários novamente apontam o caminho para uma sociedade melhor, fundada no respeito aos diversos pontos de vista” (Lankes, 2016, p. 22). Assim, facilitar a construção do conhecimento, dar acesso e mediar à informação são maneiras de contribuir com a melhoria de vida das pessoas.

O mundo melhor que desejamos não vai ser erguido por prédios ou coleções, mas por profissionais dedicados que buscam um futuro melhor. Temos ferramentas feitas de vidro, aço, papel e costura, mas é a conexão humana que cria os alicerces da confiança. Nenhuma disposição, banco de dados ou e-book vai começar a remendar nossa sociedade fragmentada (Lankes, 2021, p. 5).

De todo o exposto fica visível à importância das ações de bibliotecários e das bibliotecas na construção de uma sociedade melhor. Lankes (2016, p. 96) afirma que o que

constitui a melhoria da sociedade é uma definição dos objetivos da biblioteca alinhados com a comunidade, ou seja, alinhar os objetivos da instituição com os reais interesses dos membros, mas sem correr o risco de encará-los como consumidores de serviços da biblioteca, conforme dito anteriormente, a comunidade é parte da biblioteca.

Quando falamos sobre como melhorar nossas comunidades e qual o papel da biblioteca nesta missão, devemos crer que nossas bibliotecas se moldem para as necessidades e vice-versa. E isso não é uma ação revolucionária, muito pelo contrário. Durante décadas passamos a ouvir sobre abordagens voltadas a clientes. Na tecnologia, por exemplo, falamos sobre experiência do usuário (*UX user experience*). Mas devemos ir além, não devemos pensar em consumidores ou usuários de biblioteca, devemos pensar como membros, que moldam a biblioteca (Lankes, 2016).

Neste sentido, as bibliotecas podem moldar as conversas para promoção de uma melhoria da comunidade atuando como parte da comunidade, focando serviços que atendam de fato e não mais opções genéricas. No tocante as demandas da comunidade, o acervo é um elemento importante de se levar em consideração, devendo contemplar o conhecimento da comunidade local e, assim, contribuir com uma visão de mundo que enfoque a construção de um futuro melhor. É papel da biblioteca apresentar à sua comunidade debates e ideias sobre acesso aberto, livro eletrônico, desinformação e demais temas emergentes, abordando quais os riscos e os benefícios. Não basta somente que a biblioteca crie uma política e a aplique, é necessário ter diálogo entre todos os interessados e envolvidos.

Com muita frequência, os bibliotecários falam bem sobre democracia e empoderamento, mas a maior parte do tempo é dedicada à tecnologia e procedimentos. Precisamos fazer um trabalho melhor conectando nossos valores, nosso trabalho e nossas comunidades às conversas sobre políticas. Também devemos ser muito mais claros sobre como o trabalho dos bibliotecários contribui com a educação de um cidadão.

Aprender é mudar. Porque estamos no campo do conhecimento, estamos no negócio da mudança (bem, facilitando a mudança através do conhecimento). A educação e a biblioteconomia são uma questão de mudança, e os nossos valores dizem-nos que mudamos as nossas comunidades e que o devemos fazer para melhor (Lankes, 2011, p. 128, tradução nossa).

Melhorar a sociedade requer liderança, requer que alguém ou um grupo de pessoas se levante, aponte uma direção e vá embora. Os bibliotecários devem liderar. De acordo com Lankes (2011), quanto melhor forem os líderes da comunidade bibliotecária, melhor será a comunidade como um todo para servir a sociedade.

Lankes (2016) alerta que a razão pela qual precisamos de uma infraestrutura mais participativa, contando com membros em vez de usuários, não se deve a uma visão utópica de igualdade. Trata-se de um investimento na comunidade ao proporcionar oportunidade para empreendedorismo e inovação. As bibliotecas têm um papel fundamental, historicamente, nesta infraestrutura do conhecimento. O futuro de nossa economia, de nossa democracia, de

nossa educação e de nosso cotidiano está cada vez mais próximo desta infraestrutura de conhecimento. Precisamos acreditar em nossas bibliotecas como colaboradoras para esta proximidade (Lankes, 2016).

## 5 METODOLOGIA

*“[...] é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam. Estes cientistas buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado” (Goldenberg, 2002, p. 19).*

Minayo (2009, p. 13) afirma que o objeto de estudos das ciências sociais possui consciência histórica, porque não se trata apenas de uma interpretação do pesquisador acerca do trabalho intelectual, mas, de todos os seres humanos em geral. A autora pontua que, assim como os grupos e sociedades específicas atribuem significados às suas ações e construções, "são capazes de explicitar as intenções de seus atos e projetam e planejam seu futuro, dentro de um nível de racionalidade sempre presente nas ações humanas" (Minayo, 2009, p. 13). Ao abordarmos a Nova Biblioteconomia de Lankes sob a perspectiva das práticas desenvolvidas no âmbito da Biblioteconomia, temos como finalidade dar voz aos sujeitos que fazem a Biblioteconomia brasileira. Em linhas gerais, a efetividade da aplicação de uma Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro será bem-sucedida se compreendermos as práticas, bem como a atribuição de significados que os bibliotecários dão para a sua atuação.

Desse modo, denominamos o presente estudo como uma pesquisa de cunho social, qualitativa e exploratória. A pesquisa qualitativa "trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes", o que podemos denominar como parte da realidade social (Minayo, 2009, p. 21). Por pesquisa exploratória, Minayo (2009, p. 17) pontua que se trata dos estudos em que o pesquisador propõe um novo discurso interpretativo para compreensão de determinada questão. A pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo acerca de determinado fato (Gil, 2008, p. 27). "Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições" (Gil, 2002, p. 41).

Assim, Minayo (2009, p. 26) aponta que o desenvolvimento da pesquisa qualitativa se divide em três etapas: 1) fase exploratória; 2) trabalho de campo; e, 3) análise e tratamento do material empírico e documental. Em conformidade com Minayo (2009), Gil (2002, p. 41) afirma que as pesquisas exploratórias envolvem etapas como: o levantamento bibliográfico; a realização de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e a análise de exemplos para a compreensão do problema pesquisado. Desse modo, elencamos as seguintes etapas para atingir os objetivos da pesquisa:

- I. Para a fase exploratória, adotamos o seguinte percurso: identificação e análise de textos sobre a sociedade contemporânea, a Biblioteconomia e sua constituição no contexto brasileiro;
- II. Para o trabalho de campo, realizamos a identificação das práticas da Biblioteconomia contemporânea que se caracterizam como exemplos de Nova Biblioteconomia por meio da leitura e análise dos Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Posteriormente, serão realizadas entrevistas com os bibliotecários autores dos relatos de experiências das edições em análise do CBBB, identificados como profissionais que já atuam com uma perspectiva nova de Biblioteconomia.
- III. Para a análise e tratamento do material empírico, realizamos a análise de discurso.

A adoção da análise do discurso parte do princípio de que o discurso é uma construção social que reflete a visão de mundo. Conforme pontua Chizzotti (1998):

Esta técnica procura reduzir o volume amplo de informações contidas em uma comunicação a algumas características particulares ou categorias conceituais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou **investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem a informação** ou, enfim, verificando a influência desse contexto no estilo, na forma e no conteúdo da comunicação (Chizzotti, 1998, p. 99, grifo nosso).

Consonante com Minayo (2009) e Gil (2002), elaboramos o quadro a seguir com a descrição das etapas deste estudo em conformidade com os objetivos da pesquisa.

Quadro 4 – Síntese Metodológica

<b>Problema de Pesquisa</b>	<b>Objetivo Geral</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Procedimentos Metodológicos</b>
Como a teoria de uma "Nova Biblioteconomia" é apropriada para repensar o campo da Biblioteconomia e as práticas dos bibliotecários na sociedade brasileira contemporânea?	Analisar elementos da prática da Biblioteconomia brasileira à luz da Nova Biblioteconomia proposta por Lankes.	Discutir a sociedade contemporânea onde emerge a constituição da Nova Biblioteconomia de Lankes.	- Leitura e seleção de textos de teóricos das Ciências Sociais e da Biblioteconomia que caracterizem e reflitam a sociedade e as mudanças ocorridas e, por conseguinte, na área.
		Apresentar a Nova Biblioteconomia de Lankes com vistas a elucidar sua teoria e a manifestação no contexto brasileiro.	- Leitura da produção do autor sobre a temática e pesquisa na base de dados BRAPCI sobre a produção do autor.

		<p>Discutir aspectos formativos da Biblioteconomia brasileira a partir da atuação profissional, do ensino e do movimento associativo.</p>	<p>- Construção de referencial teórico que reflita a Biblioteconomia brasileira no tocante a formação, atuação profissional e política. - Análise do discurso dos bibliotecários a respeito da formação, atuação e movimento associativo bibliotecário.</p>
		<p>Averiguar as iniciativas práticas dos bibliotecários brasileiros com vistas a uma aproximação da Nova Biblioteconomia.</p>	<p>- Análise qualitativa dos Anais do CBBB de 2013, 2015, 2017 e 2019 – período posterior à publicação do <i>Atlas of New Librarianship</i>, para identificar práticas à luz da Nova Biblioteconomia, de acordo com o contexto brasileiro. - Após a identificação das práticas, realização de entrevistas com os bibliotecários. - Análise do discurso dos bibliotecários, no tocante a contextualização da Nova Biblioteconomia no Brasil.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Na seção a seguir, trataremos explicitamente cada um dos procedimentos metodológicos descritos no quadro em conformidade com os objetivos específicos da pesquisa.

## 5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar o objetivo de “apresentar a Nova Biblioteconomia de Lankes com vistas a elucidar sua teoria e manifestação no contexto brasileiro”, realizamos os seguintes procedimentos:

- Pesquisa bibliográfica no Portal de Periódicos Capes e na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) para identificação de textos sobre a sociedade contemporânea oriundos de teóricos das ciências sociais para compreensão das transformações na realidade social; sobre a Biblioteconomia, sua constituição e mudanças no Brasil. Para verificar na literatura da área a incidência de trabalhos publicados

por David Lankes sobre a Nova Biblioteconomia e citações da referida teoria, pesquisamos os termos “Nova Biblioteconomia”, “David Lankes”, “Lankes” e “New Librarianship”

Para “discutir a sociedade contemporânea onde emerge a constituição da Nova Biblioteconomia de Lankes”, realizamos o seguinte procedimento:

- Com a seleção da literatura na etapa anterior, contextualizamos a constituição da Biblioteconomia brasileira, sua trajetória e seus desafios contemporâneos, aliada a análise da Nova Biblioteconomia de Lankes;

Para “averiguar as iniciativas práticas dos bibliotecários brasileiros com vistas a uma aproximação da Nova Biblioteconomia” realizamos os seguintes procedimentos:

- Inicialmente, realizamos uma análise dos Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD) dos anos de 2013, 2015, 2017 e 2019. Escolhemos as últimas quatro edições do evento – apesar de a teoria ter tido visibilidade nacional a partir de 2015 –, porque corresponde ao período posterior a publicação do *Atlas of New Librarianship* (2011), para identificar práticas de Nova Biblioteconomia, em conformidade com o contexto brasileiro. A seleção dos textos ocorreu por meio da leitura de todos os trabalhos publicados nos Anais dos CBBBDs e análise das práticas relatadas nos trabalhos à luz da Nova Biblioteconomia de Lankes.

O Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBBD) é realizado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Instituições (FEBAB), detentora da marca, desde 1954 com 28 (vinte e oito) edições (1954 – 2019), sendo considerado o mais importante evento da área no país. “No contexto brasileiro, esse evento veio a se transformar no principal conclave profissional, técnico e científico, reunindo profissionais de biblioteconomia e áreas afins atuantes no país e, profissionais vindos do exterior” (Souza, 2009, p. 67).

A organizadora do evento, a FEBAB, é uma sociedade civil, sem fins lucrativos que foi fundada em 26 de julho de 1959 após proposta apresentada pelos bibliotecários Laura Garcia Moreno Russo e Rodolfo Rocha Junior na ocasião do II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, ocorrido em Salvador. De acordo com Laura Russo e Rodolfo Rocha Junior a “sua criação tornava-se imperativa para a categoria, na medida em que com o passar do tempo ‘... os problemas da classe e das bibliotecas foram se aviltando, dado o processo da técnica e da ciência” (Castro, 2000, p. 178). A Federação tem a missão de defender e incentivar o desenvolvimento da profissão e como objetivos

[...] congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das

atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação (FEBAB, [entre 2012 – 2020]).

Para compreensão da importância da FEBAB, Gama (2021) em sua dissertação que teve como finalidade construir a memória da Biblioteconomia brasileira a partir dos discursos do CBBB, ressalta que é importante distinguir a IFLA (*International Federation of Library Associations and Institutions*), que é uma associação internacional com foco nas bibliotecas, da FEBAB, que é uma associação nacional com foco para além das bibliotecas, incluindo também as demandas e desafios dos profissionais da área. De acordo com a autora, tal diferença deve ser levada em consideração ao explicarmos as áreas de atuação possíveis das duas instituições e suas possíveis relações e influências, sobretudo no contexto deste trabalho.

A FEBAB é considerada o “braço” da IFLA no Brasil, e repercute as discussões e temas internacionais por essa ligação. Desse modo, dentre os principais objetivos da FEBAB, estão os seguintes: congregar as entidades para se tornarem membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; fornecer apoio às atividades de seus filiados e de profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de Biblioteconomia, ciência da informação e de áreas correlatas; promover a interação com instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando ao aprimoramento de bibliotecas e seus profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação.

A cada edição do CBBB é escolhido um tema central e uma cidade-sede. Assim sendo, durante a realização do CBBB, a comunidade bibliotecária de todo o país apresenta suas experiências no cotidiano de trabalho, como comunicação oral ou pôsteres. Há uma diversidade muito rica de experiências e vivências. Conforme pontua Tanus e Silva (2019, p. 23), o CBBB contribuiu para um (re)pensar epistemológico da Biblioteconomia.

Assim, definiu-se como objeto de análise as quatro edições posteriores à publicação da primeira obra de R. David Lankes sobre a Nova Biblioteconomia, o *Atlas of The New Librarianship*, em 2011.

- XXV CBBB “Bibliotecas, Informação, Usuários: Abordagens de transformação para a Biblioteconomia” - Ano: 2013 (Florianópolis/Santa Catarina);
- XXVI CBBB “Biblioteconomia, Ciência e Profissão” - Ano: 2015 (São Paulo/São Paulo);

- XXVII CBBB “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030” - Ano: 2017 (Fortaleza/Ceará);
- XXVIII CBBB “Desigualdade e Democracia: Qual o papel das bibliotecas?” - Ano: 2019 (Vitória/Espírito Santo).

O acesso aos trabalhos apresentados no CBBB se deu inicialmente, na página de cada edição do evento. Após o lançamento do Repositório da FEBAB no dia 12 de março de 2020, optou-se por normalizar o acesso aos textos utilizando somente o Repositório. Conforme notícia divulgada na ocasião do lançamento, o Repositório tem como objetivo tornar disponível o conteúdo produzido em todas as ações da FEBAB ao longo de sua história e documentos que se constituem parte integrante da Memória do Movimento Associativo Brasileiro. Desse modo, realizamos uma releitura dos textos dos eventos a fim de que a análise fosse uniforme.

Após a identificação das práticas de Nova Biblioteconomia, de acordo com o contexto brasileiro, presentes nos Anais do CBBB, selecionamos práticas realizadas em diferentes estados brasileiros. Dentre as práticas selecionadas, optamos por priorizar as práticas que tivessem maior alinhamento com cada tópico da missão defendida por Lankes para realizarmos a entrevista.

Assim, foi realizada a leitura de cada um dos trabalhos apresentados no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (edições 2013, 2015, 2017 e 2019) a fim de identificar dentre os relatos de experiência ocorridos no Brasil, sintonia entre as práticas e a teoria de David Lankes, sendo de conhecimento dos bibliotecários brasileiros ou não. Conforme mencionado anteriormente, ressalta-se que como o escopo temporal da análise levou em consideração o período posterior a publicação do *Atlas of the New Librarianship* (2011), foi observado se o autor, R. David Lankes, foi mencionado nos relatos.

- Realização de entrevistas com os bibliotecários identificados como os profissionais que já atuam com uma perspectiva nova de Biblioteconomia.

Embora Deslandes (2009, p. 48) afirme que a concepção de amostragem não é a mais indicada para determinados tipos de pesquisa social, caracterizamos o presente estudo com amostra não probabilística, qual seja: a amostragem por julgamento. Nesse tipo de amostragem, “classifica-se em amostra intencional, [...] selecionando por interesse e responsabilidade do pesquisador” (Santos, 2013, p. 142) e ainda, por área geográfica. Assim sendo, para uma análise representativa de cada contexto no Brasil, privilegiamos para a entrevista bibliotecários de cada região brasileira, levando em consideração os seguintes critérios: 1) referência a Lankes no relato de experiência; 2) identificação da missão do

bibliotecário como norteadora da prática, independentemente do fato do bibliotecário conhecer Lankes.

“Na pesquisa qualitativa, a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados é essencial” (Minayo, 2009a, p. 63), por isso, entrevistamos bibliotecários brasileiros, a fim de compreender a aplicabilidade de uma Nova Biblioteconomia no discurso e na prática profissional, no contexto brasileiro. Optamos pela entrevista semiestruturada "que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (Minayo, 2009a, p. 64).

Em princípio, o pesquisador entrevista as pessoas que parecem saber mais sobre o tema estudado do que quaisquer outras. Acredita-se que essas pessoas estão no topo de uma hierarquia de credibilidade, isto é, o que dizem é mais verdadeiro do que outras, que não conhecem tão bem o assunto, diriam. Na verdade, o pesquisador não deve se limitar a ouvir apenas estas pessoas. Deve também ouvir quem nunca é ouvido, invertendo assim esta hierarquia de credibilidade (Goldenberg, 2002, p. 85).

O universo da pesquisa "não são os sujeitos em si, mas as suas representações, conhecimentos, práticas, comportamentos e atitudes" (Deslandes, 2009, p. 48). Desse modo, as perguntas foram elaboradas 1) inicialmente, para compreensão de cada contexto; 2) posteriormente a conversa abrangeu aspectos relacionados a contextualização da Nova Biblioteconomia com a realidade individual; e, 3) foram abordadas questões relacionadas a cada um dos tópicos abordados da missão do bibliotecário delineada por Lankes (2011) e sobre o relato de experiência analisado, conforme podemos ver no Apêndice B.

Esclarecemos que antes da realização da entrevista, os sujeitos da pesquisa foram contatados por meio do e-mail disponibilizado no trabalho submetido ao CBBB. Todos os sujeitos da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – disponível no Apêndice – que, por ocasião da pandemia de Covid-19, foi disponibilizado por meio do *Google Forms* para assinatura eletrônica e com o envio de cópia da resposta online para o respondente. Como possíveis riscos aos participantes da pesquisa, assinala-se o medo de não saber responder ou se comprometer, o medo da quebra de sigilo ou de ser identificado; tomar o tempo do sujeito ao responder a pesquisa.

Em cumprimento ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), asseguramos o sigilo da identidade dos bibliotecários participantes desta pesquisa. Os dados coletados foram tratados de forma a garantir o anonimato, ou seja, foram removidas todas as informações que pudessem levar à identificação individual dos sujeitos. O termo "Bibliotecário" associado a um número foi utilizado para quaisquer referências ao entrevistado.

As entrevistas foram gravadas para posterior transcrição e ocorreu por meio do aplicativo de videoconferências *Google Meet*. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas não serão acessados por terceiros.

### 5.1.1 Sistematização dos dados

Inicialmente, faz-se necessário explicitar que o XXV CBBB (2013) foi à última edição a adotar o formato de texto completo. As demais edições do evento optaram por adotar o formato resumo expandido tanto para comunicações orais quanto para os pôsteres. Os trabalhos com as melhores avaliações são convidados posteriormente a publicar o texto completo na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB), editada pela FEBAB. Assim sendo, esclarecemos que realizamos a análise dos relatos de experiência a partir da leitura do texto completo da edição de 2013 e do resumo expandido das últimas três edições do CBBB. Essa escolha metodológica se justifica pela necessidade de obter uma compreensão holística do tema, o que implica a análise de todos os trabalhos submetidos ao evento, independentemente de sua classificação final.

Após a análise inicial dos relatos de experiência apresentados nas edições de 2013 a 2019 do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, foram identificados ao todo cerca de setenta e seis (76) trabalhos, conforme podemos ver no quadro abaixo. A lista completa com os títulos dos relatos de experiência por edição do CBBB, autoria e aderência à perspectiva da Nova Biblioteconomia se encontra descrita nos quadros no Apêndice D.

Quadro 5 – Quantitativo de relatos de experiência identificados na análise

Região	Estado de Origem da Autoria do Relato	Quantidade de relatos			
		XXV CBBB	XXVI CBBB	XXVII CBBB	XXVIII CBBB
Norte	Amazonas	-	-	1	1
Nordeste	Alagoas	1	-	1	1
	Bahia	-	1	-	-
	Ceará	-	-	4	1
	Maranhão	1	-	2	1
	Paraíba	-	2	1	1
	Rio Grande do Norte	1	-	-	-
	Sergipe	-	-	1	1
Centro-Oeste	Distrito Federal	1	-	1	1
Sudeste	Espírito Santo	-	3	1	3
	Minas Gerais	2	2	2	4
	Rio de Janeiro	1	1	3	1
	São Paulo	1	2	3	5
Sul	Paraná	-	-	1	1
	Rio Grande do Sul	-	1	1	1
	Santa Catarina	2	2	3	4
Total de relatos		10	14	24	29

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a análise dos trabalhos submetidos às edições de 2013 a 2019 do CBBB, podemos observar o crescimento de trabalhos com uma perspectiva que se assemelha a concepção de Nova Biblioteconomia, em conformidade com o contexto brasileiro. Nas edições 2013 e 2015, nota-se uma menor quantidade de trabalhos se compararmos com as edições posteriores a participação do autor da Nova Biblioteconomia como conferencista do XXVII CBBB.

Com a leitura dos muitos trabalhos submetidos, podemos observar as movimentações discursivas em torno de uma mudança e ressignificação da atuação profissional. Vários trabalhos, sobretudo, da edição de 2015 do evento evocava uma reorientação do trabalho dos bibliotecários e da profissão, de modo geral. No entanto, não havia um direcionamento em torno de uma solução plausível aos desafios contemporâneos apresentados na prática profissional. Alguns relatos de experiência já se direcionavam em torno do trabalho cooperativo com as comunidades e na reorientação do espaço da biblioteca que devia dar mais ênfase as pessoas e menos a perspectiva técnica e voltada ao acervo.

Assim, na edição XXV CBBB, identificou-se 10 (dez) relatos de experiência que se alinham com a perspectiva da Nova Biblioteconomia, sendo um (1) relato de experiência em Alagoas, um (1) no Maranhão, um (1) no Rio Grande do Norte, um (1) no Distrito Federal, dois (2) em Minas Gerais, um (1) no Rio de Janeiro, um (1) em São Paulo e dois (2) em Santa Catarina. Em 2013, quando ocorreu a referida edição do CBBB, Lankes já havia publicado sua primeira obra abordando a Nova Biblioteconomia: *The Atlas of the New Librarianship* (2011). Não havia menção a perspectiva no Brasil, mas já havia iniciativas voltadas à comunidade, a facilitação da aprendizagem e a promoção das conversas que, conforme podemos ver com Lankes (2011), constroem conhecimento.

Na edição XXVI CBBB, identificou-se 14 (quatorze) relatos de experiências que aderem à perspectiva de Lankes, sendo um (1) relato de experiência na Bahia, dois (2) na Paraíba, três (3) no Espírito Santo, dois (2) em Minas Gerais, um (1) no Rio de Janeiro, dois (2) em São Paulo, um (1) no Rio Grande do Sul, e dois (2) em Santa Catarina.

Os relatos identificados nos mostram uma Biblioteconomia voltada ao conhecimento e a integração com a comunidade. Podemos observar iniciativas de bibliotecas voltadas à promoção da aprendizagem e a construção do conhecimento, levando a biblioteca onde o público está e até integrando ao seu acervo uma nova experiência para sua comunidade ao criar uma biblioteca de aromas. Um dos relatos é de cunho teórico e pontua que o espaço da biblioteca deve ser para convivência comunitária e instrumento para mobilização da comunidade nas lutas por melhores condições de vida da sociedade.

Mesmo que o quantitativo de relatos de experiência identificados nas edições de 2013 e 2015 seja menor em comparação com os eventos posteriores a participação do autor da Nova Biblioteconomia no CBBB, nos traz dados importantes sobre as iniciativas brasileiras

que já vislumbravam a necessidade de fazer uma Biblioteconomia de uma forma diferenciada e voltada às pessoas, antes mesmo de um aporte teórico mais robusto que estabelecesse tais iniciativas como uma missão profissional.

No XXVII CBBB, o primeiro realizado após a realização da conferência com R. David Lankes, o número de relatos de experiência aumentou quase cem por cento. Foram identificados 24 (vinte e quatro) relatos de experiências e alguns com menção a Lankes e a Nova Biblioteconomia. No CBBB 2017, quatro relatos fazem menção a Lankes, sendo dois com relatos sobre a biblioteca atuando como espaço de aprendizagem para as comunidades; um relato apresentando um comparativo das bibliotecas parques do Rio de Janeiro; e um sob a perspectiva teórica da Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro.

Na edição XXVII CBBB identificaram-se relatos de experiência em todas as regiões do Brasil, sendo: um (1) no Amazonas, um (1) em Alagoas, quatro (4) no Ceará, dois (2) no Maranhão, um (1) na Paraíba, um (1) em Sergipe, um (1) no Distrito Federal, um (1) no Espírito Santo, dois (2) em Minas Gerais, três (3) no Rio de Janeiro, três (3) em São Paulo, um (1) no Paraná, um (1) no Rio Grande do Sul, e, três (3) em Santa Catarina.

Após a análise dos trabalhos submetidos ao XXVIII CBBB, identificaram-se 29 (vinte e nove) trabalhos que sintonizam com a teoria proposta por Lankes. Dentre eles, 3 (três) trabalhos referem-se a pesquisas teóricas ou de revisão de literatura que citam e analisam a Nova Biblioteconomia no tocante à atuação do bibliotecário, gestão de bibliotecas universitárias e gestão de *makerspaces* em bibliotecas. Os 26 (vinte e seis) trabalhos restantes tratam-se de relatos de experiência que possuem características da Nova Biblioteconomia e, portanto, são objetos de análise desta pesquisa. Apenas 3 (três) dos relatos de experiência citam diretamente a Nova Biblioteconomia de Lankes.

Foi identificado no XVIII CBBB um (1) relato de experiência no Estado do Amazonas; um (1) no Ceará; um (1) no Distrito Federal; um (1) no Maranhão; quatro (4) em Minas Gerais; um (1) na Bahia; três (3) no Espírito Santo; um (1) na Paraíba; um (1) no Paraná; um (1) no Rio Grande do Sul; um (1) no Rio de Janeiro; quatro (4) em Santa Catarina; um (1) em Sergipe; e, cinco (5) relatos de experiência em São Paulo.

A conferência de Lankes, na edição de 2015, assim como as discussões em torno da Agenda 2030 da ONU, conferiu um novo direcionamento ao trabalho do bibliotecário e a Biblioteconomia, de forma geral. Ressalta-se que a maioria dos relatos identificados na edição 2019 se referem ao Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), o que podemos inferir que a atuação das bibliotecas e dos bibliotecários a partir da Agenda 2030 se relaciona diretamente com a perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes.

Embora a menção aos trabalhos de Lankes e sua Nova Biblioteconomia possam ser considerada pequena, do ponto de vista quantitativo, podemos inferir que o discurso coletivo se reorientou buscando uma atuação mais focada nas comunidades e na aprendizagem.

Quadro 6 – Relatos de experiência que fazem menção a Lankes identificados nas edições 2017-2019 do CBBB

Edição do CBBB	Título
CBBB 2017	Bibliotecas Parque e a Agenda 2030: análise das atividades no Rio de Janeiro
CBBB 2017	Vamos falar de Nova Biblioteconomia?
CBBB 2017	Semana de Metodologia e Produção científica: contribuições da biblioteca universitária para a formação acadêmica
CBBB 2017	Reconfiguração do espaço físico de bibliotecas universitárias alinhadas às novas tendências em metodologias ativas de ensino
CBBB 2019	Biblioteca como um espaço dinâmico e criativo
CBBB 2019	A Biblioteca como espaço criativo
CBBB 2019	Relato de experiência: O Projeto “A leitura vai à praça” como contrapartida social da Biblioteca Municipal Maria Geaquinto - Jerônimo Monteiro, ES
CBBB 2019	Gestão de 'makerspaces' de bibliotecas sob a ótica da Nova Biblioteconomia
CBBB 2019	Falando Sobre: a biblioteca como espaço para troca de experiências
CBBB 2019	Tendências em gestão para bibliotecas universitárias.
CBBB 2019	Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme mencionado na seção anterior, os critérios para escolha dos relatos de experiência para a entrevista foram os seguintes: 1) referência a Lankes no relato de experiência; 2) identificação da missão do bibliotecário como norteadora da prática, independentemente do fato do bibliotecário conhecer Lankes e que tivessem maior alinhamento com cada tópico da missão defendida por Lankes para realizarmos a entrevista. Os relatos que mencionam Lankes, mas que apresentam uma perspectiva teórica foram descartados para a entrevista. Desse modo, os relatos de experiência selecionados para a entrevista foram os seguintes:

- 1) “Informação comunitária no contexto das bibliotecas públicas para a promoção de uma democracia participativa”;
- 2) “Incentivo à leitura: criando espaço para manifestações literárias”;
- 3) “Representação da memória oral em documentário memorialístico: relato de experiência de um estudo aplicado no Sítio Minguiriba - Crato – CE”;
- 4) “Projeto Preta Poeta: encontros na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais”;
- 5) “Clube de leitura entre os muros do cárcere”;

- 6) “Bibliotecas como ambientes de luta pela redução das desigualdades e pelo empoderamento de minorias”;
- 7) “Biblioteca pública, bibliotecário e território: as relações e as mediações de leituras”;
- 8) “Biblioteca das coisas no contexto universitário: a experiência da Biblioteca Feevale”
- 9) “Biblioteca como um espaço dinâmico e criativo”;
- 10) “Biblioteca Cruz e Sousa: disseminando a leitura e o hábito de ler”;
- 11) “Biblioteca pública, bibliotecário e território: as relações e as mediações de leituras”;
- 12) “Semana de Metodologia e Produção científica: contribuições da biblioteca universitária para a formação acadêmica”;
- 13) “Reconfiguração do espaço físico de bibliotecas universitárias alinhadas às novas tendências em metodologias ativas de ensino”;
- 14) “Biblioteca como um espaço dinâmico e criativo”;
- 15) “A Biblioteca como espaço criativo”;
- 16) “Relato de experiência: O Projeto “A leitura vai à praça” como contrapartida social da Biblioteca Municipal Maria Geaquinto - Jerônimo Monteiro, ES”;
- 17) “Falando Sobre: a biblioteca como espaço para troca de experiências”.

Foram enviados e-mails para os autores dos trabalhos mencionados acima apresentando a pesquisa, a finalidade e a maneira como o respectivo trabalho foi identificado, para, enfim, convidar para participar da pesquisa. Assim sendo, os doze bibliotecários que responderam ao e-mail convite para participar da pesquisa, realizou-se o agendamento da entrevista.

No período de 27 de julho de 2021 a 30 de agosto de 2021, em conformidade com a disponibilidade de agenda de cada participante da pesquisa, foram realizadas 12 entrevistas com bibliotecários de distintos locais de atuação, conforme podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 7 – Sujeitos da pesquisa

<b>Entrevistado</b>	<b>Local de atuação</b>	<b>Tipo de Instituição</b>
Bibliotecário 1	Biblioteca pública	Pública
Bibliotecário 2	Biblioteca de educação tecnológica e superior	Pública
Bibliotecário 3	Biblioteca escolar	Privada
Bibliotecário 4	Biblioteca de educação tecnológica e superior	Pública
Bibliotecário 5	Biblioteca de educação tecnológica e superior	Pública
Bibliotecário 6	Biblioteca de educação tecnológica e superior	Pública

Bibliotecário 7	Biblioteca universitária	Privada
Bibliotecário 8	Biblioteca universitária	Privada
Bibliotecário 9	Biblioteca de educação tecnológica e superior	Pública
Bibliotecário 10	Biblioteca pública	Pública
Bibliotecário 11 <sup>24</sup>	Biblioteca universitária	Privada
Bibliotecário 12	Biblioteca pública	Pública

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme mencionado anteriormente, as entrevistas foram realizadas por meio do serviço de comunicação por vídeo *Google Meet*. A gravação ocorreu sempre após a notificação ao participante da pesquisa de seu início. Foi utilizado o gravador online *Online Voice Recorder*<sup>25</sup> para registrar o áudio das entrevistas. Após a gravação, foi realizada a transcrição literal<sup>26</sup> de cada entrevista.

Em um primeiro momento, foram realizadas pré categorias a partir do Roteiro de perguntas para a entrevista (Apêndice C). Após a realização das entrevistas, as categorias foram definidas a partir dos recortes das falas dos entrevistados. As falas dos entrevistados foram analisadas em conformidade com o referencial teórico-conceitual estabelecido nas seções anteriores. Assim, a apreensão dos relatos coletados durante as entrevistas, permitiu a criação de três categorias oriundas da predefinição de categorias estabelecidas na concepção do roteiro de entrevista, e de cinco subcategorias, conforme o quadro a seguir:

Quadro 8 – Categorias de análise das entrevistas

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Contexto do relato pessoal (formação profissional e relato de experiência do CBBB)	Trajetória profissional e formação do bibliotecário
	Atividades realizadas no local de trabalho
O movimento associativo no Brasil	Contribuições do movimento associativo para a construção de uma Biblioteconomia nova no Brasil
Perspectivas com relação à Biblioteconomia	Concepção de Biblioteconomia (passado, presente e futuro)
	O que espera das bibliotecas, de si enquanto profissional e da classe bibliotecária
A perspectiva da Nova Biblioteconomia	Entendimento do termo

<sup>24</sup> Ao realizar a transcrição, notou-se que o áudio do Bibliotecário 11 ficou mudo na gravação, possibilitando somente a transcrição da fala da pesquisadora e eventuais impressões a respeito do que o entrevistado disse. Assim, apesar de haver a menção ao Bibliotecário 11, sua entrevista não pôde ser utilizada durante as análises. Ressalta-se que tal fato é mencionado porque faz parte da pesquisa a ocorrência de eventuais erros ou falhas. Optou-se por não ocultar a existência do referido entrevistado em respeito à sua passagem e interesse em contribuir com esta pesquisa.

<sup>25</sup> ONLINE VOICE RECORDER. Disponível em: <https://online-voice-recorder.com/pt/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

<sup>26</sup> A transcrição literal consiste na reprodução de tudo o que foi dito pelos entrevistados, inclusive murmúrios e vícios de linguagem.

	Importância do contexto
	Entendimento de comunidades
	Contribuição do bibliotecário para melhoria das comunidades
	Contribuição do bibliotecário para a construção de conhecimento pelas comunidades
	Contribuição da formação do bibliotecário para facilitação da criação de conhecimento pelas comunidades
	Como exercer uma nova Biblioteconomia

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim sendo, durante a sistematização dos dados foi analisado: 1) o conteúdo das falas; 2) o que não foi dito, as expressões, silêncios e hesitações; 3) o contexto do que foi dito; e, 4) se os aspectos observados confirmaram ou contrariam o que foi dito discursivamente. Ressalta-se que todos os entrevistados demonstraram estar bem à vontade para se expressar discursivamente sobre as questões previamente elaboradas no roteiro e sobre outros aspectos que surgiram decorrentes da conversa que se estabeleceu.

## 6 ANÁLISE TEMÁTICA DO CBBB E AS PAUTAS DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

*“Grandes bibliotecas também esperam muito de suas comunidades. Sim, grandes bibliotecas necessitam de apoio financeiro e, mais ainda, de uma comunicação franca sobre suas necessidades, seus desafios e seus sonhos” (Lankes, 2016, p. 25).*

A Nova Biblioteconomia de Lankes se refere à realidade contemporânea, sobretudo, dos Estados Unidos, embora haja análises de outras realidades do mundo. No entanto, a teoria não foi pensada em conformidade com a complexidade da realidade brasileira. Conforme mencionado em pesquisa anterior, a Nova Biblioteconomia de Lankes, segundo Ferreira (2016) nos motiva a refletirmos sobre a “Biblioteconomia contemporânea” em busca de vislumbres de possíveis soluções para os desafios apresentados pelo momento atual. Assim, ao propor uma análise da Nova Biblioteconomia de Lankes a partir das práticas da nossa Biblioteconomia contemporânea no Brasil buscamos identificar elementos da realidade informacional brasileira contemporânea e em que medida ela tenha elementos de semelhança ou não com o que o R. David Lankes descreveu em sua teoria.

A análise dos trabalhos apresentados nas edições de 2013, 2015, 2017 e 2019 do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB) se deu a partir da leitura do texto integral observando cada aspecto da missão do bibliotecário definida pela Nova Biblioteconomia de Lankes (criação do conhecimento, facilitação do conhecimento, comunidades, melhorar a sociedade). Os relatos de experiência que após a leitura averiguamos haver sintonia com a teoria de Lankes foram listados em uma planilha e identificados a partir dos seguintes dados: eixo temático; autoria; título; resumo; se faz referência a Lankes; em qual estado brasileiro houve a prática, para a realização da análise. No quadro abaixo, descrevemos as edições do CBBB que foram objetos da análise.

Quadro 9 – Edições do CBBB objetos de análise

Edição	Tema	Local	Data	Trabalhos Aprovados (Comunicação Oral e Pôster)
XXV CBBB	Bibliotecas, Informação, Usuários: Abordagens de transformação para a Biblioteconomia	Florianópolis/S C	07 a 10 de julho de 2013	432 trabalhos
XXVI CBBB	Biblioteconomia, Ciência e Profissão	São Paulo/SP	21 a 24 de julho de 2015	375 trabalhos

XXVII CBBBD	Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030	Fortaleza/CE	17 a 20 de outubro de 2017	368 trabalhos
XXVIII CBBBD	Desigualdade e Democracia: Qual o papel das bibliotecas?	Vitória/ES	01 a 04 de outubro de 2019	533 trabalhos

Fonte: Elaborado pela autora.

No XXV CBBBD tivemos os seguintes eixos temáticos: I – Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente; II – Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação; III – Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade; IV – Bibliotecas Públicas: III Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas; e, V – Bibliotecas Escolares: 1º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática.

Na outra edição, no XXVI, podemos observar a ampliação de temáticas discutidas pela comunidade brasileira de bibliotecários com o aumento de três eixos temáticos dos Congressos conforme podemos ver a seguir: I – Gestão de bibliotecas: Aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, sustentabilidade; II – Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: Cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem; III – Advocacy: Defesa e promoção dos serviços das bibliotecas e da profissão de bibliotecário. Os movimentos associativos; IV – Captação de recursos: Projetos e processos para ampliação das verbas e uso racional dos recursos em bibliotecas; V – Comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de biblioteconomia; VI – 2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática; VII – 4º Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade; e, VIII – Organização e Representação da Informação: tecnologias e novas ferramentas, produtos e serviços, políticas, cooperação.

O XXVII CBBBD contou com os eixos temáticos relacionados a seguir: I – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS); II – 3º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática; III – Gestão de bibliotecas: aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, acesso aberto; IV – Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social; V – Fórum das Bibliotecas de Arte; VI – IV EEPC - Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação.

Organização e Tratamento da Informação: tecnologias e novas ferramentas, instrumentos, processos, produtos e serviços, políticas, cooperação; VII – Comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de Biblioteconomia; VIII – Advocacy, Inovação e Empreendedorismo; IX – Bibliotecas, Preservação e Memória; X – 5º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas; XI – IX Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

O XXVIII CBBB teve os seguintes eixos temáticos: I – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS); II – Ninguém fica para trás; III – Cultura do privilégio; IV – A expansão desenfreada das tecnologias; V – O farol do advocacy; VI – Gestão de bibliotecas; VII – Construção e identidade profissional; VIII – Ciência da Informação; IX – 2º Fórum das Bibliotecas de Arte; X – XI Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica; XI – IV Fórum de Biblioteconomia Escolar: Pesquisa e Práticas Rumo ao Desenvolvimento Humano; XII – V EEPC Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação; XIII – 6º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas; XIV – I Fórum Brasileiro das Bibliotecas Prisionais; XV – I Fórum de Bibliotecas Universitárias: Comunicação Científica no contexto da Ciência Aberta.

É interessante observarmos que o acréscimo de eixos a cada edição do CBBB analisada nessa pesquisa, reflete as temáticas que estão na pauta da Biblioteconomia contemporânea brasileira, conforme podemos visualizar no quadro abaixo.

Quadro 10 – Eixos temáticos das edições do CBBB analisadas

XXV CBBB	XXVI CBBB	XXVII CBBB	XXVIII CBBB
I – Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente	I – Gestão de bibliotecas: Aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, sustentabilidade	I – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	I – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)
II – Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação	II – Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: Cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem	II – 3º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática	II – Ninguém fica para trás

III – Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	III – Advocacy: Defesa e promoção dos serviços das bibliotecas e da profissão de bibliotecário. Os movimentos associativos	III – Gestão de bibliotecas: aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, acesso aberto	III – Cultura do privilégio
IV – Bibliotecas Públicas: III Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas	IV – Captação de recursos: Projetos e processos para ampliação das verbas e uso racional dos recursos em bibliotecas	IV – Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social	IV – A expansão desenfreada das tecnologias
V – Bibliotecas Escolares: 1º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática	V – Comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de biblioteconomia	V – Fórum das Bibliotecas de Arte	V – O farol do advocacy
	VI – 2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática	VI – IV EEPC - Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação. Organização e Tratamento da Informação: tecnologias e novas ferramentas, instrumentos, processos, produtos e serviços, políticas, cooperação	VI – Gestão de bibliotecas
	VII – 4º Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade	VII – Comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de Biblioteconomia	VII – Construção e identidade profissional

	VIII – Organização e Representação da Informação: tecnologias e novas ferramentas, produtos e serviços, políticas, cooperação	VIII – Advocacy, Inovação e Empreendedorismo	VIII – Ciência da Informação
		IX – Bibliotecas, Preservação e Memória	IX – 2º Fórum das Bibliotecas de Arte
		X – 5º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas	X – XI Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
		XI – IX Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica	XI – IV Fórum de Biblioteconomia Escolar: Pesquisa e Práticas Rumo ao Desenvolvimento Humano
			XII – V EEPC Encontro de Estudos e Pesquisas em Catalogação
			XIII – 6º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas
			XIV – I Fórum Brasileiro das Bibliotecas Prisionais
			XV – I Fórum de Bibliotecas Universitárias: Comunicação Científica no contexto da Ciência Aberta

Fonte: Elaborado pela autora.

Os acréscimos de novos eixos temáticos a cada edição representam o compromisso da FEBAB com a representatividade das demandas sociais e desafios da área. Podemos observar no quadro acima, as quatro últimas edições do CBBB tiveram temas distintos, tendo somente a vigésima oitava edição com foco nos ODS da Agenda 2030. Conforme mencionado acima, identificamos os relatos de experiência analisados nas quatro últimas edições do CBBB a partir do estado brasileiro o qual foram realizadas. Assim, no quadro abaixo,

apresentamos o quantitativo das práticas brasileiras identificadas na análise por região e estado brasileiro. Essa identificação é importante, sobretudo, para dimensionarmos a presença de uma possível Biblioteconomia nova no contexto brasileiro.

Ao analisar os Planos da Gestão 2017-2020 e da Gestão 2020-2023 da FEBAB, podemos visualizar o trabalho contínuo da instituição ao preconizar que as “Bibliotecas podem apoiar o cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030”, tendo como objetivo a sensibilização, a busca pelo comprometimento e capacitação dos bibliotecários para contribuir com o desenvolvimento da sociedade e fortalecimento das bibliotecas. Uma das maneiras de visualizar o cumprimento desses objetivos é por meio do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB). Conforme pontua Gama (2021, p. 32), “no Brasil, o CBBB representa o ponto de encontro “oficial e institucional” da categoria profissional, por ser organizado pela entidade representativa”, além de possibilitar ao bibliotecário ter voz ativa nas discussões.

Conforme foi pontuado anteriormente, a Biblioteconomia brasileira tem discutido amplamente a Agenda 2030 e a importância de “não deixar ninguém para trás” por meio do respaldo de instituições da área, como a IFLA e a FEBAB. No Brasil, a FEBAB tem mobilizado seus esforços promovendo conversas e eventos, tais como o nosso CBBB para discutir as ações sobre a execução da Agenda 2030, no contexto da Biblioteconomia e a ascensão das bibliotecas como uma grande aliada nas ações de alcance dos ODS e das metas.

“Tanto as ausências quanto as palavras, as formas como são expostas e as ocasiões em que isso ocorre moldam a - ou são moldados por - ideologia que permeia toda e qualquer instituição” (Gama, 2021, p. 19). Nesse sentido, é importante analisarmos a ideologia que permeia a FEBAB e a sua constituição. Trata-se de uma instituição que desde o seu nascedouro, na ocasião de um CBBB, se preocupa com as demandas sociais dos bibliotecários, de forma geral. Assim, é interessante observarmos que o acréscimo de eixos a cada edição do CBBB analisada nessa pesquisa, reflete as temáticas que se pretende colocar na pauta da Biblioteconomia contemporânea brasileira.

Com o tema central “Bibliotecas, Informação, Usuários – Abordagens de transformação para a Biblioteconomia e Ciência da Informação”, o XXV CBBB convidou a reflexão e a análise dos avanços científicos e tecnológicos e seus impactos sobre o fazer bibliotecário e sobre a sustentabilidade das bibliotecas e demais unidades de informação. Assim sendo, ao analisar os eixos temáticos do XXV CBBB, identificou-se a preocupação com a prática de uma Biblioteconomia alinhada com o desenvolvimento tecnológico e sustentável.

O eixo temático I: “Tecnologias de informação e comunicação - um passo a frente”, possibilitou a discussão dos ambientes e serviços de informação, competências e usuários no contexto das tecnologias, bem alinhado ao que prediz o ODS 8: Emprego Digno e Crescimento Sustentável e o ODS 10: Redução das Desigualdades, embora ainda nessa

ocasião não houvesse a Agenda 2030. A temática II: “Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação”, demonstra a preocupação com as competências para acesso e uso da informação tanto dos profissionais quanto dos usuários para a construção do conhecimento.

Na temática III: “Bibliotecas, serviços e sustentabilidade”, podemos observar na pauta das discussões o compromisso e a responsabilidade social dos profissionais e das bibliotecas para a promoção do desenvolvimento sustentável tão alinhada com os valores preconizados pelos ODS na Agenda 2030. A organização do XXVI CBBBD entende que a Biblioteconomia é construída por cada profissional dia a dia e o tema central do evento “Biblioteconomia, Ciência e Profissão” foi um convite para a reflexão da colaboração individual para o fortalecimento da área (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 2015).

No XXVI CBBBD, a pauta de sustentabilidade continuou em discussão no eixo temático I. O eixo II apresenta de forma significativa a perspectiva de “não deixar ninguém para trás” com a promoção de discussões e relatos de experiência sobre a acessibilidade, inclusão social, concebendo as bibliotecas como espaços de aprendizagem. O eixo IV abordou a “Captação de recursos: projetos e processos para ampliação das verbas e uso racional dos recursos em bibliotecas” e mais uma vez ressoou com a perspectiva de inovação sustentável e utilização dos recursos de forma consciente, pensando nas gerações futuras.

O eixo III trouxe a temática “Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem” o que mostra a relação intrínseca que há entre a Biblioteconomia e a promoção da cidadania. É uma pauta emergente e recorrente no âmbito da área e traz sempre relatos de experiências e discussões acerca de como tornar as bibliotecas mais inclusivas e socialmente mais democráticas? Se a biblioteca é um espaço de aprendizagem e é para todos, por que ainda há necessidade de pensarmos em programas e projetos que visem a leitura, a acessibilidade, dentre outros aspectos da sociedade contemporânea? O fato é que o Brasil é muito diverso e todo cenário desigual, que ficou evidente com o contexto da pandemia de Covid-19, sempre existiu e se reflete em eixos como esses e em outros, como veremos abaixo.

O XXVII CBBBD foi a primeira edição do evento formalmente com foco nos ODS das Nações Unidas de alcance nacional com o tema central “Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas: como as bibliotecas podem contribuir com a implementação da Agenda 2030”. A organização do evento pontua que as bibliotecas precisam se libertar do estereótipo de que são espaços exclusivamente para armazenamento de livros, mas acreditar que as Bibliotecas são parcerias estratégicas para atingir o cumprimento dos objetivos da Agenda 2030 das Nações Unidas (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 2017).

Assim sendo, o eixo temático I: "Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)" foi o mais representativo do tema central do evento, proporcionando as devidas reflexões e relatos de experiência sobre como as bibliotecas e a Biblioteconomia brasileira podem ser propulsoras da execução da Agenda 2030. O eixo IV "Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social" se apresentou como complementar a execução dos ODS, primando pela dignidade humana por meio do que a Biblioteconomia brasileira pode oferecer às pessoas, em consonância, sobretudo, com os ODS 4 - Educação de Qualidade e ODS 10 - Redução das Desigualdades.

O eixo II trouxe o evento paralelo "3º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: pesquisa e prática". O fórum se tornou ainda mais essencial com a publicação da Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, a lei que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. No Brasil, as bibliotecas escolares é um dos espaços clássicos da atuação do bibliotecário e com a lei, a necessidade de reflexões acerca da atuação e do desenvolvimento de pesquisas sobre aspectos relacionados às bibliotecas escolares e sua contribuição propulsiona o engajamento da área em torno da necessidade de estar em constante diálogo com o poder público para fazer valer a efetividade da lei.

O eixo III abordou a discussão sobre a "Gestão de bibliotecas" trazendo aspectos relacionados ao dia a dia da atuação do bibliotecário nas atividades de gerenciamento da informação, tais como a aquisição e o tratamento informacional no ambiente físico e virtual; a importante e contemporânea discussão sobre curadoria digital; coleções especiais; desenvolvimento de serviços e produtos inovadores; bibliotecas digitais e virtuais; repositórios e a política de acesso aberto, que traz discussões também com relação aos direitos autorais.

O eixo IV trouxe a temática "Bibliotecas para todos" que nos possibilitou discussões em torno da acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social e enfoque de gênero, que não são questões inéditas socialmente, mas no contexto da Biblioteconomia proporcionaram um olhar amplo para o sujeito informacional. A perspectiva das bibliotecas como espaço de aprendizagem, tal como prediz R. David Lankes, em sua Nova Biblioteconomia (2011) e o uso do termo Biblioteconomia Social, cunhado pelo bibliotecário Julio Jatuf, que foi conferencista nesta edição do CBBB trazendo a discussão "Biblioteconomia Social: vamos falar sobre isso?".

Os eixos V "Fórum das Bibliotecas de Arte"; X "5º Seminário Nacional de Documentação e Informação Jurídicas" e eixo XI "IX Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica" trouxeram os referidos eventos paralelos que trazem em seu cerne discussões aprofundadas sobre pautas emergentes dentro das especificidades de cada tipologia de biblioteca.

O eixo VII tratou de uma temática relevante em todo tempo para a Biblioteconomia: comunicação científica, formação do bibliotecário e o ensino de Biblioteconomia. A formação e o ensino de Biblioteconomia são áreas interligadas e suas discussões dizem respeito diretamente à atuação profissional, social e política do bibliotecário.

O eixo IX “Bibliotecas, Preservação e Memória” se refere a perspectivas da Biblioteconomia que não podem deixar de ser objetos de discussão, sobretudo, porque dizem respeito ao cerne da constituição da Biblioteconomia enquanto prática e enquanto disciplina científica. Relacionar a história das bibliotecas e da Biblioteconomia, com os aspectos voltados a preservação em bibliotecas; gestão de coleções especiais e livros raros; aliados a aspectos contemporâneos do tema ligados à sustentabilidade; democratização e acesso, dizem muito da Biblioteconomia que praticamos hoje e que necessita de discussão para uma formalização também no contexto acadêmico.

O XXVIII CBBBD teve como tema central "Desigualdade e democracia: qual é o papel das bibliotecas" para estimular os bibliotecários a agirem de forma proativa na referida questão. A comissão organizadora do evento entende que, tal como prediz nosso juramento, temos o compromisso de defender a democracia, a liberdade de expressão e a inclusão social, tendo consciência do papel de colaboração que exercemos na sociedade (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 2019). Conceber tal tema e a sua importante discussão entre a comunidade bibliotecária brasileira no momento político, econômico e social que vivenciamos atualmente é uma maneira clara de “não deixar ninguém para trás”. Ressalta-se que os eixos temáticos desta edição do evento são os que mais evidenciam esse posicionamento.

O eixo temático I "Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) teve como foco os quatro ODS sugeridos pela IFLA como potenciais para atuação das bibliotecas: ODS 4: Educação de Qualidade; ODS 8: Emprego digno e crescimento sustentável; ODS: 10: Redução das desigualdades e ODS 16: Paz, justiça e instituições fortes. O eixo II "Ninguém fica para trás" que dá nome ao título deste trabalho, promove a apresentação e discussão das iniciativas que incluem entre outros tópicos à acessibilidade de pessoas com necessidades especiais, inclusão social e questões de gênero; sustentabilidade e meio ambiente; empoderamento da comunidade; democracia, liberdade de expressão e cidadania. Temas que podemos ver também em outras palavras, em outros eixos temáticos das edições anteriores aqui analisadas.

No eixo III "Cultura do privilégio" pode-se ver reflexões no tocante às desigualdades sociais, a promoção de uma cultura do privilégio/hierarquias pautada nas diferenças de forma explícitas e não explícitas - incorporadas de forma natural pela percepção do consciente coletivo. Com o eixo V “O farol do advocacy”, percebe-se o convite para o redirecionamento do olhar para uma atuação política e proativa. Agir dessa forma, seja no movimento

associativo e na liderança em defesa da profissão, seja na defesa das políticas públicas em torno dos livros, da leitura, da literatura e das bibliotecas é também uma maneira de não deixar ninguém para trás, haja vista a importância do trabalho que o bibliotecário pode realizar pelas comunidades. As bibliotecas prisionais, pela primeira vez, foram contempladas no CBBBD como um evento paralelo, o Fórum Brasileiro das Bibliotecas Prisionais, no eixo temático XIV. Privilegiar a discussão de tal tema é propiciar a efetiva reflexão de que quando se difunde a ideia de “não deixar ninguém para trás” incluem-se todas as pessoas, de verdade, para além do discurso socialmente difundido.

O IV trouxe a reflexão em torno das tecnologias sob uma nova dimensão nesta edição do CBBBD ao propor a discussão sobre "A expansão desenfreada das tecnologias". Esse eixo temático proporcionou a discussão sobre vertentes e tendências informacionais como *blockchain*, *big data*, *data science*, realidade virtual, robotização, inteligência artificial, games e internet das coisas, termos que dizem muito sobre a expansão do uso das tecnologias digitais. E essa expansão desenfreada das tecnologias vai de encontro a discussão norteadora do evento que se refere às desigualdades e à democracia. Sempre que discutimos sobre os importantes avanços tecnológicos é necessário se atentar ao fato de que nossa dimensão territorial dá conta de termos dois universos distintos: sujeitos informacionais com amplo acesso tecnológico e sujeitos sem ou com o mínimo acesso aos recursos tecnológicos e informacionais.

A análise realizada dos temas e eixos temáticos das últimas quatro edições do CBBBD nos permite observar a repetição de alguns temas aliados a perspectivas novas e, também, o acréscimo de novos eixos a cada edição do evento analisado nesta pesquisa. Embora o CBBBD não alcance a todos os bibliotecários brasileiros, sobretudo, em decorrência dos nossos amplos limites territoriais e do nosso contexto social diverso, tendo em vista também que o evento se configura na modalidade presencial em algum estado brasileiro. No entanto, cabe ressaltar, que a vigésima nona edição do CBBBD, em 2022, com o tema “Bibliotecas por um mundo melhor: década da ação” ocorreu online, o que permitiu que os bibliotecários superassem as barreiras geográficas e as distintas realidades sociais para participar.

As temáticas do evento refletem as preocupações trazidas pela Federação...em colocar em pauta na Biblioteconomia contemporânea brasileira, e, representam também, o compromisso da FEBAB com os desafios da área e os alinhamentos que vem sendo discutido dentro de uma agenda internacional da Biblioteconomia.

## 7 ANÁLISE DAS INICIATIVAS PRÁTICAS DOS BIBLIOTECÁRIOS BRASILEIROS À LUZ DA NOVA BIBLIOTECONOMIA DE LANKES

*“Acredito que uma biblioteconomia exemplar, daquela que todos queremos, deva ultrapassar fronteiras” (Lankes, 2016, p. 17).*

Ao longo desta pesquisa, trabalhamos com a concepção de “Nova Biblioteconomia”, que se trata de uma perspectiva cunhada por um autor norte-americano, R. David Lankes, que nos convida a compreender a importância de atuar junto com a comunidade, contribuindo com a construção do conhecimento, promovendo a melhoria social, tendo uma missão como norte para execução do trabalho biblioteconômico. Ao conceber uma Nova Biblioteconomia, ela ficou conhecida inicialmente como Biblioteconomia participativa. Cada um dos relatos de experiência trabalha com a participação coletiva das comunidades e do território que se vinculam às pessoas que frequentam as bibliotecas.

As entrevistas, conforme pode ser visto no Apêndice C, iniciaram com perguntas referentes à trajetória dos bibliotecários entrevistados e acerca do relato de experiência identificado no CBBB para propiciar que os entrevistados se sintam mais confortáveis e desinibidos para a conversa. Todo bibliotecário tem uma história para contar, sobre si e sobre as muitas experiências que vivencia, já dizia Lankes (2011).

A trajetória formativa e prática dos bibliotecários brasileiros estão vinculadas ao contexto. A ocasião em que as entrevistas foram realizadas era de incertezas no contexto mundial em decorrência da pandemia do Novo Coronavírus. No Brasil, muitas instituições permaneciam fechadas em isolamento social e algumas funcionavam de forma híbrida com o quantitativo de pessoas reduzido. Além deste contexto, vivenciamos no ano anterior, em 2020, eleições municipais, que extraordinariamente ocorreram em novembro.

Neste sentido, podemos mencionar o relato dos Bibliotecários 2 e 12, que ao relataram suas experiências nas bibliotecas que foram o objeto dos relatos identificados no CBBB, mencionaram que a página na internet da instituição precisou sair das redes para atender a legislação eleitoral, conforme a Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997. De acordo com a referida lei, em seu artigo 73, inciso VI, alínea b:

Art. 73. São proibidas aos agentes públicos, servidores ou não, as seguintes condutas tendentes a afetar a igualdade de oportunidades entre candidatos nos pleitos eleitorais:

[...]

VI - nos três meses que antecedem o pleito:

[...]

b) com exceção da propaganda de produtos e serviços que tenham concorrência no mercado, autorizar publicidade institucional dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos federais, estaduais ou municipais, ou das respectivas entidades da administração

indireta, salvo em caso de grave e urgente necessidade pública, assim reconhecida pela Justiça Eleitoral [...] (Brasil, 1997).

Um elemento importante para trabalhar sob a perspectiva do contexto brasileiro. Com a retirada da página em decorrência do processo eleitoral, uma das instituições ficou sem um importante canal de informação e comunicação para manter contato com a comunidade em um momento em que já havia a restrição do espaço físico, em razão da pandemia. Quando indagado sobre a continuidade da atividade relatada no trabalho apresentado no CBBB, além das eleições, ainda houve a troca de gestor, o que dificultou a retomada da comunicação, conforme podemos ver a seguir.

A pandemia limitou a ação de muitas bibliotecas, mas o contexto brasileiro de trocas de gestão fomentada pelo fato de as instituições não serem autônomas em sua administração, faz com que alguns serviços sejam descontinuados em conformidade com os interesses políticos e individuais.

Cada momento é um desafio, ainda mais contando com a gestão, né? Então tanto a questão do **contexto político influencia muito**. A gente realmente tem gestões que são mais tranquilas. Tem gestões que barra um pouco mais, que não existe diálogo, não existe uma transparência (Bibliotecário 12, grifo nosso).

[...] Cada vez que muda a gestão é aquilo... muita coisa vai para o lixo, né e [cidade] não gosta de falar que “ai [...] é uma rede imensa”?. Mas não adianta ter uma rede imensa se você não tem política pública, né? Você fica sempre na mão dos prefeitos, do partido (Bibliotecário 1).

Na fala acima, o Bibliotecário 1 ressalta um aspecto importante de ser mencionado ao pensarmos na concepção da Nova Biblioteconomia sob a ótica da prática brasileira: no Brasil há uma fragilidade das políticas públicas não só na área da Educação e Cultura, o que vemos é um movimento de muitas vezes descontinuidades de projetos de um governo para o outro, por exemplo. Há que entrar na pauta mais firmemente as bibliotecas em todas as agendas governamentais, sobretudo, para que os bibliotecários não fiquem à mercê e da boa vontade e do engajamento político dos gestores públicos.

Optamos por iniciar esta seção sob este enfoque para demonstrar a particularidade das bibliotecas brasileiras. Para exercer uma Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro é necessário engajamento profissional para fazer acontecer, tal como podemos identificar preliminarmente com a leitura dos relatos de experiência do CBBB.

Neste sentido, o Bibliotecário 2, inclusive, mencionou sobre um projeto que a instituição estava desenvolvendo com leitura, com a participação da comunidade, mas que fora interrompido logo que foi decretado o distanciamento social e o fechamento da biblioteca.

A gente começou com um projeto de um canal no Youtube com dicas de leituras de livros e tal. A gente já chegou a gravar alguns vídeos, só que aí começou a pandemia e a gente não lançou o canal porque... para poder não interromper depois. Então a gente pretende retomar quando voltar (Bibliotecário 2).

O Bibliotecário 2 é muito engajado com a comunidade, no entanto, não notou a oportunidade que, tanto a instituição quanto a comunidade, perderam de continuar o projeto de forma remota, mesmo após a perda de sua página, utilizando outros canais, como *Telegram* e *Whatsapp* e restabelecer o vínculo com a comunidade num momento que foi desafiador. Conforme podemos ver na seção “A Biblioteconomia contemporânea”, a área hoje sob a perspectiva da construção do conhecimento utiliza-se de recursos das tecnologias de comunicação e informação para impulsionar o crescimento das comunidades.

No tocante aos relatos de experiência identificados com alinhamento a Nova Biblioteconomia de Lankes, o Bibliotecário 2 destacou que o trabalho foi concebido pensando no perfil do público da instituição.

Então é... esse foi o trabalho assim que a gente viu pensando no perfil dos nossos usuários, né? Porque quando eu vim para essa unidade, ainda não tinha se formado uma biblioteca... e aquela foi sendo criada ao longo dos anos... a gente não tinha um espaço físico definido. E aí... e aí eu comecei a pensar como seria a biblioteca ideal para nossos alunos. [...] E aí quando a gente conseguiu o espaço da biblioteca mesmo, que conseguiu liberar assim o prédio para ser biblioteca, eu já tinha pensado em todo mundo... de acordo com a necessidade do aluno... então quando eu falar: aqui há vamos ter a sala de estar, sala de aula, de laboratório que você pode usar o espaço, aí eu já fui abrindo tudo colocando um tapete, colocando puff, colocando poltrona.... Fui logo montando de acordo com os nossos alunos. E eles, lógico adoraram. (Bibliotecário 2)

Conforme podemos ver, o Bibliotecário 2 concebeu a biblioteca em conformidade com a Nova Biblioteconomia de Lankes, partindo do princípio de que o conhecimento é construído por meio de conversas e de acordo com o que foi conversado, o que mais tem na biblioteca são conversas, pois, os alunos constroem conhecimento o tempo ao estudarem juntos, estão sempre interagindo, conversando e a biblioteca promove esse ambiente de construção do conhecimento e de aprendizado. No processo de criação do espaço da biblioteca, o Bibliotecário 2 pensou em cada detalhe para atender a cada perfil de membro da comunidade atendida: utilização de puffs para ser mais atrativo para alunos do ensino técnico, espaço específico para trabalhar em silêncio e um espaço maior destinado a dinamicidade da biblioteca e as conversas, o que foge do estereótipo do lugar de silêncio.

[...] Então a biblioteca não é aquela biblioteca que a gente precisa ficar shiu shiu... [risos] porque esse é um espaço pra quem gosta de silêncio, mas o restante da biblioteca é movimentada mesmo assim. E é a preferência dos alunos mesmo [...]. (Bibliotecário 2).

Pensando no uso da biblioteca, o Bibliotecário 2, utilizou o conceito de “biblioteca das coisas<sup>27</sup>” para possibilitar o uso de forma completa da biblioteca, conforme podemos ver abaixo.

---

<sup>27</sup> Biblioteca das Coisas ou *Library of things*, foi uma iniciativa que nasceu em 2014 em West Norwood, em Londres, com o foco no compartilhamento de objetos para uma comunidade. Esse tipo de biblioteca

[...] eles trabalham muito em grupo. E eles gostam muito de explicar a matéria um pro outro, né? Então eu falei isso, na sala de estudos tem que ter um quadro para eles poderem escrever né, mas não... para ter um quadro a gente tem que ter o pincel, o apagador... então a gente arrumou uma caixa, uma fica no balcão com todos os itens que os alunos podiam precisar na biblioteca, que é caneta, lápis, apontador, grampeador... tudo que eles pediam a gente..., “mas não tem uma extensão para emprestar? ”, então arrumamos uma extensão para botar na caixa. “Não tem adaptador de tomada? ”, a gente colocava adaptador de tomada na caixa. “Régua?”, então vamos botar na caixa. Então, assim, tudo aquilo que a gente via que os alunos queriam, servia pra gente colocar na caixa. Sacola, porque às vezes o aluno pegava três livros lá e “lh, não vai caber na minha bolsa” né, a gente tinha uma bolsa lá na... aqui na caixa para emprestar. Então a gente foi pensando assim, na necessidade dos alunos (Bibliotecário 2).

O relato do Bibliotecário 2, lembra uma experiência relatada por Lankes ao mencionar sobre a habilidade de gestão de ativos e a preservação. Prado (2016, p. 141) menciona que Lankes compartilhou que uma biblioteca pública localizada próxima a um lago no estado de Wisconsin, nos Estados Unidos, empresta equipamentos de pesca para a comunidade. Lankes assinala que os bibliotecários identificaram que esta modalidade de empréstimo contribui efetivamente com a comunidade localmente.

A oferta da biblioteca das coisas foi concebida de forma sustentável pela equipe da biblioteca, que utilizou os brindes que ganharam nos eventos que participaram para compor a caixa de empréstimo.

Mais interessante é... porque, por exemplo, quando a gente vai no Congresso a gente está com um monte de bolsas, daquelas bolsinhas dos brindes [...] Aí tem muitos marcadores de página, daqueles post-its, canetas, normalmente eu levo umas 30 canetas. Mas aí vai tudo para a caixinha... [...] A gente pega umas 20 sacolas lá num Congresso grande assim. O aluno precisa de uma sacola e vai lá e pega. É bem legal. A gente não gasta nada, mas atende os alunos. (Bibliotecário 2).

Além do exemplo de prática encontrado pelo trabalho do CBBD, o Bibliotecário 1 compartilhou algumas práticas que são realizadas por iniciativa própria, conforme podemos ver:

Eu mando áudios com leitura de poesias que começou diária, agora é dia sim dia não, vai de forma inspiração e eu mando para o para uma lista de amigos via *WhatsApp*. E esse negócio cresceu, aí eu subi alguns áudios para o *Spotify* para as pessoas ouvirem. Algumas pílulas fazem parte da Rádio Braille que é a Biblioteca Braille do Centro Cultural. Durante a pandemia eles fizeram uma rádio para conseguir continuar conversando com os consulentes. Então algumas pílulas vão para lá. E algo e aí o pessoal do metrô de [cidade] pediu para eu fazer a versão em vídeo. E eu gravo algumas leituras que vão para o *YouTube* do metrô de [cidade]. É que eu escolhi ser bibliotecária mesmo, Emanuelle. Eu gosto (Bibliotecário 1).

---

vai além do empréstimo de livros, periódicos e afins se tratando da disponibilização de coleções não tradicionais, que pode incluir equipamentos eletrônicos, materiais para artesanato, materiais escolares, instrumentos musicais, jogos etc.

O Bibliotecário 1 é engajado e personifica o bibliotecário que tem uma missão norteadora, como a que Lankes (2011) postula para os bibliotecários. No entanto, ressalta que é necessário, além dos conhecimentos técnicos já conhecidos dos bibliotecários, muito estudo e força de vontade para agir, para exercer uma Biblioteconomia que faça a diferença na vida das pessoas.

[...] e nem dá para ser um bibliotecário só de AACR né, e CDD, e ponto e espaço e dois pontos. É preciso ter flexibilidade. É preciso enxergar além para entender o que que o seu público precisa. Conseguir entender que sim é a leitura, a biblioteca, a cultura e a educação mudam um país, muda um território. Mudam e isso tudo é feito com disposição e estudo (Bibliotecário 1).

Nesse sentido, o Bibliotecário 9 ressalta a necessidade do engajamento em questões contextuais da comunidade, de fazer parte e somar forças para contribuir com a realidade local, conforme podemos ver a seguir.

A biblioteca faz parte da comissão de coleta seletiva solidária desde que ela foi fundada [...] eu tenho coletores de lixo no interior da biblioteca, eu tenho coletores no exterior da biblioteca... eu tenho um acervo que trata do meio ambiente e eu tenho um curso de Turismo. Eu tenho um curso que trabalha diretamente com a questão ambiental que vai discutir isso para que [município] tenha turismo ecológico, turismo ligado à questão ambiental. Então, assim é.. é quando eu penso numa técnica legal integrada, eu penso no todo. [...] eu trouxe a discussão para dentro da biblioteca das questões ambientais, da prevenção, da separação do lixo, do reaproveitamento de material... (Bibliotecário 9)

O bibliotecário 9 assinalou desde o início da entrevista que acredita numa Biblioteconomia que trabalha de forma integrada, então quando menciona que “penso numa técnica legal integrada, eu penso no todo”, o bibliotecário diz muito dessa Biblioteconomia participativa, que integra bibliotecário, biblioteca e comunidade, como interdependentes.

Diante do exposto, podemos afirmar que a comunidade deve esperar mais da biblioteca, tal como prediz Lankes (2016). Um bibliotecário sintonizado com as demandas da comunidade impulsiona o escopo de atuação da biblioteca e, de fato, contribui com a melhoria social. Mas, conforme foi pontuado pelo Bibliotecário 1, é necessário estudo e disposição. Podemos acrescentar, neste aspecto, a parceria com a comunidade.

## 7.1 FORMAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

No tocante a **formação do bibliotecário**, “muitas vezes, os bibliotecários graduados (e seus professores que os ensinam) ficam presos a técnicas e métodos de catalogação, que futuramente irão influenciar no modo de inovar e na geração de novas ideias” (Lankes, 2016). Durante as entrevistas, foi possível identificar no discurso de mais de um bibliotecário a ideia de que há um afastamento da academia com as práticas bibliotecárias, de modo que as teorias não contemplam o contexto vivenciado por muitos profissionais. Alguns entrevistados

mencionaram o fato de que os docentes da área estão há algum tempo afastado do cotidiano prático de atuação do bibliotecário, então o discurso é acerca de uma biblioteca considerada ideal e não da biblioteca real, do bibliotecário real ou da Biblioteconomia real que vem sendo praticada no contexto brasileiro.

Neste sentido, o Bibliotecário 12 pontuou que há na academia, uma dificuldade de trabalhar com o contexto, de pensar na comunidade que vai ser atendida, trabalhar e pensar nessas perspectivas diferentes. Trabalhar cada tema da Biblioteconomia nesses contextos diferenciados, porque há uma tendência a trabalhar sob um único viés, o viés tecnicista. Quando pensa no contexto de uma comunidade a ser atendida, se tende a concentrar na biblioteca universitária. Ou para a perspectiva da gestão, ou cultural, ou tecnológica, sem conceber que se podem considerar todas essas perspectivas, de modo a contribuir com a vida das pessoas. Não é concebível atuar com um viés extremamente tecnológico, sem pensar em humanizar essa tecnologia para as pessoas.

[...] Eu acho que muitas universidades assim, faculdades, ainda tem um currículo muito engessado, né? Então, acho que realmente, nesse sentido, também, precisava ter esse diálogo, essa ponte entre o que... que profissionais, a gente está formando e **que profissionais a gente precisa realmente**... olhar esse território, olhar essas comunidades que a gente tem e ver... olhar a nossa sociedade, o que que essa sociedade está demandando agora, né? Então tem toda essa.... Tem que ter esse diálogo, não ficar só engessado. Então a gente fica muito em um, focado em algumas coisas, então, por exemplo, uma é mais tecnicista, a outra é mais é, é cultura, é. Tem um olhar, um enfoque mais cultural. Mas a gente precisa ter esse balanceamento, né? Para a gente realmente ter essa formação mais completa, nunca vai ser completa, mas eu acho que pelo menos ter essa noção, né? De **como a gente pode contribuir com esse território**, não é? [...] Eu acho que as faculdades não podem ser tão engessadas assim. [...] (Bibliotecário 12, grifo nosso).

O Bibliotecário 1, ressalta abaixo, a importância da formação continuada do bibliotecário, sobretudo, para teorizar, aproximar o movimento da teoria, dos estudos com a prática do exercício da profissão.

E aí foi quando eu comecei a estudar para entrar no mestrado. Eu queria de alguma maneira mostrar para academia, né, como o pessoal das bibliotecas públicas daqui da rede de [cidade] tem coisas lindas e o pessoal não sabe. [...]. Com a ideia de que a gente consegue ensinar novos bibliotecários e trabalhar numa política efetiva, de uma política pública né, a favor do livro e da leitura... (Bibliotecário 1).

Destaca-se aqui a relevância que o Bibliotecário 1 dá a teorização do que vem sendo realizado na prática. É uma maneira de proporcionar visibilidade acerca do que vem sendo desenvolvidos na realidade cotidiana e desconhecidos do ambiente acadêmico.

O Bibliotecário 5 trouxe em seu discurso a importância de honrar aqueles que vieram antes de nós e construíram a Biblioteconomia do passado. Assinalou que o currículo naquele momento fazia sentido com aquele momento da sociedade, destacando a importância do contexto e assinalando que não devemos olhar com a perspectiva de hoje os currículos

anteriores. É de hoje em diante que construiremos a formação que se adequa as necessidades da nossa sociedade contemporânea.

Eu agradeço hoje está podendo dar continuidade a essa evolução porque é uma evolução contextual... É como eu sempre vou reforçar, a gente sempre fala da formação... Não é à toa que os currículos vão se modernizando [...] Eu acho que é... é olhar para trás e como que eu vou olhar agora, eu quero olhar da mesma forma de hoje com as possibilidades que aquele profissional criou... (Bibliotecário 5).

Os currículos formativos refletem o posicionamento da área em determinado período. Logicamente que o currículo representa também o poder de determinadas áreas sobre outras, mas o importante é ressaltar que o discurso do Bibliotecário 5 é reflexo de um posicionamento mais experiente acerca da área, que possui uma jornada mais longa de atuação e, portanto, reconhece os avanços que a formação em Biblioteconomia foi trazendo para a atuação profissional.

## 7.2 CONCEPÇÕES DE BIBLIOTECONOMIA

Quando se indagou a respeito da **concepção da Biblioteconomia do passado**, a maioria dos entrevistados mencionou a perspectiva custodial como um aspecto marcante. Neste sentido, o Bibliotecário 2 mencionou que se tratava de uma Biblioteconomia voltada aos livros e as coleções somente.

Ai, eu... eu acho assim... era uma coisa muito direcionada para os livros... A guarda, a conservação do livro, desenvolvimento de coleção... acho que no passado estava muito voltado para o livro mesmo assim. [...] Até a questão de os acervos antigamente serem fechados né? A pessoa não tinha acesso ao acervo, tinha que chegar lá, inclusive foi uma demanda que me solicitaram quando eu comecei na biblioteca lá... que eles falam aí... algumas pessoas falaram que não, mas **vocês têm que fechar o acervo e quando o aluno solicitar, você vai lá e pega. Eu falei não, mas isso não existe mais não** [risos]. Não vai ser assim, **a nossa biblioteca é diferente**. (Bibliotecário 2, grifo nosso).

Conforme podemos ver no discurso acima, é muito preocupante algumas pessoas ainda tenha a visão de que o acesso aos livros não pode ser livre e acerca do que é e como deve ser uma biblioteca. A perspectiva de que a biblioteca é um local de guarda, com o acervo intocável pela comunidade faz parte de uma época em que outros valores e relações restritivas com os livros era um projeto de manutenção de uma certa ordem excludente. De fato, conforme afirma o Bibliotecário 2, “isso não existe mais”. Na contemporaneidade, há apenas uma tipologia de biblioteca em que é aceitável essa perspectiva, a Biblioteca Nacional, que tem como objetivo basilar a guarda e a preservação da memória nacional e, portanto, justifica o acesso limitado ao seu acervo. Contudo, ainda assim isso não significa que a Biblioteca Nacional seja de qualquer país mantenha suas portas fechadas para a população, a lógica da biblioteca custodiadora não deve ser ela toda.

Por outro lado, as bibliotecas de hoje, devem deixar a perspectiva de depósito de livros, de guarda e preservação do acervo para dar lugar ao acesso, tanto dos recursos informacionais que a biblioteca disponibiliza quanto ao espaço. A guarda não é o fim em si, mas o caminho para o acesso, o que resulta em uma mudança substancial de ter para dar o acesso. Lankes (2011) afirma que se continuarmos exercendo a Biblioteconomia como nossos precursores, de fato, a atuação prática do bibliotecário se tornará obsoleta e a cada inovação que surgir, o medo da profissão deixar de existir ressurgirá. O autor pontua que é por isso que devemos exercer uma Nova Biblioteconomia e voltar nossas práticas de forma com que elas sejam inovadoras e, podemos acrescentar, empoderadas. Neste sentido, o Bibliotecário 1 ressalta que:

É assim que eu enxergo que ela [a Biblioteconomia] devia acontecer. Não sei se ela acontece em todos os lugares. Mas acho que era assim que ela devia né, porque senão, não vai dar... É... a gente vai ficar obsoleto né... aquele medo desesperador: aí seremos trocados pelo Google? Dá para ser se você não tiver jogo de cintura para conseguir explicar para as pessoas que tem um jeito melhor para pesquisar no Google, de informação (Bibliotecário 1).

No tocante a esta perspectiva, o Bibliotecário 2 chama atenção ao fato de que a biblioteca não é frequentada somente para ter acesso aos livros ou a outros recursos informacionais. A biblioteca é frequentada, sobretudo, para utilização do espaço. O que vai de encontro com a perspectiva do terceiro espaço, conforme vista anteriormente.

[...] surgiu tantas tecnologias né de formação, por exemplo, o aluno vai na biblioteca ver se ele não vai pegar um livro... Ele vai usar o espaço, né? Às vezes, ele vai assistir uma vídeo aula pelo celular. Leva o próprio notebook e fica lá assistindo sentado no sofá, deitado no puff. Aquela coisa toda assim então é muito diferente né hoje [...] Alguns conceitos eu tive que, assim, ir incutindo ao longo do tempo mesmo... assim por que muitas pessoas né? As pessoas mais velhas acostumadas com as bibliotecas mais antigas não entendiam muito bem, esses conceitos de que tinha uma biblioteca mais moderna, mais inovadora (Bibliotecário 2).

O Bibliotecário 5 trouxe perspectiva interessante e diferente das mencionadas ao pontuar que a Biblioteconomia do passado era centrada no profissional ao afirmar que o bibliotecário criava as regras e elas deveriam ser seguidas, dando uma ideia de hierarquia na gestão da biblioteca e dos serviços oferecidos.

Por outro lado, no tocante a **concepção de Biblioteconomia contemporânea**, o Bibliotecário 5 afirma que se trata da:

[...] biblioteconomia que pensa no usuário não é? Que pensa nas necessidades da comunidade e que aí que se adequa, né? (Bibliotecário 5).

De acordo com os entrevistados o foco está nas pessoas e o acolhimento pode ser caracterizado como a palavra basilar na prática dos bibliotecários brasileiros.

Então é eu acho que a gente hoje em dia não foca só no acervo, a gente coloca na informação em todos os tipos de mídia né, então todas as tecnologias. E hoje em dia a gente foca muito na necessidade do usuário também. **A biblioteca ela passa a ser um espaço acolhedor** né, a gente

acolhe as pessoas... Pô, a pessoa está sentindo frio lá fora, porque a biblioteca é um espaço que acolhe... o aluno não tem um ambiente agradável para poder estudar em casa, ele pode passar o dia todo dentro da biblioteca porque a biblioteca tá acolhendo ele, suprimindo as suas necessidades, desta necessidade de informação, e sua necessidade de tecnologia também... às vezes... a gente tem muitos alunos, eu sei, que não tem internet em casa, não tem nenhum computador para fazer um trabalho então, a biblioteca fornece esses recursos de ajuda assim. Então eu acho que a biblioteca hoje em dia, ela preocupa mais com a necessidade dos usuários, não só em termos de: Ai eu tenho um acervo que o aluno tem na ementa, que ele precisa para estudar, não, eu tenho o acervo da ementa mas eu também tenho um acervo que ele vai curtir, que vai usar para não para o estudo né, mas para o entretenimento também. eu tenho um espaço que ele pode utilizar, um espaço que seja agradável, que seja bacana então eu penso mais nesse tipo assim, né? (Bibliotecário 2, grifo nosso).

[...] a gente sempre tem café, né? Então precisa ter um café com bolinho, então é... é o que a gente precisa. É esse acolhimento. Eu acho que essa é a palavra-chave. **Acolhimento, escuta na biblioteca.** Porque às vezes a pessoa vai lá, ela não quer um livro. Ela não quer uma informação. Às vezes, ela só quer ser ouvida, só quer ser escutada, então tem essa questão de você dar uma palavra... emprestar seus ouvidos naquele momento pra ela. Você muda o humor dessa pessoa, né? Então a gente tem essa questão de que **cada atendimento é importante e faz a diferença.** Tanto faz a diferença para aquele frequentador quanto para a gente, porque muitas vezes a gente também é tocado, né? Com tantas histórias, então é... Eu acho que é uma via de mão dupla, não tem jeito. A gente gosta muito dessa relação, não é, com os frequentadores, com os **parceiros**, né? Então tem toda essa movimentação, né? (Bibliotecário 12, grifo nosso).

No discurso acima, do Bibliotecário 12, destaca-se além do acolhimento, a relação que a prática profissional estabelece com quem frequenta. O bibliotecário se coloca no papel de humano à frente do profissional para propiciar conforto, inclusive emocional a quem frequenta. E um novo termo requer destaque: “parceiros”. Uma relação de parceria com a comunidade tem a denotação similar ao que Lankes propôs com o uso do termo “membro” para nomear aquele que faz parte comunidade, da biblioteca.

Abaixo, o Bibliotecário 12 relata uma experiência ocorrida na biblioteca que diz muito a respeito da concepção de segurança no ambiente que se estabeleceu com a comunidade.

Teve um caso na biblioteca que uma menina, ela estava muito deprimida. Então ela ia na biblioteca, ela, ela entrava, ela assinava a folha de portaria... Ela nem falava com ninguém, só entrava, pegava uma chave, guardava as coisas e entrava. Ai tá. A gente vai trabalhando com isso. Então a gente cumprimenta. Fala, oi, é... Precisa de alguma ajuda, quer algum livro? Começa a conversar. Mas respeitando o espaço, mas a gente não pode invadir. [...] Ela foi se sentindo **segura naquele espaço.** E ela estava tão, tão, tão fechada em si, tão machucada, que daí depois ela teve até um incidente que ela tentou. Até é... começou a pular da janela do primeiro andar, né? Então foi uma... A gente conversou depois com ela, foi conversando, então a gente com essa **rede de apoio** que a gente tem com a Secretaria, né, da Saúde. Então a gente foi conversando, foi dialogando... É, foi fazendo as pontes necessárias. Então a gente viu que ela começou a conversar em grupos de apoio, né, tudo mais, que a gente tem no território e conseguiu. Veio várias mudanças nela também. Porque ela precisava ser escutada. Ela precisava falar, ela precisava colocar tudo, aquela angústia que ela tinha para fora, que ela encontrou na biblioteca isso. Então a gente teve isso, a gente

direcionou ela para alguém que pudesse ajudar. Porque a gente também queira ou não queira, a gente bibliotecária, às vezes faz o papel de psicólogo, mas a gente não é psicólogo, a gente não tem essa carga toda... o conhecimento que é necessário para lidar nessas situações. Então, o que a gente pode é acolher, então a gente **acolhe e direciona para onde é necessário**, né? Então acho que a gente precisa fazer essas pontes, essas **conexões** e ter esse lugar seguro, então a gente, fala isso a situação para você, que foi um caso extremo realmente, mas... A gente viu depois das mudanças, ela continuou a frequentar a biblioteca. Ela começou a sorrir, ela começou a falar com a gente (Bibliotecário 12).

O relato acima é muito emblemático para ilustrar a Nova Biblioteconomia proposta por Lankes: a biblioteca proporcionou ambiente seguro, contava com uma rede de apoio na comunidade e estabeleceu conexões. Lankes (2011) pontua que a criação de conhecimento pela comunidade se dá por meio das conexões que o bibliotecário proporciona, seja de ideias, de registros do conhecimento, seja de pessoas. Neste caso específico, a conexão e rede estabelecida pela biblioteca associada ao acolhimento no ambiente seguro melhorou a realidade de uma pessoa, tal como prediz a finalidade da missão do bibliotecário.

Complementar a esse posicionamento, o Bibliotecário 2 reforça a ideia de que hoje as bibliotecas atuam com o foco além da disponibilidade da informação em distintos suportes. A importância do espaço foi reforçada aliada a necessidade da biblioteca voltar-se às necessidades de sua comunidade, seja por capacitação que é um dos elementos-chave da facilitação do conhecimento, seja na elaboração de currículo, seja de espaço físico.

[...] tem os rudimentos da Biblioteconomia que é você aprender a catalogar, aquela coisa toda, desenvolvimento de coleções. Mas só que hoje a gente tem informação em vários formatos, a gente tem ouvido coisas novas que a gente não tinha antigamente. E você conseguir disponibilizar essa informação para as pessoas, mas eu acho assim que a Biblioteconomia hoje não está só voltada para informação. Eu acho que ela está voltada também para o **bem-estar** do usuário. Então não é só assim, a pessoa não quer só o livro. Antigamente a pessoa ia lá na biblioteca: eu quero esse livro, a pessoa pegava tal, estudava aquele livro. Hoje não. **Hoje tem a ver com espaço, tem a ver com as atividades que as bibliotecas oferecem**. Tem muitas bibliotecas que oferecem cursos, né, capacitação né? A biblioteca hoje não está voltada só para aquela questão de livro. Ela está voltada se ela procura **capacitar a pessoa**, eu já fui procurada na biblioteca até para fazer currículo para as pessoas. As pessoas necessitadas assim... poxa, tem como me ajudar a fazer um currículo? Aí depois a pessoa foi lá agradecer, eu consegui um emprego (Bibliotecário 2).

Quanto à **concepção de Biblioteconomia do futuro**, o Bibliotecário 12 pontua que espera que a Biblioteconomia continue voltada às pessoas.

Mas eu espero que a biblioteconomia do futuro continue, ainda, pensando nessa, pensando mais no frequentador, sabe? Pra que tenha essa **contínua construção das comunidades, esse sentido mesmo de apropriação do espaço público**, né? Então, que as lutas sejam realmente para esse terceiro espaço que estava acontecendo isso, sabe, Emanuelle? (Bibliotecário 12, grifo nosso).

Neste sentido, o Bibliotecário 12 compartilha que a biblioteca vinha sendo frequentada por públicos que, no imaginário social do senso comum, não se interessa por livros tampouco por bibliotecas.

Antes da pandemia, a gente via muito o público que não estava frequentando... que é o público jovem assim... Eles vinham pela biblioteca e ficavam lá e conversavam e pegava um livro e fazia um... É... um **espaço de encontro** ali pra eles, né? [...] As bibliotecas do futuro, elas precisam ser esse **espaço seguro**. Ter esse espaço de cuidado também, né? Da pessoa, de respeito da pessoa. Então eu espero que continue o caminho assim, que não tenham mais retrocessos ainda. Eu espero que tenha boas notícias com outros governos, pelo amor de Deus. São tempos difíceis no momento, então a gente espera que melhore (Bibliotecário 12, grifo nosso).

No discurso acima, é importante ressaltar o aspecto do local seguro, que o Bibliotecário 12 mencionou. Esse lugar em que as pessoas têm a segurança de conversar livremente e expor sua opinião, um espaço também de criação, de conversa. Lankes (2011, 2016) pontua que para facilitar a criação do conhecimento, as bibliotecas fazem ou deveriam fazer de quatro maneiras: 1) fornecendo acesso; 2) fornecendo capacitação; 3) proporcionando um ambiente seguro; e, 4) motivando para aprender. Dessa forma, quando o Bibliotecário 12 afirma que a Biblioteconomia deve continuar proporcionando esse ambiente seguro para as comunidades, parte-se do princípio de que já é uma realidade contemporânea. As bibliotecas brasileiras proporcionam ambiente seguro e motivam a aprendizagem ao criarem espaços e fornecerem insumos que contribuam com a criação.

Samek (2007, p. 4) afirma que os bibliotecários desempenham um papel importante na preservação e no apoio aos ideais de tolerância, democracia, direitos humanos, direitos e memória coletiva em muitas partes do mundo. Neste sentido, o Bibliotecário 2 ressalta que a Biblioteconomia do futuro será voltada às necessidades das pessoas. Nota-se que o entrevistado menciona a respeito das necessidades das pessoas, não somente das necessidades informacionais, conforme podemos ver na literatura da área, quando o enfoque era suprir a necessidade de informação sob uma perspectiva cognitiva.

[...] Eu acho que a biblioteconomia do futuro tem a ver com isso, tem a ver com você vê qual é a necessidade das pessoas e trabalhar em cima disso né, e atender as necessidades (Bibliotecário 2).

O Bibliotecário 1 pontua que os estudos devem ser contínuos para a prática profissional, sobretudo, no tocante às inovações tecnológicas, com relação à diversidade das pessoas e no tocante à acessibilidade.

[...] vai ter que estudar muita tecnologia vai ter que se adequar muito a **diversidade**... diversidade em todos os sentidos seja ela é às diversas necessidades que as pessoas têm né? o cego surdo idoso, cadeirante... a diversidade sexual que eu enfrentei muitas vezes lá na [biblioteca] que eu estou no centro de [cidade] mais agora está expandindo... de conseguir chegar numa pessoa e perguntar para ela se ela quer ser chamada por ele ou por ela, né? **De ter acervo para essas pessoas**, enfim é... não vai ser bolinho não. Mas eu estou disposta (Bibliotecário 1, grifo nosso).

É importante destacar no discurso do Bibliotecário 1 que a inclusão também deve se refletir no acervo. Embora a Nova Biblioteconomia seja uma perspectiva que visa à criação de conhecimento e tenha nos artefatos uma atividade meio, devemos levar em consideração o artefato livro, qualquer que seja o seu suporte, deve refletir a comunidade que faz parte da biblioteca como um insumo para a construção de novos conhecimentos. A nova biblioteca deve ser inclusiva, deve ser um espaço seguro que promova a liberdade de ser o que se é, dando acesso a insumos que reflitam a realidade social da comunidade.

Dentre as coisas que eu li para minha pesquisa eu lembro de ter lido um artigo que na época da grande depressão as pessoas iam para a biblioteca pública de Nova Iorque para ficar acalentado no meio das coisas e eu acho que é esse o papel, entendeu? Da biblioteca do futuro. É conseguir **ser um lugar onde as pessoas possam conversar, onde as pessoas possam descobrir novas habilidades, onde elas possam ler e conversar a respeito**, sabe? Por que não procurar um emprego? Aprender a fazer um currículo... Entender como é que funciona a rede social. É... como se preparar para uma entrevista... **Eu acredito na biblioteca pública, muito, sabe? Muito mesmo, acredito muito e eu inclusive por acreditar muito, eu acho que é por isso que os políticos não investem, porque eles sabem que se o povo se apropriar da biblioteca pública, não vai ter mais presidente assim sendo eleito**<sup>28</sup> (Bibliotecário 1, grifo nosso).

A fala do Bibliotecário 1 acima, reflete um discurso de um profissional engajado à causa das bibliotecas brasileiras. Para ser um bibliotecário atuando sob a perspectiva da Nova Biblioteconomia é necessário que se acredite no potencial das bibliotecas enquanto instituições propulsoras da melhoria social. Instituições que proporcionam o despertar de novas ideias, novos conhecimentos e um posicionamento crítico acerca da realidade vivenciada. Retomando Bauman (2001, 2003), nossa sociedade líquida necessita do espaço que as bibliotecas oferecem para construir sociedades mais engajadas com o seu desenvolvimento.

Ai, eu acho que no futuro a gente provavelmente vai ter muito mais recursos e muito mais ideias para poder transformar. A gente pensa em **envolver mais a comunidade** também né? É... ampliar a biblioteca e até para fora do espaço da biblioteca, assim para a área externa né? Fazer troca de livros aqui, daquelas coisas assim que junto com a comunidade, entendeu... [...] (Bibliotecário 2, grifo nosso).

---

<sup>28</sup> O Bibliotecário 1 se refere ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) que teve um governo foi marcado pelo alinhamento internacional com direita populista, pela presença de ministros de formação militar, políticas anti-ambientais, anti-ciência, anti-indígenas, anti-LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero) e pró-armas. Foi o responsável pelo desmonte de políticas e órgãos da cultura, da ciência e da educação. Promoveu ataques às instituições democráticas e promoveu a maciça divulgação de notícias falsas (*fake news*), contribuindo com a desinformação. Neste sentido, foi um negacionista convicto no combate à pandemia de COVID-19 minimizando os efeitos da doença, defendendo tratamentos sem eficácia comprovada cientificamente, desestimulando a vacinação, o uso de máscaras de proteção e as medidas de distanciamento social adotadas. Tais atitudes contribuíram para que ocorresse no Brasil 400 mil mortes que podiam ter sido evitadas e que foram consideradas como crime contra a humanidade pelo Tribunal Permanente dos Povos. Em junho de 2023, foi condenado por abuso de poder político pelo Tribunal Superior Eleitoral, se tornando inelegível pelo período de oito anos.

Vivenciando um contexto diferente e ao mesmo tempo similar, o Bibliotecário 2 nos traz a ideia de exercer a prática bibliotecária para além das paredes das bibliotecas. Tal perspectiva é vislumbrada por Lankes (2016) quando pontua acerca da necessidade dos bibliotecários de deixarem o seu espaço de trabalho voltar-se para a comunidade. Nota-se que há uma preocupação latente em como proporcionar acesso à informação e ao conhecimento, quando se deveria trabalhar junto com a comunidade para criar o conhecimento.

Neste sentido, o Bibliotecário 5 pontua que neste contexto pós pandemia não há espaço para bibliotecários retraídos e que a Biblioteconomia do futuro estará cada vez mais voltada as tecnologias digitais da informação e comunicação.

Eu acho que a gente vai ter que cada vez mais atuar em frentes diferentes assim... eu acho que aquela figura que já é antiga daquele bibliotecário tímido que fica ali na sua salinha está cada vez mais fora, mais por fora assim, sabe? Eu acho que a gente vai ter que perder essa vergonha [...] e está à frente não só na biblioteca física mas também nos meios digitais né? Porque a gente, eu acredito que a gente não tenha como retroagir né? Principalmente depois da pandemia completa que a gente viveu foram todas para o meio digital acho que não tem como voltar [...] (Bibliotecário 5).

Para atuar de modo a engajar comunidades e com a dinamicidade tecnológica da contemporaneidade, há a necessidade de se empoderar. Muito foi dito sobre o empoderamento e, conforme definição do Dicionário Online de Português, empoderar diz respeito a ação de possuir poder, autoridade, domínio e ser capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito. Assim sendo, um dos princípios da facilitação da criação de conhecimento é a motivação que necessita de uma postura profissional empoderada que atue junto com o público e não escondido. Nesse sentido, o Bibliotecário 9 nos chama atenção ao fato de que o bibliotecário precisa ser visto e conhecido pela comunidade:

Porque enquanto a pessoa não conhece o seu trabalho, enquanto a pessoa não conhece até onde você pode ir ou a sua formação ela vai demandar o quê? Então assim é importante que você crie um diálogo com a comunidade (Bibliotecário 9).

Criar diálogo com a comunidade e estabelecer parcerias com a comunidade é a marca de uma Nova Biblioteconomia. Uma Biblioteconomia que se atenta as questões e aspirações da comunidade, que faz parte e, portanto, compreende o que é importante e como dar protagonismo aos distintos discursos sociais.

E o projeto "Leia Mulheres<sup>29</sup>" que caiu na nossa vida, uma parte do coração diretamente com a comunidade externa. Eu tenho muito a agradecer, as

---

<sup>29</sup> Em 2014, a autora e ilustradora inglesa Joanna Walsh popularizou nas redes sociais a *hashtag* #readwomen2014, um projeto pessoal que consistia em ampliar seu contato com a produção de mulheres na literatura. No Brasil, Juliana Gomes se interessou pela iniciativa e em 2015 criou o clube de leitura Leia Mulheres junto com as amigas Juliana Leuenroth e Michelle Henriques, em São Paulo. Por meio de uma página no Facebook, a ideia se popularizou e hoje a iniciativa se consolida como uma rede potente composta por mais de 400 mediadoras distribuídas em mais de 100 municípios em todos os estados do Brasil.

mediadoras são maravilhosas e a gente tenta fazer aí a parceria da melhor maneira possível. Antes da pandemia fisicamente, agora depois da pandemia remotamente. A gente não parou um minuto. Já vai fazer agora 3 anos do projeto "Leia Mulheres". Esse projeto, ele faz parte de um processo gigantesco né, que é o coletivo ler mulheres. Faz parte do tem um mundo inteiro, no Brasil está em mais de 47 cidades. E a gente começou por causa de uma demanda importante que o coletivo teve de um espaço, então a gente abraçou esse esse grupo [...] (Bibliotecário 9).

Conforme mencionado anteriormente, por muito tempo, privilegiamos determinados discursos que, em sua maioria, não contemplava a diversidade e a riqueza das nossas comunidades. Um novo bibliotecário deve estar atento a tais demandas da comunidade. Se a comunidade quer discutir o papel da mulher e colocar em evidência o seu protagonismo na Literatura, por que não dar espaço? Conforme pontua Castells (2002), o conhecimento é base da sociedade e o espaço não se trata do reflexo da sociedade, mas uma expressão da sociedade. É preciso desmitificar, também, a perspectiva de público interno e público externo. No âmbito da Nova Biblioteconomia devemos compreendê-los como facetas distintas da comunidade. Mas todos com demandas que podem ser atendidas, facilitadas e resolvidas junto com o bibliotecário, porque isso é "melhorar a comunidade".

### 7.3 A NOVA BIBLIOTECONOMIA DE LANKES

*“O que poucos bibliotecários que acompanham meu trabalho percebem é que nunca pretendi que a Nova Biblioteconomia se tornasse um tipo especial de biblioteconomia. O objetivo do Atlas da Nova Biblioteconomia (quase denominado O Novo Atlas da Biblioteconomia) não era criar alguma forma especial de biblioteconomia, mas sim **construir uma base para a mudança em toda a profissão**” (Lankes, 2016a, p. 7, tradução nossa, grifo nosso).*

Com relação à **perspectiva da Nova Biblioteconomia**, Lankes é desconhecido por alguns dos bibliotecários entrevistados, assim como o próprio termo “Nova Biblioteconomia”. Dos entrevistados que conhecem ou já ouviram falar do autor ou de sua perspectiva, se deve ao CBBB ocorrido em 2015, quando Lankes foi o conferencista e apresentou sua obra *“Expect More: demanding better libraries for today's complex world”*.

Ele tem uma visão bastante aberta... Eu lembro dele que ele falava assim sobre a biblioteca das coisas né? Se você emprestar... porque a gente viu no... num dos trabalhos que as pessoas emprestavam guarda-chuva, né, tem várias coisas... e a gente falou, que bacana e tal. E no livro dele, ele fala assim sobre a biblioteca que empresta até terno para uma pessoa ir numa entrevista de emprego... e a gente achou isso tão bacana. É essa a função da biblioteca. Tem uma biblioteca que tem o serviço de sapataria... Então você vê assim a comunidade está precisando de tanta coisa e você tem um

espaço que você pode ajudar, você tem uma sala que você pode juntar um pessoal e fazer um curso, uma formação, né, então eu... eu gostei muito do livro dele. Na visão dele, o fim de que a biblioteca não é só um lugar onde a pessoa vai pra pegar um livro emprestado e vai devolver. Não é só empréstimo e devolução de livros... a biblioteca é muito rica. A Biblioteconomia é uma área muito rica (Bibliotecário 2).

Durante a conversa, ao comentar sobre a importância de uma atuação que contribua coletivamente, o Bibliotecário 5 mencionou a obra de Lankes (2016) antes mesmo que fosse perguntado se o conhecia ou a sua perspectiva.

E é importante a gente se posicionar sabe, tem um livro de Lankes que ele fala de vários exemplos, ele fala que eles é se envolveram em questões políticas né? Tem um filme que eu vi, eu não sei se você já assistiu é o *The Public*<sup>30</sup> (Bibliotecário 5).

Já o Bibliotecário 6 conheceu a perspectiva de Lankes durante o XX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), ocorrido em Manaus com o lançamento da tradução do *Expect More* pela FEBAB.

Em 2016 eu lembro que eu fui no CBBB [SNBU] lá de Manaus não é e a gente tinha escrito um relato de experiência sim e nós estávamos com um projeto de reestruturação explicação projeto de ampliação da biblioteca. E estava buscando referências. Eu lembro que eu comprei o livro do Lankes lá e vim lendo... Voltando assim... é uma viagem longa não é, uma escala. E teve bastante inspirações assim né? (Bibliotecário 6).

O que se nota é que o conhecimento acerca de Lankes e sua Nova Biblioteconomia despertou em muitos bibliotecários a noção de que a biblioteca pode oferecer mais que livros, conforme podemos ver nas falas. Para os entrevistados que pontuaram desconhecer a Nova Biblioteconomia, foi perguntado o que acreditam que o termo quer dizer. Tal qual a hipótese inicial levantada na formulação da justificativa e dos objetivos desta pesquisa, o Bibliotecário 12 assinalou que acredita que a Nova Biblioteconomia já está acontecendo no contexto brasileiro.

**Eu acho que até essa Nova Biblioteconomia, então, já estava acontecendo há algum tempo também.** Por exemplo, o caso da [Biblioteca] também, né, que aquela senhora fez essa luta toda para ter a biblioteca, lá na Cohab, mas também teve a participação dos bibliotecários que estavam lá, né? Então foi uma luta conjunta, e tal (Bibliotecário 12, grifo nosso).

Para contextualizar a conversa, o Bibliotecário 12 compartilhou um fato ocorrido numa comunidade vizinha, onde houve mobilização coletiva da comunidade local e dos bibliotecários liderados por uma membra da referida comunidade. O que se nota com tal

---

<sup>30</sup> *The Public* é um filme dirigido por Emilio Estevez, lançado em 2018, que retrata uma biblioteca pública de Cincinnati, no estado de Ohio, nos Estados Unidos, em que muitos membros da comunidade são sem tetos e pessoas com problemas mentais. Quando o inverno severo começa a causar mortes por hipotermia nas ruas, os funcionários da biblioteca decidem transformá-la em um abrigo emergencial. Há também um embate político que permeia a narrativa, o que acaba por refletir uma realidade das quais as bibliotecas públicas estão vinculadas, um jogo de poder e interesses.

exemplo é que a Nova Biblioteconomia acontece no contexto brasileiro com as bases da perspectiva cunhada por Lankes, mas com pautas em conformidade com as demandas do Brasil, conforme foi mencionado pelos entrevistados: necessidade de emprego, mobilização em coletivo de mulheres e criação de biblioteca, por exemplo. Sobre o contexto brasileiro, foi destacado pelos entrevistados o fato de que há muitos bibliotecários fazendo coisas que impactam a sociedade a partir da sua prática profissional, mas quase sempre sem nenhum apoio (talvez essa seja a grande marca brasileira, infelizmente, ou como mencionou o Bibliotecário 2, sem visibilidade ou reconhecimento mais amplo da importância da profissão).

Os bibliotecários entrevistados nesta pesquisa desconhecem a existência da missão delineada por Lankes, mas reconhecem que há necessidade de trabalhar com afinco para contribuir com as comunidades. Neste aspecto, podemos inferir que está ocorrendo um movimento de reorientação das práticas bibliotecárias de forma coletiva, conforme podemos observar inclusive quantitativamente ao analisar os relatos de experiência que se aderem à perspectiva de uma Nova Biblioteconomia, desde 2013 até 2019. Houve uma mudança, inclusive, discursiva conforme podemos observar. Se outrora o bibliotecário deveria estar fazendo uma série de tarefas, hoje ele faz em conformidade com o seu contexto e público.

[Bel Santos Mayer] é uma mulher maravilhosa. Toda vez que a gente ouve a gente fica arrebatada, né? E ela falou uma frase assim que pegou em todo mundo, né? Porque a gente não pode ter medo de agir no miúdo, né? Então fazer essas atividades. Faz aqui, nesse aqui. Está fazendo aqui, né? E isso vai se expandindo. Cada um que for fazendo no miúdo, conversando, vai expandindo por... Então é, eu acho que é muito importante isso, realmente a gente ter esse diálogo é o que falta mesmo, né? O diálogo e ter essa apropriação realmente do que é uma biblioteca (Bibliotecário 12).

O Bibliotecário 12 traz em seu discurso acima a necessidade de continuar com as práticas identificadas como uma Nova Biblioteconomia, por mais que pareçam iniciativas isoladas. Cada um fazendo um pouco e compartilhando suas práticas proporcionará uma nova perspectiva acerca do que são as bibliotecas e sobre as suas potencialidades reais de contribuir com as comunidades. Na literatura da área e, inclusive, durante o processo formativo de bibliotecários, é possível ouvir como um clichê a respeito do papel social do bibliotecário e das bibliotecas. As práticas de uma Nova Biblioteconomia acompanhadas do conhecimento acerca da missão norteadora de contribuir com a facilitação do conhecimento e melhoria das comunidades é a ação do clichê papel social do bibliotecário e das bibliotecas.

Um dos diretores mais lindos que a Biblioteca Mário de Andrade teve foi Charles Cosac, né? E ele dizia para mim que ele aprendeu com a gente que ser bibliotecário é quase como ser padre. É uma questão de vocação. Porque a gente vai na fé mesmo, né? Na vontade, no amor. E é isso que tem que... tem que acontecer, infelizmente (Bibliotecário 1).

O discurso acima seria bonito e poético se não refletisse uma realidade de desvalorização profissional. O “infelizmente” empregado no discurso do bibliotecário acima,

diz muito sobre a realidade brasileira. Existe muito amor no trabalho dos bibliotecários brasileiros, mas não existe profissão que sobreviva por amor ou por vocação. A atuação do bibliotecário traz grandes contribuições sociais, mas é o trabalho desta classe profissional que precisa ser vista como tal e, inclusive, valorizada e bem remunerada. O bibliotecário brasileiro precisa ser, na maioria das vezes, um defensor da sua profissão e do seu trabalho para mobilizar gestores privados e públicos, engajar comunidades e trabalhar em conformidade com a sua missão. Neste sentido, o Bibliotecário 1 pontua que a Nova Biblioteconomia precisa quebrar barreiras para atuar junto com as comunidades.

É uma biblioteconomia muito mais humana que vai precisar quebrar barreiras mesmo para estar junto com as pessoas (Bibliotecário 1).

Complementar a este ponto de vista, o Bibliotecário 12 menciona sobre uma ação desenvolvida na biblioteca por iniciativa dos membros da comunidade. Para estar junto das comunidades, a Biblioteconomia ganha esse caráter de terceiro espaço, conforme podemos ver:

[..] o “Mulheres por si mesma”, é uma construção muito bacana que é uma parceria inter secretarial. Então a gente tem a parceria com a Secretaria Municipal de Saúde. E foi uma construção coletiva que partiu, é, partiu da comunidade... de uma psicóloga que atua no [instituição], né, que é o centro de cooperativa e convivência. Então, ela começou a observar através da iniciativa do Outubro Rosa que as mulheres, elas não tinham outros espaços além daquele da saúde, né? Então, de tentar, é... abarcar o território também, nessa construção de laços com o território e então, a gente a chamou assim para as conversas, não é? Principalmente a de saúde. [...] a comunidade também abraçou, né? No começo foi meio tímido, né? [...] Foram criados laços, né? E essa sensação de pertencimento da biblioteca, realmente pelas frequentadoras. Então elas se apropriaram mesmo da biblioteca [...] Então eu acho que é muito aquilo. Não sei se você deve conhecer o conceito de terceiro espaço que é do Ray Oldenburg. (Bibliotecário 12).

O Bibliotecário 12 é bem alinhado a uma Biblioteconomia contemporânea tanto na prática quanto na teoria, inclusive porque ele cita autores Ray Oldenburg, que trabalha com a perspectiva de terceiro espaço e considera a biblioteca como tal, sendo vista de forma mais atrativa, acessível e não-excludente, abrindo possibilidades de ocupação do espaço da biblioteca pela comunidade.

Conforme podemos ver, os bibliotecários entrevistados conheceram Lankes e sua “Nova Biblioteconomia” em decorrência dos eventos promovidos pela FEBAB, como o CBBB e o SNBU, ocasião em que ocorreu o lançamento da tradução de seu livro no Brasil. Isso nos mostra o importante papel da FEBAB como instituição que promove a capacitação e a reflexão de perspectivas contemporâneas de atuação nas bibliotecas brasileiras. Os bibliotecários brasileiros compreendem que a Nova Biblioteconomia se trata de uma Biblioteconomia sintonizada com as pessoas e com a melhoria social.

### 7.3.1 Comunidades

Sobre as **comunidades**, por ser um aspecto importante para conceber a Nova Biblioteconomia de Lankes, consultamos os entrevistados acerca do ponto de vista acerca do que entendem como comunidade. Ao tocar na questão do entendimento acerca de comunidades, o Bibliotecário 12 adota como termo “território”. O território diz muito mais sobre o espaço geográfico do que sobre as pessoas que o compõem, é importante ressaltar.

Ai, eu acho que é de importância. Por exemplo, que a gente tem esse conhecimento, é um conhecimento de causa, não é? A gente vive nesse território. A gente sabe das potencialidades deste território. A gente entende também as demandas, o que que a gente precisa. Então, ter essa noção do território, e acho que ter uma visão sistêmica realmente do que que é, o que que essa biblioteca dentro desse território. Faz toda diferença para construir coletivamente ações, pensar políticas públicas também para desenvolver, demandar realmente, né? [...]. Então, ter essa noção do território proporciona um novo pensamento, do que é que a gente faz aqui, não é? Qual é o nosso papel nessa biblioteca, e no meu entorno, não é? Onde eu estou agora? Então a gente precisa ter essa noção de **território** (Bibliotecário 12, grifo nosso).

Por outro lado, o discurso do Bibliotecário 12, traz uma característica muito defendida por Lankes que é o fato do bibliotecário conhecer a comunidade, inclusive, fazer parte da comunidade para se apropriar das necessidades e proporcionar uma real melhoria para a vida das pessoas. O Bibliotecário 12 pontua que é importante identificar qual é o papel da biblioteca no território para se pensar políticas públicas e nas reais demandas da comunidade. Conforme pontua Albagli (2004, p. 26), “[...] o território é o espaço apropriado por um ator, sendo definido e delimitado por e a partir de relações de poder, em suas múltiplas dimensões. Cada território é produto da intervenção e do trabalho de um ou mais atores sobre determinado espaço. Acrescentaria como outro aspecto importante, o fato de que conhecer o papel e o que representa a biblioteca para o território e para a comunidade é como um diagnóstico acerca das ações a serem desenvolvidas pelo bibliotecário no tocante a facilitação da construção do conhecimento.

Assim sendo, outro aspecto é necessário levar em consideração, que é a importância do contexto. O Brasil é um país que, geograficamente, tem amplas proporções, e, socialmente, distintas realidades. Nos Brasis que identificamos, há sempre a necessidade de contextualizar e se inspirar com as práticas, conforme ponderado pelo Bibliotecário 2 e pelo Bibliotecário 1 abaixo.

Ah, eu espero que todas elas tenham uma visão assim pensando na necessidade dos seus usuários, porque cada região tem uma necessidade diferente e quando você coloca as bibliotecas dentro de uma caixinha você acaba acreditando que uma pessoa de uma biblioteca tem a mesma necessidade da pessoa de uma cidade completamente diferente (Bibliotecário 2).

Não dá pra gente tratar o público todo uniformemente né? A história lá no Acaia Pantanal<sup>31</sup> foi muito incrível porque tudo que eu estava acostumada a fazer com as crianças aqui em [cidade] deu tudo errado com eles lá. Muito, foi muito forte. [...] Comecei a estudar as regiões de [cidade], e aí eu consegui perceber muito fortemente que as diversas regiões têm suas próprias características, né, que é por isso que o trabalho fala sobre **território**. [...] (Bibliotecário 1)

Assim sendo, para exercer uma Nova Biblioteconomia é importante conhecer a comunidade e, conforme mencionado pelo Bibliotecário 1, o território e fazer parte.

[...] [Um bibliotecário] ele é da zona noroeste de [cidade] e eu já morei lá, na verdade, eu cresci nessa região. E o Bibliotecário também cresceu lá. E o que é interessante é que **como ele é um bibliotecário, uma pessoa que cresceu no território, não tem ninguém melhor do que ele para entender e dialogar com as pessoas**. Ele e a bibliotecária que também cresceu em [cidade], eles fazem um trabalho incrível porque **eles conhecem as pessoas**, né que tem tudo a ver com o que a Michele Petit e a Geneviève Patte fala sobre a sobre a troca, né? Eles entendem o que é o território, do que o território precisa porque **eles também fazem parte daquilo**, né (Bibliotecário 1, grifo nosso).

Assim sendo, além de trabalharmos com a concepção de comunidade e território, o senso de pertencimento é um aspecto importante para a atuação da perspectiva da Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro. Albagli (2004) menciona que a noção de comunidade se refere a uma constituição de laços mais sólidos do que aos de sociedade ou coletividade, mas fatores como nascimento, residência ou laços jurídicos não são suficientes para definir o pertencimento de uma comunidade, o pertencimento da comunidade “supõe adesão voluntária ou consciência desse pertencimento” (Albagli, 2004, 28-29).

Nesse sentido, o Bibliotecário 12 relata sua experiência pessoal com a comunidade da qual faz parte e atua.

Eu sempre frequentei a biblioteca do meu bairro, né? Então, desde pequena, fui incentivada a frequentar a biblioteca e ter acesso aos livros e tudo mais. [...] Bom, depois de fazer alguns cursos, né? E não me encontrar, eu encontrei a Biblioteconomia, né? E então, foi aquela coisa que sempre teve ali, né... que eu sempre gostei de estar no meio dos livros, estar no meio da organização da informação, né, do acervo e dessa participação da comunidade, né? [...] Em 2018, ingressei na Prefeitura. E coincidentemente, né? Na época eu não sabia, a gente não sabia, não tinha nenhuma informação das vagas, mas coincidentemente, a vaga que tinha lá era para a biblioteca da minha infância. Então eu consegui escolher essa biblioteca, e agora **eu trabalho na biblioteca em que eu cresci**. [...] é muito gostoso essa parte de você está inserida porque eu também moro em [bairro X], né? Então eu conheço... Às vezes quando vai no mercado e encontra alguém que frequenta a biblioteca, né? A gente consegue conversar melhor até tipo “E aí, como está a sua leitura?” Tudo mais. E isso é bem gostoso (Bibliotecário 12, grifo nosso).

---

<sup>31</sup> O Acaia Pantanal é um programa socioeducativo que congrega esforços para o desenvolvimento da população ribeirinha do Pantanal Sul-Matogrossense. Disponível em: <https://www.acaia.org.br/pantanal>. Acesso em: 24 jul. 2022.

O Bibliotecário 1, conforme menciona Lankes (2011) tem muitas histórias, e compartilha outra história pessoal acerca da atuação de um bibliotecário quando faz parte da comunidade:

Tem um exemplo agora do meio da pandemia com [um Bibliotecário] que é triste, mas ao mesmo tempo é muito pegar a teoria e demonstrar. Ele mora super próximo da biblioteca né? Por que aqui em [Cidade], tudo é sempre longe... é sempre uma hora de ônibus. Bibliotecário mora sei lá 2 ou 3 quilômetros da biblioteca. Teve um dia que a biblioteca foi invadida. Entraram lá e roubaram equipamento, o segurança ligou para ele. Quando chegou lá, o segurança tinha pegado os meninos que entraram e eram 2 usuários da biblioteca. E aí ele olhou para eles e reconheceu, deixou eles falarem, os garotos pedindo por favor para ele não os levar para delegacia e aí ele entendia todo o contexto, família em contexto de vulnerabilidade, 2 jovens usuários de droga. Entendeu? E é isso que faz com que um bibliotecário de referência atue direito no território, né? Porque ele sabe o que está acontecendo (Bibliotecário 1).

O bibliotecário quando faz parte da comunidade, ele não só conhece as demandas, como também conhece as vulnerabilidades sociais. O exemplo trago pelo Bibliotecário 1 é emblemático da realidade brasileira. Um bibliotecário que atua sob uma perspectiva que desconhece a realidade da comunidade atendida, não saberia identificar as questões sociais que giram em torno da invasão à biblioteca e se tornaria mais um Boletim de Ocorrência da Delegacia de Polícia. É importante ressaltar o caráter educativo que uma situação como essa pode proporcionar aos membros da comunidade. Pertencer a biblioteca também é sinônimo de protegê-la porque há um entendimento coletivo de que a instituição é de cada membro da comunidade, tal como o exemplo que Lankes (2016) costuma apresentar no capítulo inicial de *“Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo”*, onde na ocasião das manifestações da Primavera Árabe, em 2011, a famosa Biblioteca de Alexandria foi protegida pela comunidade local durante os protestos que tiraram do poder o Presidente Mubarak.

### 7.3.2 Melhorar a comunidade

No tocante ao aspecto **“Melhorar a comunidade”**, o Bibliotecário 12 menciona que é necessário que os bibliotecários conheçam as potências e vulnerabilidades da comunidade para reorientar o olhar para as demandas coletivas, exercendo a escuta, promovendo a conexão entre pessoas e conteúdos para promover a construção do conhecimento e as melhorias necessárias.

Ah, eu acho que através realmente da escuta, do olhar, há tempo para entender realmente as demandas da comunidade, do território. É isso, precisa primeiro conhecer. Para entender, é bem aquela coisa. É de processos, não é até mesmo aquele ciclo PDCA [*Plan, Do, Check, Act*, ou em português: Planejar, Fazer, Verificar e Agir], né? Então você tem que realmente entender o que que é aquilo para conseguir mapear tudo o que você tem. E vê as potências também desse **território**, não é, então? Tá

enxergando ali que tem o sarau, tem uma outra pessoa aqui, então a gente pode juntar isso, não é? Como que a gente faz essa **conexão** então? Esse garoto é caro, podem atuar nessas pontes, nessa construção de pontes, nesses diálogos. Então, e proporcionar essa apropriação, esse sentido de pertencimento, eu acho que isso é muito, muito importante, é o que a gente tem que fazer (Bibliotecário 12, grifo nosso).

Mais uma vez o termo conexão aparece no discurso dos entrevistados. É importante ressaltar a importância desse termo no contexto da Nova Biblioteconomia: o estabelecimento de conexões entre pessoas, entre membros da comunidade proporciona o senso de pertencimento e de construção coletiva de conhecimento.

As bibliotecas precisam estar atentas. Os bibliotecários precisam ficar atentos. Mas escutam, olhar e continuar com esse cuidado, né? Com a comunidade, pensando na **construção de comunidades**. É muito, muito bater na tecla de oferecer esse senso de pertencimento, né? Então, de apropriação por que a biblioteca é um espaço vivo, né? Ela precisa ser espaço vivo, então (Bibliotecário 12, grifo nosso).

Conforme mencionamos na seção anterior, outra palavra que diz muito do contexto brasileiro no tocante às práticas da Nova Biblioteconomia é “pertencimento”. A necessidade de proporcionar pertencimento as bibliotecas pode ser explicada se voltarmos retomarmos a história da Biblioteconomia, dos livros e das bibliotecas no Brasil e identificarmos que as bibliotecas, os livros e a leitura não tinha a concepção de ser democrática tal como é hoje, assim como a educação, eram bens que serviam a uma parcela reduzida da população, que designava status social, tal como ainda temos como herança o fato de que muitas pessoas usam a imagem de alguma biblioteca ao fazer algum pronunciamento ou quando quer demonstrar credibilidade social.

### 7.3.3 Esperar mais das bibliotecas e dos bibliotecários

Lankes (2016) menciona que devemos esperar mais das bibliotecas e dos bibliotecários. Assim sendo, indagou-se aos entrevistados **o que esperam das bibliotecas e de si mesmos como profissionais na Biblioteconomia**. Discursos em torno da visibilidade profissional e do sentido do fazer bibliotecário vieram à tona nas conversas com os entrevistados.

O Bibliotecário 5 ressaltou a ausência de uma cultura que privilegie bibliotecas e, por conseguinte, a atuação dos bibliotecários no Brasil. Desse modo, o que tal profissional espera vai muito de encontro com o discurso coletivo que podemos encontrar em vários trabalhos da área acerca da visibilidade e de mostrar a importância social que a atuação do bibliotecário tem.

Eu espero que as bibliotecas ganhem mais visibilidade, né? Que a gente que a gente enquanto classe consiga mostrar a sua importância, não é? porque

infelizmente aqui no Brasil não tem essa cultura né de biblioteca então a gente não é muito visível as pessoas. As pessoas não entendem a nossa importância, então eu espero que a gente consiga se fazer presente e se fazer importante para a sociedade e que a gente consiga fortalecer nossa profissão, o nosso espaço, nosso trabalho [...]

Conseguir transmitir a importância da minha profissão, não é? Porque consigo, espero que eu consiga fazer com que as pessoas entendam o meu fazer e a importância dele para elas e para a conquista da cidadania de uma forma geral. (Bibliotecário 5).

O discurso do Bibliotecário 12 demonstra o quanto é necessário à prática profissional fazer sentido para o profissional. Não basta desenvolver um projeto para a comunidade, é necessário estar com a comunidade, dar protagonismo e se engajar nas ações que a comunidade desenvolve na biblioteca.

Espero continuar realmente com essa **escuta ativa**. Essa escuta atenta com, com esse olhar cuidadoso com todas as questões tanto do frequentador quanto do espaço, o que que a gente precisa, que que a gente? É que a gente quer proporcionar. E eu acho que eu quero continuar assim. [...] Então, até na sexta-feira teve uma atividade lá que a gente estava super cansada era tarde, já era umas 4 horas da tarde. Depois de uma semana de reabertura, né? Com todos os protocolos... Máscara, *face Shield*, jaleco e álcool gel, e vê e se coloca no então toda essa coisa assim. E teve uma atividade que era itinerante, presencial, né? Porque todas [as outras] estavam acontecendo online. [...] Eles chegaram tocando pandeiro, ukulele, uma viola. E sabe aquela coisa que sai assim do cansaço, e você recupera um pouco das energias, então a gente sente isso. Sabe aquele espaço que precisa acontecer, né? Ter essa renovação de energia. Então, espero que continue sendo. Sou profissional que está ali para o frequentador e poder possibilitar esses encontros, esse sentido de pertencimento (Bibliotecário 12).

Esperar de si a promoção de encontros e de sentido de pertencimento à biblioteca é uma afirmação de confiança no trabalho que vem sendo desenvolvido. Para exemplificar o que espera de si, o Bibliotecário 1 compartilha um exemplo que é realizado nas estações de metrô por engajados e empoderados membros da comunidade, para afirmar que é o que se espera fazer enquanto houver condições de exercer a Biblioteconomia para além da concepção profissional. Há, neste discurso, o elemento emocional que é o fio condutor da atuação deste bibliotecário em específico.

[...] tem uma linha de trem muito grande que passa lá perto, né, que é a [Estação] são muitas estações. Eles botaram os livros debaixo do braço foram distribuídas estação de trem... foram ler para as pessoas dentro dos vagões... **é uma coisa assim que me encanta muito sabe é isso que eu pretendo fazer para o resto da minha vida se eu tiver saúde, né e o corpo me permitir...** (Bibliotecário 1, grifo nosso).

O desenvolvimento de uma profissão que lida com pessoas requer sentimentos como empatia, sensibilidade, conforme podemos ver nos nove meios de sucesso para a facilitação delineados por Lankes (2016a). É o primeiro aspecto mencionado pelo autor. É necessário ter empatia com os membros da comunidade e se entendendo como parte compreender de que maneira o bibliotecário pode se aproximar e estabelecer uma nova conversa. O exemplo mencionado pelo Bibliotecário 1 retrata uma ação que costuma ser desenvolvida por

bibliotecários e não bibliotecários. Um país como o Brasil precisa desse tipo de projeto para levar o que ocorreria num ambiente como a biblioteca ou qualquer outro ambiente educacional para além dos limites prediais e, assim, possibilitar conexões e novas conversas com as comunidades.

#### 7.4 A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA BIBLIOTECONOMIA

Optamos por apresentar a percepção dos entrevistados acerca da classe bibliotecária e do movimento associativo devido a importância do tema, sobretudo, para a divulgação da teoria de Lankes no contexto brasileiro. O referido autor não menciona diretamente o movimento associativo em sua perspectiva. No entanto, é por meio do movimento associativo, que a Nova Biblioteconomia ganhou espaço para discussão, tanto no seu contexto de origem (Estados Unidos) quanto em outros locais do mundo. Conforme mencionado outrora, o associativismo tem como finalidade a defesa dos interesses sociais, o fortalecimento, garantindo, inclusive, uma maior infraestrutura de uma classe profissional. Falar do movimento associativo, neste sentido, reflete mais uma das características da Biblioteconomia Brasileira. Diante do exposto, indagou-se a respeito da importância do movimento associativo na construção de uma Biblioteconomia nova no Brasil.

Houve discursos voltados à visão de que as associações bibliotecárias contribuem com o engajamento da área e com a capacitação ao promover debates, discussões e eventos e proporcionam o contato com temáticas emergentes no Brasil e no mundo. Por outro lado, alguns bibliotecários manifestaram a insatisfação com o movimento associativo bibliotecário ao pontuar que o alcance dessas instituições não abarca a realidade brasileira e, portanto, há a concepção de discursivamente impulsionar, mas de forma prática não há essa percepção. Ou seja, os bibliotecários reconhecem o potencial do movimento associativo, mas não identificam esse potencial de forma prática no dia a dia, na sua realidade profissional. Há muitas associações que funcionam com o movimento coletivo dos bibliotecários. No entanto, há associações que ainda lutam para se manter e engajar os profissionais de forma mais ativa. Ainda falta o entendimento de que é o bibliotecário que faz o movimento associativo. Não se trata de uma instituição que serve a classe profissional, se trata de uma instituição que é construída coletivamente.

No tocante a classe bibliotecária, os entrevistados pontuaram a importância de unir esforços em prol da área e de conferir reconhecimento e protagonismo social. De acordo com o Bibliotecário 2, o que se espera da classe bibliotecária é a busca protagonismo da profissão. O discurso do entrevistado menciona a palavra “reconhecimento”, mas vai, além disso. O que o Bibliotecário 2 espera dos bibliotecários de forma geral é que o trabalho seja conhecido e,

desse modo, reconhecido socialmente. A crítica que é feita é no sentido de que, enquanto profissionais da área, há a responsabilidade com os estereótipos que vão sendo propagados a cada geração. Com tantas práticas inspiradoras e consideradas como exemplos de Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro, passou da hora de assumir outra visão no imaginário coletivo das comunidades. Cada bibliotecário que exerce a profissão é responsável pela imagem e reconhecimento que sua comunidade terá acerca da área.

Ah, espero que... a gente fala assim que o bibliotecário busca reconhecimento. Não é só uma questão de você buscar reconhecimento é mostrar. É mais que buscar, é você mostrar, é você fazer. Eu espero que as pessoas possam agir mais vezes nesse sentido assim de mostrar que a Biblioteconomia não é só aquela que preocupa... muita gente tem aquela visão de que a biblioteca é um espaço fechado onde todo mundo tem que ficar em silêncio e bibliotecária é uma pessoa mal-humorada, que fica mandando todo mundo ficar quieto o tempo todo. As pessoas ainda têm essa visão. O que eu espero assim da classe bibliotecária é que eles possam mostrar que não é isso. A Biblioteca pode ser um lugar bastante legal, bastante agradável, pode ajudar muita gente. É um espaço que fica assim de portas abertas para receber as pessoas e que possui muitas atividades né! (Bibliotecário 2).

O Bibliotecário 5 pontua a importância da união da classe bibliotecária, de promover o fortalecimento dos Conselhos e de impulsionar a profissão se fazendo entender como um coletivo que busca a melhoria.

Eu espero que a nossa classe se torne mais unida, às vezes eu percebo um pouco desunida em alguns aspectos né e que a gente consiga enquanto classe entender que precisa trabalhar junto sabe? Não adianta ficar achando que o fulaninho é melhor que o outro ou pior que o outro, acho que a gente tem que caminhar junto entender e se entender como classe mesmo. É usar os conselhos fracos para fazer importância, aconselhar nossa representação né? Existe muitas críticas com relação ao conselho, mas a representação... então a gente tem que buscar e buscar melhorar né ajudar é melhor. Tá porque se não é a nossa classe aqui que mostra o nosso valor ninguém vai entender não. É uma coisa que eu percebi também quando eu saí da faculdade e comecei a trabalhar, as pessoas não entendem o que a gente fala e eu ouvi isso algumas vezes. [...] Então a gente enquanto classe não só enquanto profissional, enquanto classe, a gente tem que se fazer entender (Bibliotecário 5).

Requer destaque o aspecto mencionado pelo Bibliotecário 5 no tocante as críticas que são feitas aos Conselhos e a perspectiva apresentada: buscar contribuir com a melhoria e fortalecimento é a melhor alternativa para possibilitar o crescimento da área como um todo. O Bibliotecário 5 considera o movimento associativo importante, sobretudo, para ampliar a nossa voz na sociedade e dar visibilidade ao trabalho do bibliotecário.

Eu acho muito importante não é? Então eu acho imprescindível o Movimento associativo porque é o que nos dá força, o que nos dá voz, aumenta a nossa voz, né? Um movimento associativo aumenta a nossa voz porque eu sozinha, você sozinha, a gente tem voz, mas a nossa voz tem um pouco alcance, e o movimento associativo tem um alcance muito maior. É imprescindível né a importância das associações para que a gente consiga alcançar e fazer com que as pessoas percebam a nossa relevância (Bibliotecário 5).

Neste sentido, o Bibliotecário 12 afirma que o movimento associativo contribui com a construção de uma Nova Biblioteconomia porque proporciona acesso a discussões e perspectivas diferentes, tanto no aspecto teórico quanto no aspecto prático da área.

Eu acho que ele contribui. É, principalmente, trazer os olhares diferentes, né? Então você tem os encontros, cada encontro tem um Painel. [...] Então, trazem muitas questões que às vezes a gente pensa, nossa, a gente está sozinho aqui pensando isso, mas não tem outras que estão lá pensando a mesma coisa [...] Então a gente tem esses encontros, eles são realmente muito importantes para ter essa comunicação, né? E ter esse... esse vislumbre do que que está acontecendo na academia. O que que é o que a gente vê ali na academia que... puxa, super válido, vamos, vamos tentar implantar aqui na biblioteca, né? É.... pode dar certo. E o que que a gente pode falar também através de artigos que a gente pode escrever, como foi o caso desse que você encontrou, mostrar o que que está acontecendo ali, né? Porque às vezes a gente fica só no território mesmo, né? E a gente não é visto. Então a gente tem que se mostrar um pouquinho, mostrar o que está acontecendo pra gente ser visto e poder falar sobre isso com outras pessoas, com os nossos pares, né? Isso são os bibliotecários, né? (Bibliotecário 12).

Na fala acima, o Bibliotecário 12 faz um comentário acerca da relevância dos eventos promovidos pelo movimento associativo, como é o caso do CBBBD, que oportunizam a discussão sobre as perspectivas e tendências da área, assim como uma das motivações para a escolha deste percurso metodológico, que consiste em dar visibilidade as práticas desenvolvidas pelos bibliotecários brasileiros. Imersos em seu cotidiano de trabalho, se não participarem de tais eventos, há um apagamento de ações e perspectivas biblioteconômicas realizadas pelo país.

Contradizendo a concepção de alguns entrevistados acerca do real alcance do movimento associativo, o Bibliotecário 2 pontua que o mérito do movimento associativo está justamente nesta capacidade de congregar um grande número de profissionais, de diferentes locais – geograficamente e de atuação profissional, para trocar experiências, se capacitar e fomentar novas práticas.

Eu acho que é conseguir exatamente isso, né? Juntar várias pessoas e mostrar. É o que você conseguir ter um contato com várias instituições, com várias outras pessoas da sua profissão e conseguir fazer essa troca de experiência. E porque eu acho que é muito importante para o nosso aprendizado, eu acho que a gente aprende muito nesses eventos, né, a gente aprende demais assim. Eu quando eu vou num Congresso, eu marco todas as palestras que eu quero assistir e fico assim ai meu Deus, eu vou assistir essa e não vou conseguir assistir a outra. [...]. É um dilema porque eu acho que é importantíssimo para o nosso crescimento e para ampliar a nossa visão, porque às vezes tem coisas que são simples que você pode fazer, mas que você ainda não viu, ainda não teve aquela ideia. Aí você vê alguém apresentando lá e eu na minha biblioteca... poxa isso eu posso fazer. Eu acho que é importante a troca de experiência, não é? O nosso crescimento profissional. (Bibliotecário 2).

Evocando a formação bibliotecária, o Bibliotecário 1 faz uma crítica acerca da necessidade de uma formação que seja mais política para que os bibliotecários compreendam a importância do movimento associativo e das instituições para promover o crescimento da área e para garantir acesso a direitos fundamentais enquanto cidadãos e pessoas bibliotecárias. Nota-se a ausência dessa concepção política acerca do movimento associativo no discurso da maioria dos entrevistados e pontuados por Ribeiro, Miranda e Reis (2015) ao analisarem a ausência na literatura de trabalhos que abarquem reflexões e pesquisas direcionadas ao movimento associativo bibliotecário. O ensino da Biblioteconomia poderia trazer essa dimensão da importância do movimento associativo desde os primeiros períodos do curso a fim de demonstrar que os futuros bibliotecários são parte responsável deste movimento que envolve a luta pela área e pela profissão.

## 8 A NOVA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA

*“Se queremos um mundo melhor, temos que participar para torná-lo melhor. Nosso mundo atual exige que repensemos o papel da biblioteca. Que reconhecemos que o real poder de mudança da biblioteca não está nos livros ou nos prédios, mas em vocês, os bibliotecários. Bibliotecários dedicados aos valores de aprendizagem, transparência, diversidade, honestidade intelectual, e liberdade intelectual e segurança” (Lankes, 2021, p. 1).*

A Nova Biblioteconomia traz, por meio de seu próprio nome, a ideia de algo novo. Como podemos ver até aqui, uma concepção “nova” do fazer biblioteconômico a partir das bases que construímos ao longo do tempo. De acordo com o exposto, o uso do termo “Nova” para a Biblioteconomia pode não ser algo tão novo no contexto brasileiro em que antes mesmo do conhecimento do termo, alguns bibliotecários já praticavam o que se entende por Nova Biblioteconomia. O termo Nova Biblioteconomia vem se contrapor um foco “antigo” da atuação dos bibliotecários, reorientar o olhar para as pessoas que são a razão de ser da Biblioteconomia contemporânea.

Talvez, se o autor tivesse adotado o termo “Biblioteconomia participativa”, como propôs outrora, ou “comunitária” para difundir sua perspectiva, poderia ter acontecido um alinhamento conceitual. No entanto, conforme o autor explica em *“The New Librarianship: field guide”* nunca houve a intenção de que a Nova Biblioteconomia fosse tida como uma tipologia de Biblioteconomia. Este é um fato interessante de explicitar porque quando se fala em Nova Biblioteconomia, se entende que é uma nova modalidade de Biblioteconomia, quando na verdade o que é novo é o estabelecimento de uma missão que fundamenta a prática bibliotecária. Não é uma missão para a Biblioteconomia, é uma missão apenas para o bibliotecário porque ele é que torna a Biblioteconomia possível.

A missão do bibliotecário é contribuir para a melhoria das comunidades por meio da construção do conhecimento. O foco da Nova Biblioteconomia de Lankes é o conhecimento, o conhecimento coletivo que ocorre por meio do que os nossos bibliotecários brasileiros vêm fazendo cotidianamente: propondo conversas, conexões, encontros, diálogos, trocas. Mostrando às pessoas que elas podem construir novos conhecimentos e melhorar a comunidade como um todo.

Trabalhar sob a perspectiva da comparação, nunca foi o viés de atuação enquanto pesquisadora, fato manifestado outrora durante a pesquisa de mestrado (Ferreira, 2016). Assim, pensar a Nova Biblioteconomia como sendo algo a ser reproduzido prontamente em distintas realidades é algo inconcebível. É importante nos ater ao contexto em que a perspectiva foi cunhada para repensarmos a nossa Biblioteconomia e as nossas práticas em conformidade com a realidade vivenciada no Brasil.

Em comunicação apresentada durante a Semana da Promoção Social, promovida no Recife, em outubro de 1961, pelo Governo do Estado de Pernambuco, Edson Nery da Fonseca, promove a reflexão acerca da importância da biblioteca, sobretudo a pública, na execução dos Programas de Alfabetização e Educação de Base. Na ocasião, ele apresentou as bibliotecas americanas como instituições que contribuem com a formação básica porque estão **integradas na vida da comunidade**. “É uma presença viva, atuante, dinamicamente integrada no sistema educacional, na política e na economia tanto das grandes como das pequenas cidades e das comunidades rurais. [...]” (Fonseca, 1962, p. 101). E, por outro lado, as bibliotecas brasileiras não são instituições lembradas e, portanto, reconhecidas, de forma geral, como instituições basilares para a educação básica.

Pensar no lugar que as bibliotecas têm na vida da comunidade norte-americana nos dá referências para a compreensão do que Lankes (2011, 2016, 2016a) queria passar com a perspectiva quando a cunhou sob uma perspectiva global: todos podem vivenciar uma Nova Biblioteconomia a partir de seu contexto. No contexto brasileiro, o cenário atual não é muito diferente do abordado por Fonseca (1962) em 1961, isto é, há mais de sessenta anos. As bibliotecas brasileiras continuam não tendo o destaque nas agendas das políticas públicas, o que compromete a sua visibilidade e efetividade na comunidade.

O que podemos observar, pela literatura da área, é que a Biblioteconomia brasileira evoca uma mudança, uma “Nova Biblioteconomia” desde a década de 1980, mas sem uma proposição que possa ser considerada amplamente concreta ou que impulse a ação bibliotecária como um todo. Contudo, é fato, que na história da Biblioteconomia podemos encontrar bibliotecários que exerciam e exercem a “Nova Biblioteconomia”, antes mesmo da disseminação do termo ou conhecimento teórico dele. A ideia central é que ações esporádicas, alguns exemplos deixem ser exceção e passem ser a lógica da Biblioteconomia.

O que vimos recorrentemente na literatura da área é um movimento de diagnosticar a atuação bibliotecária e pontuar como deve ser conduzido o trabalho diante de desafios emergentes a cada época da história. Neste sentido, a perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes traz como contribuição ao contexto brasileiro o impulso necessário para a ação e resignificação prática da atuação biblioteconômica. Ele passa a ser uma voz que oxigena a literatura biblioteconômica.

E o que há de novo na perspectiva da Nova Biblioteconomia brasileira? O elemento novo da Nova Biblioteconomia brasileira é o olhar do bibliotecário para as pessoas localizadas em um território. Não se trata somente de pessoas que frequentam as bibliotecas com uma lacuna de conhecimento a ser preenchida, o que conferiria inclusive o chamamento de usuários (aqueles que usam e vão embora). Trata-se de pessoas que vivem em comunidade e que juntas com os bibliotecários podem fazer mais onde vivem. O fato é que o juramento do bibliotecário brasileiro se fosse lembrado e executado nas práticas profissionais da classe biblioteconômica como um todo, não seria uma novidade na área. No entanto, há a necessidade de redirecionar a Biblioteconomia praticada por meio dessa missão do bibliotecário que a Nova Biblioteconomia propõe. Uma Biblioteconomia voltada para as pessoas, para a melhoria social por meio do conhecimento.

Em sua perspectiva de Nova Biblioteconomia, Lankes (2011) apresenta muitos exemplos voltados ao contexto norte-americano que difere muito do contexto brasileiro. A distinção já se inicia na relação com o investimento cultural nos Estados Unidos, sobretudo, por meio da filantropia. Os recursos destinados às bibliotecas e a captação desses recursos, assim como a maneira como a comunidade se apropria do espaço é diferenciada. No Brasil, a formação do bibliotecário se dá pela graduação, enquanto no contexto americano é uma pós-graduação. Tem aspectos da prática bibliotecária que já é realizado há algum tempo que no Brasil se iniciou há pouco tempo, como a própria concepção de biblioteca das coisas, de emprestar outras coisas e até pessoas, além dos livros; de propor a participação mais ativa das pessoas dentro da biblioteca. O Brasil é amplo, sendo assim, não é uma prática exercida em todo território. Assim, a nossa Nova Biblioteconomia brasileira, vem caminhando de forma diferente, de acordo com o nosso contexto amplo e diverso.

Desde a concepção desta pesquisa, a ideia norteadora foi acerca da importância de registrar o que vem sendo feito no Brasil e o posicionamento de quem pratica a Biblioteconomia brasileira. Afinal, o que vem sendo praticado pelos bibliotecários brasileiros é que está construindo a Biblioteconomia que desejamos hoje e amanhã. A motivação inicial desta pesquisa foi alcançada: dar voz a quem está fazendo uma Nova Biblioteconomia no Brasil.

As experiências quando se tornam visíveis inspiram outras pessoas. No entanto, há quem acredite que não seja viável fazer o que muitos bibliotecários já fazem, acreditam até que está muito longe da realidade. A conversa com os bibliotecários brasileiros, a maioria atuante em instituições públicas, que assim como a maioria do nosso país, sofre com sucateamento, com as alternâncias de governo, mostrou que mesmo diante de tantos desafios é possível fazer um trabalho bonito e responsável, sendo parceiros da comunidade e do território, mostrando a importância dessa instituição para as pessoas e essas pessoas se identificando e lutando pela instituição. Quando essas pessoas que frequentam identificam

nesse lugar o seu lugar, quando se sentem pertencentes, elas começam a lutar juntas. É um trabalho inspirador e que merece ser extremamente divulgado para que todo mundo possa ver que é possível, que faz parte e melhor que faz real diferença na vida das pessoas envolvidas em prol da própria comunidade.

As entrevistas foram realizadas com realidades completamente distintas: interior e capital do país em diferentes regiões brasileiras. Mas a palavra que os bibliotecários dessas diferentes realidades mencionaram em comum foi: acolhimento. A perspectiva de a biblioteca acolher a comunidade foi muito latente nos discursos, assim como a perspectiva de despertar o senso de pertencimento, que se vincula a concepção de “membro” da comunidade empregada por Lankes. Assim sendo, podemos assinalar que tais perspectivas compõem o tão esperado perfil da Nova Biblioteconomia brasileira. Embora haja uma sincronicidade discursiva, é necessário compreender que o nosso Brasil é muito diverso e que existem vários brasis dentro do Brasil. Há, inclusive, a questão do sotaque, do significado das palavras que, em diferentes realidades entrevistadas, difere do contexto vivenciado pela autoria deste texto. Tal questão nos permite refletir acerca da diversidade discursiva e de atribuição de significados no restante do Brasil. Para exercer uma Nova Biblioteconomia no Brasil é preciso entender as diferenças regionais e no país como um todo.

A Nova Biblioteconomia brasileira enfrenta alguns velhos conhecidos, como a perspectiva custodial que ainda assola o imaginário do bibliotecário e do senso comum. No imaginário de alguns gestores, a biblioteca ainda é o local do silêncio onde se deve armazenar as informações nas prateleiras, ou ainda é o local onde a cultura é o que os colonizadores ditaram há tanto tempo.

Por outro lado, conhecemos a força do bibliotecário brasileiro que engajado junto com a comunidade transforma realidades. A Nova Biblioteconomia brasileira é como Lankes difunde que deve ocorrer: ganha ação a partir da postura do bibliotecário, que independentemente de reconhecer o termo ou a missão que Lankes (2011) lhe emprega, exerce a Biblioteconomia orientada às necessidades da comunidade.

Apesar dos desafios persistentes, como a resistência a modelos mais dinâmicos e a visão antiquada de algumas instituições, a força motriz da Nova Biblioteconomia brasileira reside na capacidade de seus profissionais de transcenderem essas barreiras. É nesse paradoxo entre o arcaico e o inovador que a atuação do bibliotecário se destaca, impulsionando a transformação social e cultural por meio da informação e da construção do conhecimento.

Um aspecto que se mostrou extremamente importante no discurso dos bibliotecários entrevistados e que Lankes (2011) menciona como fundamental é a necessidade de o bibliotecário fazer parte da comunidade. Fazer parte e estar junto com a comunidade faz toda a diferença porque não é um bibliotecário alheio à realidade vivenciada pela comunidade, se

trata de um profissional que compreende as necessidades e a vida cotidiana, e, portanto, sabe qual a melhor linguagem para estabelecer conversas que proporcionem construção do conhecimento e melhoria na vida das pessoas. Por meio dos relatos de experiência, podemos ver que a comunidade foi acolhida em suas dificuldades informacionais e do cotidiano, tendo o terceiro espaço para criar, lazer, encontros e aprendizados. Os bibliotecários proporcionam que as comunidades desenvolvam projetos em conjunto tal como podemos ver nas respostas dos entrevistados.

O contexto brasileiro trouxe três novos e importantes termos à Nova Biblioteconomia disseminada por Lankes: o acolhimento, o território e o pertencimento. Em todas as conversas, durante as entrevistas, o acolhimento à comunidade, a importância do território e a construção do pertencimento foram aspectos tido como um diferencial do trabalho do bibliotecário para impulsionar o crescimento e melhoria das comunidades. Tais termos, conclama a uma compreensão da realidade social e do contexto das comunidades. De acordo com o Dicionário Online *Oxford Languages*<sup>32</sup>, a palavra “acolhimento” significa: “ato ou efeito de acolher; acolhida. Maneira de receber ou de ser recebido; recepção, consideração. Abrigo gratuito; hospitalidade”. Palavras que dizem muito sobre a prática bibliotecária. A palavra “território” designa “grande extensão de terra; área de município, distrito, estado, país etc.”. “Cada território é, portanto, moldado a partir da combinação de condições e forças internas e externas, devendo ser compreendido como parte de uma totalidade espacial” (Albagli, 2004, p. 27). Já a palavra “pertencimento” significa: “Do mesmo significado de pertença. Ação de pertencer: sentimento de pertencimento”. O que diz muito a respeito do contexto brasileiro. Não faz parte da história e da cultura brasileira se sentir parte ou membro de uma biblioteca pelo menos até o presente momento. Vimos com as entrevistas que este cenário está em processo de transformação. Assim sendo, os termos território, acolhimento e senso de pertencimento, são fundamentais para a compreensão da Nova Biblioteconomia Brasileira, pois esses conceitos se interconectam e se reforçam mutuamente, criando um ambiente propício para o desenvolvimento e melhoria das comunidades.

O território, na perspectiva da Nova Biblioteconomia, vai além da dimensão geográfica. Ele abrange o espaço físico e as relações sociais, culturais e econômicas que se estabelecem nesse local. Compreender o território significa conhecer as necessidades, os desafios e os potenciais da comunidade. Essa compreensão é essencial para que o bibliotecário possa contribuir com a melhoria da comunidade ao oferecer serviços e programas relevantes e eficazes na biblioteca.

---

<sup>32</sup> OXFORD LANGUAGES. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 25 jul. 2023.

O acolhimento é a base para a construção de um relacionamento de confiança entre o bibliotecário, a biblioteca e a comunidade. O acolhimento se manifesta em um ambiente receptivo, em um atendimento atencioso e em uma postura de respeito à diversidade. Quando as pessoas se sentem acolhidas, elas se sentem mais à vontade para participar das conversas e atividades da biblioteca, para compartilhar suas ideias, para buscar informações e construir conhecimento coletivamente.

O senso de pertencimento é o sentimento de que a biblioteca é um lugar da comunidade, um espaço onde as pessoas se sentem em casa. Esse sentimento se constrói quando a biblioteca promove atividades que valorizam a cultura local, quando oferece espaços para encontros e debates e quando incentiva a participação da comunidade na gestão da instituição. Quando as pessoas se sentem pertencentes, elas se tornam parceiras da biblioteca, colaborando para o seu desenvolvimento e defendendo seus interesses.

O território é o palco onde se desenvolvem as relações sociais e culturais. O acolhimento é a porta de entrada para essas relações. O senso de pertencimento é o resultado de um trabalho contínuo de construção de laços entre a biblioteca e a comunidade. Quando a biblioteca compreende o território, acolhe as pessoas e promove o senso de pertencimento, ela se torna um agente de transformação social, contribuindo para o desenvolvimento das comunidades.

Bibliotecas que adotam a Nova Biblioteconomia promovem atividades que valorizam a cultura local, como oficinas de artesanato, apresentações de música e dança e exposições de artistas da comunidade. Elas também oferecem espaços para encontros e debates, onde as pessoas podem discutir os problemas da comunidade e buscar soluções conjuntas. Ainda, as bibliotecas se engajam em projetos sociais com as comunidades em que estão inseridas, assim, construindo laços fortes e duradouros. Em resumo, a Nova Biblioteconomia Brasileira busca construir bibliotecas que sejam espaços de acolhimento, pertencimento e transformação social, a partir da compreensão e valorização do território.

A Nova Biblioteconomia brasileira, portanto, emerge como um mosaico de práticas e reflexões que transcendem a mera aplicação de um modelo estrangeiro. Ela se constrói a partir da realidade local, incorporando elementos como acolhimento, território e pertencimento, que ressoam profundamente com a cultura e os desafios do país. A atuação do bibliotecário, nesse contexto, se redefine como um agente de transformação social, capaz de construir pontes entre a informação e as comunidades, promovendo o conhecimento e a cidadania.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas, por muito tempo, foram sinônimo de poder para uma parcela elitizada da população brasileira. Essa imagem, infelizmente, persiste em muitos contextos, perpetuando a ideia de que bibliotecas são exclusivas a determinados grupos. Contudo, as bibliotecas do século XXI se transformaram substancialmente. Acervos não se justificam por si só, bibliotecas não são meros prédios e bibliotecários não são mais guardiões passivos. A Biblioteconomia se revela dinâmica, tanto na teoria quanto na prática.

A evolução histórica das bibliotecas, impulsionada pela necessidade de adaptação a uma sociedade em constante transformação, catalisou o desenvolvimento da Nova Biblioteconomia. Essa abordagem inovadora desafiou os paradigmas tradicionais, incentivando os bibliotecários a assumirem papéis de agentes de mudança, facilitadores do conhecimento e promotores do desenvolvimento social. Nesse contexto, a presente tese investigou como a teoria da "Nova Biblioteconomia" contribui para a ressignificação do campo da Biblioteconomia e para a transformação das práticas bibliotecárias no Brasil contemporâneo.

A pesquisa reafirma a relevância da Nova Biblioteconomia de Lankes como referencial teórico e prático para a atuação bibliotecária no Brasil. A missão do bibliotecário, de contribuir para a melhoria das comunidades por meio da construção do conhecimento, encontra eco nas práticas cotidianas de muitos profissionais brasileiros. Apesar das disparidades contextuais entre Brasil e Estados Unidos, os princípios centrais dessa abordagem são plenamente aplicáveis à realidade brasileira. A valorização do conhecimento coletivo, a promoção de diálogos e o reconhecimento do protagonismo das comunidades se manifestam nas ações de bibliotecários em diversas regiões do país.

A Nova Biblioteconomia, ao incentivar a participação ativa das comunidades na construção do conhecimento, abre caminhos para a decolonização do saber nas bibliotecas. Ao reconhecer e valorizar os saberes locais, os bibliotecários atuam como agentes de transformação social, promovendo equidade e justiça social. A prática bibliotecária, ao se alinhar com a decolonialidade, transforma bibliotecas em espaços de resistência e empoderamento, celebrando diferentes vozes e perspectivas.

Entretanto, a implementação da Nova Biblioteconomia no Brasil enfrenta desafios significativos, como a persistência de uma visão custodial da profissão, a falta de investimento e a necessidade de superar desigualdades regionais. Além disso, a pesquisa evidenciou que a trajetória formativa e prática dos bibliotecários brasileiros está intrinsecamente ligada ao contexto social, político e econômico do país. A pandemia da COVID-19 e as eleições municipais de 2020 impactaram diretamente as práticas bibliotecárias, exigindo adaptações e resiliência por parte dos profissionais. A descontinuidade de projetos devido a mudanças de

gestão e a fragilidade das políticas públicas também se mostraram obstáculos a serem superados. Apesar desses obstáculos, a pesquisa demonstra que a força motriz da Nova Biblioteconomia reside na capacidade dos bibliotecários brasileiros de transcenderem essas barreiras, atuando como agentes de transformação social em suas comunidades.

Os relatos de experiência do CBDD (2013-2019) e as entrevistas com bibliotecários demonstram que, apesar dos desafios, estamos no caminho certo. A conversa com cada profissional revelou histórias e bastidores inspiradores, confirmando que o conhecimento é construído por meio de conversas (Lankes, 2011).

A dicotomia entre a Biblioteconomia tradicional e a contemporânea, evidenciada nas falas dos entrevistados, revela uma transformação profunda no papel das bibliotecas. A perspectiva focada na custódia de acervos e na restrição do acesso à informação, cede espaço a um modelo dinâmico e inclusivo, onde a comunidade é o epicentro das atividades. As bibliotecas contemporâneas transcendem a função de depósitos de livros, tornando-se centros pulsantes de aprendizado, interação social e acolhimento. A arquitetura dos espaços se modifica, priorizando a criação de ambientes convidativos e flexíveis, que estimulam a colaboração e o diálogo. A figura do bibliotecário também se reinventa. O profissional, outrora um guardião do conhecimento, assume o papel de mediador, facilitador e agente de transformação social. A escuta ativa, a empatia e a capacidade de conectar pessoas e ideias tornam-se habilidades essenciais.

A pesquisa evidencia a importância do acolhimento, do território e do senso de pertencimento como elementos centrais da Nova Biblioteconomia brasileira. Ao se integrarem às comunidades, os bibliotecários compreendem suas necessidades e estabelecem diálogos que promovem a construção do conhecimento e a melhoria da qualidade de vida. A análise das percepções dos entrevistados sobre comunidade revela uma rica compreensão da Nova Biblioteconomia de Lankes, com ênfase na importância do conhecimento do território, do contexto local e do senso de pertencimento. A discussão transcende a mera definição de comunidade, explorando a necessidade de os bibliotecários conhecerem profundamente as necessidades e vulnerabilidades dos membros da comunidade, integrando-se ao tecido social para promover a transformação. A valorização da escuta ativa, da conexão entre pessoas e conteúdos, e do papel da biblioteca como espaço vivo e de pertencimento emerge como elementos centrais para a construção de comunidades mais fortes e engajadas.

É importante ressaltar o papel crucial do movimento associativo bibliotecário brasileiro nesse processo de transformação. A FEBAB, como entidade representativa da classe, tem sido fundamental na disseminação da Nova Biblioteconomia e na promoção de debates sobre os desafios e oportunidades da profissão. A participação ativa dos bibliotecários em associações, como a FEBAB, fortalece a classe, impulsiona a inovação e contribui para a

construção de uma Biblioteconomia alinhada com as demandas da sociedade contemporânea.

A percepção dos bibliotecários entrevistados sobre o movimento associativo revela uma dualidade: reconhecem seu potencial para impulsionar a área, mas expressam insatisfação com o alcance limitado e a falta de impacto prático em suas realidades profissionais. Enquanto alguns destacam a importância das associações para a capacitação e o debate de temas emergentes, outros criticam a desconexão entre o discurso e a prática. A necessidade de um movimento associativo mais dinâmico e engajado, construído coletivamente pelos bibliotecários, emerge como um ponto crucial para fortalecer a classe e promover a Nova Biblioteconomia no Brasil. A formação política dos bibliotecários também se destaca como um fator essencial para impulsionar o engajamento no movimento associativo e garantir o reconhecimento social da profissão.

Em última análise, a Nova Biblioteconomia brasileira é um convite à reflexão e à ação. Ela nos convida a repensar o papel das bibliotecas e dos bibliotecários na sociedade contemporânea, a valorizar a diversidade cultural e a construir um futuro mais justo e democrático. É um chamado para que cada bibliotecário, em seu contexto específico, se torne um agente de transformação social, capaz de construir pontes entre a informação e as comunidades, promovendo o conhecimento e a cidadania.

Em suma, a presente pesquisa contribui para a consolidação da Nova Biblioteconomia como paradigma relevante para a atuação bibliotecária no Brasil. Ao dar voz aos bibliotecários que praticam essa abordagem, a pesquisa busca inspirar outros profissionais a adotarem práticas inovadoras e a transformarem suas bibliotecas em espaços de construção do conhecimento e de transformação social.

Parafraseando Lankes (2011), a Biblioteconomia é uma área de atuação nobre. Mais do que guardar livros, fazer referência a recursos e catalogar artefatos, mantemos uma infraestrutura para ação social, ensinamos e inspiramos. “[...] os bibliotecários podem superar as forças esmagadoras da mediocridade e do cinismo, mas devemos acreditar que podemos” (Lankes, 2011, p. 135, tradução nossa).

Como continuidade dos estudos, sugere-se a investigação de práticas de bibliotecários que aderem à perspectiva da Nova Biblioteconomia de Lankes em outras fontes de informação, como produções acadêmicas no Brasil e na América Latina. A importância de se investigar outras realidades que se alinham com a perspectiva de Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro e/ou latino-americano se dá, sobretudo, para mostrar a ressignificação coletiva dos bibliotecários em prol de uma Biblioteconomia voltada ao aprendizado e ao conhecimento, as comunidades e a melhoria social que se concretiza pela via da informação compartilhada, construída com as pessoas dentro e fora das bibliotecas. Assim sendo, ao explorarmos distintas realidades, poderemos compreender melhor como a Nova

Biblioteconomia está sendo utilizada para promover o aprendizado, fortalecer as comunidades e contribuir para a construção de sociedades mais justas e equitativas por meio do acesso à informação.

A Nova Biblioteconomia, tal como a concebemos no contexto brasileiro, representa um marco na trajetória da profissão. Ao valorizar o papel do bibliotecário como agente de transformação social e o potencial das bibliotecas como espaços de construção coletiva do conhecimento, essa perspectiva abre novas possibilidades para a melhoria das comunidades e para o futuro. É fundamental que a comunidade bibliotecária continue a dialogar, a construir redes de colaboração, a pesquisar, a compartilhar experiências e a defender políticas públicas que garantam o acesso equitativo à informação e à cultura, para que a Nova Biblioteconomia brasileira se consolide como um movimento transformador e capaz de responder aos desafios da sociedade contemporânea. Afinal, as bibliotecas, quando conectadas às necessidades das comunidades, têm o poder de mudar vidas e construir um futuro mais justo e equitativo para todos.

## REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI (Orgs.). **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará ; Brasília, DF: SEBRAE, 2004. p. 23-70.
- ALMEIDA, Larisse Macêdo de; FARIAS, Maria Giovanna Guedes; FARIAS, Gabriela Belmont de. Empoderamento e protagonismo social na práxis bibliotecária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1-19, 2020.
- ALMEIDA, Marco Antônio de; GANZERT, Christian Carvalho. Informação e mudanças sociais no capitalismo informacional. **Achegas.net**: Revista de Ciência Política, n. 40, p. 44-57, nov./dez. 2008. Disponível em: [http://www.achegas.net/numero/40/ganzert\\_40.pdf](http://www.achegas.net/numero/40/ganzert_40.pdf). Acesso em: 06 jul. 2018.
- ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Polis : APB, 1997.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação. **Extraprensa**: cultura e comunicação na América-Latina, v. 14, n. 2, p. 471-487, jan./jun. 2021.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 3, n. 1, p. 68-79, jan./jun., 2017.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Correntes teóricas da biblioteconomia. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 9, n.1, p. 41-58, jan./dez. 2013.
- ARROYO VÁZQUEZ, Natalia. Experiències de realitat augmentada en biblioteques : estat de la qüestió. **BiD**: textos universitaris de biblioteconomia i documentació, n. 36, jun. 2016. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1344/BiD2016.36.3>. Acesso em: 11 abr. 2023.
- ASSUNÇÃO, Renato Vieira; REIS, Cley Arthur Miranda. O futuro das bibliotecas pós Google Books. **DataGramZero**: Revista de Informação, v. 13, n. 6, dez. 2012.
- AVRITZER, Leonardo. Modelos de deliberação democrática: uma análise do orçamento participativo no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Democratizar a democracia**: os caminhos da democracia participativa. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 561-598.
- BARITÉ-ROQUETA, Mario Guido. IV Encuentro de directores y III de docentes de escuelas de bibliotecología y ciencia de la información del MERCOSUR. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de (Org.). **Estudos sobre a formação do profissional da informação no Brasil e no MERCOSUL**. Marília: FUNDEPE Editora; São Paulo: ABECIN, 2014. p. 61-94.

BECHTEL, Joan M. Conversation, a New Paradigm for Librarianship?. **College & Research Libraries**, Pensilvânia, v. 47, n. 3, p. 219-224, maio. 1986. Disponível em: <https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/14208/15654>. Acesso em: 29 nov. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt Bauman. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2019.

BORGES, Rodolfo. Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico. **El País**, São Paulo, 14 dez. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348\\_895757.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html). Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei nº. 6.440, de 27 de abril de 1944. Dá nova organização ao curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, seção 1, 02 maio 1944. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6440-27-abril-1944-452655-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. Decreto do Conselho de Ministros nº. 550 de 1 de fevereiro de 1962. Altera o Regulamento dos Cursos da Biblioteca Nacional aprovado pelo Decreto n. 15.395, de 27 de abril de 1944. **Diário Oficial da União**, seção 1, 02 fev. 1962. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decmin/1960-1969/decretodoconselhodeministros-550-1-fevereiro-1962-355802-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. **Decreto nº. 56.725**, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 19 ago. 1965. p. 8366.

BRASIL. **Lei nº. 4.084**, de 30 de junho de 1962. Do Exercício da Profissão de Bibliotecário e das suas Atribuições. Brasília: Congresso Nacional, 1962.

BRASIL. **Lei nº. 7504**, de 2 de julho de 1986. Dá nova redação ao art. 3º da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário, e dá outras Providências. Brasília, 12 jul. 1986. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7504.htm#:~:text=LEI%20No%207.504%2C%20D.E.Bibliotec%C3%A1rio%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20Provid%C3%A2ncias.](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7504.htm#:~:text=LEI%20No%207.504%2C%20D.E.Bibliotec%C3%A1rio%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20Provid%C3%A2ncias.) Acesso em: 14 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CES 492/2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019.

BUFREM, Leilah Santiago. Fundamentos sociais e políticos da Biblioteconomia. **Educar**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 108-122, jan./jun. 1985.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos Avançados**, v. 16, n. 44, 2002.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento I: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lidador, 1971.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 10, n. 2, p. 163-168, 2005.

CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos e metrópoles. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 8-20, 2009.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte.

CARNEIRO, Luís Filipe Vieira; SARO, José António Videira. A biblioteca como Centro de Recursos para a Aprendizagem e Investigação (CRAI) para apoio às tarefas de ensino e aprendizagem. In: BORGES, M. M.; CASADO, E. S. **A ciência da informação criadora do conhecimento**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009. v. 1, p. 419-430. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/31930/1/33-%20a%20ci%C3%Aancia%20da%20informa%C3%A7%C3%A3o%20criadora%20de%20conhecimento%20vol%201.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO, Cesar Augusto. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.

CERQUEIRA, Marisa Alexandra do Carmo. **A «Nova Biblioteconomia» na cidade de Lisboa: estudo de caso sobre a biblioteca pública Orlando Ribeiro**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2017.

CERQUEIRA, Maria Carmo; SILVA, Carlos Guardado da; REVEZ, Jorge. A Nova Biblioteconomia na cidade de Lisboa: estudo de caso sobre a biblioteca pública Orlando Ribeiro. **Revista Bibliomar**, São Luís, v. 18, n. 1, p. 47-62, jan./jun. 2019.

CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - TIC Domicílios 2018**, 2018. Disponível em: <https://cetic.br/tics/domicilios/2018/domicilios/A10A/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

CGI.BR/NIC.BR, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). **TIC Domicílios 2022**, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. Anais... São Paulo: FEBAB, 2013. 25 v. Disponível em: <https://repositorio.febab.org.br/collections/show/8>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 26., 2015, São Paulo. Anais... São Paulo: FEBAB, 2015. 26 v. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/collections/show/19>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. Anais... São Paulo: FEBAB, 2017. 27 v. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/collections/show/23>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória. Anais... São Paulo: FEBAB, 2019. 28 v. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/collections/show/24>. Acesso em: 27 jun. 2022.

CORREDOR, Jefferson André de Jesus. **Diretrizes para o funcionamento de markerspaces de bibliotecas**. 2018. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://biblioteca.fespsp.org.br:8080/pergamumweb/vinculos/000009/0000093e.pdf?fbclid=IwAR02D77yBkbDQmIW7YSievTJ9mQtcBsK5WVCDsak1aeFqmaKUeCErmD40w>. Acesso em 12 nov. 2019.

CÔRTE, A. R. et al. Análise Swot. In: WORKSHOP BIBLIOTECÁRIO DO SÉCULO XXI. Brasília: Ipea, 2017 *apud* GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio; SANTOS, Jhonathan D. F. A concorrência do bibliotecário no século XXI. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2018. p. 47-66.

DECLARATION from Buenos Aires: on information, documentation and libraries. p. 50-52, 2004. Disponível em: <http://www.progressivelibrariansguild.org/PL/PL24/050.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 31-60.

DUARTE, Yacira Mendes. A sociedade da desinformação e os desafios do bibliotecário em busca da biblioteconomia social. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2018. p. 67-82.

DUARTE, Fernando. Brasil é 'vice' em tempo gasto em redes em ranking dominado por 'emergentes'. **BBC**: News Brasil, 6 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49602237>. Acesso em: 29 nov. 2019.

DUQUE-CARDONA, Natalia; RESTREPO-FERNÁNDEZ, María Camila. Bibliotecología para América Latina y el Caribe, propuesta teórica y filosófica para la discusión. **Liinc Em Revista**, Rio de Janeiro, n. 17, v. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i2.5727>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, JeanClaude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FEBAB. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Instituições. São Paulo, [entre 2012 – 2020]. Disponível em: <http://www.febab.org.br/>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FEBAB. Relatório do 26o. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Repositório FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4552>. Acesso em: 08 jun. 2022.

FEBAB, Relatório do 28o. Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (2019). Repositório FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4553>. Acesso em: 08 jun. 2022.

FERRARI, Adriana Cybele. Apresentação. Repositório FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/3394> Acesso em 10 jun. 2020.

FERRARI, Adriana Cybele. Prefácio à edição brasileira. In: LANKES, R. D. **Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo**. São Paulo: FEBAB, 2016.

FERRARI, Adriana Cybele; CARVALHO, Telma; SANTANA, Anderson de; PRADO, Jorge Moisés Kroll do; VICENTINI, Luiz Atilio; SOUZA, Adriana Maria de; OLIVEIRA, Luciana Lima de; LESSA, Leonilha Maria Brasileira; COSTA, Marco Antonio Barbosa da; ARAÚJO, Elenise Maria de; LINDEMANN, Catia Rejane; ROSA, Alpina Gonzaga Martins; ALVES, Ana Paula Meneses; DUTRA, Sigrid Karin Weiss. Plano de Gestão 2017-2020: Advocacy para o fortalecimento das Bibliotecas Brasileiras. **Repositório FEBAB**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6162>. Acesso em: 08 jun. 2022.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. **Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades**. 2016. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. O direito à informação e as bibliotecas públicas no contexto da lei de acesso à informação. **Páginas A&B: Arquivos e Bibliotecas**, 3. s., n. 3, p. 147-157, 2015.

FERREIRA, Katherim Pessoa. **Consonâncias entre John Dewey e David Lankes: um estudo da noção de democracia e sua relação com a 'Nova Biblioteconomia'**. 2018. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000048/00004850.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FERREIRA, Katherim Pessoa. **Nova Biblioteconomia no pensar e no agir de bibliotecários escolares em Florianópolis (SC): uma escuta**. 2022. 66 f. Projeto de dissertação (Mestrado em Gestão da Informação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FONSECA, Edson Nery da. Importância da biblioteca nos Programas de Alfabetização e Educação de Base. **Revista do Serviço Público**, v. 94, n. 3, p. 99-108, jul./set. 1962. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/3003/1819>. Acesso em: 06 jul. 2022.

FREIRE, Gustavo H. Araújo. Redes virtuais de aprendizagem na sociedade e na pesquisa. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 25, p. 55-57, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2017. Disponível em: <https://biblion.odilo.us/info/a-importancia-do-ato-de-ler-em-tres-artigos-que-se-completam-volume-22-00906340>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GALVINO, Claudio Cesar Temoteo; ROSA, Maria Nilza Barbosa; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. O movimento de Acesso Aberto e a Ciência Aberta: uma proposta de repositório de dados e memória na Universidade Federal de Alagoas. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 7, n. 1, p. 34-45, jan./abr. 2020.

GAMA, Thalita Oliveira da Silva. **Os bibliotecários e a sua memória**: um estudo sobre os discursos circulantes no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (1954-1979). 142 f. Dissertação (mestrado) -Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Orgs.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 79-106.

GOOGLE LIVROS. Sobre a Pesquisa de Livros do Google. Disponível em: <https://books.google.com.br/intl/pt-BR/googlebooks/history.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio; SANTOS, Jhonathan D. F. A concorrência do bibliotecário no século XXI. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI**: desafios e perspectivas. Brasília: IPEA, 2018. p. 47-66.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Moderno Profissional da Informação: elementos para sua formação no Brasil. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 1997.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Ligia Pomin (Org.). **Profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 53-70.

HARMEYER, David. Radical trust: a user-librarian shared model. In: LEEDER, K.; FRIERSON, E. (Ed.). **Planning our future libraries: blueprints for 2025**. Chicago: ALA,

2014. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/276920483\\_Planning\\_our\\_future\\_libraries\\_Blueprints\\_for\\_2025](https://www.researchgate.net/publication/276920483_Planning_our_future_libraries_Blueprints_for_2025). Acesso em: 26 jun. 2022.

IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Perfil dos municípios**

**brasileiros**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101668.pdf>. Acesso em 16 nov. 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO. **Redes sociais, notícias falsas e privacidade de dados na internet**: pesquisa DataSenado. Brasília, DF: Instituto de Pesquisa

DataSenado, nov. 2019. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opinio-das-pessoas>. Acesso em 12 dez.

2019.

JORNAL DA FEBAB. 1959: o início da estruturação e da organização da classe. São Paulo:

FEBAB, ago. 1989. Disponível em: [http://www.febab.org.br/jornal\\_febab\\_agosto\\_1989.htm](http://www.febab.org.br/jornal_febab_agosto_1989.htm).

Acesso em: 31 jul. 2023.

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: um olhar em direção ao presente. **Informação e Informação**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 311-334, set./dez.

2019. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38022/pdf>. Acesso em: 08

jan. 2020.

JESUS, Deise Lourenço de; CUNHA, Murilo Bastos da. A evolução do makerspace: uma revisão de literatura. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, e-119580, out./dez. 2022.

Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119580/85815>.

Acesso em: 23 abr. 2023.

KLINENBERG, Eric. To restore civil society, start with the library: this crucial institution is being neglected just when we need it the most. **The New York Times**, 8 set. 2018.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/09/08/opinion/sunday/civil-society-library.html>.

Acesso em: 07 jul. 2022.

LANKES, R. David. The ethics of Participatory Librarianship. **Journal of Library**

**Administration**, v. 47, n. 3, p. 233-241, jul. 2008.

LANKES, R. David. **The Atlas of new Librarianship**. Cambridge: The MIT Press, 2011.

LANKES, R. David. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São

Paulo: FEBAB, 2016.

LANKES, R. David. **The New Librarianship field guide**. Cambridge: The MIT Press, 2016a.

LANKES, R. David. **The Library**: the system of systems. 25 out. 2017. Disponível em:

<<https://davidlankes.org/the-library-the-system-of-systems/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

LANKES, R. David. Bibliotecários construindo o novo normal. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-19, 2021.

LASSO DE LA VEGA, Javier. **Manual de Biblioteconomia**: organização técnica y científica de las bibliotecas. Madrid: Editorial Mayfe S. L., 1952.

LEANDRO, Janine Barreira. Comunidade: uma reflexão a partir de Zygmunt Bauman. **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha**, a. 5, v. 1, p. 156-162, jan./jun. 2008.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. **De bibliotecas e biblioteconomias: percursos**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2015.

LIMA, Aldenira da Costa; TERLIZZI, Laura Cielavin Machado; FERREIRA, Micheline; VALLS, Valéria Martin. Inspirações biblioteconômicas: ideias para aproximar as bibliotecas de suas comunidades. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, p. 1-33, 2021.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. **Cadernos ASLEGIS**, v. 48, p. 11-45, jan./abr. 2013. Disponível em: [http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48\\_art01\\_hist\\_internet.pdf](http://www.belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf). Acesso em: 07 jul. 2023.

LINS, Ivana Aparecida Borges; RIBEIRO, Maria Alice Santos; NOVO, Hildenise Ferreira. Reflexões sobre a práxis da biblioteca no período da pandemia COVID-19: a experiência do Sistema Universitário de Bibliotecas da UFBA. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 36, n. 01, p. 19-37, jan./jun. 2022.

LUCHMANN, Lúgia Helena Hahn. Abordagens teóricas sobre o associativismo e seus efeitos democráticos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v29n85/11.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

MACEDO, Iara Ferreira de. A ideologia na Biblioteconomia: uma reflexão. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 15, n. 2, p. 210-221, set. 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a. p. 61-77.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; MOTA, Francisca Rosaline Leite; LIMA, Raimundo Martins de; ABATTI, Rosana Chaves. **Contextos formativos e operacionais das bibliotecas escolares e públicas brasileiras**. Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

MUKHERJEE, A. K. **Librarianship: its philosophy and history**. Bombay: Asia Publishing House, 1966.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, n. 14, v. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.

MUND, Heike. A biblioteca do futuro. **Deutsche Welle**, 9 nov. 2015. Disponível em: <https://amp-dw-com.cdn.ampproject.org/c/s/amp.dw.com/pt-br/a-biblioteca-do-futuro/a-18836204>. Acesso em: 07 jul. 2022.

NAGAO, Katashi; REKIMOTO, Jun. Ubitous Talker: spoken language interaction with real world objects. **Arxiv**, v. 1, 23 maio 1995. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/cmp-lg/9505038v1>. Acesso em: 04 jul. 2022.

NEMER, David. Bibliotecas e centros comunitários como espaços para promover a democracia, combater a desinformação e desigualdade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. esp. Melhores trabalhos CBBB, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1374/1168>. Acesso em: 24 dez. 2019.

OLIVEIRA, Marlene; CARVALHO, Gabrielle Francinne; SOUZA, Gustavo Tanus. Trajetória do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.19, n.3, p. 13-24, set./dez. 2009.

OLIVEIRA, Simone Lucas Gonçalves de. A questão das bibliotecas em tempos de pandemia. **Fe Pública**, Campinas, Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/fe-publica/publicacoes/a-questao-das-bibliotecas-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 04 jul. 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19. OPAS/OMS, 5 maio 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/5-5-2023-oms-declara-fim-da-emergencia-saude-publica-importancia-internacional-referente>. Acesso em: 30 jun. 2023.

ORERA ORERA, Luisa. Evolución histórica del concepto de biblioteconomía. **Revista General de Información y Documentación, Servicio de Publicaciones**, Universidad Complutense, Madrid, v. 5, n. 2, p. 73-89, 1995

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Datagramazero**, v. 5, n. 5, out. 2004.

PARADA, Alejandro E. Hacia un inventario provisional de las tendencias en Bibliotecología y Ciencia de la Información. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, v. 33, dez. 2015. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/1890/1796>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PAYÃO, Felipe. O Facebook tem uma nova missão, segundo Zuckerberg. **Tec Mundo**, 22 jun. 2017. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/facebook/118182-facebook-tem-nova-missao-segundo-zuckerberg.htm>. Acesso em: 06 jul. 2018.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PIZARRO, Daniella Camara. **Entre o agir e o saber fazer: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina**. 2017. 530 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, 2017.

PRADO, Jorge Moisés Kroll do. O Currículo de Salzburg para bibliotecários numa era de cultura da participação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, CE, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/3943/4507>. Acesso em: 14 ago. 2021.

QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. **El País**, 8 jan. 2016. [Entrevista concedida por Zygmunt Bauman em Burgos (Espanha)]. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427\\_675885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html). Acesso em: 06 jul. 2018.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos. **O ato colecionador**. 2015. 177 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RIBEIRO, Alexsander Borges; MIRANDA, Angélica Conceição Dias; REIS, Juliani Menezes dos. Movimento associativo e entidades de classe: discussões existentes e a produção científica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 02-19, jan./jun. 2015. Disponível em: [https://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/12/pdf\\_d728202353\\_0000017403.pdf](https://www.brapci.inf.br/repositorio/2015/12/pdf_d728202353_0000017403.pdf). Acesso em: 31 jul. 2023.

RIBEIRO, Nivaldo Calixto. Embedded librarian: rompendo as barreiras da função do bibliotecário guardião do conhecimento. **Ciência da Informação Express**, v. 2, n. 1, jan. 2021. Disponível em: <https://www.cienciadainformacaoexpress.com/post/embedded-librarian-rompendo-as-barreiras-da-fun%C3%A7%C3%A3o-do-bibliotec%C3%A1rio-guardi%C3%A3o-do-conhecimento>. Acesso em: 27 jun. 2022.

ROCHA, Camilo. O perfil dos brasileiros que nunca acessaram a internet. **Nexo**, São Paulo, 29 ago. 2019. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/08/29/O-perfil-dos-brasileiros-que-nunca-acessaram-a-internet?utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=Echobox&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR3be99zMuyLp5vXu9Fty4bgTW\\_EdFsyp7uvxq5eacz7m06eBWXCmmpP5yQ#Echobox=1567099324](https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/08/29/O-perfil-dos-brasileiros-que-nunca-acessaram-a-internet?utm_medium=Social&utm_campaign=Echobox&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR3be99zMuyLp5vXu9Fty4bgTW_EdFsyp7uvxq5eacz7m06eBWXCmmpP5yQ#Echobox=1567099324). Acesso em: 12 nov. 2019.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. **A biblioteconomia brasileira: 1915 - 1965**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SÁ, Ivan Coelho de. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 31-58, jul./dez. 2013.

SALORT, Shirlei Galarça. **A biblioteca e o bibliotecário em tempos de cibercultura: espaços e práticas**. 2017. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017.

SAMEK, Toni. **Librarianship and human rights: a twenty-first century guide**. Oxford, England: Chandos, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política**. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTOS, Izequias Estevan dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica**. 10. ed. Niterói: Impetus, 2013.

SANTOS, Jussara Pereira; NEVES, Iara Conceição Bitencourt. I Encontro de dirigentes dos cursos superiores em biblioteconomia dos países do MERCOSUL. In: VALENTIM, M. L. P; RODRIGUES, M. E. F; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. (Org.). **Estudos sobre a formação do profissional da informação no Brasil**. Marília: FUNDEPE Ed.; São Paulo: ABECIN, 2014. p. 17-28.

SANTOS, Rosilene Aparecida Feitosa. **As bibliotecas públicas sergipanas e sua contribuição para o empoderamento da comunidade**. 78 f. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe.

SARACEVIC, Tefko. Tecnologia da informação e informação como utilidade pública. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 57-67, 1974.

SHANNON, Claude Elwood; WEAVER, Warren. **A teoria matemática da comunicação**. São Paulo: DIFEL, 1975.

SHERA, Jesse H. **Los fundamentos de la educación bibliotecológica**. México: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1990.

SILVA, Juniele Martins; HESPANHOL, Rosangela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v.28, n.3, p.361-374. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/Z6GhsmgCyPygSPDvKr3YTZM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 15 set. 2020.

SILVA, Rafael Bianchi. **Lugares para a amizade na sociedade contemporânea: caminhos educativos a partir da obra de Zygmunt Bauman**. 2012. 197f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2012.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. **Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil**. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

SMIT, Johanna W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 Marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, jan./jun. 1993.

SOUZA, Francisco das Chagas de. **O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

SOUZA, Francisco das Chagas de. O nome profissional "Bibliotecário" no Brasil: o efeito das mudanças sociais e econômicas dos últimos anos do século XX. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 90-106, 2004.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Saberes científicos da Biblioteconomia em diálogo com as Ciências Sociais e Humanas**. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. A constituição da Biblioteconomia científica: um olhar histórico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 217-231, maio/ago. 2016a.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. (Re)visitando os caminhos do ensino da Biblioteconomia no Brasil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. esp. 45 anos, 2018.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Quando os caminhos se encontram: reflexões acerca da Museologia Social e da Biblioteconomia Social. In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (Org.). **O protagonismo da mulher na Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2019.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; REIS, Débora Crystina Reis; FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Observatório de boas práticas em torno do livro, leitura, literatura e bibliotecas: espaço de mediação da informação. **REBECIN: Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, São Paulo, v. 9, n. esp., p. 1-13, 2022.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista: mapeamento da produção científica nacional e internacional. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/18371/12151>. Acesso em: 29 jan. 2020.

TARGINO, Maria das Graças. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-7, jul./dez. 1995. *apud* TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

TARGINO, Maria das Graças. **Olhares e fragmentos: cotidiano da biblioteconomia e ciência da informação**. Teresina: EDUFPI, 2006.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

TEIXEIRA COELHO, José. Paradigma do acervo para paradigma da informação. 1996, **Anais...** Londrina: Uel, 1996.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. O perfil das bibliotecas contemporâneas. In: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). **Biblioteca do século XXI: desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2016. p. 19-42.

VALENTIM, Marta Lígia Pomin. Assumindo um novo paradigma na biblioteconomia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 0, n. 0, p. 2-7, jul. / dez. 1995 *apud* TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou meras expectativas?. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro. Biblioteconomia e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 207-215, jul./dez. 1988.

WELLMAN, Barry. Physical place and cyberplace: the rise of personalized networking. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, v. 25, n. 2, p. 227-252, jun. 2001. Disponível em: <https://onlinelibrarywiley.ez27.periodicos.capes.gov.br/doi/epdf/10.1111/1468-2427.00309>. Acesso em: 15 set. 2020.

## APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a),

Eu, Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira, orientada pelos Professores Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo e Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, estou realizando um trabalho de pesquisa cujo objetivo é compreender a Nova Biblioteconomia proposta por Lankes e analisá-la partir da atuação prática da Biblioteconomia brasileira. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de doutorado, e possui cunho estritamente acadêmico, sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo(a) para participar desta pesquisa, como voluntário(a), concedendo-me uma entrevista sobre a sua experiência profissional como bibliotecário (a). Na entrevista serão abordados tópicos referentes à sua história de vida e às suas experiências na biblioteca. A entrevista será feita *online*, na plataforma *Google Meet* e será previamente agendada em conformidade com a sua disponibilidade. O tempo previsto para a entrevista é de no mínimo 45 minutos. Durante a entrevista e eventuais conversas ao longo do processo, os fatos observados que sejam importantes para a pesquisa serão anotados e haverá gravação em áudio e posterior transcrição por mim.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo(a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado o termo “Bibliotecário”, associado a um número, para quaisquer referências ao senhor(a). Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas não serão acessadas por outras pessoas, além de mim e de meus orientadores. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob a guarda de meu orientador, Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, no seu computador pessoal de trabalho localizado em seu gabinete na Escola de Ciência da Informação da UFMG por um período de 05 anos, salvaguardando a sua consulta, em conformidade com as resoluções 466/2012 e 510/2016.

O(a) senhor(a) não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e não receberá pagamento ou indenizações por ela. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo que visa contribuir para uma reorientação da atuação dos bibliotecários e assim propiciar a reflexão para solução dos desafios contemporâneos que se apresentam para a área a partir da teoria da Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro. O(a) senhor(a) tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso o(a) senhor(a) decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre ele, favor contactar-me, pessoalmente ou através do telefone ou e-mail informados no final deste Termo.

O risco advindo dessa pesquisa está relacionado ao emocional e consiste no desconforto decorrente por emoções sentidas pelo delongamento da entrevista, que varia conforme o relato da

experiência pessoal; por emoções relacionadas a respostas consideradas certas ou de se comprometer; medo de quebra de sigilo ou de ser identificado. Para contornar os riscos, serão tomados os seguintes cuidados: a qualquer momento durante a entrevista e, conseqüentemente sua gravação em áudio, poderá ser interrompida, total ou parcialmente. Além disso, há a possibilidade de retirar seu consentimento/assentimento a qualquer momento. Caso decida por não dar continuidade à participação na pesquisa, ela será finalizada e todo o material levantado até o momento não será utilizado para análise. Essa decisão não acarretará qualquer prejuízo ou danos. Reitero que caso necessite de maiores esclarecimentos sobre a entrevista, pode solicitar uma reunião individual e específica para solução das dúvidas. Caso tenha alguma dúvida sobre a conduta ética da pesquisa, o COEP/UFMG poderá ser contatado por meio de endereço ou telefone, informados, também, no fim deste Termo.

Certa de que as informações acima apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que manifeste sua concordância verbal, para gravação e assine o seguinte Termo de Consentimento Livre Esclarecido por meio do *Google Formulário* (1 cópia poderá ser enviada para o seu email se assim desejar no ato da assinatura do Termo). Este termo será enviado, seja pela plataforma virtual *Google Formulário* e/ou seja por e-mail, de acordo com a sua preferência. É recomendado o armazenamento da sua cópia digital do termo para futura referência.

Eu \_\_\_\_\_, portador(a) do RG.: \_\_\_\_\_ CPF: \_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Compreendo que minha participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária e que tenho total liberdade para recusar ou retirar meu consentimento, sem sofrer nenhuma penalidade. Os dados obtidos através da minha participação nesta pesquisa serão documentados, sendo do meu consentimento que haverá divulgação de seus resultados apenas em contexto acadêmico e publicações científicas.

Local e data: \_\_\_\_\_.

#### **TÍTULO DO PROJETO: A “Nova Biblioteconomia” de Lankes no contexto brasileiro**

PESQUISADORA:	Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira E-mail: emanuelleamaral@eci.ufmg.br Telefone: (31) 99275-3411
ORIENTADOR:	<b>Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo</b> E-mail: casal@eci.ufmg.br Telefone: (31) 99985-1591

COORIENTADORA:	<b>Profa. Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus</b> E-mail: gfrancinne@gmail.com Telefone: (84) 98128-6025
INSTITUIÇÃO:	<b>Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação</b> - Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais - Telefone: (31) 3409-6103 - Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Belo Horizonte/MG.  <b>Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)</b> - Telefone: (31) 3409-4592 – site: <a href="http://www.ufmg.br/bioetica/coep/">http://www.ufmg.br/bioetica/coep/</a> - e-mail: coep@prpq.ufmg.br

## APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Online

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

emanuelle.gaf@gmail.com [Alternar conta](#)



\* Indica uma pergunta obrigatória

E-mail \*

Seu e-mail

Eu, Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira, orientada pelos Professores Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo e Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho Tanus, estou realizando um trabalho de pesquisa cujo objetivo é compreender a Nova Biblioteconomia proposta por Lankes e analisá-la a partir da atuação prática da Biblioteconomia brasileira. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em nível de doutorado, e possui cunho estritamente acadêmico, sem fins comerciais.

Diante disso, tenho a satisfação de convidá-lo(a) para participar desta pesquisa, como voluntário(a), concedendo-me uma entrevista sobre a sua experiência profissional como bibliotecário (a). Na entrevista serão abordados tópicos referentes à sua história de vida e

às suas experiências na biblioteca. A entrevista será feita online, na plataforma Google Meet e será previamente agendada em conformidade com a sua disponibilidade. O tempo previsto para a entrevista é no mínimo 45 minutos. Durante a entrevista e eventuais conversas ao longo do processo, os fatos observados que sejam importantes para a pesquisa serão anotados e haverá gravação em áudio e posterior transcrição por mim.

A sua identidade e a sua participação nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo(a). Seu nome não será usado na divulgação dos dados, sendo utilizado o termo "Bibliotecário", associado a um número, para quaisquer referências ao senhor(a). Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas não serão acessadas por outras pessoas, além mim e de meus orientadores. Garanto a confidencialidade desses registros, comprometendo-me a manter os arquivos sob a guarda de meu orientador, Dr. Carlos Alberto Ávila Araújo, no seu computador pessoal de trabalho localizado em seu gabinete na Escola de Ciência da Informação da UFMG por um período de 05 anos, salvaguardando a sua consulta, em conformidade com as resoluções 466/2012 e 510/2016.

O(a) senhor(a) não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e não receberá pagamento ou indenizações por ela. O benefício de sua participação nesta pesquisa será a contribuição com este estudo que visa contribuir para uma reorientação da atuação dos bibliotecários e assim propiciar a reflexão para solução dos desafios contemporâneos que se apresentam para a área a partir da teoria da Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro. O(a) senhor(a) tem o direito de não querer participar ou de sair deste estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. Caso o(a) senhor(a) decida retirar-se do estudo ou necessite de quaisquer outros esclarecimentos sobre ele, favor contactar-me, pessoalmente ou através do telefone ou e-mail informados no final deste Termo.

O risco advindo dessa pesquisa está relacionado ao emocional e consiste no desconforto decorrente por emoções sentidas pelo delongamento da entrevista, que varia conforme o relato da experiência pessoal; por emoções relacionadas a respostas consideradas certas ou de se comprometer; medo de quebra de sigilo ou de ser identificado. Para contornar os riscos, serão tomados os seguintes cuidados: a qualquer momento durante a entrevista e, conseqüentemente sua gravação em áudio, poderá ser interrompida, total ou parcialmente. Além disso, há a possibilidade de retirar seu consentimento/assentimento a qualquer momento. Caso decida por não dar continuidade à participação na pesquisa, ela será finalizada e todo o material levantado até o momento não será utilizado para análise. Essa decisão não acarretará qualquer prejuízo ou danos. Reitero que caso necessite de maiores esclarecimentos sobre a entrevista, pode solicitar uma reunião individual e específica para solução das dúvidas. Caso tenha alguma dúvida sobre a conduta ética da pesquisa, o CEP/UFMG poderá ser contatado por meio de endereço ou telefone, informados, também, no fim deste Termo.

[Próxima](#)[Limpar formulário](#)

Certa de que as informações acima apresentadas lhe forneceram os esclarecimentos necessários em relação a essa pesquisa e caso haja concordância de sua parte em participar deste estudo, solicito que manifeste sua concordância verbal, para gravação e assine o seguinte Termo de Consentimento Livre Esclarecido por meio do *Google Formulário* (1 cópia poderá ser enviada para o seu email se assim desejar no ato da assinatura do Termo). Este termo será enviado, seja pela plataforma virtual *Google Formulário* e/ou seja por e-mail, de acordo com a sua preferência. É recomendado o armazenamento da sua cópia digital do termo para futura referência.

Informe seu nome completo e telefone para contato: \*

Sua resposta

Assinatura eletrônica por meio do aceite abaixo: \*

Declaro que li as informações contidas neste documento antes de assinar este termo de consentimento. Compreendo que minha participação nesta pesquisa é inteiramente voluntária e que tenho total liberdade para recusar ou retirar meu consentimento, sem sofrer nenhuma penalidade. Os dados obtidos através da minha participação nesta pesquisa serão documentados, sendo do meu consentimento que haverá divulgação de seus resultados apenas em contexto acadêmico e publicações científicas.

**Informações sobre a pesquisa:****TÍTULO DO PROJETO:** A “Nova Biblioteconomia” de Lankes no contexto brasileiro**PESQUISADORA:** Emanuelle Geórgia Amaral FerreiraE-mail: [emanuelleamaral@eci.ufmg.br](mailto:emanuelleamaral@eci.ufmg.br)

Telefone: (31) 9 9275-3411

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila AraújoE-mail: [casal@eci.ufmg.br](mailto:casal@eci.ufmg.br)**COORIENTADORA:** Profa. Dra. Gabrielle Francinne de Souza Carvalho TanusE-mail: [gfrancinne@gmail.com](mailto:gfrancinne@gmail.com)**INSTITUIÇÃO:** Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Escola de  
Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais - Telefone: (31) 3409-6103  
- Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627 - Belo Horizonte/MG.

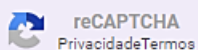
Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) - Telefone: (31) 3409-4592 – site:

<http://www.ufmg.br/bioetica/coep/> - e-mail: [coep@prpq.ufmg.br](mailto:coep@prpq.ufmg.br)

Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

[Voltar](#)[Enviar](#)[Limpar formulário](#)

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.



## **APÊNDICE C – Roteiro de perguntas para a entrevista**

1. Conte um pouco sobre a sua trajetória na Biblioteconomia.
2. Conte um pouco sobre a experiência relatada durante o CBBB.
3. De que maneira você enxerga a Biblioteconomia do passado?
4. De que maneira você enxerga a Biblioteconomia do presente?
5. De que maneira você enxerga a Biblioteconomia do futuro?
6. O que você espera das bibliotecas?
7. O que você espera de você mesmo enquanto profissional?
8. O que você espera da classe biblioteconômica?
9. Qual a importância do movimento associativo na construção de uma Biblioteconomia nova no Brasil?
10. Qual o seu entendimento acerca da concepção do termo “Nova Biblioteconomia”?
11. Qual o seu entendimento de comunidades?
12. De que maneira o bibliotecário pode contribuir para melhorar as comunidades?
13. Como você se vê contribuindo para a construção do conhecimento pelas comunidades?
14. Como a formação em Biblioteconomia pode contribuir para que os bibliotecários facilitem a criação de conhecimento pelas comunidades?

**APÊNDICE D – Relatos de Experiência em consonância com a Nova Biblioteconomia de Lankes identificados nas edições de 2013-2019 do CBBB**

<b>CBBB 2013</b>				
<b>Qtde</b>	<b>Eixo</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Faz referência a Lankes?</b>
1	Temática I: Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente	Daniele Ribeiro de Faria Nivaldo Oliveira Lenir de Castro Viana Claudio Fabiano Kloss Maria Lourdes Ramos de Azevedo	Sarau Virtual: reinventando a prática de partilhar poemas e crônicas	Não. A comunidade é o acervo.
2	Temática I: Tecnologias de informação e comunicação – um passo a frente	Camila Schoffen Tressino Eliane Lourdes da Silva Moro	Da exclusão e sofrimento à inclusão social e leitura: a Biblioteca de São Paulo como referência de biblioteca inclusiva no Brasil	Não. Espaço seguro para a comunidade.
3	Temática II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação	Itamara Pontes dos Santos Barros Girleine Silva Santos Márcio Thiago dos Santos Albuquerque Valter dos Santos Andrade	A biblioteca atuante na penitenciária, resgatando a autoestima e a cidadania dos detentos: caso da Penitenciária Masculina Baldomero Cavalcanti de Oliveira, Maceió-AL	Não. Atuação onde a comunidade está.
4	Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	Magali Araújo Damasceno de Oliveira Márcia Valéria Alves Maria Aniolly Queiroz Maia	A função social do profissional da informação numa biblioteca inclusiva	Não. Mas faz menção a ideia de que a missão do bibliotecário é facilitar o acesso à informação e transformá-la em conhecimento.
5	Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	Marli Machado Patricia Becker Marques Cristiani Regina Andretti	PONTO OFICIAL DO BOOKCROSSING BRASIL: UNIVALI, campus Balneário Camboriú e Unidade Ilha	Não. Atuação onde a comunidade está.
6	Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	Lucia Alves da Silva Lino	Leitura na Praça Granito: uma experiência de democratização da leitura no município do Rio de Janeiro	Não. Promoção de conversas públicas pelo bibliotecário sem definição prévia por ele. A comunidade é o acervo.

7	Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	Rosilene Moreira Coelho de Sá	Práticas de atividades culturais em bibliotecas universitárias: uma ação do serviço de referência	Não. Integração com a comunidade.
8	Temática III: Bibliotecas, serviços de informação & sustentabilidade	Fernanda Schmidt Gimenez Daniela Spudeit	Tecidos como fonte de informação: a organização de uma tecidoteca como suporte no processo de ensino-aprendizagem	Não. Facilitação da aprendizagem.
9	Bibliotecas Públicas	Mirian Ferreira Alves Thiago Guimarães Moraes	Informação comunitária no contexto das bibliotecas públicas para a promoção de uma democracia participativa	Não. Uso da biblioteca como espaço de comunicação, encontro e discussão dos problemas da comunidade.
10	Bibliotecas Públicas	Clara Duarte Coelho	Biblioteca democrática: a contribuição das ações fora do espaço da biblioteca para a inclusão informacional	Não. Atuação junto com a comunidade. A biblioteca vai, por meio de seus projetos, onde a comunidade está.

<b>CBBB 2015</b>				
<b>Qtde</b>	<b>Eixo</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Faz referência a Lankes?</b>
1	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Marília Mesquita Guedes Pereira Ewerton Araújo	Revitalização da biblioteca comunitária do bairro São José: em busca da inclusão e formação de leitores/cidadãos	Não. Integração e melhoria da comunidade.
2	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Jorge Santa Anna Suelen de Oliveira Campos Maria Aparecida de Mesquita Calmon	O futuro da biblioteca à luz da função social: transfiguração de ambientes de informação a espaços de convivência	Não. Relato teórico. Espaço da biblioteca para convivência comunitária e como instrumento e recurso de mobilização nas lutas por melhores condições de vida da sociedade.
3	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Patrícia Garcia Talita Lins	Aromateca: boa prática da biblioteca do Centro de aperfeiçoamento em gastronomia do Senac	Não. Facilitação da aprendizagem.

4	Eixo I: Gestão de bibliotecas: aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, sustentabilidade.	Celina Silveira Medeiros Jaqueline Santos Bernardo Jorge Moisés Kroll do Prado Rosiane Maria	Aromas como fonte de informação: uma aromateca para a Faculdade SENAC Florianópolis	Não. Facilitação da aprendizagem.
5	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Cleyciane Cássia Moreira Pereira Jaires Oliveira Santos Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira	A ciência da informação e a responsabilidade social no empoderamento das mulheres quilombolas	Não. Empoderamento da comunidade.
6	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Maria de Lourdes Cardoso Karla Matos Curto Valle Vanessa Barreto da Cruz	A biblioteca pública municipal Prof. José de Anchieta Pompermayer no processo de formação do leitor anchietense	Não. Biblioteca vai até a comunidade.
7	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Jacqueline de Castro Rimá Juliana da Silva Paiva Vanessa Alves Santana	Bibliosolidários: a responsabilidade social do profissional da informação	Não. Biblioteca vai até a comunidade. Liderança do bibliotecário e engajamento da comunidade.
8	Eixo II: Biblioteconomia, acessibilidade e inclusão social: cidadania, programas e projetos de leitura, bibliotecas como espaço de aprendizagem.	Cristiane Resende Leis	Incentivo à leitura: criando espaço para manifestações literárias	Não. A comunidade protagonista liderando a execução de projetos na biblioteca.
9	IV Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade	Luís Claudio Borges Gilda Olinto	Iniciativas de competência em informação, capital cultural e capital social em bibliotecas públicas do Rio de Janeiro	Não. Mobilização da comunidade local, fortalecimento das relações biblioteca-comunidade.
10	IV Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas: Inovação, Desenvolvimento e Sustentabilidade	Sueli Marcondes Motta Letícia Fagiani	Agenda Cidadã	Não. Faz menção a importância do vínculo com a comunidade, proporcionando melhoria social.
11	IV Fórum Brasileiro de Bibliotecas Públicas: Inovação,	Elizeti Terezinha Caser Rocha	Viagem pela literatura	Não. Biblioteca vai onde a comunidade está.

	Desenvolvimento e Sustentabilidade			Engajamento da comunidade.
12	2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: Pesquisa e Prática	Lilian Viana Ivete Pieruccini	Bibliotecas escolares: políticas públicas para a criação de possibilidades	Não. Conceito de biblioteca extrapola a criação de espaços físicos contendo recursos informacionais.
13	2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: Pesquisa e Prática	Simone Mara de Jesus	O bibliotecário e as práticas de pesquisa orientada	Não. Programa de aprendizagem para a comunidade da biblioteca.
14	2º Fórum Brasileiro de Biblioteconomia Escolar: Pesquisa e Prática	Patrícia Rocha Mello Claudio Renato Moraes Silva	A biblioteca volta às infâncias: incentivo à leitura através de uma proposta de Biblioteca Itinerante sobre rodas, na comunidade rural de Cerrito, RS	Não. Biblioteca vai até a comunidade. Bibliotecário líder facilitando a informação e o conhecimento.

<b>CBBB 2017</b>				
<b>Qtde</b>	<b>Eixo</b>	<b>Autor</b>	<b>título</b>	<b>Faz referência a Lankes?</b>
1	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Carlos Robson Souza da Silva	“Faróis de Alexandria: informação, ciência e cultura na biblioteca”: um movimento pela competência em informação na escola	Não. Construção de conhecimento por conversas: biblioteca como espaço de discussão para temas relevantes para a sociedade e para a formação do indivíduo.
2	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Lilian Aguilar Teixeira, Gleibson José da Silva, Rogério Ferreira Marques	A biblioteca como mediadora nas questões sociais: o tráfico de mulheres no Mato Grosso do Sul. No que podemos colaborar?	Não. Discussão de problemas da comunidade na biblioteca.
3	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Tiago Leite Pinto, Glaucia Isaias Brandão	A biblioteca escolar em consonância com a Agenda 2030: biblioteca SENAI Niterói e o empoderamento das mulheres e meninas	Não. Conectando a comunidade e pessoas e instituições. Discussão de temas importantes para a comunidade.
4	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Clovis Ricardo Montenegro de Lima, Fátima Santana Silva	A ética dos bibliotecários e a administração discursiva das bibliotecas orientada ao desenvolvimento sustentável	Não. Papel ativo do bibliotecário para promover ações direcionadas a comunidade.

5	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Francisco Feitosa Moura Filho, Isabela da Rocha Nascimento, Islânia Castro Teixeira, Érica Filomena Araújo Barro	Arte na biblioteca: expandindo as ações da biblioteca universitária	Não. Bibliotecas não devem se restringir ao acervo.
6	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Geisa Müller de Campos Ribeiro, Andréa Pereira dos Santos, Suely Henrique Gomes, Laura Vilela Rodrigues Rezende	Biblio(Cri)Ativa: espaço de sociabilidade e informação para cidadania	Não. Criação de biblioteca para promoção de diálogo e espaço para a comunidade da Associação de Catadores de Material Reciclável.
7	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Daniela Spudeit, Jorge Moisés Kroll do Prado	Bibliotecas Parque e a Agenda 2030: análise das atividades no Rio de Janeiro	Sim. Bibliotecas atuando como espaço de aprendizado e melhoramento da comunidade.
8	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Layonize Félix Correia da Silva, Geysel Maria Almeida Costa de Carvalho, Elton Bentes Neves	Bibliotecários de Roraima em prol da sustentabilidade: contribuições para Agenda 2030	Não. Bibliotecas incluídas ao contexto local para ampliar a informação e o conhecimento da comunidade. Bibliotecários como colaboradores deste processo nas instituições e comunidades.
9	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Luciana Kramer Müller, Karin Zanona Caselli, Neli Miotto	Centro Cultural SESI: a cultura com o pé na estrada	Não. Biblioteca onde a comunidade está.
10	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Ana Wanessa Barroso Bastos	Competência em informação para o emprego: a experiência da Biblioteca do Sine IDT com a Estação Conhecimento	Não. Biblioteca como centro de aprendizagem e apoio a comunidade.
11	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Maria do Socorro Baia dos Santos	Jardim Poético: incentivando as expressões culturais e artísticas na comunidade do Distrito de Icoaraci. Belém- Pará.	Não. Atividades realizadas na biblioteca demandadas pela comunidade. Protagonismo do conhecimento da comunidade.
12	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Gerusa Maria Teles de Oliveira, Maria de Fátima Jesus Moreira, Rejane Maria Rosa Ribeiro	Jardim vertical: amenizando o clima em uma biblioteca infanto juvenil	Não. Constituição de um espaço seguro e confortável para a comunidade.

13	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Neli Miotto	Leitura no cárcere: caminho para a liberdade	Não. Biblioteca onde a comunidade está. Melhoria da comunidade por meio do conhecimento.
14	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Dayane Cristina Souza Guimarães	O acesso a informação a comunidade quilombola de São José: a metodologia participativa do Instituto de Políticas Relacionais	Não. Encontros e a produção de novos conhecimentos entre pesquisadores e pesquisados por meio da conversa.
15	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Cíntia Mendes	Projeto Encontros Feministas	Não. Biblioteca como local de debates e construção de significados.
16	Eixo 3: Gestão de bibliotecas: aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, acesso abertos	Maria Irani Coito, Ana Carolina Gonçalves Bet	A biblioteca como um ambiente de aprendizagem: espaço de práticas integrativas	Não. Atuação da biblioteca para além da perspectiva de espaço para mera consulta de acervo.
17	Eixo 3: Gestão de bibliotecas: aquisição e tratamento de materiais no ambiente físico e virtual, curadoria digital, coleções especiais, desenvolvimento de serviços e produtos inovadores, bibliotecas digitais e virtuais, portais e repositórios, acesso abertos	Débora Costa Araújo di Giacomo Koshiyama, Ismael Soares Pereira	Democratização da informação científica na biblioteca do Instituto do Cérebro/UFRN: relato de experiência	Não. Biblioteca propiciando o desenvolvimento do pensamento reflexivo e uma visão mais abrangente sobre o mundo para a sua comunidade.
18	Eixo 4: Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social.	Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira Carlos Alberto Ávila Araújo	Vamos falar de Nova Biblioteconomia?	Sim. Discussão sobre a Nova Biblioteconomia no contexto brasileiro.

19	Eixo 4: Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social.	Bruno Fortes Luce Eliane Lourdes da Silva Moro	Tesouros de Papel: conectando os bibliotecários do futuro a uma realidade do presente	Não. Biblioteca onde a comunidade precisa. Construção da imagem do bibliotecário atuando além dos muros da biblioteca.
20	Eixo 4: Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social.	Izabel Lima dos Santos Juliana Soares Lima Francisco Edvander Pires Santos Kalline Yasmin Soares Feitosa Michele Maia Mendonça Marinho Irlana mendes Araújo	Semana de Metodologia e Produção científica: contribuições da biblioteca universitária para a formação acadêmica	Sim. Bibliotecas como espaço de aprendizagem. Capacitação da comunidade.
21	Eixo 4: Bibliotecas para todos: Acessibilidade para pessoas com deficiência, inclusão social, enfoque de gênero, bibliotecas como espaço de aprendizagem. Biblioteconomia Social.	Luana Priscila Costa	Reconfiguração do espaço físico de bibliotecas universitárias alinhadas às novas tendências em metodologias ativas de ensino	Sim. Biblioteca como ambiente de aprendizagem ativo. Reconfiguração do espaço físico da biblioteca.
22	Eixo 5: Fórum das Bibliotecas de Arte	Francisca Eugenia Gomes Duarte Francisca Pereira Santos	Representação da memória oral em documentário memorialístico: relato de experiência de um estudo aplicado no Sítio Minguiriba - Crato - CE	Não. A comunidade é o acervo.
23	Eixo 8: Advocacy , Inovação e Empreendedorismo.	Thais batista Zaninelli João Arlindo dos Santos Neto	Bibliotecas com makerspaces: tendência ou necessidade de inovação?	Não. Bibliotecas como espaço de criação.
24	Eixo 9: Bibliotecas, Preservação e Memória.(Gestão de Preservação em Bibliotecas; Gestão de Coleções Especiais e Livros Raros; História dos Bibliotecários e da Biblioteconomia no Brasil; Sustentabilidade, preservação e baixo recursos; Democratização, acesso e preservação de acervos patrimoniais).	Jacira Cristina Almeida do Amaral Mary Caroline Ribeiro Samantha Andrade Araújo	Sustentabilidade em bibliotecas do eixo amazônico: possibilidades e estratégias para educação sócio ambiental nas bibliotecas da região Norte	Não. Construção de uma visão de mundo.

<b>CBBB 2019</b>				
<b>Qtd e</b>	<b>Eixo</b>	<b>Autor</b>	<b>título</b>	<b>Faz referência a Lankes?</b>
<b>1</b>	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Alessandra Soraya Gino Lima Adriana Marcia Deus Cleide Aparecida Fernandes	Mercado de Trabalho: oportunidade para todos	Não. Capacitação da comunidade.
<b>2</b>	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Solange Alves Santana	Tecendo poesia: mediação e criação poética na biblioteca universitária	Não. Promoção da criação pela comunidade. Resignificação do espaço da biblioteca.
<b>3</b>	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Rosana Amâncio Pereira Maria Rozana Rodrigues Soares da Silva Lauricio Paz Ferreira de Lima	Projeto Pequenos Leitores de Pitombeira de Dentro	Não. Melhoria da comunidade.
<b>4</b>	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Aline Barbosa Petelin Sandro Luiz Coelho Paula Oliveira Vasconcelos	Biblioteca pública, bibliotecário e território: as relações e as mediações de leituras	Não. Bibliotecários fazem parte da comunidade.
<b>5</b>	Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)	Valdirene Pereira da Conceição Maurício José Morais Costa Daniele Achilles Clara Duarte Coelho	A biblioteca comunitária frente às demandas de saúde: difusão da informação no combate ao câncer	Não. Biblioteca como instância de interlocução da organização e participação da comunidade.
<b>6</b>	Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás	Alessandra Soraya Gino Lima Adriana Marcia Deus	Projeto Preta Poeta: encontros na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais	Não. Construção de conhecimento pela comunidade. Decolonização do conhecimento.
<b>7</b>	Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás	Leonardo Bruno Almeida Assumpção	Conversando sobre diversidade: a biblioteca como espaço de discussão e inclusão. Relato de experiência numa escola de negócios	Não. Promoção de conversas da comunidade na biblioteca.
<b>8</b>	Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás	Ciro Athayde Barros Monteiro	Clube de leitura entre os muros do cárcere	Não. Conversas que proporcionam aprendizado.
<b>9</b>	Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás	Fabiana Sala Claudio Marcondes Castro Filho	Cineteca: na Biblioteca Anna Deák o cinema é para todos	Não. Promoção de conversas da comunidade na biblioteca. Trabalho em parceria com a comunidade.

10	Eixo 2: Não devemos deixar ninguém para trás	Sueli Marcondes Motta	A Biblioteca e a comunidade	Não. Criação de vínculo com a comunidade.
11	Eixo 3: Cultura do privilégio	Selma Silva Santos	Rodas de leitura na Biblioteca Central da UFS: um relato de experiência	Não. Promoção de conversas da comunidade na biblioteca.
12	Eixo 3: Cultura do privilégio	Carlos Robson Souza da Silva Cinthia Thamisir Fernandes	Bibliotecas como ambientes de luta pela redução das desigualdades e pelo empoderamento de minorias	Não. Biblioteca como instrumento do fortalecimento de indivíduos e comunidades pertencentes à grupos minoritários e populações vulneráveis.
13	Eixo 4: A expansão desenfreada das tecnologias	Monica Rosales Mori Monica Mori Saddocki de Sá Maria Rosa Davin Fernanda Périco Jorge	Book trailers: divulgação da leitura	Não. Integração da comunidade com a biblioteca.
14	Eixo 5: O farol do advocacy	Raphael da Silva Cavalcante Judite Martins Lorena Nelza Ferreira Silva	Bibliofest 2018: dos bibliotecários para a comunidade	Não. Integração da biblioteca, bibliotecários e comunidade.
15	Eixo 5: O farol do advocacy	Merieleem Frasson da Silva Sara Diény Chaves Ribeiro	Biblioteca Pública Especializada Estadual resiste frente ao desequilíbrio na ecologia da informação governamental	Não. Articulação da biblioteca para além do seu prédio, com a comunidade e entidades (associações e sindicatos).
16	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Cristina Rodrigues Alves Luciana de Souza Castro Samantha Andrade da Rosa	Biblioteca como um espaço dinâmico e criativo	Sim. Promoção de ambiente seguro para a comunidade aprender e se desenvolver.
17	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Melize Deblandina Zanoni Diego Augusto Elias Marilaine Hahn Claudia Cristina Manfredini	Biblioteca Inquieta: um projeto de imersão artístico-literária	Não. A comunidade é o acervo. Decolonialidade do conhecimento.
18	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Morena Pereira Porto Cristine de Souza Debora Zamban Sabrina de Souza Victória Miranda de Souza	Biblioteca Cruz e Sousa: disseminando a leitura e o hábito de ler	Não. Participação da comunidade.

19	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Karin Vanelli Letícia Lazzari	A Biblioteca como espaço criativo	Sim. Biblioteca como terceiro espaço.
20	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Fernanda Samora Dias Borges Ronald Santos Duarte	Relato de experiência: O Projeto "A leitura vai à praça" como contrapartida social da Biblioteca Municipal Maria Geaquinto - Jerônimo Monteiro, ES	Não. Biblioteca vai onde a comunidade está.
21	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Merabe Carvalho Ferreira da Gama Letícia Lima de Sousa	Inovação e Intraempreendedorismo em biblioteca universitária: o Projeto Bibliobreak da Universidade Federal Rural da Amazônia	Não. Aproximação da biblioteca com a comunidade. Promoção de conversas na biblioteca.
22	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Jefferson André de Jesus Corredor Valéria Martin Valls	Gestão de 'makerspaces' de bibliotecas sob a ótica da Nova Biblioteconomia	Sim. Relato de cunho teórico.
23	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Letícia Lazzari Marcela Reinhardt de Souza Karin Vanelli	Falando Sobre: a biblioteca como espaço para troca de experiências	Sim. Aproximação da biblioteca com a comunidade. Promoção de conversas e construção de conhecimento na biblioteca.
24	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Júlive Argentina Santos Serra Marcelle da Silva Coelho Queiroz	Criatividade, inovação e a gestão participativa da Biblioteca Pública Municipal Madeira de Freitas (Cariacica/ES): relato de experiência do projeto	Não. Comunidade como membro ativo e participante da biblioteca.
25	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Bruna Heller Patricia Valerim Tatiane de Oliveira Bourscheidt	Biblioteca das coisas no contexto universitário: a experiência da Biblioteca Feevale	Não. Senso de pertencimento da comunidade.
26	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Roberta Moraes Bem	Tendências em gestão para bibliotecas universitárias.	Sim. Mas não se trata de um caso de NB.
27	Eixo 6: Gestão de bibliotecas	Ana Paula de Rezende Ana Maria Pinheiro Lima	A biblioteca como ambiente democrático: as contribuições das atividades literárias nas bibliotecas do Sesc em Minas Gerais	Não. Empoderamento, integração e autonomia da comunidade.
28	Eixo 7: Construção e identidade profissional	Emanuelle Geórgia Amaral Ferreira	Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário	Sim. Relato de cunho teórico.
29	Eixo 9: 2º Fórum das Bibliotecas de Arte	Suely Santana Rejane Maria Rosa Ribeiro Maria José Serrão Nunes Silvana Reis Cerqueira Manoelita Maria dos Santos	Ação cultural na biblioteca universitária: atividades e propostas do Sistema de Biblioteca da Universidade Estadual de Feira de Santana (SISBI-UEFS) e da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)	Não. Dinamicidade da biblioteca, atividades de ação cultural que culminam na participação dos usuários integrada a produção dos bens culturais

## ANEXO I – Parecer consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro

**Pesquisador:** Carlos Alberto Ávila Araújo

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 55097622.2.0000.5149

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Minas Gerais

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.371.793

#### Apresentação do Projeto:

Trata-se da 2a. versão do projeto de pesquisa que responde diligências do parecer de número: 5.266.487.

A pesquisa apresentada parte do entendimento que a Nova Biblioteconomia é o resultado da busca por contemplar os desafios contemporâneos da área e uma articulação mais condizente com a realidade contemporânea, que requer instituições e profissionais mais dinâmicos. Nesse sentido, uma problemática que se coloca para esta tese é como a teoria de uma "Nova Biblioteconomia" é apropriada para repensar o campo da Biblioteconomia e as práticas dos bibliotecários na sociedade brasileira contemporânea? Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é analisar elementos da prática da Biblioteconomia brasileira à luz da Nova Biblioteconomia proposta por Lankes.

O estudo a ser realizado é uma pesquisa de cunho social, qualitativa e exploratória, que prevê as seguintes etapas para sua realização:

1) Para a fase exploratória: identificação e análise de textos sobre a Biblioteconomia, sobre a constituição da Biblioteconomia brasileira e sobre a sociedade contemporânea;

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

Continuação do Parecer: 5.371.793

2) Para o trabalho de campo:

a) identificação das práticas da Biblioteconomia contemporânea que se caracterizem como exemplos de Nova Biblioteconomia por meio da leitura e análise dos Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD);

b) realização de entrevistas com os bibliotecários identificados como os profissionais que já atuam com uma perspectiva nova de Biblioteconomia.

3) Para a análise e tratamento do material empírico, realizamos a análise de discurso.

A coleta de dados com os bibliotecários (etapa 2 (b)) não prevê uma amostra probabilística, mas sim uma amostra por julgamento (previsão de 12 participantes). Assim sendo, para uma análise representativa de cada contexto no Brasil, será entrevistado bibliotecários de cada região brasileira, levando em consideração os seguintes critérios: 1) referência a Lankes no relato de experiência; 2) identificação da missão do bibliotecário como norteadora da prática, independentemente do fato do bibliotecário conhecer Lankes.

Será conduzida uma entrevista semiestruturada, cujas perguntas serão, 1) inicialmente, para compreensão de cada contexto; 2) posteriormente a conversa abrangerá aspectos relacionados a contextualização da Nova Biblioteconomia com a realidade individual; e, 3) serão abordadas questões relacionadas a cada um dos tópicos abordados da missão do bibliotecário delineada por Lankes (2011) e sobre o relato de experiência analisado.

O recrutamento dos participantes será feito por e-mail, a partir do endereço de e-mail disponibilizado no trabalho submetido ao CBBDD. Neste email, o bibliotecário será contextualizado acerca da pesquisa, dos riscos no tocante a privacidade dos dados disponibilizados e convidado a participar da pesquisa. Todos os participantes da pesquisa irão assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, por ocasião da pandemia de Covid-19, será disponibilizado por meio do Google Forms para assinatura eletrônica e possibilidade de envio de cópia da resposta online para o respondente. As entrevistas serão gravadas para posterior transcrição e ocorrerão por meio do aplicativo de videoconferências Google Meet.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.371.793

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar elementos da prática da Biblioteconomia brasileira à luz da Nova Biblioteconomia proposta por Lankes.

**Objetivos Secundários:**

Alcançar tal objetivo implicou decompô-lo nos seguintes objetivos específicos:

- Discutir a sociedade contemporânea onde emerge a constituição da Nova Biblioteconomia de Lankes;
- Apresentar a Nova Biblioteconomia de Lankes com vistas a elucidar sua teoria e manifestação no contexto brasileiro;
- Averiguar as iniciativas práticas dos bibliotecários brasileiros com vistas a uma aproximação da Nova Biblioteconomia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

No projeto pesquisadores informam o risco: "Medo de não saber responder ou de se comprometer, medo de quebra de sigilo ou de ser identificado. Tomar o tempo do sujeito ao responder a entrevista. Embora, seja informado no TCLE que a identidade e a participação dos bibliotecários nesta pesquisa serão mantidas em sigilo e os dados divulgados pela pesquisa não conterão nomes ou quaisquer outras informações que permitam identificá-lo(a). O termo "Bibliotecário", associado a um número, será utilizado para quaisquer referências ao entrevistado. Os arquivos contendo as gravações e transcrições da entrevista, bem como as anotações feitas não serão acessadas por outras pessoas."

No TCLE, indicam os seguintes riscos: "O risco advindo dessa pesquisa está relacionado ao emocional e consiste no desconforto decorrente por emoções sentidas pelo delongamento da entrevista, que varia conforme o relato da experiência pessoal; por emoções relacionadas a respostas consideradas certas ou de se comprometer; medo de quebra de sigilo ou de ser identificado. Para contornar os riscos, serão tomados os seguintes cuidados: a qualquer momento durante a entrevista e, conseqüentemente sua gravação em áudio, poderá ser interrompida, total ou parcialmente. Além disso, há a possibilidade de retirar seu consentimento/assentimento a qualquer momento. Caso decida por não dar continuidade à participação na pesquisa, ela será finalizada e todo o material levantado até o momento não será utilizado para análise."

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar 2 Sala 2005 2 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.371.793

**Benefícios:**

O benefício da participação na pesquisa será a contribuição com a pesquisa que visa contribuir para uma reorientação da atuação dos bibliotecários e assim propiciar a reflexão para solução dos desafios contemporâneos que se apresentam para a área a partir da teoria da Nova Biblioteconomia de Lankes no contexto brasileiro.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa de doutorado sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação e conta com financiamento próprio.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

No parecer substanciado de número 5.266.487 foi indicado que os seguintes termos já tinham sido entregues e considerados adequados:

- 1) Folha de rosto preenchida e assinada: Ok.
- 2) Parecer substanciado atestando a relevância e adequação metodológica da pesquisa, aprovado pela Aprovação da Câmara Departamental do Departamento de Teoria e Gestão da Informação da Escola de Ciência da Informação.
- 3) Instrumentos de coleta de dados: O roteiro da entrevista semiestruturada a ser conduzida é apresentado com Anexo B do Projeto Completo (arquivo EmanuelleFerreiraVersaoQualifaacao.pdf) – Ok.
- 4) Projeto completo: Ok

Para atender as diligências deste mesmo parecer foram enviados nesta 2ª versão do projeto:

- 1) Carta resposta indicando as alterações feitas para atender as diligências;
- 2) TCLE revisto, incluindo as alterações solicitadas relativas a inclusão da plataforma, tempo previsto da entrevista, armazenamento dos dados, informação sobre o envio do TCLE ao participante e demais ajustes.
- 3) Formulário Básico revisto para apresentar riscos e benefícios envolvidos na pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 5.371.793

A nova versão do projeto apresentou as alterações solicitadas para sua adequação, assim, somos, S.M.J., favoráveis à aprovação do projeto.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1876428.pdf	24/03/2022 23:49:57		Aceito
Outros	CartaRespostaCEP.pdf	24/03/2022 23:49:28	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Revisado220322.pdf	24/03/2022 23:24:45	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	EmanuelleFerreiraVersaoQualificacao.pdf	14/01/2022 00:44:28	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto_emanuelle.pdf	07/01/2022 20:45:41	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito
Parecer Anterior	ParecerConsubiado_PesquisaEmanuelle.pdf	15/12/2021 19:51:45	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito
Parecer Anterior	AprovacaoParecerDTGI.pdf	15/12/2021 19:51:12	Carlos Alberto Ávila Araújo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º Andar Sala 2005 Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
MINAS GERAIS



Continuação do Parecer: 5.371.793

BELO HORIZONTE, 27 de Abril de 2022

---

**Assinado por:**  
**Crissia Carem Paiva Fontainha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 - 2º. Andar - Sala 2005 - Campus Pampulha  
**Bairro:** Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901  
**UF:** MG **Município:** BELO HORIZONTE  
**Telefone:** (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br